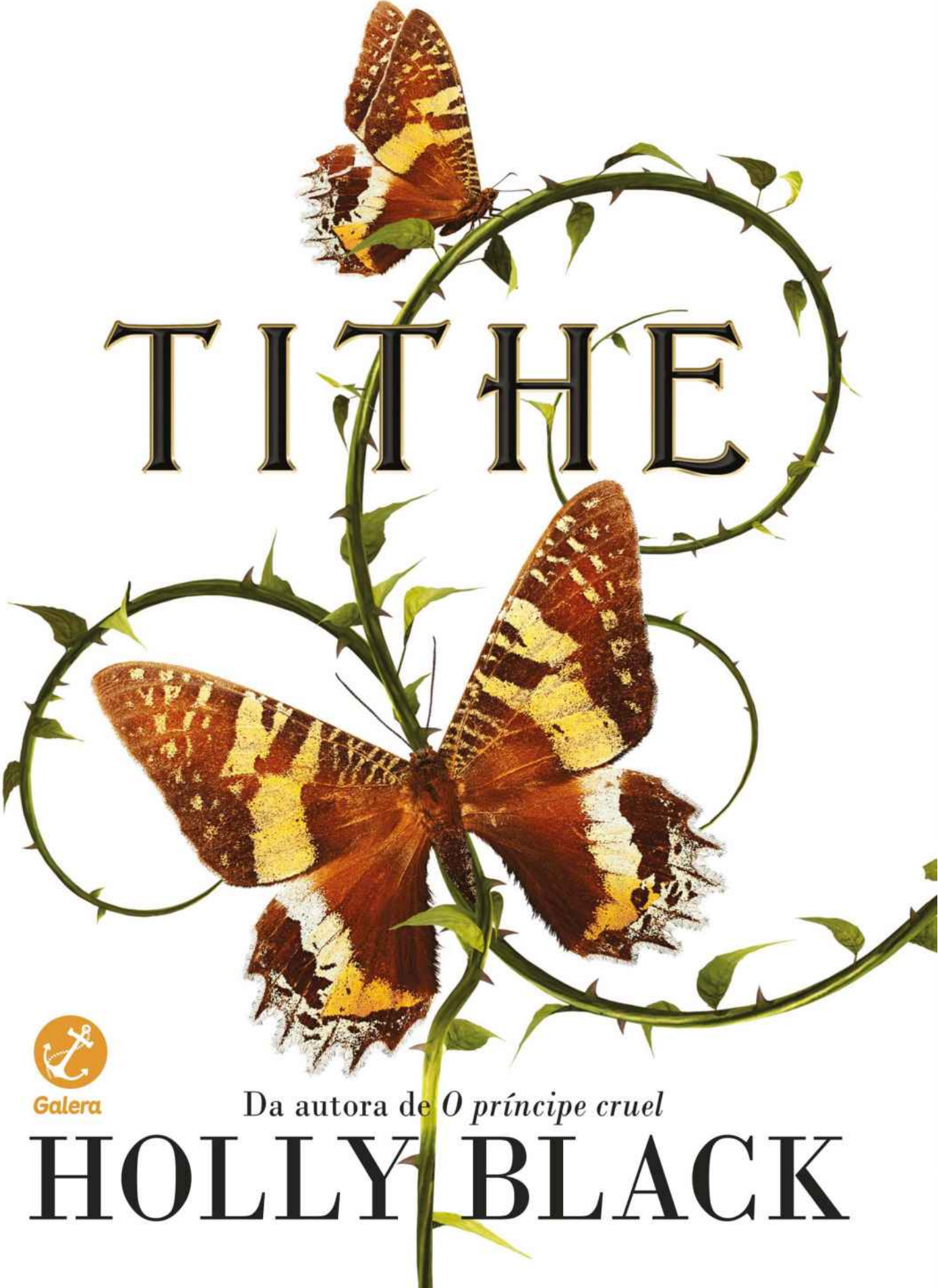


CONTOS DE FADAS MODERNOS

The cover features two butterflies with brown and yellow wings perched on a green, thorny vine that forms a circular frame around the title. The butterflies have intricate patterns on their wings, including white spots and bands. The vine has small green leaves and sharp thorns.

TITHE



Galera

Da autora de *O príncipe cruel*

HOLLY BLACK



TITHE

HOLLY BLACK

Tradução
Regiane Winarski

1ª edição

— **Galera** —
RIO DE JANEIRO
2022

Editora-executiva
Rafaella Machado
Coordenadora editorial
Stella Carneiro
Equipe editorial
Juliana de Oliveira
Isabel Rodrigues
Lígia Almeida
Manoela Alves

Consultoria
Edu Luckyficious
Preparação
Adriana Fidalgo
Revisão
Renato Carvalho
Diagramação
Myla Guimarães
Título original
Tithe

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Black, Holly, 1971-
B562t

Tithe [recurso eletrônico] / Holly Black ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2022.
recurso digital

Tradução de: Tithe

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-116-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

22-75744
CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Copyright © 2002 by Holly Black
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA. Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-116-8

Seja um leitor preferencial Record. Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para minha irmãzinha Heidi

E agradável é o Reino das Fadas, Mas há um mistério a contar, No final de sete anos Ao inferno precisamos pagar; Com minha aparência e tamanho, Temo ser o tributo que vão entregar.

— JOVEM TAM LIN

Sumário

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

Sobre a autora



PRÓLOGO

*E o malte faz mais do que Milton pode fazer
Para justificar os desígnios de Deus para o homem.*
— A.E. HOUSMAN, "TERENCE, THIS IS STUPID STUFF"

Kaye deu outra tragada no cigarro e o jogou dentro da garrafa de cerveja da mãe. Achou que seria um bom teste para medir o quanto Ellen estava bêbada... ver se ela engoliria uma guimba inteira.

Elas ainda estavam no palco, Ellen e Lloyd e o restante da banda Stepping Razor. Tinha sido uma apresentação ruim e, ao vê-los desmontar o equipamento, ela percebeu que eles sabiam. Não fez diferença, o equipamento de som soou alto e cheio de chiado e todo mundo ficou bebendo e fumando e gritando, e ela duvidava que o gerente se importasse. As pessoas até dançaram um pouco.

O barman a encarou novamente e ofereceu uma bebida "por conta da casa".

— Leite — disse Kaye com um sorrisinho, puxando para trás o cabelo louro e desgrenhado, e afanando algumas caixas de fósforo quando ele virou de costas.

A mãe apareceu ao seu lado e deu um longo gole na cerveja antes de cuspir tudo na bancada.

Kaye não conseguiu segurar a risada cruel que lhe escapou dos lábios. Sua mãe olhou para ela sem acreditar.

— Vá ajudar a carregar o carro — disse Ellen, a voz rouca de cantar. Ela estava tirando o cabelo úmido do rosto. O batom tinha saído da parte interna dos lábios, mas continuava presente no contorno, meio borrado. Ela parecia cansada.

Kaye saiu do balcão e pulou no palco com um movimento ágil. Lloyd a olhou de cara feia quando ela começou a pegar as coisas aleatoriamente, e por isso Kaye decidiu pegar apenas o que era da mãe. O olhar dele estava vidrado.

— Ei, garota, tem algum dinheiro?

Kaye deu de ombros e pegou uma nota de dez dólares. Tinha mais e ele devia saber; ela viera direto do Chow Fat's. Entregar comida podia não render muito, mas pagava melhor do que ser membro de uma banda.

Ele pegou o dinheiro e foi para o bar, provavelmente para comprar cerveja para viagem.

Kaye arrastou um amplificador pelo meio da multidão. A maioria das pessoas saiu da frente. O fresco ar de outono do lado de fora do bar foi um alívio, mesmo fedendo a ferro e escapamento e metrô. A cidade sempre tinha cheiro de metal para Kaye.

Quando o equipamento estava guardado, ela voltou para dentro com a intenção de enfiar a mãe no carro antes de alguém quebrar a janela e roubar alguma coisa. Não se podia deixar nada em um veículo na Filadélfia. Na última vez que o carro de Ellen havia sido arrombado, foi para pegar um casaco de segunda mão e uma sacola de toalhas.

A garota que verificava as identidades na porta franziu a testa para Kaye agora que ela estava sozinha, mas deixou que entrasse mesmo assim. Era tarde, afinal, quase hora de fechar. Ellen ainda estava no bar, fumando um cigarro e bebendo algo mais forte que cerveja. Lloyd conversava com um cara de cabelo comprido e

escuro. O homem parecia bem-vestido demais para o bar. Devia ter pago uma rodada, porque Lloyd tinha o braço no ombro do sujeito, e Lloyd não costumava ser um cara simpático. Ela vislumbrou os olhos do homem. Eram amarelos como os de um gato e refletiam na luz suave. Kaye estremeceu.

Mas Kaye via coisas estranhas às vezes. Ela já aprendera a ignorá-las.

— O carro está pronto — disse Kaye para a mãe.

Ellen assentiu sem nem prestar atenção.

— Pode me dar um cigarro, querida?

Kaye tirou um maço da bolsa militar e pegou dois, oferecendo um para a mãe e acendendo o outro.

Sua mãe se inclinou para perto, o cheiro de uísque e cerveja e suor tão familiar quanto qualquer perfume.

— Beijo de cigarro — disse sua mãe de um jeito bobo, que era constrangedor e fofo ao mesmo tempo, tocando a ponta do cigarro na ponta vermelha do de Kaye e inspirando fundo. Duas tragadas de fumaça e o tabaco ganhou vida.

— Prontas para voltar pra casa? — perguntou Lloyd. A voz soou macia, quase imoral. Não a voz babaca normal de Lloyd. Nem um pouco.

Ellen não pareceu reparar em nada. Ela engoliu o que restava da bebida.

— Lógico.

Um momento depois, Lloyd avançou em cima de Ellen com uma velocidade que só podia significar violência. Kaye reagiu sem pensar e se jogou contra ele. Foi com certeza apenas a embriaguez dele que permitiu que o pouco peso dela fosse suficiente para tirar o equilíbrio de Lloyd. Mas deu certo. Ele quase caiu e, em um esforço para se segurar, soltou o que estava segurando. Ela só viu a faca quando tilintou no chão.

O rosto de Lloyd parecia completamente vazio, desprovido de emoções. Seus olhos estavam arregalados, e as pupilas, dilatadas.

Frank, o baterista da Stepping Razor, segurou o braço de Lloyd, que teve apenas tempo de lhe dar um soco na cara antes que outros clientes o derrubassem e alguém chamasse a polícia.

Quando a polícia chegou, Lloyd não conseguia se lembrar de nada. Mas estava furioso, xingando Ellen a plenos pulmões. A polícia levou Kaye e a mãe para o apartamento de Lloyd e esperou a garota arrumar as roupas e as coisas das duas em sacolas de lixo. Ellen estava ao telefone, tentando encontrar um lugar onde pudessem dormir.

— Querida — disse Ellen por fim —, a gente vai ter que ir pra casa da sua avó.

— Ela disse que não tinha problema? — perguntou Kaye, enfiando os discos da Grace Slick em um caixote vazio de laranjas. Elas não a tinham visitado nenhuma vez nos seis anos que deixaram Nova Jersey. Ellen mal falava com a mãe nos feriados antes de passar o telefone para Kaye.

— Mais ou menos. — Ellen parecia exausta. — Vai ser só por um tempo. Você pode visitar aquela sua amiga.

— Janet — disse Kaye. Ela esperava que fosse dela que Ellen estivesse falando. Esperava que a mãe não estivesse zombando dela. Se precisasse ouvir mais uma sílaba sobre Kaye e seus amigos imaginários fofos...

— Aquela pra quem você manda e-mails da biblioteca. Pega outro cigarro pra mim, querida? — Ellen jogou uns cds no engradado.

Kaye pegou uma jaqueta de couro de Lloyd da qual sempre gostou e acendeu um cigarro para a mãe no fogão. Não fazia sentido desperdiçar fósforos.



*Coercitivo como um coma, frágil como insinuações em flor de sua madrugada
inversa inunda o eu; Todos os nossos corpúsculos se tornam elfo.*

— MINA LOY, "MOREOVER, THE MOON", THE LOST LUNAR BAEDERER

Kaye andou mais devagar pelas tábuas cinzentas e gastas do calçadão. O ar estava pesado e fedia a mexilhões secos e à crosta de sal do cais. As ondas se lançavam na costa, arrastando lodo e areia entre seus dedos ao voltar lentamente para o mar.

A lua estava alta e pálida no céu, mas o sol ainda se punha.

Era tão bom poder respirar, pensou Kaye. Ela amava a brutalidade serena do mar, amava a eletricidade que sentia com cada lufada de ar úmido e salgado. Ela girou novamente, tonta, não se importando que a saia subisse acima das meias pretas na altura das coxas.

— Vamos — chamou Janet. Ela passou por cima da sarjeta inundada e cheia de folhas, cambaleando ligeiramente nos sapatos plataforma de salto grosso. Sua maquiagem com purpurina brilhava sob os postes de luz. Janet exalou fantasmas de fumaça azul e deu outra tragada no cigarro. — Você vai cair.

Kaye e a mãe já estavam na casa da avó havia uma semana e, embora Ellen continuasse dizendo que partiriam em breve, Kaye sabia que elas não tinham para onde ir. Kaye se sentia feliz. Ela amava a casa grande e antiga coberta de poeira e naftalina. Gostava da proximidade do mar e do ar que não fazia a garganta arder.

Os hotéis baratos pelos quais as meninas passavam estavam fechados e cobertos por tapumes havia tempos, as piscinas, vazias e rachadas. Até os fliperamas fecharam, os prêmios nas máquinas de garras ainda visíveis pelas janelas de vidro embaçado. Marcas de ferrugem acima da fachada de uma loja abandonada delineavam as palavras caramelo com sal.

Janet vasculhou a bolsinha e tirou um bastão de gloss de morango. Kaye se virou na direção dela, o casaco de oncinha aberto, a meia já com fio puxado. Nas botas, havia areia grudada até a parte superior.

— Vamos nadar — disse Kaye. Ela estava eufórica com o ar da noite, queimando como a lua incandescente. Tudo tinha um cheiro úmido e selvagem, como o que antecedia uma tempestade, e ela queria correr, rápida e ávida, além do limite do que podia ver.

— A água está congelando — disse Janet, suspirando —, e seu cabelo está todo ferrado. Kaye, quando chegarmos lá, você tem que ficar de boa. Não seja tão esquisita. Os caras não gostam de gente esquisita.

Kaye fez uma pausa e pareceu ouvir atentamente, os olhos erguidos, maquiados com lápis preto observando Janet com a cautela de um gato.

— Como devo ser?

— Não é que eu queira que você seja de uma certa maneira. Você não quer ter um namorado?

— Por que se preocupar com isso? Vamos encontrar incubos.

— Incubos?

— Demônios. E é muito mais provável que os encontremos — sua voz ficou mais baixa, em tom conspiratório — enquanto estivermos nadando nuas no Atlântico, uma semana antes do Halloween, do que praticamente em qualquer outro lugar possível.

Janet revirou os olhos.

— Sabe o que o Sol parece? — perguntou Kaye. Só havia uma fatia de vermelho onde o mar encontrava o céu.

— Não, como? — perguntou Janet, passando o gloss labial para Kaye.

— Parece que cortou os pulsos em uma banheira e o sangue se espalhou pela água.

— Que nojento, Kaye.

— E a Lua está só olhando. Está o observando morrer. Deve ter sido ela quem o levou a fazer isso.

— Kaye...

Kaye fez outra pirueta, rindo.

— Por que você sempre inventa coisas? É isso que eu quero dizer quando digo esquisita.

Janet estava falando alto, mas Kaye mal conseguia ouvi-la com o vento e o som da própria risada.

— E aí, Kaye? Você se lembra das fadas de quem costumava contar histórias? Qual era o nome dele?

— Qual? Spike ou Gristle?

— Exatamente! Você os inventou! — disse Janet. — Você sempre inventa coisas.

Kaye parou de girar, inclinou a cabeça para um lado e colocou as mãos nos bolsos.

— Nunca falei que não inventei.



O antigo prédio do carrossel estava semiabandonado havia anos. Rostos angelicais de chumbo, cercados de raios de cabelo, dividiam as vidraças quebradas. Toda a fachada era uma vitrine e deixava à mostra o piso de terra, com vidro cintilando na sujeira. Lá dentro, uma rampa de skate rudimentar de compensado era a única coisa

que restava da tentativa de explorar a construção comercialmente, na década anterior.

Kaye ouviu vozes ecoando no ar parado em todo o caminho até a rua. Janet jogou o cigarro na sarjeta. A guimba soltou um chiado e foi levada rapidamente, boiando na água como uma aranha.

Kaye subiu no parapeito externo e passou as pernas. A janela já não existia, mas a perna deslizou em um resquício de vidro quando ela entrou, rasgando ainda mais a meia.

Camadas de tinta cobriam os ornamentos antes intrincados dentro do prédio do carrossel. A rampa no centro do aposento estava pichada por artistas locais e coberta de adesivos de bandas e rabiscos de caneta esferográfica. E havia os garotos.

— Kaye Fierch, você se lembra de mim, certo? — Doughboy riu. Ele era baixo e magro.

— Acho que você jogou uma garrafa na minha cabeça no sexto ano.

Ele riu de novo.

— Certo. Certo. Eu tinha me esquecido. Você não continua com raiva, né?

— Não — disse ela, mas o seu bom humor havia desaparecido. Janet subiu no alto da rampa de skate, onde Kenny estava sentado, um rei com a jaqueta de avião prateada, assistindo ao movimento. Bonito, com cabelo escuro e olhos ainda mais escuros. Ele ergueu uma garrafa quase cheia de tequila em cumprimento.

Marcus se apresentou com um aceno da garrafa da qual bebia, fazendo um gesto fingido de arremesso antes de deixar que ela a pegasse. Um pouco derramou na manga da camisa de flanela.

— Bourbon. Essa porra é cara.

Ela forçou um sorriso. Marcus voltou a tragar um charuto. Mesmo curvado, ele era um cara grande. A pele marrom da cabeça cintilava, e ela viu o lugar onde ele devia ter se cortado ao se barbear.

— Eu trouxe uns doces — disse Janet para Kenny. Ela havia levado jujuba e bala de amendoim.

— Eu trouxe uns doces — imitou Doughboy com uma voz aguda e estridente, pulando na rampa. — Dá aqui — exigiu.

Kaye caminhou pelo espaço. Era magnífico, velho e decadente e ótimo. A queimação lenta do bourbon na garganta era perfeita para aquele lugar, o tipo de coisa que um homem de terno de verão que sempre usava chapéu poderia beber.

— Que tipo de asiática você é? — perguntou Marcus. Ele tinha enchido o charuto com maconha e estava com uma ponta na boca. O cheiro denso e doce quase a fez engasgar.

Ela tomou outro gole da garrafa e tentou ignorá-lo.

— Kaye! Ouviu o que eu falei?

— Sou metade japonesa. — Kaye tocou no cabelo, louro como o da mãe. Era o cabelo que deixava as pessoas surpresas.

— Cara, você já viu os desenhos animados de lá? Tem umas garotinhas bem pequenininhas de maria-chiquinha e tal, com uns uniformes de escola bem curtinhos. A gente devia ter uns uniformes assim por aqui, cara. Você já usou um desses, hein?

— Cale a boca, babaca — disse Janet, rindo. — Ela estudou comigo e Doughboy no fundamental.

Kenny passou um dedo pela presilha da calça jeans da Janet e a puxou para beijá-la.

— Ah, bom, caramba. — Marcus riu. — Você não pode prender seu cabelo numa maria-chiquinha daquelas só um pouquinho? Por favor.

Kaye balançou a cabeça. Não, ela não faria isso.

Marcus e Doughboy começaram a brincar de chutar uma garrafa vazia de cerveja; não quebrou ao bater de uma bota na outra, mas fez um som oco. Ela tomou outro longo gole de bourbon. Sua cabeça já zumbia de forma agradável, no ritmo da música imaginária do carrossel. Ela se enveredou ainda mais na penumbra do ambiente, até onde umas placas velhas anunciavam pipoca e amendoim por cinco centavos cada.

Junto à parede mais distante, havia uma porta preta e envelhecida. Abriu aos solavancos quando ela a empurrou. O luar filtrado pelas janelas do salão principal revelou apenas um escritório com uma mesa antiga e um quadro de cortiça, os cardápios amarelados ainda presos ali. Ela entrou, embora o interruptor não funcionasse. Em um canto escuro, ela encontrou uma maçaneta. Aquela porta levava a uma escada com pouca luz vinda do alto. Ela

tateou para subir os degraus. As palmas das mãos ficaram cobertas de poeira quando ela as passou pelos corrimões. Ela espirrou alto, então espirrou mais uma vez.

No topo, havia uma janelinha iluminada pela lua assassina, cheia, enorme no céu. Havia caixas interessantes empilhadas nos cantos. Seus olhos pousaram no cavalo e ela esqueceu todo o resto. Era incrível: de um branco perolado brilhante e coberto com cacos de espelho. O focinho estava pintado de vermelho e roxo e dourado, e ele até tinha uma faixa de dentes brancos e uma língua pintada de rosa com espaço suficiente para um cubo de açúcar. Era óbvio o motivo de seu abandono: os quatro membros e parte da cauda tinham quebrado. Havia estilhaços pendurados onde deveriam estar.

Gristle teria adorado aquilo. Ela já tinha pensado a mesma coisa muitas vezes desde que saiu de Shore, seis anos antes. Meus amigos imaginários teriam adorado. Ela pensou na primeira vez que viu a cidade, iluminada como um Natal eterno. Mas eles nunca a visitaram quando morava na Filadélfia. E agora, aos dezesseis anos, parecia que não lhe tinha sobrado imaginação nenhuma.

Kaye colocou o bourbon no chão empoeirado e largou o casaco ao lado da garrafa. Tentou botar o cavalo em pé, como se fosse se apoiar nos cotocos arruinados. Ele oscilou, mas não caiu. Ela passou a perna sobre o animal e se sentou na sela, usando os pés para mantê-lo firme. Passou as mãos pela crina, que era entalhada em cachos dourados. Ela tocou nos olhos pretos pintados e nas orelhas lascadas.

O cavalo branco empinou em pernas hesitantes em sua mente. O corpo volumoso do animal parecia real e quente. Ela entrelaçou as mãos na crina e segurou com força, ligeiramente ciente de um formigamento nos membros. O cavalo relinchou baixinho sob ela, pronto para pular na água fria e escura. Ela inclinou a cabeça para trás.

— Kaye? — Uma voz baixa a arrancou do devaneio. Kenny estava parado perto da escada, olhando para ela sem entender. Mas, por um momento, ela se manteve firme. E logo sentiu as bochechas corarem.

Pego na meia-luz, ela o enxergou melhor do que lá embaixo. Duas argolas pesadas e prateadas brilhavam nos lóbulos das orelhas. O cabelo curto cor de canela estava bagunçado e ligeiramente ondulado, combinando com o cavanhaque ralo no queixo. Debaixo da jaqueta de aviador, a camiseta branca apertada demais exibia o corpo.

Ele se aproximou, esticou a mão, olhando em seguida para a própria mão de um jeito estranho, como se não se lembrasse de tê-la esticado. Ele fez carinho na cabeça do cavalo, lentamente, de forma quase hipnótica.

— Eu te vi — disse ele. — Vi o que você fez.

— Onde está Janet? — Kaye não sabia bem o que ele queria dizer. Até acharia que ele estava de brincadeira se não fosse o rosto sério, o jeito lento de falar.

Ele estava fazendo carinho na crina do animal agora.

— Ela estava preocupada com você. — A mão dele a fascinava, apesar de tudo. Parecia que ele a estava emaranhando em cabelo imaginário. — Como você fez o cavalo fazer aquilo?

— Fazer o quê? — Ela estava assustada agora, com medo e lisonjeada ao mesmo tempo. Não havia deboche nem provocação no rosto do garoto.

— Eu o vi se levantar. — A voz soou tão baixa que ela quase podia fingir que não o tinha escutado direito. Ele desceu a mão para a sua coxa e subiu até a calcinha de algodão.

Apesar de ela ter visto a progressão lenta daquela mão, o toque a sobressaltou. Ela ficou paralisada por um momento antes de dar um pulo e deixar o cavalo cair. O animal fez um estrondo, derrubando a garrafa de bourbon e o líquido escuro se espalhou pelo casaco de Kaye e encharcou a parte de baixo das caixas empoeiradas, como a maré chegando à noite.

Ele a agarrou antes que ela conseguisse reagir, a mão segurando a gola da camisa. Ela deu um passo para trás, desequilibrada, e caiu, a camiseta se rasgando e deixando visível o sutiã na hora que ele a soltou.

Passos soaram na escada.

— Que merda é essa? — Marcus apareceu no alto da escada com Doughboy, tentando empurrá-lo para ver.

Kenny balançou a cabeça e olhou ao redor com expressão atordoada enquanto Kaye pegava o casaco molhado de bourbon.

Os garotos saíram da frente e Janet chegou, encarando-os.

— O que aconteceu? — perguntou Janet, olhando confusa de um para o outro.

Kaye passou por ela enfiando a mão na manga do casaco enquanto o vestia.

— Kaye! — gritou Janet.

Ela a ignorou e desceu a escada dois degraus de vez, no escuro. Não havia nada que pudesse dizer para explicar o que tinha acontecido.

Ela ouviu Janet gritando.

— O que você fez com ela? Que porra você fez?

Kaye correu pelo salão do carrossel e passou a perna pelo parapeito. Os cacos de vidro que tinha evitado antes fizeram um corte fino na parte externa da coxa quando ela caiu no chão arenoso e nos arbustos.

O vento frio soprava agradável no seu rosto quente.

Cornelius Stone pegou a caixa nova de tralhas de computador e a arrastou pelo quarto, jogando-a ao lado das outras. Cada vez que a mãe voltava do mercado de pulgas com um monitor rachado, um teclado grudento ou apenas montes de fios, ela ficava com aquela expressão esperançosa que fazia Corny querer gritar. Ela não conseguia entender a diferença entre um 286 e um computador quântico. Não conseguia entender que a era da engenharia de guerrilha estava chegando, que ser uma porra de um gênio não bastava. Era preciso ser uma porra de um gênio rico.

Ele largou a caixa, lhe deu três chutes fortes, pegou a jaqueta jeans com a cabeça do diabo nas costas e foi para a porta.

— Dá pra você aproveitar aquelas coisas, querido? — Sua mãe estava no quarto de Janet, dobrando um novo par de jeans de segunda mão. Ela ergueu uma camiseta com gatos de pedrinhas brilhantes. — Acha que sua irmã vai gostar?

— Obrigado, mãe — disse ele, entre dentes. — Preciso ir trabalhar. — Ele passou pelo Marido, que estava curvado, pegando uma cerveja no engradado embaixo da mesa da cozinha. A gata

branca passeava pela bancada, a barriga inchada de outra ninhada, miando por comida enlatada ou pickles ou sorvete ou alguma outra coisa. Ele fez carinho em sua cabeça, meio contrariado, mas, antes que a gata começasse a se esfregar para valer na mão dele, o garoto abriu a porta de tela e saiu para o pátio.

O ar fresco de outubro foi um alívio do ambiente fumacento de cigarro.

Corny amava seu carro. Era um Chevy cor de pátina, cheio de pontos de ferrugem e um forro pendurado, como pele flácida, no teto. Ele conhecia a própria aparência. Sabia que era narigudo. Que era magrelo e alto, com cabelo feio e pele pior ainda. Ele fazia jus ao nome que tinha. Cornelius. Corny. Corno. Mas não no carro. Lá dentro, era anônimo.

Todos os dias das últimas três semanas, ele saía um pouco mais cedo para o trabalho. Passava na loja de conveniência e comprava comida. Depois, ficava dirigindo aleatoriamente, pensando em como seria pegar a estrada e seguir, seguir, seguir até a gasolina acabar.

Naquela noite, ele comprou um café e um pacote de alcaçuz preto. Ficou um tempo folheando um livro com um dragão metálico na capa, leu as primeiras frases, torcendo para alguma coisa o interessar. O jogo estava ficando chato. Pior do que chato, fazia com que ele se sentisse ainda mais patético do que antes. Faltava quase uma semana para o Halloween e ele vinha fazendo aquilo havia tanto tempo que estava óbvio que ele jamais partiria de verdade. Ele tomou um gole de café e quase o cuspiu. Doce demais. Tomou mais um pouco e se preparou para o gosto. Nojento.

Corny saiu do carro e jogou o café no estacionamento. Fez um barulho satisfatório no asfalto. Ele entrou e se serviu de outro copo. Atrás do balcão, uma senhora com cabelo ruivo ondulado olhou para ele e apontou para a jaqueta.

— E quem você é, o diabo?

— Quem me dera — respondeu Corny, deixando 1,25 dólar na bancada. — Quem me dera.



As pedras afiadas, O vento atrás de mim; Andando pela estrada, Um gato saltita assim.

— THEODORE ROETHKE, "PRAISE TO THE END!"

O vento soprou gotas de chuva no rosto de Kaye. As gotinhas congelaram suas mãos e a fizeram tremer ao escorrerem pelo cabelo molhado, para dentro da gola do casaco. Ela foi andando de cabeça abaixada, chutando o lixo espalhado que tinha voado para o acostamento gramado da rodovia. Uma lata de refrigerante amassada deslizou para um coração de espuma coberto de crisântemos, colocado ali para marcar o local de um acidente de carro. Não havia casas daquele lado da rua, apenas um trecho longo de bosque alagado levando até um posto de gasolina. Ela estava na metade do caminho para casa.

Carros chiavam pelo asfalto. O som era reconfortante, como um longo suspiro.

Eu te vi. Vi o que você fez.

O horror se retorcia em suas entranhas, o horror e a raiva. Ela queria quebrar alguma coisa, bater em alguém.

Como ela poderia ter feito alguma coisa? Quando tentava fazer uma página de revista virar sozinha ou uma moeda cair com o lado da cara para cima, nunca dava certo. Como ela poderia ter feito Kenny ver um cavalo de carrossel de pernas quebradas se mover?

Sem falar que ela deveria também supor que Spike e Lutie e Gristle tinham sido imaginários. Ela voltara para casa fazia duas semanas, mas não havia sinal dos três, por mais que os chamasse, por mais que colocasse cumbucas de leite do lado de fora, por mais que descesse até o velho riacho.

Ela respirou fundo e aspirou chuva pelo nariz. Foi como chorar.

As árvores pareciam esquadrias de chumbo, mas sem o vidro entre os galhos. Ela sabia o que a avó diria quando voltasse fedendo a álcool e com a blusa rasgada. Coisas verdadeiras.

A mão dele em sua perna era o que realmente faria diferença para Janet. Isso e o fato de ela não ter feito nada para retirar a mão, mesmo que apenas por um momento. E ela conseguia imaginar o que ele estava dizendo para Janet agora, vermelho, irritado, bêbado, mas até uma mentira ruim soaria melhor do que a verdade.

Eu o vi se levantar.

Kaye também não iria poder contradizê-los. Quem acreditaria que ele tocou na virilha dela de propósito, mas rasgou a blusa sem querer? Então o que Kaye deveria dizer quando Janet perguntasse o que aconteceu? Janet já a achava uma mentirosa.

Ela ainda sentia o calor da mão de Kenny, um toque ardente na coxa em contraste com a pele encharcada de chuva. Tinha muitos motivos para se sentir culpada.

Outro sopro de chuva bateu em suas bochechas, esse levando consigo um grito, vindo da direção do bosque. O ruído foi breve, mas eloquente em sua dor. Kaye parou abruptamente. Não havia som exceto a chuva, chiando como estática de rádio.

Naquele momento, assim que um caminhão passou em disparada, levantando uma nuvem de água, ela ouviu outro som. Mais baixo, esse, talvez um gemido interrompido no final. Viera logo atrás do limite das árvores.

Kaye desceu o ligeiro declive de grama baixa e entrou no bosque. Passou por baixo dos galhos de um elmo, pisou em tufo de pequenas samambaias e roseira-brava. As plantas arranharam suas panturrilhas e deixaram gotas de chuva. O céu iluminado de tempestade banhava o bosque de prata. Um odor terroso e doce de podridão surgiu no lugar onde ela pisou no tapete de folhas.

Não havia ninguém lá.

Ela começou a se virar para a rodovia. Ainda era possível ver a estrada de onde estava. O que ela estava fazendo? O som devia ter vindo das casas do outro lado do riacho estreito que corria atrás do bosque. Mais ninguém seria burro a ponto de andar pelo bosque molhado no meio da noite.

Kaye voltou para a rodovia, pisando nos pontos que pareciam mais secos. Suas meias estavam cheias de carrapichos e ela se curvou para tirá-los.

— Fique onde está. — Ela se sobressaltou ao ouvir a voz. O sotaque era carregado e estranho, embora as palavras fossem pronunciadas com precisão.

Havia um homem caído na lama a poucos passos dela, segurando uma espada curva em uma das mãos. Brilhava como uma nesga de luar na penumbra. O cabelo comprido e cinza-prateado estava molhado e grudado até o pescoço, emoldurando um rosto longo e anguloso. Filetes de chuva desciam pela armadura preta que usava. Sua outra mão estava no coração, segurando um galho que se projetava do peito. A chuva ali estava manchada de cor-de-rosa por causa do sangue.

— Foi você, garota? — A respiração saía entrecortada.

Kaye não sabia bem o que ele queria dizer, mas balançou a cabeça negativamente. Ele não parecia muito mais velho do que ela. Certamente, não a ponto de chamá-la de “garota”.

— Então você não veio acabar comigo de vez?

Ela balançou a cabeça de novo. Ele tinha membros longos; seria alto se estivesse de pé. Mais alto do que a maioria das pessoas, mais alto do que qualquer fada que ela já tivesse visto; ainda assim, ela não tinha dúvida de que era do que se tratava, pelo simples fato das orelhas pontudas, dividindo o cabelo molhado. Ele também era bonito de um jeito que lhe roubava o fôlego.

Ele lambeu os lábios. Havia sangue neles.

— Que pena — disse ele baixinho.

Ela deu um passo em sua direção, e ele se colocou de cócoras, numa postura defensiva. Mesmo ferido, ele se moveu rapidamente. O cabelo caiu no rosto, mas os olhos, brilhando como mercúrio, a observavam com atenção.

— Você é fada, não é? — disse ela em tom tranquilizador, deixando as mãos onde ele pudesse vê-las. Ela havia ouvido histórias das fadas da corte, os nobres, contadas por Lutie-loo, mas nunca vira nenhum. Talvez ele fosse um.

Ele ficou imóvel, e ela se aproximou mais um pouco, esticando uma das mãos para acalmá-lo, como se ele fosse um animal fascinante e perigoso.

— Me deixe te ajudar.

O corpo do homem fada tremia de concentração. Seu olhar não se afastou do rosto de Kaye. Ele segurava o cabo da espada em um aperto que lhe esbranquiçava o nó dos dedos.

Ela não ousou dar outro passo.

— Você vai sangrar até a morte.

Eles ficaram assim mais alguns minutos, até que ele apoiou um joelho na lama. O homem fada se inclinou para a frente, os dedos segurando as folhas, e cuspiu sangue. Os cílios molhados sobre os olhos semicerrados eram tão prateados quanto um alfinete.

Ela deu dois passos e se ajoelhou ao seu lado, apoiada em mãos trêmulas. Perto assim, ela viu que a armadura era de couro rígido, esculpido para parecer penas.

— Não consigo tirar a flecha sozinho — disse ele baixinho. — Estão esperando que eu sangre mais um pouco para enfrentar minha espada.

— Quem está esperando? — Era difícil entender que alguém tinha disparado nele com um galho de árvore, mas parecia ser isso que ele dizia.

— Se quiser me ajudar, tire esta flecha. — Os olhos dele se apertaram e ele balançou a cabeça. — Se não quiser, então a empurre o mais fundo que conseguir e torça para me matar.

— Vai sangrar mais — argumentou Kaye.

Ele riu do comentário, um som amargo.

— Tanto faz, sem dúvida.

Ela viu o desespero naquele rosto. Ele obviamente desconfiava de que ela fazia parte de um plano para matá-lo. Ainda assim, deslizou o corpo para poder se encostar no tronco de um carvalho. Estava alerta, esperando para ver o que ela faria.

Ela pensou nos seres encantados que conheceu quando criança, coisinhas endiabradas e velozes, sem menções a guerras, flechas mágicas ou inimigos, e certamente nada sobre maquinações. O homem sangrando na terra ao seu lado era um indicador de como as percepções que ela tinha do Reino das Fadas estavam equivocadas.

Ela recuou da visão do ferimento no peito do macho. Seus pulmões viraram gelo quando ela viu a horrível ferida.

— Eu não consigo.

A voz dele continuou baixa.

— Como te chamam?

— Kaye — respondeu ela. Houve silêncio por um momento e ela reparou na nuvem fria da própria respiração condensar com a palavra.

— Eu sou Roiben. — Fadas não davam seus nomes com facilidade, nem mesmo parte dos nomes, embora ela não tivesse ideia do motivo. Ele tentava lhe mostrar que confiava nela, talvez tentando compensar as suposições que fizera. — Me dê a sua mão.

Ela o deixou segurá-la e guiar até o galho. A pele de Roiben estava fria e molhada, os dedos longos de um jeito inumano e ásperos com calos ao se fecharem sobre os de Kaye.

— Só feche a mão aqui e me deixe puxar — instruiu ele. — Você nem precisa olhar. Desde que eu não encoste na flecha, pode ser que eu consiga tirá-la.

Isso a envergonhou. Ela dissera que desejava ajudar, ele estava sentindo muita dor e não era hora de ficar de frescura.

— Eu faço — decidiu ela.

Roiben a soltou, e ela deu um puxão forte. Apesar de o rosto dele se contrair de dor, o galho só se moveu um pouco.

Ele soltou um gemido baixo.

Havia mesmo outras fadas nas árvores, esperando que ele se enfraquecesse a ponto de ser derrotado? Kaye achava que, se

fosse verdade, aquela seria uma ótima hora para eles descerem e tentar.

— De novo, Kaye.

Ela reparou no ângulo da armadura e mudou de posição para que o galho não prendesse em uma das placas. Ergueu-se parcialmente sobre um joelho e se levantou, puxando para cima com o máximo de força que conseguiu.

Roiben soltou um grito rouco quando o galho se soltou do peito, a ponta de ferro preta de sangue. Seus dedos tocaram na ferida e ele os levantou, sujos de vermelho, como se não acreditasse, de repente, que tinha sido atingido.

— Que corajosa — disse ele, encostando os dedos molhados na perna da garota.

Kaye jogou o galho longe. Estava tremendo e sentia um pouco de sangue na boca.

— Temos que estancar o sangramento. Como sua armadura sai?

Ele pareceu não a entender de imediato. Quando o fez, olhou para ela com algo parecido com incredulidade. Em seguida, se inclinou para a frente com um gemido.

— Tiras. — Ele conseguiu dizer.

Kaye se sentou atrás do macho e procurou as fivelas no couro.

Um vento repentino sacudiu os galhos acima, jogando uma chuva de gotículas sobre eles, e Kaye se perguntou, de novo, sobre as fadas nas árvores. Seus dedos se moviam com pressa. Se aquelas fadas ainda estivessem com medo de Roiben, talvez não tivessem que se preocupar muito mais. Ele parecia prestes a desmaiar.

Para tirar o peitoral, ela precisou não apenas soltá-lo da placa de trás nos ombros e nas laterais. Também havia tiras que o prendiam diretamente nas ombreiras e caneleiras. Por fim, ela conseguiu soltá-lo do peito do macho. Embaixo, a pele exposta estava pontilhada de sangue.

Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Deixa a chuva limpar.

Ela tirou o próprio casaco e o pendurou em um dos galhos da árvore. A blusa já estava arruinada, ela lembrou a si mesma quando

a tirou. Ela a rasgou em tiras compridas e começou a enrolá-las no peito e braços de Roiben. Ele abriu os olhos quando ela o tocou. Apertou-os e arregalou-os em seguida. A cor era hipnotizante.

Ele se empertigou, horrorizado.

— Você não precisa fazer isso.

— Você precisa tentar se manter acordado — disse Kaye. — Tem algum lugar para onde possa ir?

Ele balançou a cabeça. Tateando perto do corpo, pegou uma folha e a passou na parte interna do peitoral de couro. Saiu vermelha.

— Jogue isto no riacho. Eu... tem um kelpie lá... não há garantias de que eu vá conseguir controlá-lo com esse tempo, mas é alguma coisa.

Kaye assentiu rapidamente, embora não tivesse ideia do que seria um kelpie, e fez menção de pegar a folha.

Ele não a soltou imediatamente.

— Estou em dívida com você. Não gosto de não saber como posso pagá-la.

— Eu tenho perguntas...

Ele deixou que ela pegasse a folha.

— Vou responder três, tão bem e completamente quanto estiver em meu poder.

Como em um conto de fadas, que era no que ela parecia ter tropeçado sem querer.

— Quando você soltar a folha na água, diga “Roiben da Corte Unseelie pede sua ajuda”.

— Para quem eu digo?

— Apenas diga em voz alta.

Ela assentiu de novo e correu na direção da água. A margem íngreme do riacho era cheia de vegetação e vidro quebrado. Raízes, sem a lama que devia cercá-las, se espalhavam pelo chão, como os braços pálidos de cadáveres semienterrados. Ela se proibiu de pensar mais nisso.

Ela se agachou e soltou a folha com o sangue virado para baixo na água. Flutuou ali, girando um pouco. Ela teve medo que ficasse presa na parte rasa e tentou soprá-la para mais longe.

— Roiben da Corte Unseelie pede sua ajuda — disse ela, torcendo para ter falado certo. Nada aconteceu. Ela repetiu, mais alto, se sentindo tola e assustada ao mesmo tempo. — Roiben da Corte Unseelie precisa da sua ajuda.

Um sapo emergiu e começou a nadar em sua direção. Isso teria a ver com um kelpie? Que tipo de ajuda eles conseguiriam em um riacho raso e poluído?

Mas ela viu que tinha se enganado. O que achou serem os olhos de um sapo eram, na verdade, buracos que tremeram conforme uma coisa grande nadava pela água em sua direção. Ela teve vontade de correr, mas a fascinação misturada com a obrigação a manteve imóvel. Os buracos se materializaram em narinas dilatadas no focinho de um cavalo preto que subiu da água preta como se criado do riacho. Musgo e lama escorreram pelos flancos da criatura quando esta virou a cabeça para observar Kaye com olhos brancos luminosos.

Ela não conseguia se mexer. Quantos minutos se passaram enquanto ela olhava para aqueles flancos cinzentos pintados, lisos como pele de foca, e encarava o brilho pouco natural daqueles olhos? A criatura inclinou o pescoço.

Kaye deu meio passo para trás e tentou falar. Nenhuma palavra saiu.

A coisa parecida com um cavalo se aproximou, os cascos afundando na lama e quebrando gravetos. Tinha cheiro de água salobra. Ela deu outro passo para trás e tropeçou.

Ela precisava falar alguma coisa.

— Por aqui. — Isso foi tudo o que conseguiu, além de apontar para as árvores. — Ele está aqui.

O cavalo foi na direção que ela apontou, acelerando para um trote. Só lhe restou ir atrás, tremendo de alívio. Quando chegou à clareira, Roiben já estava montado nas costas da criatura. O peitoral da armadura havia sido preso de modo grosseiro.

Ele a viu sair do meio das árvores e sorriu. Seus olhos pareciam mais escuros ao luar.

— Se eu fosse você, ficaria longe das fadas no futuro. Somos um povo excêntrico, com pouca consideração por mortais.

Ela o encarou de novo. Havia arranhões na armadura dos quais ela não se lembrava. Será que ele fora atacado? Ele mal conseguia levantar a cabeça antes; era impossível acreditar que tivesse lutado com alguma coisa e vencido.

— Aconteceu alguma coisa?

O sorriso do macho se abriu mais e apagou o cansaço do rosto. Seus olhos cintilaram.

— Não desperdice suas perguntas. — O cavalo andou, se movendo como nenhum ser vivo, desviando entre as árvores com velocidade e graça sobrenaturais. Folhas voaram ao movimento das patas. O luar cintilava em seu corpo.

Antes que percebesse, ela estava sozinha no bosque. Sozinha e trêmula e orgulhosa de si mesma. Ela foi pegar o casaco e um brilho chamou sua atenção. A flecha.

Ela se ajoelhou e pegou o galho com a ponta de ferro. Passou o dedo pela superfície áspera e tocou no metal quente demais. Um tremor percorreu seu corpo e ela a largou na lama. O bosque ficou ameaçador de repente, e ela andou o mais rápido que pôde na direção da estrada. Se começasse a correr, achava que não conseguiria parar.



Kaye enfiou os pés no barranco que marcava o limite do gramado da avó e subiu. Passou pela lixeira lotada, pelo carro quebrado, pelas latas de café enferrujadas, presas com arame em uma cerca improvisada para uma hortinha murcha.

Todas as luzes da casa pareciam estar acesas, destacando as cortinas sujas. A televisão tremeluzia na sala.

Ela abriu a porta dos fundos e entrou na cozinha. Panelas e travessas sujas de comida estavam empilhadas na pia. Era tarefa de Kaye lavar tudo. Mas ela apenas foi até o armário, pegou uma cumbuca, encheu de leite e colocou um pedaço de pão dormido por cima. Teria que dar para o gasto, pensou, enquanto abria com cuidado a porta e colocava a tigela no degrau; afinal, as únicas coisas com chance de atrair eram os gatos da região.

Kaye se esgueirou até a sala.

Do outro lado da escada, Ellen estava sentada na frente da televisão, comendo um dos Snickers em miniatura que a avó tinha comprado para dar às crianças no Halloween.

— Me deixe em paz, porra — murmurou ela para a bebida à frente.

— Você acha que eu não sei de nada. Tudo bem, a inteligente é você, né? — disse a avó de Kaye naquela voz doce demais que tanto a irritava. — Se você é tão inteligente, por que está aqui sozinha? Por que a única pessoa a te acolher é a sua mãe velha e burra?

— Eu te ouvi nas primeiras um milhão de porra de vezes que você falou.

— Bom, vai ter que ouvir de novo — argumentou a avó de Kaye. — Onde está sua filha hoje? É quase uma da manhã! Você sequer se importa de ela estar perambulando por aí quem sabe onde, se esforçando tanto pra ser igualzinha...

— Não fala da minha filha! — disse a mãe de Kaye com surpreendente veemência. — Ela está ótima. Deixe ela de fora da sua encheção de saco.

Kaye abaixou a cabeça e tentou subir a escada o mais rápida e silenciosamente que conseguiu.

Ela viu o próprio reflexo no espelho do corredor, rímel e sombra com purpurina borrados nas bochechas e embaixo dos olhos, formando filetes secos e cintilantes que pareciam feitos de lágrimas. Seu batom estava manchado e opaco, formando um arco na bochecha esquerda, onde ela devia ter esfregado com a mão.

Kaye se virou para dar uma olhada furtiva na direção da sala. Sua mãe a encarou, revirou os olhos e fez um sinal esquivo com a mão para ela subir a escada.

— Enquanto ela estiver morando nesta casa, vai ter que seguir as mesmas regras que você seguia. Nem quero saber se ela passou os últimos seis anos em um apartamento infestado de ratos com os vagabundos com quem você se relacionava. De agora em diante, essa garota vai ser criada de maneira decente.

Kaye subiu o resto da escada e foi para o quarto. Fechou a porta o mais silenciosamente que conseguiu.

A pequena cômoda branca e a cama curta demais pareciam pertencer a outra pessoa. Seus ratos, Isaac e Armageddon, se mexeram no aquário que ficava em cima da caixa de brinquedos velha.

Kaye tirou as roupas e, sem se importar com a umidade, com a lama e nem com nada, subiu na cama e se enrolou no cobertor. Sabia os sinais de uma obsessão; ela presenciou a maneira como a mãe desejava a fama. Kaye não queria desejar algo que jamais teria.

Mas, só por aquela noite, ela se permitiu pensar nele, pensar no jeito solene e formal com que ele falou, tão diferente de todo mundo. Permitiu-se pensar nos olhos faiscantes e no sorriso torto.

Kaye caiu no sono como se fosse água se fechando sobre sua cabeça.



Um cigarro é a forma perfeita de prazer. Elegante e insatisfatório. O que mais podemos querer?

— OSCAR WILDE, O RETRATO DE DORIAN GRAY

Kaye estava parada em um riacho, segurando uma Barbie pelo cabelo louro, a água fria fazendo cócegas nos dedos dos pés. O calor aquecia suas costas, e ela sentia o cheiro das coisas verdes e da lama de verão. Ela estava com nove anos.

Fazia sentido no sonho, embora ela soubesse que não tinha acontecido bem assim. A calorosa boa recordação era mais nova que a idade que estava no sonho. Mas, naquela memória remendada, Spike estava sentado no tapete de musgo que ladeava o rio. Ele costurava um vestido de boneca e uma bolsa de folhas. Lutie montava a cintura de um Ken sentado, as asas de borboleta iridescentes tremendo de leve enquanto ela cantava músicas

obscenas que faziam a Kaye de nove anos rir e corar ao mesmo tempo.

“Posso imaginar que ele consegue se inclinar.
Mas sofro um bocado porque ele está pelado.
Um peito de plástico lisinho não compensa o corpinho;
Até um boneco precisa tentar fazer uma boneca suspirar.”

Gristle continuava em silêncio ao lado de Kaye. Rindo, ela se virou para ele, que fez menção de falar, mas a única coisa que saiu de sua boca foi uma pedra branca. Caiu no riacho e se acomodou no fundo com as outras, brilhando com uma luz estranha.

“Um garoto de plástico não é um brinquedo prático.
Toda e qualquer garota tem uma pérola.”

Um grasnado fez Kaye erguer o rosto subitamente. Um corvo tinha pousado numa árvore, as penas pretas cintilando com cor, como gasolina na superfície da água. Quando o corvo inclinou a cabeça para ela, os olhos estavam pálidos como a pedra.

“E daí se o negócio parecer escondido?
Ele não encontra nem o próprio pirulito!”

O corvo mexeu as garras no galho, em seguida mergulhou no ar. Um momento depois, ela sentiu o arranhão das garras no pulso e uma bicada na mão quando a boneca foi levada.

Kaye gritou e tentou pegar alguma coisa para jogar na ave. Sua mão se fechou em uma coisa dura, e ela arremessou sem pensar.

O corvo espiralou em direção às árvores e Kaye correu para lá. A floresta ao redor ficou borrada, e ela de repente olhava para uma forma preta. Estava imóvel, as penas balançando de leve na brisa. Sua boneca também estava ali, caída ao lado da ave morta, e entre os dois havia uma pedra branca lisa. A pedra que Gristle tinha falado.

Então ela acordou.



A mãe de Kaye estava parada na porta do quarto, segurando um telefone sem fio.

— Fiquei gritando sem parar pra você lá de baixo. Janet está no telefone.

— Oh-oh. — Kaye piscou com a maquiagem seca da véspera nos olhos. E se espreguiçou.

O sol estava vivo de novo, brilhando furioso com os truques da noite pelas mãos da Senhora Lua. Raios de luz cítrica a ameaçavam com uma dor de cabeça se ela abrisse os olhos.

— Noite difícil? — A mãe de Kaye se encostou na porta e tragou o cigarro.

Kaye esfregou os olhos. Os nós dos dedos saíram pretos e cintilantes.

— Janet está no telefone. — A mãe de Kaye parecia ao mesmo tempo irritada e estar achando graça de ter que se repetir. — Quer que eu diga que você liga depois?

Kaye balançou a cabeça e pegou o telefone.

— Alô. — A voz soou rouca.

Ellen saiu da soleira e Kaye a ouviu descer a escada.

— O que aconteceu ontem à noite? — Kaye demorou alguns momentos para entender o que Janet estava perguntando.

— Ah. Nada. Kenny tentou me agarrar e minha camiseta rasgou.

— Kaye! Por que você fugiu daquele jeito? Pensei que ele tivesse feito algo horrível com você! Nós brigamos a noite toda por causa disso.

— Achei que você não ia acreditar em mim — respondeu Kaye secamente.

Aquilo devia ter passado uma boa dose de remorso de melhor amiga, porque o tom de Janet se suavizou.

— Pare com isso, Kaye. Claro que acredito em você.

Kaye lutou para encontrar a resposta para aquela afirmação inesperada.

— Você está bem? — perguntou Janet.

— Encontrei uma pessoa no caminho de casa ontem. — Kaye se sentou na cama e percebeu que tinha ido dormir de sutiã, saia e meias sujas de lama. Não era à toa que estava se sentindo desconfortável.

— Encontrou? — Janet pareceu surpresa e cética. — Um garoto?

— É — disse Kaye. Ela queria falar em voz alta, se agarrar à ideia. Sua lembrança de Roiben já se desbotava com o sol, da maneira como um sonho se dissipa quando não o anotamos. — Ele tinha olhos cinzentos e cabelo comprido.

— Tipo um metaleiro?

— Mais comprido — disse Kaye. Ela enrolou o edredom feio e rosa com força em volta do corpo. Como tudo no quarto, era um pouco pequeno demais.

— Que estranho. Qual é o nome dele?

— Robin — respondeu Kaye, com um sorrisinho no rosto. Estava feliz por Janet não conseguir vê-la agora; tinha certeza de que parecia feliz de uma forma bastante tola.

— Tipo Robin Hood? Você está falando sério? Ele deu em cima de você?

— A gente só conversou — disse Kaye.

Janet suspirou.

— Você não encontrou ninguém, né? Está só inventando.

— Ele é real — assegurou Kaye. Ele era real, a pessoa mais real que ela havia conhecido em muito tempo. Super-real.

— A festa foi um saco mesmo — disse Janet. — Quase dei na cara de uma garota. Dough ficava me mandando relaxar, mas eu estava doida demais e chateada demais. Bom, vem pra cá e eu te conto o resto.

— Certo, tudo bem. Eu preciso me vestir.

— Tudo bem. Tchau. — O telefone fez um clique quando Janet desligou. Kaye apertou o botão de desligar e o colocou no edredom.

Ela se levantou e olhou ao redor. As roupas estavam amontoadas em pilhas no chão, a maioria ainda em sacos de lixo pretos. Todos os móveis eram os mesmos de quando tinha quatro anos, móveis de tamanho infantil, com paredes cor-de-rosa e um exército de bonecas de olhar vidrado e crítico arrumado nas prateleiras.

Preciso encontrar Gristle e Spike. Jamais havia tido que chamá-los antes. Eles sempre estiveram por perto quando ela precisou. Mas isso foi quando ela era pequena, quando acreditava em tudo,

antes de suas pernas passarem do fim da cama e de ela precisar se inclinar para ver o rosto no espelho. Kaye suspirou. Suspeitava que não tivesse mais tanta inocência. Talvez esse tipo de coisa importasse.

Kaye tirou as roupas e encontrou uma calça jeans surrada e uma camiseta azul. No banheiro, ao jogar água fria no rosto e tirar a maquiagem da noite anterior, ela se examinou. A tinta roxa que tinha passado no cabelo já estava desbotada.

Ela suspirou de novo e prendeu o cabelo em marias-chiquinhas irregulares. Ei, se ela ficasse com cara de dez anos, quem sabe as fadas que amavam criancinhas aparecessem para falar com ela.

Seu casaco de oncinha estava molhado demais para ser usado. Kaye pegou a jaqueta de couro de Lloyd e revirou os bolsos. Dois recibos amassados, uma palheta de guitarra imitando casco de tartaruga, umas moedinhas. Kaye puxou a mão como se tivesse levado uma ferroadada.

Enfiado na ponta do dedo havia um espinho fino e marrom. Fazia sentido Lloyd ter uma coisa horrível no bolso. Ela o tirou e sugou o pontinho vermelho no dedo. Botou o espinho na cômoda e desceu.

A mãe de Kaye estava sentada à mesa da cozinha, folheando uma revista. Havia uma garrafa de gim aberta no tampo e um cigarro, quase uma guimba, em um prato ao lado.

— Vai pra casa da Janet? — perguntou Ellen.

— Vou.

— Quer café antes de ir, querida? Você não parece muito desperta.

— Estou bem. A vovó vai surtar quando vir esse prato. — Kaye nem se deu o trabalho de mencionar o gim.

A mãe de Kaye se recostou na cadeira de madeira.

— Não tente ser mãe da sua mãe — disse ela. Ainda assim, Kaye se preocupava. Não era que Ellen não bebesse às vezes, mas ela não costumava pular de encher a cara na noite anterior a botar álcool no café.

— Notícias de Lloyd?

Ellen fez que não.

— Não. Liguei para duas velhas amigas do Sweet Pussy, mas elas passaram a ser respeitáveis.

Kaye riu. Ela se lembrava de Liz pulando no palco com o incrível macacão de plástico roxo, parecendo uma Julie Newmar glam-rock. Era difícil imaginar como ela ficaria sendo respeitável.

— Vocês vão voltar?

— Talvez — respondeu Ellen distraidamente. — Sue e Liz têm uma lojinha de música em Red Bank.

— Que ótimo.

Ellen suspirou.

— Sei lá. Eu queria saber quando foi a última vez que alguma delas pegou numa porra de um instrumento.

Kaye balançou a cabeça. Era meio idiotice pensar que a mãe simplesmente desistiria de voltar para a cidade, mas ela não podia deixar de ter esperanças.

— Diga à vovó que não vou voltar tarde.

— Pode voltar quando você quiser. Eu sou sua mãe.

— Obrigada, mãe — agradeceu Kaye, e saiu da casa.

O vento estava soprando rajadas de folhas vívidas da cor de batom pelo gramado. Kaye respirou fundo o ar frio.

— Lutie-loo — sussurrou ela ao vento. — Spike, Gristle... por favor, voltem. Preciso de vocês.

Vou só andar até a casa de Janet. Eu vou só andar até a casa de Janet, como eu falei, e depois penso em um plano.

Janet vivia em um lote de trailers na estrada principal, atrás do posto de gasolina onde o irmão mais velho trabalhava. Kaye acenou para ele ao atravessar o estacionamento.

Corny abriu um sorriso contrariado. O cabelo do rapaz era castanho e meio alongado, curto demais na frente e comprido demais atrás. Ele vestia jaqueta e calça jeans suja. A pele estava vermelha em algumas partes. Ele continuava exatamente como ela se lembrava, só que mais alto.

Kaye foi para trás do escritório do posto e pulou uns arbustos altos para entrar no estacionamento. Os trailers eram veículos apenas no nome; nenhum tinha rodas, e a maioria exibia cercas e varandas prendendo-os com aço e cimento ao chão. Ela seguiu por uma rua de cascalho, na direção do trailer de Janet.

No caminho, uma garota de cabelo castanho da idade de Kaye estava pendurando roupas lavadas. Atrás dela, um homem muito gordo relaxava numa rede, a pele marcada pelos fios atravessados. Três dachshunds latiam loucamente e corriam uns atrás dos outros ao longo de um alambrado.

Kaye bateu na porta de tela de Janet.

— Entre — gritou Janet. Kaye podia discernir os pés da amiga através da tela, por cima do braço do sofá azul velho, os dedos com esmalte vinho. Havia rolinhos de papel higiênico entre eles para não se tocarem.

A porta gemeu horivelmente quando ela a abriu. As dobradiças estavam rígidas de ferrugem, onde o esmalte branco tinha lascado. A sala principal do trailer estava escura, as janelas, cobertas por cortinas. Luz piscava de três fontes: da porta, da fraca lâmpada âmbar da cozinha e da televisão. Na tela, duas mulheres gritavam uma com a outra na frente de uma plateia. Uma tinha sobrancelhas de strass.

— Quer fazer as unhas? — perguntou Janet. — Eu tenho um azul lindo.

Kaye balançou a cabeça, mas Janet provavelmente não viu.

— Posso fazer café?

— Sim, faz pra mim também. — Janet se espreguiçou e esticou os dedos pintados enquanto arqueava as costas. Estava usando uma regata masculina e uma calcinha de margaridas. — Estou com uma ressaca absurda.

— Cadê todo mundo?

— Minha mãe e o Marido estão na feira de usados. Corny deve estar voltando do trabalho daqui a pouco. Você não vai acreditar no que ela trouxe pra mim da última vez que saiu: uma blusinha com gatos de cristal! Cara, onde se encontra uma coisa dessas?

Kaye riu. A mãe de Janet colecionava coisas bregas, mas principalmente tudo de Star Trek. As paredes do trailer estavam cobertas de colecionáveis, arte de fãs em molduras e phasers e tricorders em vitrines. Uma coleção de almofadas bordadas de Spock competia com Janet pelo espaço do sofá.

— Vi Corny quando estava chegando. Acho que ele não me reconheceu.

— Ele é um babaca. Fica o tempo todo no quarto, batendo punheta. Deve estar ficando míope.

Kaye pegou duas canecas na prateleira e as encheu com água da pia.

— Talvez eu esteja diferente. — Kaye apertou o teclado numérico do micro-ondas e botou as canecas ali dentro. Elas giraram na bandeja oleosa de vidro.

— Pode ser. — Janet mudou de canal e parou no vh1.

— O que aconteceu ontem à noite? — Kaye sabia que Janet ficaria feliz com a pergunta.

Janet mudou de posição para ficar sentada e diminuiu o som da televisão.

— Bom, quando a gente chegou na casa da Fatima, Aimee ficou mexendo no cabelo do Kenny, passando as mãos e dizendo como era macio. Ela devia saber que a gente estava brigado.

— Sinto muito.

— Tudo bem. — Janet apertou uma almofada com os dizeres “Vida longa e próspera” no peito. — Eu fui até ela e comecei a esfregar as mãos no cabelo dela e a dizer como era *gostoso*, mexendo as mãos com força, e Marcus começou a rir. Você conhece aquela risada estranha que faz ele agitar o corpo inteiro. Alta pra caralho.

— O que Kenny fez? — Kaye se perguntou se Kenny dava em cima de todas as garotas que conhecia. Ela ficou constrangida de ter deixado que ele a tocasse; às vezes se perguntava sobre a parte doentia de si que desejava que gostassem dela, que queria tanto a ponto de ficar tentada a entrar em situações ruins.

— Nada; ele adora que garotas briguem por ele. — Janet balançou a cabeça como se estivesse falando sobre uma criança travessa. — Ela começou a me chamar de maluca e de sapatão, batendo de frente, disse que só estava conversando.

Kaye assentiu.

— Você bateu nela? — O micro-ondas apitou e Kaye misturou “cristais” de café instantâneo nas duas canecas. Uma rala espuma branca se formou na superfície.

Janet assentiu.

— Eu tentei, mas Dough me segurou e Kenny a segurou e Fatima veio e começou a falar que não passava de um grande mal-entendido e tudo, apesar de ela não ter visto o que aconteceu. Ela só não queria confusão na casa dela.

Kaye olhou para a caneca e se lembrou da água escura e parada do riacho. Seu coração de repente começou a bater no triplo da velocidade, apesar de não estar acontecendo nada.

— Está prestando atenção? — perguntou Janet.

— Pega o seu café — disse Kaye, mexendo açúcar e creme em pó no de Janet antes de entregá-lo para ela. — Estou ouvindo.

— Bom, você já viu um pau não circuncidado?

Kaye fez que não.

— Nem eu. Então eu falei: “Certo, vamos cada um te dar um dólar se você mostrar.” E ele disse: “Isso são apenas dez dólares.”

Kaye sorriu e assentiu enquanto Janet falava, mas continuou vendo Roiben na mente, encharcado de chuva e sangue, o coração quase trespassado por uma flecha torta.

As dobradiças protestaram quando Corny abriu a porta e entrou no trailer. Ele olhou para as duas com cara feia, andou até a geladeira, abriu-a e tomou refrigerante no gargalo.

— O que te deu? — perguntou Janet.

Uma gata branca, a barriga enorme de filhotes, tinha entrado quando Corny abriu a porta. Kaye abaixou a mão para fazer carinho em sua cabeça.

— Acabei de trabalhar dois turnos, então não fode. — Kaye notou que o desenho na parte de trás da jaqueta do garoto era uma cabeça de diabo. No bolso traseiro, o contorno da carteira estava preso a uma corrente que passava na presilha da frente.

— A mamãe odeia quando você bebe no gargalo — disse Janet.

— E daí? — respondeu Corny. Ele tomou outro gole deliberado.

— Você vai contar pra ela? Que tal eu contar pra ela que você precisa do próprio *vomitorium* romano?

— Cala a boca, arrombado. — Janet pegou o telefone na cozinha e começou a digitar. Ela andou na direção do quarto enquanto ligava.

Corny olhou para Kaye. Ela desviou o olhar e puxou a gata pesada e macia para o colo. Ela ronronou como uma colmeia de

vespas.

— Você é aquela garota que acredita em fadas, né? — perguntou Corny.

Ela deu de ombros.

— Eu sou a Kaye.

— Quer refrigerante? Eu não babei. — Ele passou a manga da roupa na boca.

Kaye fez que não. Alguma coisa, como uma pedrinha, quicou em seu joelho.

As janelas estavam fechadas. Kaye olhou para o teto, mas a luz parecia intacta. Talvez alguma coisa de uma prateleira. Quando olhou para o chão perto dos pés, o único objeto que viu foi uma bolota de noz. Eram abundantes naquela época do ano, caindo da árvore mais próxima por todos os gramados das casas que tinham espaço para árvores e grama. Ela a pegou e olhou na direção da janela de novo. Talvez estivesse aberta. A bolota parecia leve em sua mão e ela reparou numa coisinha branca saindo de baixo da tampinha.

Corny estava molhando um pano de prato e limpando o rosto. Ela não achava que ele tivesse jogado a bolota; estavam conversando quando sentiu o objeto.

Kaye puxou de leve a tampinha da bolota, que se soltou. Dentro da noz, a polpa tinha sido removida e havia um espaço vazio onde uma tira de papel estava enrolada. Kaye a removeu com cuidado e leu a mensagem escrita numa tinta vermelho-rosada: “Não fale mais com o cavaleiro das trevas. não conte seu nome a ninguém. O perigo está por todos os lados. Gristle se foi. Precisamos da sua ajuda. Te encontro amanhã à noite. LL&S”

O que aquilo queria dizer, Gristle se foi? Foi para onde? E o cavaleiro das trevas? Seria Roiben? Ela não tinha falado com mais ninguém que encaixasse naquela descrição. O que significava perigo por todos os lados?

— Kaye — chamou Janet, se inclinando para fora do quarto —, quer ir ao shopping?

Kaye se apressou em enfiar a bolota no bolso da jaqueta de couro.

— Imagino que você esteja esperando que eu te leve — disse Corny. — Sabia que a maioria das pessoas que vai fazer compras de fato tem dinheiro?

— Cala a boca, seu nerd — rebateu Janet, e levou Kaye para o quarto.

Kaye se sentou na cama de Janet. O quarto era composto de móveis que não combinavam: uma cômoda de madeira com puxadores de vidro, uma penteadeira branca de aglomerado e uma cama de metal preto amassada. O quarto era tão bagunçado quanto o de Kaye, com roupas caindo para fora de gavetas abertas e espalhadas pelo chão, mas a bagunça parecia glamourosa ali. Enquanto as roupas de Kaye eram todas camisetas e garimpadas em brechós, Janet tinha saias vermelhas com franjas e camisetas que cintilavam em azul e dourado, como escamas de peixe. Potinhos de sombras, fivelas brilhantes, sprays corporais e embalagens de produto de cabelo cobriam a penteadeira e a superfície da cômoda. Nas paredes, pôsteres de bandas competiam com mensagens rabiscadas com canetas coloridas na tinta branca. Janet & Kenny p/sempe estava escrito em purpurina atrás da porta de Janet. Ela não tinha certeza, mas achava que via a sombra de outro nome embaixo do de Kenny.

— O que devo vestir? — Janet mostrou um peludo suéter cropped rosa que acabava embaixo do peito. — Vou morrer de frio?

— Você precisa de uma minissaia godê. — Kaye se sentou na cama e se encostou nos travesseiros. Sua mão foi até o bolso e apertou a pontinha da bolota a ponto de marcar o polegar.

— O que você vai usar?

— Isto. — Kaye indicou a camiseta surrada e a calça jeans com um movimento da mão.

Janet suspirou e fez uma careta.

— Os garotos te acham exótica. Eu mataria por isso.

Kaye balançou a cabeça sem animação. O que muitos garotos brancos gostavam em garotas asiáticas era estranho. Eram noivas encomendadas pelo correio junto de kung-fu.

— Que tal você usar isto? — Janet mostrou uma blusa preta brilhante que não tinha costas. Era amarrada no pescoço e na cintura, como um biquini.

— De jeito nenhum — disse Kaye.
Dessa vez, Janet só riu.



Elas entraram no shopping pela entrada do cinema. Havia garotos e garotas reunidos na escada, esperando carona ou fumando um cigarro antes do início do filme. Janet passou por eles como uma deusa, sem olhar para ninguém, o cabelo perfeitamente cacheado e o batom cintilante que não pareciam exigir nenhum esforço. Fez Kaye questionar onde ela adquirira essa habilidade em beleza; quando criança, Janet usava um permanente eternamente malfeito e tênis desamarrados.

Kaye viu o próprio reflexo em uma vitrine e fez uma careta. Sua camiseta era um pedaço de tecido fino e desbotado que até exibia uns buracos pelo abuso da lavanderia. Sua calça jeans era herdada da mãe e ficava baixa na cintura, forçando-a a puxá-la de vez em quando, sempre que dava a sensação de que iria cair. Talvez ela devesse ter aceitado a oferta de Janet de emprestar uma roupa.

— E aí? — disse Janet. — Quer me mostrar aquelas habilidades das quais você se gabou?

Kaye sorriu. Uma coisa sobre a qual elas trocaram e-mails por um tempo era a audácia das coisas furtadas de lojas. O maior roubo de Kaye foram seus dois ratos. Eles podiam não ser caros, mas botar no bolso dois animais se remexendo e deixá-los lá foi mais difícil do que parecia.

Ela assentiu.

— Esse são os Princípios de Furto da Kaye, tá?

Janet cruzou os braços.

— Você está brincando, né?

— Escuta. Nada de lojas pequenas. Só redes ou megalojas. Para eles não vai fazer diferença e as pessoas que trabalham lá estão cagando. Ah, e nada de lugares com funcionários legais.

— Não acredito que você tem regras.

Kaye assentiu solenemente.

— Pra minimizar o dano cármico.



Algumas horas depois, elas estavam sentadas no meio-fio em frente à Wiz, dividindo os espólios. Não era, estritamente falando, longe o suficiente do shopping para ser totalmente seguro, mas elas se sentiam intocáveis. Kaye estava experimentando um lápis de olho esfumado novo e denso, passando uma linha grossa embaixo dos olhos. Janet bebia um smoothie de framboesa, a única coisa pela qual tinha, de fato, pago.

Kaye remexeu nos bolsos em busca de fósforos e acendeu um cigarro. Depois de tragar fundo, ela se inclinou para trás e soprou a fumaça para o alto. Ela esticou a mão preguiçosamente para mudar o desenho. A nuvem se moveu com o toque dos dedos e ela sentiu figuras dançando ali; não, não dançando, lutando. Espadachins duelando na fumaça ascendente.

— Quanto tempo você vai ficar na cidade? — perguntou Janet.

Kaye abaixou a mão. Ela havia esquecido onde estava.

— Acho que pelo menos uns dois meses.

— É estranho, sabe. Nós sermos amigas depois de tanto tempo com você estando tão longe. Eu fiquei pensando nisso ontem à noite.

— É? — perguntou Kaye com cautela.

— Ele deu em cima de você, né?

Kaye deu de ombros. Não havia como explicar o que acontecera. Ela não poderia ter explicado por que deixou que ele passasse a mão em sua coxa, por que não se importou nem um pouco até se lembrar, de repente, quem eles eram e se dar conta do que estava rolando.

— Um pouco, acho. Mas eu caí de verdade. Acho que bebi demais, sei lá.

— Por que você foi lá pra cima?

Kaye sorriu com facilidade agora.

— Só fui explorar. Tinha um cavalo velho de carrossel muito maneiro lá. Você viu? As pernas tinham quebrado, mas o resto estava perfeito. A tinta quase nem tinha desbotado. — Ela deu um suspiro melancólico. — Mesmo que eu tivesse como levar aquela

coisa pra casa, não teria como arrastá-la de um apartamento para o outro.

Janet suspirou. Obviamente, parecia o tipo de motivo no qual ela podia acreditar sem problemas.

Kaye deu outra tragada no cigarro, se perguntando por que aquilo a irritava. Dessa vez, os filetes de fumaça a lembraram do cabelo de Roiben, como pura seda prateada. Pensar nisso fez com que ela se sentisse ainda mais inquieta e frustrada. Ela queria vê-lo de novo. Quanto mais tempo passava, mais parecia que ele tinha saído das páginas de um livro.

— Terra para Kaye — disse Janet. — Em que você estava pensando?

— Em Robin — disse Kaye. Outra coisa em que ela achava que Janet acreditaria sem problemas.

— Ele existe? De verdade? — Janet sugou com força pelo canudo, tentando puxar um pedaço entalado de framboesa congelada.

— Deixa de ser escrota — disse Kaye sem muita convicção.

— Foi mal. É que é tão improvável isso, conhecer um cara no meio de uma tempestade quando você está indo a pé pra casa. O que que ele estava fazendo lá? Eu não teria falado com ele. Ele não estava de carro?

— Olha, só vou ficar na cidade uns dois meses no máximo. A única coisa que importa é que ele é lindo de morrer, juro. — Kaye arqueou as sobrancelhas de forma sugestiva.

Isso pelo menos arrancou um ruído scandalizado.

— Sua *piranha* — disse Janet, brincando. — Você pelo menos sabe se ele gostou de você?

Kaye apagou a guimba do cigarro no cimento áspero, espalhando cinzas em uma área circular. Ela não queria repassar a lista de coisas em si mesma que a recomendaria para um cavaleiro fada; não havia uma única coisa em que ela pudesse pensar para botar numa lista assim.

— Ele vai gostar de mim — disse ela, torcendo para que o feitiço de falar as palavras em voz alta pudesse torná-las reais.



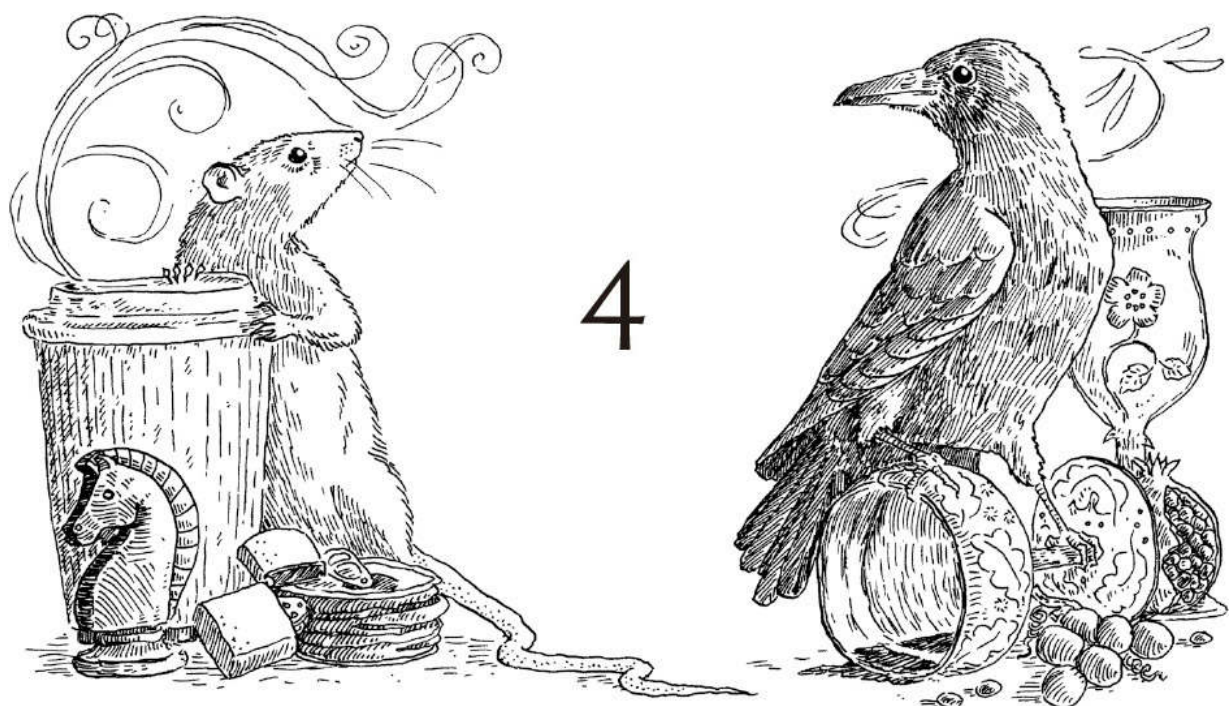
Naquela noite, Kaye deixou Isaac e Armageddon correrem em cima da cama enquanto o aparelho de som tocava Grace Slick cantando “White Rabbit” sem parar. Uma Alice adulta e toda ferrada a agradava. Depois, ela botou Hole e ouviu Courtney Love cantar versos sobre garotas e bolos.

Ela abriu a janela e acendeu um cigarro, tomando o cuidado de soprar a fumaça na direção do gramado.

A fileira de bonecas a observava impassivelmente da estante, o decoro exagerado quase certamente ofendido. Ela pegou os dois ratos e os colocou lá com as bonecas, para eles se conhecerem. E voltou para a cama.

Foi rápido puxar o colchão da base da cama boxe e o colocar no chão, onde ela estava acostumada a dormir. Ocupava quase todo o espaço do quarto, mas pelo menos seus pés teriam espaço na beirada. E, se ela cobrisse a base da cama com uma colcha de batik da mãe e muitas almofadas, quase poderia passar por sofá.

Ela apagou o cigarro, se deitou e ficou olhando os ratos se esgueirarem pelo colo das bonecas, alheios a casacos de montaria de veludo e vestidos de renda dourada de princesa, para farejar cabelo de plástico e morder dedos delicados de porcelana.



O dia todo, a noite toda meu desejo por você se desenrola como uma cobra venenosa.

— SAMAR SEN, "LOVE"

Naquela manhã, Kaye acordou cedo, se vestiu e fingiu ir para a escola.

Ela já estava fingindo havia quase uma semana agora, desde que a avó insistira que teria que ir até a escola para descobrir por que estavam demorando tanto para matriculá-la. Não havia como dizer a ela que o histórico não chegaria nunca, então Kaye preparou um sanduíche de creme de amendoim e mel, pegou uma laranja e saiu para matar o tempo.

Quando elas se mudaram pela primeira vez para a Filadélfia, a transferência para uma nova escola foi fácil. Mas, depois, elas começaram a se mudar, moraram por seis meses em University City, mais quatro em South Philly e depois duas semanas no

Museum District. Toda vez, ela precisava encontrar um jeito de frequentar a antiga escola ou se transferir para uma nova. Havia mais ou menos um ano, toda a confusão ficou demais e ela começou a trabalhar em período integral em um Chow Fat. Ellen e Lloyd precisavam do dinheiro extra e, além disso, também precisavam da comida grátis.

Kaye chutava uma lata de refrigerante amassada pela rua. Até ela conseguia ver que não ia numa boa direção, e não só literalmente. A avó estava certa sobre ela; estava se tornando a própria mãe. Não, pior, porque Kaye nem mesmo tinha ambição. Seus únicos talentos eram o furto e um ou dois truques para acender um cigarro, que necessitavam de um isqueiro.

Ela pensou em ir para Red Bank e tentar encontrar a loja de Sue e Liz. Tinha um pouco de dinheiro e até que seria uma boa conhecer músicas novas, e quem sabe ela conseguisse embarcar escondida no trem por algumas paradas. Seu maior problema era que Ellen não tinha falado o nome da loja.

Ela se deu conta de que talvez Corny soubesse. Ele ainda devia ter mais uma hora antes que o turno da noite terminasse e o cara da manhã chegasse. Se ela comprasse um café para ele, talvez ele não se importasse com sua presença.

O Quick Check estava quase vazio quando ela entrou e encheu dois copos grandes de papel com café de avelã. Preparou o seu com canela e leite semidesnatado, mas não sabia como Corny gostava do dele, então enfiou no bolso pacotinhos de açúcar e vários potinhos de creme. A mulher bocejava tanto que nem olhou na direção de Kaye quando somou o total no caixa.

No posto de gasolina, Kaye encontrou Corny sentado no capô do carro, jogando xadrez em um pequeno tabuleiro magnético.

— Oi — cumprimentou Kaye. Ele a encarou com uma expressão pouco simpática. Ela ofereceu um café e ele só ficou olhando, confuso.

— Você não devia estar na escola? — perguntou ele.

— Abandonei — disse ela. — Vou só fazer a prova depois.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você quer o café ou não?

Um carro parou na frente das bombas. Ele suspirou e ficou de pé.

— Coloca do lado do tabuleiro.

Ela se sentou no carro e pousou o copo com cuidado ao lado do tabuleiro, para depois procurar o açúcar e o creme no bolso. Em seguida, destampou o seu e tomou um gole. O calor do líquido a aqueceu na manhã fria e molhada de outono.

Corny voltou em poucos minutos. Depois de um olhar minucioso, ele começou a botar açúcar no café e a mexer com uma caneta que tinha no bolso.

— Contra qual você está jogando? — perguntou Kaye, encolhendo os joelhos.

Ele a olhou com uma risada debochada.

— Você veio aqui pegar no meu pé? Café é barato.

— Caramba, eu só estou conversando. Quem está ganhando?

Corny deu um sorrisinho.

— Ele, por enquanto. Mas fala, o que você veio fazer aqui? Não costumo receber visitas. Ser social pra mim é como provocar o apocalipse.

— Como assim?

Corny desceu de novo do capô com um resmungo quando outro carro parou na frente da bomba de gasolina. Ela o viu vender um maço de cigarros e encher o tanque. Perguntou-se se o dono contrataria uma garota de dezesseis anos. Seu último contracheque não duraria muito mais. Corny tinha trabalhado ali quando era ainda mais novo do que ela era agora.

— Corny — começou ela, quando ele voltou. — Você conhece alguma lojinha de cd em Red Bank?

— Está querendo me subornar pra ganhar carona?

Ela suspirou.

— Que paranoico. Só quero saber o nome.

Ele deu de ombros e fez mais algumas jogadas sem falar nada.

— Minha loja de quadrinhos fica ao lado de uma loja de cd, mas eu não sei o nome.

— Que quadrinhos você lê?

— Você está dizendo que lê quadrinhos? — Corny soou na defensiva, como se ela o estivesse atraindo para uma armadilha

verbal.

— Com certeza. *Batman*. *Lenore*. *Too Much Coffee Man*. Eu também lia *Sandman*, claro.

Corny a olhou com uma expressão especulativa por um momento, então por fim relaxou.

— Eu lia tudo X-alguma coisa, mas agora leio muita coisa japonesa.

— Tipo Akira?

Ele fez que não.

— Não. Quadrinhos para garotas, os que têm os garotos e garotas bonitos. Você sabe o que é *shonen-ai*? — A expressão exibia dúvida.

Kaye balançou a cabeça em negativa.

Corny franziu a testa.

— Eu achei que você fosse japonesa.

Ela deu de ombros.

— Meu pai era integrante de uma banda glam-goth que minha mãe idolatrava no ensino médio. Eu não o conheci. Foi coisa de groupie.

— Maneiro.

— Acho que sim.

Um carro entrou no posto, mas, em vez de parar na frente das bombas, parou ao lado do carro de Corny. Um garoto negro de jaqueta universitária saltou.

— Legal da sua parte aparecer hoje — disse Corny, jogando um chaveiro para ele.

— Eu pedi desculpas, cara — respondeu o garoto.

Virando-se para Kaye, Corny disse:

— Pra onde você vai agora?

Kaye deu de ombros.

— Quer vir comigo? Você pode ficar lá em casa esperando Janet chegar.

Ela assentiu.

— Pode ser.

Eles caminharam até o trailer juntos.

Ele ligou a televisão e foi para o quarto.

— Vou checar meus e-mails.

Kaye assentiu e se sentou no sofá, só então se sentindo meio constrangida. Era estranho estar na casa de Janet sem a Janet. Ela zapeou pelos canais e parou no Cartoon Network.

Depois de alguns minutos, como ele não voltou, ela foi até o quarto de Corny. O quarto era tão diferente do de Janet quanto um quarto podia ser. Havia estantes em todas as paredes, lotadas de livros e quadrinhos. Corny estava sentado a uma escrivaninha que parecia mal conseguir sustentar o equipamento empilhado ali. Uma outra caixa de fios e o que pareciam ser peças de computador estavam ao lado dos pés do garoto.

Ele estava digitando no teclado quando ela entrou.

— Estou quase acabando.

Kaye se sentou na beira da cama, como teria feito se estivesse no quarto de Janet, e pegou o quadrinho mais próximo. Era todo em japonês. Havia um herói louro e um vilão com cabelo preto muito, muito comprido e um acessório bem legal de cabeça. Uma bola fofa e gorda com asas de morcego voava ao seu lado, como parceiro. Ela folheou mais um pouco. O herói nu e amarrado na cama do vilão. Ela parou de virar as páginas e olhou para o desenho. A cabeça do louro estava inclinada para trás em êxtase ou pavor enquanto o vilão lambia um de seus mamilos.

Ela olhou para Corny e mostrou a revista.

— Deixa eu adivinhar... isso é *shonen-ai*?

Ele lhe lançou um olhar do computador, mas ela não teria como ignorar sua expressão.

— É.

Kaye não sabia bem o que dizer, e esse devia mesmo ser o objetivo.

— Você gosta de garotos?

— Esses são garotos bonitos pra valer — respondeu Corny.

— Janet sabe? — Ela não conseguia entender por que ele contaria para ela se Janet não soubesse, mas os e-mails de Janet eram resumos dos seus dias, chatos e cheios de fofocas sobre pessoas que Kaye não conhecia.

— Sabe, a família toda sabe. Não é nada de mais. Uma noite, na hora do jantar, eu falei: “Mãe, sabe o amor proibido que o Spock tem pelo Kirk? Bom, então você vai entender que eu gosto de

garotos. Eu sou gay.” — Ele parecia estar desafiando Kaye a dizer alguma coisa.

— Espero que você não esteja esperando uma grande reação — comentou Kaye. — Porque a única coisa em que consigo pensar é que essa é a saída do armário mais esquisita que eu já ouvi.

O rosto de Corny relaxou. Ela começou a rir e os dois caíram na gargalhada e olharam para a revista e riram mais um pouco.



Quando Janet voltou da escola, Corny estava dormindo e Kaye lia uma pilha enorme de quadrinhos sacanas.

— Oi — cumprimentou Janet, parecendo surpresa de ver o sofá ocupado.

Kaye bocejou e tomou um gole de um copo de refrigerante de cereja pela metade.

— Ah, oi. Eu estava aqui com seu irmão e decidi esperar você chegar.

Janet fez uma careta e largou os livros na cadeira.

— Você faz as aulas parecerem divertidas. Se é pra largar a escola, é melhor você... sei lá.

— Fazer alguma coisa sórdida?

— Exatamente. Olha, eu vou sair... Tenho que me encontrar com o pessoal. Quer vir?

Kaye se espreguiçou e se levantou.

— Vamos.



A lanchonete Blue Snapper ficava aberta 24 horas e ninguém se importava com o tempo que você passava nos compartimentos espelhados e nem se pedisse pouco. Kenny e Doughboy estavam sentados a uma mesa com uma garota que Kaye não conhecia. Ela tinha cabelo preto curto, unhas vermelhas e sobrancelhas finas

desenhadas. Doughboy vestia uma camiseta de time de manga curta por cima de uma camiseta preta de manga comprida; os cadarços dos tênis desamarrados embaixo da mesa. Ele tinha cortado o cabelo desde a última vez que ela o vira; estava raspado atrás e nas laterais. Kenny usava a jaqueta prateada por cima de uma camiseta preta e parecia o mesmo de sempre: desarrumado, fofo e totalmente proibido.

— Foi mal por eu ter ficado daquela maneira na outra noite — disse Kaye, enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans e torcendo para que ninguém falasse muito sobre o assunto.

— O que houve? — perguntou a garota. Alguma coisa estalou quando ela falou, e Kaye percebeu que era a batida do piercing de língua da garota contra os dentes.

Doughboy abriu a boca para fazer um comentário, mas Kenny o interrompeu.

— Tranquilo — disse ele com um movimento do queixo. — Venham e se sentem, moças.

— Kaye — disse Janet, deslizando para perto da garota. — Esta é Fatima. Eu te mandei um e-mail sobre ela. Kaye é minha amiga da Filadélfia.

— Certo. Claro. Oi. — Foi a festa da Fatima que ela perdera duas noites antes, e ela não tinha ideia do que fora dito depois que saiu. Kenny mal olhava em sua direção, mas Doughboy a observava como se ela fosse fazer alguma coisa esquisita ou engraçada. Kaye desejou ter ficado no trailer. Aquilo era constrangedor demais.

— Você é a garota que tem uma mãe que faz parte de uma banda — disse Fatima.

— Não mais — corrigiu Kaye.

— É verdade que ela trepou com Lou Zampolis? Janet falou que ela fazia backing vocal pro Chainsuck.

Kaye fez uma careta. Ela se perguntou se todos os seus e-mails tinham sido repassados assim.

— Infelizmente.

— Isso não te apavora? Ela, sei lá, trepa com os seus namorados?

Kaye ergueu as sobrancelhas.

— Não saio com caras de bandas. — Ela não observou que embora Lou Zampolis tivesse fama de sair com garotas de ensino médio, o cara era mais próximo em idade da mãe de Kaye do que deles.

— Eu tenho uma amiga, sabe — disse Fatima —, e a mãe e a irmã dormiram com o cara que a engravidou.

— Erin, né? — disse Janet. — Ela está na reabilitação.

A garçonete foi até a mesa deles. Ela usava um uniforme marrom e a plaquinha com o nome dizia Rita.

— Querem alguma coisa?

— Alguma coisa diet — disse Janet.

— Café — pediu Kaye.

— Eu quero... Você pode trazer batata frita com queijo, Rita? — perguntou Doughboy.

— Volto em um minuto com os refis — disse a garçonete, sorrindo para Dough por ele ter usado seu nome.

Kenny se virou para tirar os cigarros e o isqueiro do bolso do casaco, e Kaye viu uma tatuagem na nuca do garoto. Era um desenho tribal do que parecia ser um escaravelho. Fez com que ela se perguntasse que outras tatuagens ele poderia ter em áreas cobertas pela camisa. Janet devia saber.

— Alguém quer? — ofereceu ele, mostrando o maço.

— Eu quero — disse Kaye.

— O que você quiser é seu — respondeu ele, jogando um cigarro para ela com um sorrisinho que fez seu rosto corar.

Janet estava falando com Fatima sobre o bebê de Erin, sem prestar atenção a nenhum dos dois no momento. Doughboy beliscava uma das batatas cobertas de queijo e molho que a garçonete colocara na sua frente.

— Quer ver um truque? — perguntou Kaye, embora fosse uma má ideia encorajar Kenny. — Me dá o seu isqueiro.

Era prateado com uma plaquinha com um medalhão de bola 8 soldado na frente. Ele o entregou para ela.

Kaye tinha aprendido o truque com Liz na época que a mãe era do Sweet Pussy. Liz ofereceu lhe ensinar, alegando que era uma forma garantida de impressionar tanto garotos quanto garotas. Kaye não tinha ideia de por que Liz ia querer impressionar alguém,

considerando que ela já tinha Sue, mas aprendeu o truque e aquilo tinha impressionado barmen, pelo menos.

Kaye segurou o corpo de metal do isqueiro entre os dois primeiros dedos da mão esquerda; depois, o virou primeiro por cima e depois por baixo de cada dedo, de forma que o metal cintilou como um peixinho. Cada vez mais rápido, ela fez o isqueiro percorrer seus dedos. E parou, abriu a tampa e o acendeu, isso tudo com a mão direita apoiada na mesa. Ela se inclinou e ofereceu generosamente a chama para o cigarro de Kenny.

Quando Kaye encontrasse a loja de discos, ela teria que contar a Liz que ela estava certa. Os dois garotos pareciam impressionados. Dough não estava nem olhando para a batata frita.

O sorriso torto de Kenny era um convite para problema.

— Que maneira — disse Doughboy. — Me ensina como se faz?

— Claro — respondeu Kaye, acendendo o cigarro e tragando fundo a fumaça amarga. Ela mostrou a ele, repetindo o truque em câmera lenta para que ele pudesse ver como era feito e deixando que ele tentasse.

— Preciso sair rapidinho — disse Kenny, e ela e Doughboy levantaram do banco para ele passar.

Antes que ela pudesse voltar, Kenny cutucou o braço dela e apontou com a cabeça para os banheiros.

— Já volto — Kaye avisou Janet, deixando o cigarro no cinzeiro.

Janet não devia ter percebido nada, porque só assentiu.

Kaye seguiu Kenny até o pequeno corredor. Apesar de ela não ter ideia do que ele queria, suas bochechas já estavam coradas, e uma emoção estranha lhe dava um nó na barriga.

Quando estavam no corredor, Kenny se virou para ela e apoiou o corpo esguio na parede.

— O que você fez comigo? — perguntou Kenny, dando uma tragada rápida no cigarro e esfregando a barba por fazer no rosto com as costas da mão.

Kaye balançou a cabeça.

— Nada. O que você quer dizer?

Ele baixou a voz e falou com intensidade:

— Na outra noite. Com o cavalo. O que você fez? — Ele hesitou e olhou para o outro lado antes de continuar. — Eu não consigo

parar de pensar em você.

Kaye ficou perplexa.

— Eu... sinceramente... eu não fiz nada.

— Bom, desfaz — disse ele, de cara amarrada.

Ela tentou encontrar uma explicação.

— Às vezes, quando fantasio... coisas acontecem. Eu só estava pensando em montar o cavalo. Eu nem te ouvi entrar. — As bochechas de Kaye pareceram esquentar ainda mais quando ela se lembrou de uma teoria que Sue certa vez explicara, sobre por que todas as garotinhas querem ter um pônei.

Ele a encarou com a mesma intensidade com a qual a observara no sótão do prédio do carrossel, e levou novamente o cigarro aos lábios.

— Que merda — disse ele com um certo desespero. — Estou falando sério; eu não consigo te tirar da cabeça. Só penso em você, o dia inteiro.

Kaye não sabia como responder.

Ele se aproximou um passo sem parecer reparar.

— Você precisa fazer alguma coisa.

Ela recuou um passo, mas a parede a impediu de prosseguir. Ela sentiu os azulejos frios na coluna. O telefone público à direita bloqueava sua vista da caixa registradora.

— Desculpe — pediu ela.

Ele deu outro passo, até estar com o peito encostado no dela.

— Eu te quero — confessou ele com urgência. Seu joelho entrou entre as pernas dela.

— Estamos numa lanchonete — disse Kaye, segurando-o pelos ombros para que ele tivesse que olhar para o seu rosto. Ele estava pálido, exceto por um toque rosado nas bochechas. Os olhos pareciam vidrados.

— Quero parar de te querer — disse ele, e se aproximou para beijá-la. Kaye virou a cabeça e ele enfiou a boca em seu cabelo, mas isso não pareceu incomodá-lo. Ele foi beijando o pescoço dela, mordiscando a pele como punição, lambendo as mordidas. Uma das mãos subiu da cintura para aninhar um seio enquanto a outra se entrelaçava em seu cabelo.

As mãos de Kaye ainda estavam cerradas nos ombros dele. Ela podia empurrá-lo. Tinha que empurrá-lo. Mas seu corpo traidor pediu que ela esperasse mais um momento, que sentisse a glória de ser desejada. E seu coração traidor ficou tentado pelo caos.

— Pessoal, eu estava... Que porra é essa?

Kenny se afastou de Kaye ao ouvir a voz de Janet. Vários fios de cabelo louro comprido ainda estavam em sua mão, cintilando como teias de aranha.

Ele se empertigou.

— Não vem com essa chateação de namorada insegura.

Janet estava com lágrimas nos olhos.

— Você estava beijando ela!

— Se acalma, porra!

Kaye correu para o banheiro, se trancou em uma cabine e deslizou até se sentar no chão sujo.

Seu coração batia tão rápido que ela achou que iria saltar do peito. O espaço era pequeno demais para ela andar, mas ela queria andar de um lado para o outro, queria fazer alguma coisa que arrancasse respostas de sua mente confusa. Magia, se é que isso existia, não devia funcionar assim. Ela não devia poder enfeitiçar uma pessoa que mal conhecia sem nem se decidir por isso.

O prazer era a pior parte, a parte de si mesma que conseguia ignorar a culpa e ver a justiça poética em fazer Kenny não conseguir parar de pensar nela. Seria fácil gostar dele, pensou ela, fofo e descolado e a desejando. E, ao contrário de um cavaleiro fada inalcançável, ele era uma pessoa que ela podia ter. Só que isso a tornaria uma péssima amiga e uma pessoa ruim.

Ela respirou fundo e saiu da cabine. Foi até a pia e molhou o rosto. Ao erguer o olhar, viu o próprio reflexo no espelho, a camiseta vermelha desbotada do Red Chow manchada com gotas escuras de água, a maquiagem de olho borrada e indistinta, o cabelo louro embaraçado.

Mas algo chamou sua atenção quando ela se virou. Ao se aproximar do espelho, ela examinou o rosto de novo, com atenção. Estava com a mesma aparência de sempre. Kaye balançou a cabeça e andou até a porta. Por um momento, achou que o rosto

pálido que tinha visto no espelho fosse verde-oliva, com olhos pretos como gotas de tinta.

Havia mais cafés na mesa quando voltou, e ela tomou o que estava na frente de onde estivera sentada. Seu cigarro tinha queimado até uma guimba no cinzeiro de vidro. Doughboy contava a Kenny sobre o carro novo que estava restaurando, e Janet olhava para Kaye de cara feia.

— Perdão — disse uma voz que era ao mesmo tempo familiar e estranha.

Kaye ficou paralisada. Sua mente estava gritando que aquilo era impossível. Era contra as regras. Eles nunca faziam aquilo. Uma coisa era acreditar em fadas; mas outra bem diferente era não ter escolha sobre a questão. Se podiam simplesmente invadir sua vida normal, se tornariam parte da vida normal, e ela não mais seria capaz de separar o mundo irreal do real.

Mas Roiben estava mesmo parado ao lado da mesa deles. O cabelo branco como sal embaixo das luzes fluorescentes e afastado do rosto. Ele vestia um casaco comprido de lã preta que escondia o que ele usava por baixo, até as botas de couro bem modernas. Havia tão pouca cor no rosto do cavaleiro que ele parecia ser totalmente monocromático, uma imagem filmada em preto e branco.

— Quem é o gótico? — Kaye ouviu Doughboy perguntar.

— Robin, acho que é o nome dele — respondeu Janet com mau humor.

Roiben ergueu uma sobrancelha quando ouviu a resposta, mas continuou:

— Posso falar com você um momento?

Ela se sentiu incapaz de qualquer outra reação além de assentir. Depois de sair da mesa em que estava, ela o seguiu até uma mesa vazia. Nenhum dos dois se sentou.

— Eu vim te dar isso. — Roiben enfiou a mão no casaco e tirou um pano preto enrolado de um bolso escondido. E sorriu, o mesmo sorriso de que lembrava da floresta, o que era só para ela. — É a sua camiseta, ressuscitada dos mortos.

— Como você — disse ela.

Ele assentiu de leve.

— De fato.

— Meus amigos disseram que eu não devia falar com você. — Ela não sabia que ia dizer isso até sair de sua boca. As palavras pareciam espinhos caindo da língua.

Ele olhou para baixo e respirou fundo.

— Seus amigos? Não aqueles amigos, suponho. — O olhar dele foi na direção da mesa, e ela fez que não.

— Lutie e Spike — disse ela.

Os olhos do homem fada se anuviaram quando ele olhou para ela de novo, e o sorriso tinha sumido.

— Matei um amigo deles. Talvez um amigo seu.

Ao redor, as pessoas estavam comendo, rindo e conversando, mas aqueles sons normais pareciam tão distantes e deslocados quanto uma risada gravada.

— Você matou Gristle.

Ele assentiu.

Ela o encarou como se as coisas pudessem se rearrumar para fazer sentido.

— Como? Por quê? Por que está me dizendo isso?

Roiben não a encarou ao falar.

— Tem alguma desculpa que eu possa dar que tornaria tudo melhor? Alguma explicação que acharia aceitável?

— Essa é sua resposta? Você nem se importa?

— Você está com a camiseta. Eu fiz o que vim fazer.

Ela segurou o braço dele e se moveu para encará-lo.

— Você me deve três perguntas.

Ele enrijeceu, mas a expressão permaneceu impassível.

— Muito bem.

A raiva borbulhava dentro de Kaye, um sentimento amargo e impotente.

— Por que matou Gristle?

— Minha senhora me ordenou. Eu não tenho a escolha de não obedecer. — Roiben enfiou os longos dedos nos bolsos do casaco. Ele falou com segurança, como se estivesse entediado com as próprias respostas.

— Certo — disse Kaye. — Então se ela te mandasse pular de uma ponte...?

— Exatamente. — Não havia ironia no tom de voz. — Devo considerar isso a sua segunda pergunta?

Kaye parou e respirou fundo, o rosto ficando quente. Ela estava com tanta raiva que tremia.

— Por que você não... — ela começou a falar, mas parou. Precisava pensar. A raiva a estava deixando descuidada e burra. Ela tinha mais uma pergunta e estava determinada a usá-la para irritá-lo, no mínimo. Pensou no bilhete que recebera na bolota e no aviso que lhe fora dado. — Qual é o seu nome completo?

Ele parecia quase engasgar com o ar que respirava.

— O quê?

— Esta é minha terceira pergunta: Qual é o seu nome completo? — Ela não sabia o que tinha feito, não de verdade. Ela sabia apenas que o estava obrigando a fazer uma coisa que ele não queria fazer, e isso parecia ótimo.

Os olhos de Roiben se escureceram de fúria.

— Rath Roiben Rye, que a informação a agrade.

Ela estreitou os olhos.

— É um nome bonito.

— Você é inteligente demais. Inteligente demais para o seu próprio bem, eu acho.

— Pode enfiar isso onde você quiser, Rath Roiben Rye.

Ele a segurou pelo braço antes mesmo que ela o visse se mover. Ela levantou a mão para se defender do golpe. Ele a jogou para a frente. Ela gritou. Sua mão e seu joelho bateram com força no piso de linóleo. Kaye olhou para cima, meio que esperando ver o brilho de uma espada, mas ele apenas puxou a calça jeans dela com força na cintura e encostou a boca no quadril exposto.

O tempo pareceu ficar lento enquanto ela deslizava no piso escorregadio, enquanto ele se levantava com facilidade, enquanto os clientes da lanchonete olhavam, enquanto Kenny tentava sair da cabine.

Roiben parou ao seu lado. Ele falou com a voz seca:

— Essa é a natureza da servidão, Kaye. É literal e nem um pouco inteligente. Tome cuidado com suas farpas.

— Quem você acha que é, caralho? — disse Kenny, finalmente perto deles, se inclinando para ajudar Kaye a se levantar.

— Pergunte a ela — respondeu Roiben, apontando para Kaye com o queixo. — Agora, ela sabe exatamente quem eu sou. — Ele se virou e saiu da lanchonete.

Os olhos de Kaye se encheram de lágrimas.

— Vamos — disse Fatima, embora Kaye mal estivesse prestando atenção. — Vamos lá pra fora. Só as garotas.

Fatima e Janet a levaram para fora e se sentaram no capô de um dos carros. Kaye torceu vagamente para que pertencesse a algum deles quando se sentou, limpando as lágrimas das bochechas. Ela já tinha parado de chorar; as lágrimas eram mais de choque do que por qualquer outra coisa.

Fatima acendeu um cigarro e o passou a Kaye. Ela tragou fundo, mas sua garganta parecia apertada e a fumaça apenas a fez tossir.

— Eu tive um namorado assim. Costumava adorar bater em mim. — Fatima se sentou ao lado de Kaye e deu tapinhas nas costas da garota.

— Talvez ele tenha te visto com Kenny — disse Janet sem olhar para ela. A amiga estava encostada num farol, olhando para o outro lado da rodovia, onde havia uma base militar.

— Desculpe — pediu Kaye com infelicidade.

— Dá um tempo pra ela — disse Fatima. — Até parece que você não fez exatamente a mesma coisa comigo.

Janet se virou para encarar Kaye.

— Não vai dar certo com ele, sabe. Ele pode querer te comer, mas nunca sairia com você.

Kaye só assentiu e levou o cigarro à boca com mãos trêmulas. Teria sido uma ideia melhor, decidiu ela, se tivesse desistido de vez dos garotos.

— Aquele tal Robin vem atrás de você? — perguntou Fatima. Kaye quase teve vontade de rir daquela preocupação. Se ele viesse, ninguém poderia fazer nada para impedi-lo. Ele se movia mais rápido do que Kaye conseguia enxergar. Ela fora muito burra em não temer o cavaleiro.

— Acho que não — respondeu ela.

Kenny e Doughboy saíram da lanchonete e foram na direção das garotas.

— Tudo bem? — perguntou Kenny.

— Só uns machucados — respondeu Kaye. — Nada de mais.

— Que droga — disse Doughboy. — Depois daquela outra noite e hoje, você vai ficar paranoica demais pra andar com a gente.

Kaye tentou sorrir, mas não conseguiu não pensar no significado duplo daquelas palavras.

— Quer que eu te leve pra casa? — perguntou Kenny.

Kaye ergueu o rosto para agradecer, mas Fatima a interrompeu.

— Por que você não leva Janet pra casa e eu levo Dough e Kaye?

Kenny olhou para as pontas surradas das botas Doc Marten e suspirou.

— Certo.

Fatima levou Kaye para casa em relativo silêncio, e ela ficou agradecida. O rádio estava ligado, e ela apenas ficou sentada no banco do carona, fingindo ouvir. Quando Fatima parou na frente da casa da avó de Kaye, ela desligou os faróis.

— Não sei o que rolou com você e Kenny — disse Fatima.

— Nem eu — disse Kaye com uma risadinha curta.

A outra garota sorriu e mordeu uma das unhas pintadas.

— Se você só estiver procurando um jeito de irritar seu namorado, não faça isso. Janet ama Kenny de verdade, sabe? Ela é dedicada.

Kaye abriu a porta e saiu do carro.

— Obrigada pela carona.

— De nada. — Fatima ligou os faróis novamente.

Kaye bateu a porta do Honda azul e entrou.



Na cozinha, Ellen estava sentada à mesa com um caderno em espiral na frente, o telefone no ouvido. Quando viu Kaye entrar, fez um gesto na direção do fogão. Havia uma panela de espaguete frio e salsicha. Kaye pegou um garfo e se serviu de um pouco do macarrão.

— Você acha que consegue encontrar Charlotte? — perguntou a mãe ao telefone, enquanto desenhava no bloco. — Tudo bem, me liga quando souber. Claro. Tchau, gatinha.

Ellen desligou o telefone e Kaye olhou para ela em expectativa.

Sua mãe sorriu e tomou um gole de uma caneca na mesa.

— Nós vamos para Nova York!

Kaye apenas a encarou.

— O quê?

— Bom, não é definitivo, mas Rhonda quer que eu cante no seu novo grupo só de garotas, o Meow Factory, e ela acha que consegue chamar Charlotte Charlie. Eu falei que, se conseguirem chamá-la, estou dentro. Tem muito mais casas noturnas em Nova York.

— Eu não quero me mudar — disse Kaye.

— A gente pode ficar com Rhonda até encontrar outro lugar para morar. Você vai amar Nova York.

— Eu amo aqui.

— A gente não pode ficar abusando da boa vontade da minha mãe para sempre — argumentou Ellen. — Além do mais, ela é um saco com você e comigo também.

— Eu me candidatei a um emprego hoje. A vovó vai ficar bem mais feliz quando eu trazer dinheiro pra casa. Você pode entrar numa banda daqui.

— Nada está sacramentado ainda — disse Ellen —, mas acho que você devia se acostumar com a ideia de Nova York, querida. Se eu quisesse ficar em Jersey, teria feito isso anos atrás.



Cem caixas de fósforos, de cem bares onde a mãe só tocou em um show, ou de restaurantes onde elas comeram, ou de homens com quem elas moraram. Cem caixas de fósforo, todas em chamas.

Ela também estava em chamas, acesa de um jeito que não tinha certeza se entendia. A adrenalina deixava seus dedos como gelo, puxava o calor para dentro a fim de dançar em sua cabeça,

raiva e uma sensação estranha de possibilidade lhe latejava nas veias.

Kaye olhou para o quarto escuro, iluminado apenas pela luz laranja tremeluzente. Os olhos vidrados das bonecas brilhavam com as chamas. Os ratos se encolheram um sobre o outro no canto da gaiola. Kaye inspirou o odor de enxofre ao acender outra carteira de fósforos e olhar a chama tomar a fileira das cabeças brancas dos fósforos, a cobertura de papelão explodindo em chamas. Ela virou o papel nas mãos, vendo-o queimar.



Eu comi a mitologia e sonhei.

— YUSEF KOMUNYAKAA, “BLACKBERRIES”

Kaye acordou com um arranhão na janela. O quarto estava escuro, e a casa, em silêncio.

Uma coisa olhava para ela. Olhinhos pretos piscavam embaixo de sobrancelhas fartas, e orelhas compridas se projetavam de cada lado de uma cabeça careca.

— Spike? — sussurrou Kaye, engatinhando do colchão no piso, onde ela estivera dormindo. A coberta se enrolou em suas pernas.

Ele bateu de novo e franziu as sobrancelhas. Era menor do que ela se lembrava e vestia apenas uma casca fina que ia da cintura até parte das pernas. Nos cotovelos, havia pontas no formato de espinhos.

Atrás dele, ela viu a forma magra de Lutie-loo, incandescente nas telhas escuras do telhado. As asas eram tão translúcidas que

pareciam quase invisíveis.

Kaye abriu a janela, mas precisou tentar várias vezes antes de soltá-la da moldura velha e estufada. Duas mariposas brancas voaram para dentro.

— Spike! — disse Kaye. — Lutie! Por onde vocês andaram? Estou de volta há vários dias. Deixei leite pra vocês, mas acho que um dos gatos o tomou.

O homenzinho virou um olho para ela, como um pardal.

— A Bruxa do Cardo está esperando — avisou Spike. — Rápido.

O tom de voz soou estranho, urgente e estranhamente antipático. Ele nunca tinha falado com ela daquele modo. Ainda assim, ela obedeceu, por familiaridade: era o mesmo quarto, os mesmos amiguinhos aparecendo no meio da noite a fim de levá-la para pegar vaga-lumes ou cerejas amargas. Ela vestiu um suéter preto por cima da camisola branca antiquada que a avó lhe tinha emprestado e calçou as botas. Procurou o casaco no quarto, mas era só mais uma pilha preta e macia no escuro e ela deixou de lado. O suéter a aqueceria.

Kaye saiu para o telhado.

— Por que ela quer me ver? — Kaye sempre pensou na Bruxa do Cardo como uma tia crocheteira, alguém que não gostava de brincar e com quem você podia se encrencar.

— Ela precisa te contar uma coisa.

— Você não pode me contar? — perguntou Kaye. Ela passou as pernas pela beirada do telhado enquanto Spike descia pela árvore e Lutie flutuava nas próprias asas.

— Venha — chamou Spike.

Kaye pulou da beirada. Os galhos secos de um arbusto de rododendro arranharam suas pernas quando ela caiu, ágil como uma gata, sobre os dois pés.

Eles correram na direção da rua, Lutie-loo dançando meio no ar perto de Kaye, sussurrando:

— Eu senti saudades, eu senti saudades.

— Por aqui — disse Spike com impaciência.

— Eu também senti saudades — disse Kaye para Lutie, esticando a mão para tocar no corpo leve. Lutie era escorregadia

como água, lisa como fumaça.

O Pântano de Vidro, chamado assim por causa da abundância de garrafas quebradas que lotavam o pequeno riacho, corria abaixo da estrada ao longo de 800 metros. Eles desceram o barranco íngreme, as botas de Kaye escorregando na lama. Filetes de água cintilavam com tons multicoloridos sob as luzes dos postes, o vidro quebrado parecendo os vitrais de uma igreja.

— O que está acontecendo? Qual é o problema? — perguntou ela tão baixo quanto conseguiu e de forma que Spike ainda ouvisse. Havia algo errado; ele corria como se não pudesse encará-la. Mas talvez ela tivesse envelhecido demais para ser divertida.

Ele não respondeu.

Lutie foi até ela, o cabelo voando no ar como uma faixa cor de creme.

— Temos de nos apressar. Não se preocupe. É uma coisa boa... uma coisa boa.

— Shh — disse Spike.

A densa vegetação perto do riacho a obrigou a seguir pela linha da água. Kaye foi pisando com cuidado na margem, iluminada apenas pelo brilho fraco de Lutie. Caminhavam em silêncio. Ela não sabia se o próximo passo mergulharia a bota na água fria.

Um brilho branco chamou sua atenção; cascas de ovo rachadas boiavam no riacho estreito. Kaye parou para ver o exército de cascas, algumas pequenas e manchadas, outras, brilhantes de tão brancas. No centro de uma, uma aranha corria de um lado a outro, uma capitã relutante. Em outra, um alfinete preto ancorava o centro enquanto a casca girava vertiginosamente.

Kaye ouviu uma risada.

— Muito pode ser adivinhado a partir de uma casca de ovo — disse a Bruxa do Cardo.

Olhos pretos e grandes espiavam do mato trançado e da roseira-brava que lhe cobria a cabeça como cabelo. Ela estava sentada do outro lado do rio, o corpo atarracado coberto de camadas de panos pardacentos.

— Eles até nos pegaram — continuou a Bruxa do Cardo — com a fermentação de cascas de ovo. O orgulho transforma até os mais sábios dos seres encantados em fanfarrões, é o que dizem.

Kaye às vezes sentia um pouco de medo da bruxa, mas daquela vez só sentiu alívio. A Bruxa do Cardo tinha olhos gentis, e a voz rouca era docemente familiar. Ela era tão diferente de Roiben e de seu cavalo-demônio quanto possível.

— Oi — disse Kaye, sem saber como se dirigir a ela. Quando criança, a maioria das vezes que falou com a fada envolveu uma farpa ou um joelho ralado ou um pedido de desculpas por arrastar um dos amigos até o Reino de Ferro para pregar uma peça. — Spike disse que você tinha algo pra me contar.

A Bruxa do Cardo olhou para ela por um longo momento, como se a avaliasse.

— Tanto foco nos ovos; é vida, é alimento, é a resposta de cem charadas. Mas olhe a casca. Há segredos escritos nas paredes. Há segredos nas entranhas, nos restos, nas beiradas. — A Bruxa do Cardo enfiou um alfinete em cada lado de um ovinho azul e o levou aos lábios. Suas bochechas se inflaram com ar, e um filete de líquido transparente e denso como ranho pingou em uma tigela de cobre em seu colo.

Kaye estudou as cascas de ovo, ainda balançando no riacho. Ela não tinha entendido. Que segredos guardavam além de uma aranha e um alfinete?

A Bruxa do Cardo bateu na terra úmida ao seu lado.

— Quer ver o que eu vejo, Kaye? Se sente perto de mim.

Kaye procurou uma área seca e atravessou o riacho com um salto ágil.

Um ser minúsculo, usando um casaco de pele de toupeira, deslizou pelo colo da Bruxa do Cardo e enfiou a cabeça com curiosidade na tigela.

— Era uma vez duas cortes inferiores, a luz e as trevas, a Seelie e a Unseelie, o Povo do Ar e o Povo da Terra. Eles lutavam como uma serpente devorando a própria cauda, mas nós ficávamos de fora, permanecíamos nos nossos bosques escondidos e riachos subterrâneos, e eles nos esqueceram. Fizeram uma trégua e lembraram que os governantes precisam ter súditos, principalmente se desejam evitar o alcance da Grande Corte de Elfhame. Existe um hábito de serviço entre nós. — A Bruxa do Cardo acariciou a pele do casaco da fadinha distraída enquanto falava. — Eles trouxeram

Tithe, o Dízimo, de volta, o sacrifício de um mortal belo e talentoso. Na Corte Seelie, eles podem sequestrar um poeta para se juntar a eles, mas a Corte Unseelie exige sangue. Em troca, os que moram nas terras Unseelie precisam se vincular ao serviço da corte. O serviço é pesado, Kaye, e os entretenimentos são cruéis. E agora você chamou a atenção deles.

— Por causa de Roiben?

— Ah, fala o nome dele novamente — sussurrou com raiva Spike. — Que tal a gente convidar toda a Corte Unseelie para um chá da tarde, já que estamos sendo insensatos?

— Silêncio — disse a Bruxa do Cardo com tranquilidade.

Spike bateu o pé e desviou o olhar.

— Você nem deve pronunciar seus nomes em voz alta — aconselhou a Bruxa do Cardo para Kaye. — A Corte Unseelie é terrível, terrível e perigosa. E, da Corte Unseelie, nenhum cavaleiro é tão temido quanto... aquele com quem você conversou. Quando a trégua foi feita, cada uma das rainhas trocou seus melhores cavaleiros; ele foi a oferenda da Corte Seelie. A rainha o envia nas piores missões.

— Ele é tão imprevisível que nem sua própria rainha pode confiar nele. Tanto pode ser gentil como um assassino — disse Spike. — Ele matou Gristle.

— Eu sei — admitiu Kaye. — Ele me contou.

Spike olhou para a Bruxa do Cardo com surpresa.

— É isso que eu quero dizer! Que aclamação perversa de amizade é essa?

— Como... como ele fez isso? — perguntou Kaye, metade de si temendo a resposta, mas precisando saber mesmo assim. — Como Gristle morreu?

Lutie foi voar na frente do rosto da jovem, a expressão triste.

— Ele estava comigo. Nós fomos para a cúpula... a colina das fadas. Havia vinho de prímula e Gristle queria que eu o ajudasse a furtar uma garrafa. Ele ia trocar por um par de botas bonitas com um dos amigos duendes.

“Foi fácil encontrar a entrada. Tem uma área gramada toda marrom, onde fica a porta. Nós pegamos a garrafa, superfácil, e estávamos saindo quando vimos os bolos.”

— Bolos? — Kaye ficou perplexa.

— Lindos bolos brancos de mel, empilhados num prato para quem quisesse. Dizem que quem come fica mais inteligente, sabe.

— Acho que não é bem assim — disse Kaye.

— Óbvio que é — repreendeu-a Lutie-loo. — De que outra forma funcionaria?

Continuando, a fadinha se agarrou a um galho fino e se pendurou em um arbusto baixo enquanto falava.

— Ele engoliu cinco antes de ser pego.

Kaye não comentou que, se os bolos o deixassem mais inteligente, deveria ter lhe passado pela cabeça parar depois de comer o primeiro. O que não tornava sua morte menos horrível.

— Acho que teriam deixado ele ir embora, mas ela precisava de uma raposa para a caçada. Como ele roubou os bolos, ela disse que ele seria a raposa perfeita. Ah, Kaye, foi horrível. Eles tinham cachorros e cavalos, e simplesmente o pisotearam. Roiben foi quem o pegou.

— Por que vocês ficam dizendo esse nome, suas tolas? — resmungou Spike.

Kaye balançou a cabeça. Roiben tinha matado Gristle por diversão? Porque ele roubou comida? E ela ajudou o maldito. Sua pele ficou arrepiada de pensar na tranquilidade com que ela falou com Roiben, na maneira como tinha pensado no cavaleiro fada. Ela se perguntou o que exatamente podia ser feito com um nome, que tipo de vingança poderia conseguir.

A Bruxa do Cardo ofereceu o pequeno ovo.

— Venha, Kaye, sobre a parte de dentro e o abra. Tem um segredo para você.

Kaye pegou o ovinho azul. Era tão leve que ela teve medo que só a pressão dos dedos o faria se quebrar.

Ela se ajoelhou sobre a tigela da Bruxa do Cardo e soprou de leve no buraquinho do ovo. Um fluxo viscoso de albumina e gema escorregou pelo outro lado e caiu na tigela.

— Agora, quebre-o.

Kaye apertou o polegar no ovo, e a coisa toda se quebrou, ainda presa por uma membrana fina.

Spike e Lutie pareceram surpresos, mas a Bruxa do Cardo apenas assentiu.

— Eu fiz errado — disse Kaye, e jogou as cascas de ovo no riacho. Ao contrário dos barquinhos, aquele ovo foi uma chuva de confete na água.

— Vou só contar outro segredo, então, criança, já que esse não está evidente para você. Se pensar bem, sei que vai admitir que tem uma coisa estranha acontecendo com você. Uma estranheza não só de atitude, mas de outra coisa. O aroma, o odor afasta o Povo de Ferro, deixa-os cautelosos e os atrai ao mesmo tempo.

Kaye balançou a cabeça, sem saber aonde aquilo queria chegar.

— Conte um segredo diferente para ela — avisou Spike. — Esse vai tornar tudo mais difícil.

— Você é uma de nós — revelou a Bruxa do Cardo para Kaye, os olhos pretos cintilando como pedras preciosas.

— O quê? — Ela escutara o que fora dito, tinha entendido, só estava ganhando tempo para o cérebro voltar a trabalhar. Ela não parecia conseguir levar ar até os pulmões. Havia graus de impossível, níveis de irrealidade, pelo menos. E cada vez que Kaye pensava que as coisas estavam no limite do estranho, o chão parecia se abrir sob seus pés.

— Garotas mortais são burras e lentas — disse Lutie. — Você não precisa mais fingir.

Ela estava balançando a cabeça, mas, enquanto fazia isso, soube que era verdade. A sensação era verdadeira, desequilibrando e reequilibrando seu mundo de forma tão certa que ela se perguntou como aquilo não tinha lhe ocorrido antes. Afinal, por que apenas ela seria visitada por fadas? Por que apenas ela teria magia que não podia controlar?

— Por que vocês não me contaram? — perguntou Kaye.

— Arriscado demais — respondeu Spike.

— E por que estão contando agora?

— Porque é você que vai ser escolhida para o Tithe. — A Bruxa do Cardo cruzou os braços compridos serenamente. — E porque é seu direito saber.

Spike deu uma risada debochada.

— O quê? Mas você disse que eu não sou... — Ela parou. Não tinha saído um único comentário inteligente de sua boca a noite toda, e ela duvidava de que isso fosse mudar.

— Eles acham que você é humana — disse Spike. — E isso é uma coisa boa.

— Um bando de malucas querem me matar e você acha que é bom? E eu achando que nós éramos amigos.

Spike nem fez a gentileza de sorrir da piada ruim. Ele estava totalmente absorto no planejamento.

— Tem um cavaleiro da Corte Seelie. Ele pode tirar o glamour de você. Vai parecer que a rainha Unseelie queria sacrificar um de nós, o tipo de brincadeira de que muitos acreditariam que ela seria capaz. Vai lhe custar a legitimidade de seu reinado. E, como ela terá aberto mão do acordo, vai significar que fadas como nós continuarão sem vínculo. — Spike respirou fundo. — Nós precisamos da sua ajuda.

Kaye mordeu o lábio superior, raspando os dentes por cima em concentração profunda.

— Estou muito confusa agora. Vocês sabem disso, né?

— Se você nos ajudar, vamos ficar livreeeeees — disse Lutie. — Sete anos livres!

— E qual é a diferença entre a Corte Seelie e a Corte Unseelie?

— Existem muitas, muitas cortes, tanto Seelie quanto Unseelie. Mas é quase sempre verdade que cortes Unseelie são piores e que nobres das duas cortes gostam de sua soberania sobre os plebeus e, ainda mais, sobre as fadas independentes. Nós, sem vínculo com nenhuma corte, estamos à mercê de quem governar a terra à qual estamos ligados.

— E por que vocês não vão embora?

— Alguns de nós não podem, o povo das árvores, por exemplo. Mas, quanto aos outros, para onde iríamos? Outra corte pode ser mais difícil do que essa.

— Por que as fadas independentes trocam a liberdade por sacrifício humano?

— O sacrifício humano é uma demonstração de poder. Mas também é um presente para os súditos. Matar mortais, ao menos os que não foram enganados para concordar com isso, é proibido para

a maioria de nós — explicou Spike. — Nos oferecem um pequeno prazer em troca da nossa boa vontade, em parte para nos agradar e em parte porque é um lembrete de que podem nos forçar à obediência.

— Mas eles não podem simplesmente tomá-los de volta à força, então?

— Não. Eles precisam obedecer ao acordo tanto quanto nós. Estão presos às limitações. Se o sacrifício for anulado, ficamos livres por sete anos. Ninguém pode nos dar ordens.

— Olha, pessoal, vocês sabem que vou ajudar. Eu ajudaria vocês a fazer qualquer coisa.

O sorriso enorme no rosto de Spike afastou toda a preocupação anterior de Kaye sobre seu mau humor. Ele devia estar com medo de ela dizer não. Lutie voou em volta dela com alegria, levantando mechas de seu cabelo e as embaraçando ou trançando; Kaye não sabia bem qual das duas opções.

Ela respirou fundo e, ignorando os movimentos de Lutie, se virou para a Bruxa do Cardo.

— Como aconteceu? Se sou como vocês, como vim morar com... com Ellen? Ela é minha mãe?

A Bruxa do Cardo olhou para o rio, o olhar seguindo os barquinhos de casca de ovo.

— Você sabe o que é uma criança trocada? Antigamente, nós pegávamos coisas, como pedaços de madeira ou fadas à beira da morte encantados para parecerem o bebê roubado, e deixávamos no berço. Raramente abandonamos um de nós, mas, quando o fazemos, a natureza da criança encantada se torna cada vez mais difícil de esconder à medida que ela cresce. No final, todas voltam para o Reino das Fadas.

— Mas por que... não por que voltam, mas por que eu? Por que me deixar?

Spike balançou a cabeça.

— Não sabemos a resposta para isso tanto quanto não sabemos por que nos disseram para te vigiar.

Foi surpreendente para Kaye perceber que poderia haver outra Kaye Fierch, a verdadeira Kaye Fierch, em algum lugar do Reino das Fadas.

— Você disse... com *glamour*. Isso significa que eu não sou assim?

— É um glamour muito poderoso. Alguém o colocou para ficar.

Spike assentiu sabiamente.

— Como eu sou de verdade?

— Bem, você é uma pixie, se isso ajuda. — Spike coçou a cabeça. — Em geral, isso significa verde.

Kaye fechou os olhos com força e balançou a cabeça.

— Como posso me ver?

— Eu não aconselho — disse Spike. — Depois que a magia é retirada, ninguém que conhecemos pode recolocá-la tão bem. Apenas espere até o Samhain, é a data do Tithe. Alguém pode descobrir o que é se você alterar seu rosto.

— Em breve tudo terá acabado de vez e você não terá mais que fingir ser mortal se não quiser — disse Lutie.

— Se o glamour em mim é tão bom, como vocês sabiam o que eu era?

A Bruxa do Cardo sorriu.

— O glamour é ilusão, mas, às vezes, se for bem-feito, pode ser mais do que um mero disfarce. Bolsos fantásticos podem, de fato, conter bugigangas, um guarda-chuva ilusório pode proteger alguém da chuva e ouro mágico pode continuar sendo ouro, pelo menos até que o calor da mão do mago desapareça das moedas. A magia em você é a mais forte que já vi, Kaye. Ela a protege até mesmo do toque do ferro, que queima a pele das fadas. Eu sei que é uma pixie porque te vi quando era bem pequena e vivíamos em terras Seelie. A própria rainha nos pediu para cuidar de você.

— Mas por quê? — Algo na história da Bruxa do Cardo incomodava Kaye. Fez com que ela se perguntasse de quem era o plano que eles estavam executando.

— Quem pode saber os caprichos de rainhas?

— E se eu quisesse remover o glamour? — insistiu Kaye.

A Bruxa do Cardo deu um passo em sua direção.

— As maneiras de remover magia das fadas são muitas. Um trevo de quatro folhas, bagas de sorveira, olhar para si mesma através de uma rocha com um buraco natural. A decisão é sua.

Kaye respirou fundo. Ela precisava pensar.

— Vou voltar para a cama.

— Mais uma coisa — disse a Bruxa do Cardo enquanto Kaye se levantava da margem do riacho e espanava a parte de trás das coxas. — Preste atenção ao aviso de sua casca de ovo quebrada. Você procurou o caos e agora o caos está à sua procura.

— O que isso significa?

A Bruxa do Cardo sorriu.

— O tempo dirá. Sempre o faz.



Kaye parou no gramado da casa da avó. Estava escuro, exceto pela lua prateada, a lua que não parecia parte de uma história agora, apenas uma pedra fria brilhando com o reflexo da luz. Eram as árvores nuas que pareciam vivas, seus ramos retorcidos como flechas afiadas que poderiam perfurar seu coração.

Mesmo assim, ela não podia entrar em casa. Sentou-se na grama úmida de orvalho e arrancou alguns tufo, jogando-os no ar e se sentindo vagamente culpada por isso. Algum gnomo deveria pular da árvore e repreendê-la por torturar o gramado.

Uma pixie. A palavra soava tão... tão *engraçadinha*. Mas ela sorriu com a ideia de ser mágica, de ter asas como Lutie, de ter dedos rápidos como o pobre Gristle.

Mas seu estômago se contraiu quando ela pensou em sua mãe. Sua mãe, cuja cabeça ela havia tirado de privadas, a mãe que as arrastava de apartamento em apartamento e de bar em bar, seguindo algum sonho distante. Sua mãe, que uma vez quebrou um dos íps favoritos de Kaye porque ela estava “cansada de ouvir aquela escrota sem talento”. Sua mãe, que nunca disse que ela era estranha, que sempre a encorajou a pensar por si mesma, que a defendia e nunca, nunca disse que ela era uma mentirosa.

O que sua mãe pensaria se percebesse que a filha não era a garota com quem ela morou por dezesseis anos? Não, o bebê de Ellen foi levado por elfos de dedos ágeis.

Era absurdo demais de pensar.

E se não era Kaye Fierch, garota humana esquisita, então o que era? Sabia que não queriam que ela estragasse os planos para o Halloween, mas, agora, só queria ver como era.

Havia trechos com trevo no gramado.

Inclinando-se sobre a área de trevos marrons meio mortos, ela abriu os dedos e procurou. Eram tantos, mesmo no outono, devia haver um com quatro folhas.

Era um processo lento no escuro, mas nenhum dos trevos que ela pegou tinha mais ou menos do que três folhas. Ela estava ficando desesperada a ponto de rasgar uma das folhas em forma de coração no meio para descobrir se essa coisa mágica era mais simbólica ou literal. Ainda assim, ela não tinha que encontrar, só tinha que tocar...

Ah, que idiotice. Não tinha como dar certo. Mesmo que desse, ainda era idiotice.

Kaye se deitou no chão, torcendo para que nenhum carro estivesse passando àquela hora. Então ela rolou sobre os trevos. A terra estava fria, o orvalho, salpicado de geada. Ela rolou vertiginosamente, os braços acima da cabeça. Ela teve que rir enquanto rolava; a coisa toda era absurda e a estava deixando úmida e com muito, muito frio, mas havia algo no cheiro da terra e no toque da grama que a abalava. A risada saiu de sua boca em rajadas de sopros quentes.

Ela não se sentia mudada, mas se sentia melhor. Estava sorrindo como uma idiota, a ansiedade suavizada pela tolice.

Deitada, Kaye tentou se imaginar como uma fada, toda reluzente, com cabelo sempre soprado pela brisa. A única imagem que conseguiu invocar, no entanto, foi a de um rosto verde-claro que ela pensou ter visto ao sair do banheiro da lanchonete.

Kaye rolou para se levantar e entrar quando percebeu que um pedaço de pele da mão estava solto. Quando o tocou com um dedo hesitante, a pele se desprendeceu como uma queimadura de sol e revelou pele verde. Kaye lambeu o dedo e tentou esfregar o pigmento. Não saiu; a área apenas se espalhou mais. Sua mão tinha gosto de terra.

Kaye parou de se mexer. Estava assustada, muito, morrendo de medo, mas calma também, calma demais. *Controle-se*, ela disse a

si mesma, *você queria ver isso*.

Seus olhos coçaram e ela os esfregou com o nó dos dedos. Algo saiu nos dedos. Parecia uma lente de contato, mas, quando olhou para baixo, viu que, com a fricção, ainda mais pele havia saído das mãos.

Quando ergueu o olhar, parecia que o mundo inteiro tinha ficado mais brilhante, cintilando com luz. As cores dançavam na grama. O marrom das árvores tinha muitos tons, as rugas das sombras profundas como segredos recém-transformados e lindas.

Ela abriu os braços o máximo que pôde. Sentia o cheiro do verde pungente da grama onde pisou ao se levantar. Sentia o odor forte no ar enquanto girava, tomado por escapamento de carro, de folhas amassadas, de fumaça de alguma distante pilha de folhas em chamas. Ela sentia o cheiro do apodrecimento da madeira ressequida, da deterioração das reservas que as formigas empilharam para o inverno. Ouvia o barulho de cupins, o gemido da eletricidade na casa, o farfalhar do vento em milhares de folhas secas como papel.

Ela sentia o gosto de produtos químicos no ar: ferro, fumaça, outras coisas para as quais ela não tinha nome. Deslizavam sobre sua língua em harmonia sombria.

Era demais. Era sufocante. Havia tantas sensações a açoitando, tantas para ela filtrar. Ela não podia entrar em casa assim, mas, agora, ela queria; ela queria se esconder sob seus cobertores e esperar pelo amanhecer misericordioso. Não estava pronta para aquilo; tinha sido um capricho, sua curiosidade.

Spike a avisara. Por que ela nunca ouvia? Por que nunca havia uma ideia ruim da qual ela não gostasse?

Ela deveria voltar agora, voltar para o pântano, confessar tudo e deixar a Bruxa do Cardo explicar o que ela acabara de fazer a si mesma. Kaye se obrigou a respirar algumas vezes rapidamente, sem pensar no gosto. Ela estava bem, melhor do que bem, agora ela era sobrenatural, porra. Só precisava voltar ao pântano e não tocar qualquer parte da própria pele no caminho.

Mas, assim que deu o primeiro passo, ela viu que não podia andar. Estava correndo. Correndo pelos quintais das casas, ouvindo cachorros latindo, as pernas molhadas por causa da grama não

cortada. Correndo, através de um estacionamento quase vazio, onde um menino empurrando carrinhos parou a fim de observá-la, e no terreno atrás, e o fedor doce de lixo, onde ela parou, ofegante, e abraçou as laterais do corpo. Lá estava, o disfarce efêmero das árvores e o riacho que corria por ele.

— Spike! Lutie! — chamou Kaye, assustada com o tom ofegante da própria voz. — Por favor...

Não houve resposta, só silêncio.

Kaye cambaleou colina abaixo, as botas afundando na lama. As cascas de ovo tinham sumido. Havia apenas o fedor de água estagnada. As garrafas quebradas brilhavam como joias dentadas através de seus novos olhos. Ela parou, maravilhada com a beleza.

— Por favor, Lutie, alguém...

Ninguém respondeu.

Kaye se sentou na lama fria. Podia esperar. Teria que esperar.



As folhas sobre ela se moveram e voaram com o vento da manhã quando ela acordou de um sono em que não se lembrava de ter caído. Gotas de água fria bateram em sua bochecha, depois no braço e na pálpebra. Kaye se sentou. Seus olhos estavam pesados, e seus lábios, doloridos e inchados.

A chuva devia tê-la acordado.

Havia um brilho verde na pele de Kaye quando ela virou o braço contra a luz. Seus dedos pareciam muito longos e curvados de um jeito fluido, com uma nova junta, a quarta, enrolando-se como caracóis quando ela fechava o punho. Ela levantou a outra mão, onde a pele tinha se soltado na noite anterior. Por baixo, a pele era esmeralda.

Ninguém aparecera. Outra gota respingou em sua perna nua e ela se levantou de repente. A camisola estava imunda e ela tremia, mesmo sob o suéter.

Contendo as lágrimas, Kaye cruzou os braços ao redor do corpo e começou a andar. Ela não podia voltar para casa; ainda não, não sabendo que não era a garota que devia estar lá, não com a pele

descascando, e assim tornando seu verdadeiro eu impossível de esconder. Mas ela precisava sair da chuva. Pelo menos, Janet não poderia chamá-la de mentirosa daquela vez.

Ela parou em um estacionamento e virou o espelho lateral de um carro em sua direção para poder ver seu perfil. O cabelo parecia emaranhado em uma nuvem de galhos, molhado com orvalho, e ela viu que a pele estava sombreada com o exuberante verde-escuro do musgo. Não uma mancha, mas uma tonalidade, como se um véu verde a cobrisse. Sua orelha estava mais comprida, despontando pelo cabelo até o topo da cabeça. A bochecha, marcada e angulosa, e seu olho, preto, todo preto brilhante, com uma pontinha de pupila branca. Como um olho de pássaro ou uma única conta.

Ela estendeu a mão e tocou o rosto. A pele rasgou facilmente, revelando uma faixa de pele verde-grama.

Sua mão atingiu o espelho, estilhaçando o vidro e surpreendendo-a. Ignorando a dor no pulso e a queimadura úmida de sangue nos dedos, ela saiu correndo.



Corny apertou os olhos. Uma garota com maquiagem verde passou correndo pela rua e foi para baixo da cobertura do posto de gasolina. Ela olhou para a frente, e ele achou que a reconhecia, mas, quando ela chegou mais perto, não teve tanta certeza.

— Eu estava indo até a casa de Janet — disse ela, falando igual a Kaye. — Mas lembrei que ela está na escola.

De perto, a garota não era nada parecida com Kaye. Não era parecida com ninguém. Seus olhos eram pretos como poças de petróleo. Ela era magra demais. Orelhas compridas dividiam o cabelo embaraçado, dos dois lados da cabeça. A pele parecia estar se soltando e mostrando áreas verdes por baixo.

— Kaye? — perguntou Corny.

A garota sorriu para ele, mas o sorriso foi intenso demais. A pele do lábio inferior se abriu.

Ele ficou paralisado, olhando para ela.

Ela passou por ele e entrou no escritório, esticando os dedos que pareciam gravetos. Ele sufocou um choramingo, tentando manter o olhar grudado na máquina de cartão de crédito, nos papéis sujos, no aromatizador de ar, coisas familiares. Ele sentia o cheiro dela, uma combinação estranha de agulhas de pinheiro, musgo e pilhas de folhas. Estava o deixando tonto.

Ela se sentou no chão, em cima de papéis e caixas de pizza.

— O que aconteceu com você?

Kaye esticou a mão e a inclinou de leve na luz.

— Estou doente — respondeu ela. — Estou muito doente.

Ele se agachou ao seu lado. Havia uma luminescência naquela pele, uma espécie de brilho que fazia os olhos da garota cintilarem febrilmente. Havia algo na sua silhueta que era estranho, uma curvatura nos ombros, um volume leve nas costas.

Ele pegou um pedaço de madeira com uma chave pendurada.

— Vamos para o banheiro. A luz lá é melhor e você pode lavar essa porcaria.

Ela se levantou do chão.

— Posso te levar ao hospital — ofereceu ele. Ela não respondeu e ele não insistiu. Sabia que aquilo não era motivo para hospital, só achou que devia dizer.

O banheiro estava imundo. Corny não se lembrava de ninguém fazendo outra coisa além de repor o papel higiênico em todo o tempo que trabalhou ali. Os azulejos, antes brancos, estavam rachados e cinzentos. Mal havia espaço para duas pessoas, mas Kaye se espremeu obedientemente ao lado do vaso e tirou o suéter.

— Tire o resto. Tem alguma coisa nas suas costas.

Ela lhe lançou um olhar crítico e pareceu decidir que ele não ligava ou que quem não ligava era ela. Tirou as botas, botou o suéter de lado e a camisola, até ficar só de calcinha.

Ele fez uma bola com a camisola embaixo da torneira e a encharcou. Usou o tecido para limpar o que ainda restava da pele e do pigmento do cabelo. A pele parecia fina como papel crepom nas costas. Quando ele passou o pano pelo calombo entre os ombros, a pele se abriu.

Um fluido esbranquiçado e ralo escorreu entre as escápulas.

— Ugh! — Corny se afastou.

Kaye olhou para ele e sua expressão dizia que ela não aguentava mais esquisitice. Lógico que era difícil saber se ele estava interpretando direito aqueles olhos estranhos.

— Tudo bem — disse ele, na voz mais tranquilizadora que conseguiu. Do lado de fora, ele ouviu um carro chegar ao posto. Ele o ignorou.

— O que houve? — Havia algo se movendo debaixo da superfície das costas da garota, uma coisa escorregadia e iridescente.

— Espere.

Ele limpou o fluido denso e deixou à mostra uma iridescência com veios brancos até as costas. De repente, uma coisa se soltou e subiu, quase batendo no rosto de Corny antes de cair com um baque úmido nas costas de Kaye.

— Ah, meu Deus — disse Corny. — Você tem asas.

As coisas úmidas se moveram de modo débil.

A visão gerou um arrepio no garoto, apesar do medo. Era de verdade.

— Venha — disse ele. — Minha casa.



*Colina abaixo segui, Os modos dos homens esqueci, Pois os aromas da noite,
inebriantes, úmidos, Despertaram o êxtase em mim.*

— SARA TEASDALE, “AUGUST MOONRISE”, FLAME AND SHADOW

Kaye se sentou com cuidado na ponta do sofá, para que as asas novas ficassem caídas pela beirada e não se esmagassem caso ela se movesse repentinamente ou se encostasse.

Ela vestia uma das saias de Janet e um moletom preto de capuz. Corny tinha pegado uma tesoura e feito cortes nas costas. Sua pele estava tão sensível que ela achou sentir as partículas pairando no ar.

Corny se serviu de um copo de refrigerante.

— Você pode beber refrigerante?

— Acho que sim — respondeu Kaye. — Antes, podia.

Ele colocou um pouco numa caneca e entregou para ela. Ela não bebeu; era da mesma cor da sua pele.

Ela sentia o *cheiro* dos corantes verdes e do gás químico. Sentia o cheiro de Corny, a acidez do suor e o bafo azedo. O ar que ela respirava tinha gosto de cigarro e gato e plástico e ferro de um jeito que ela jamais tinha notado; ela quase sentia ânsia de vômito a cada respiração.

— Está começando a cair a ficha — disse Corny. — Quase consigo olhar pra você sem querer bater a cabeça na parede.

— Não sei bem como explicar. Começou muito tempo atrás. Não sei se me lembro de coisas importantes.

— Recentemente, então. — Corny se sentou no sofá. Ele a encarava com uma mistura de fascinação e repulsa.

— Rolei em uns trevos. — Ela soltou uma gargalhada seca pelo absurdo da afirmação.

— Por quê? — Corny não riu. Estava bem sério.

— Porque a Bruxa do Cardo me disse que era uma das formas de eu me ver como realmente sou. Viu, falei que é ridículo.

— É assim que você é de verdade, então?

Kaye assentiu devagar.

— Acho que sim.

— E essa bruxa do carro? Quem é ela?

— Bruxa do Cardo — corrigiu-o Kaye.

Ela contou para ele. Contou que conhecia seres encantados desde que se lembrava, que Spike se empoleirava no pé da sua cama quando ela era pequena e lhe contava histórias de goblins e gigantes enquanto Lutie voava pelo quarto como uma luzinha noturna maluca. Ela contou que Gristle a ensinou a dar um assobio agudo com uma folha de grama e descreveu a Bruxa do Cardo prevendo o futuro em cascas de ovo. Que os viu quando foi ficando mais velha, quando voltava para a casa da avó nas festas de fim de ano ou nos períodos em que ela e a mãe não tinham para onde ir.

O tempo todo, Corny ficou observando com olhos ávidos.

— Quem sabia sobre esses amigos?

Kaye deu de ombros.

— Minha mãe, minha avó... acho que nem somos parentes de verdade... — Ela parou de repente. Sua voz soou trêmula até para si

mesma e ela respirou fundo. — Todo mundo da minha turma de primeiro ano. Você. Janet.

— Algumas dessas pessoas chegou a ver os seres encantados?

Kaye balançou a cabeça.

Corny voltou o olhar para a parede, a testa franzida em concentração.

— E você não pode chamá-los?

Kaye balançou a cabeça de novo.

— Eles me encontram quando querem, sempre foi assim. Agora, esse é o *problema*. Não posso ficar assim e não sei como refazer o glamour.

— Não tem onde procurar?

— *Não* — respondeu Kaye com veemência. — O pântano era o único lugar, e eu passei a noite toda lá.

— Mas você também é fada. Não tem habilidades?

— Não sei — admitiu Kaye, pensando em Kenny. Não era uma coisa que ela quisesse discutir naquele momento. Sua cabeça já estava doendo o suficiente.

— Você consegue fazer algum feitiço?

— Não sei, não sei, não sei! Você não entende que eu não sei de nada?

— Vamos lá atrás. Entrar na internet.

Eles foram para o quarto de Corny e ele ligou o computador. A tela ficou azul e a imagem do monitor carregou. Era um mago curvado sobre uma mesa de xadrez enquanto as duas rainhas brigavam, uma toda preta e a outra toda branca.

Kaye se deitou nos lençóis bagunçados, a barriga para baixo, as asas para cima.

Corny apertou algumas teclas e seu modem gemeu.

— Bom. F-A-D-A. Vamos ver. Hum. Coisas gays, obviamente. — Ele ainda estava com aquele tom de desafio na voz. — Vamos lá. Crianças alemãs trocadas. Fotos. Poesia de Yeats.

— Ao que parece, sou uma pixie — ofereceu Kaye. — Mas clica na parada das crianças trocadas.

— Interessante.

Ele foi lendo, e ela tentou acompanhar de longe.

— O quê?

— Diz que tem que jogá-las no fogo pra ter seu filho de volta... Isso ou enfiar um atizador quente pela garganta delas.

— Que maravilha. O que mais?

— Pronto. Pixie. Consegue detectar bem e mal, odeia orcs e tem de 30 a 60 centímetros... — Ele começou a rir. — Faz pó mágico.

— Orcs? — perguntou Kaye. Ela mudou de posição, de súbito ciente de que era difícil identificar quais músculos faziam suas asas tremerem. Elas pareciam se mover de forma independente uma da outra, como dois insetos leves pousados em suas costas.

Corny não conseguia parar de rir.

— Pó mágico. Tipo anjos, que fazem pó de anjo. Carteis internacionais de drogas pegam serafins e os sacodem. Os padres varrem as igrejas depois e guardam em sacos ziploc.

Ela riu.

— Você é um babaca, sabia?

— Eu tento — disse ele, ainda rindo.

— Bom, tente “Corte Unseelie”.

Alguns cliques do mouse e ele disse:

— Parece que é onde ficam os bandidos do Reino das Fadas. O que isso tem a ver com você?

— Tem um cavaleiro lá que pode ou não estar querendo me matar. Meus amigos querem que eu finja ser humana porque tem uma coisa chamada Tithe... É complicado.

Corny se empertigou.

— Por que você não me contou?

— Só contei a parte que fazia sentido.

— Certo. — Corny assentiu. — Agora me conte a parte que não faz sentido.

— Eu não entendi direito, mas basicamente há fadas independentes e fadas juradas às cortes. Roiben é uma fada da corte, e eu o conheci na floresta depois de ele ser atingido por uma flecha. Ele é da Corte Unseelie.

— Certo. Eu ainda estou acompanhando, mas por pouco.

— Spike e Lutie-loo me enviaram uma mensagem por uma bolota pra me dizer que ele era perigoso. Ele matou meu outro

amigo, Gristle.

— Uma mensagem por bolota?

— A parte de cima abria. Estava oca por dentro.

— Certo. Lógico.

— Ha-ha. Agora pesquise “Tithe”, tá? Até onde sei, é um sacrifício que faz os feéricos independentes de qualquer corte continuarem fazendo o que as pessoas das cortes mandam. Tenho que fingir ser humana para que eles possam fingir me sacrificar.

Ele digitou a palavra-chave.

— Só estou encontrando coisas de igreja. Tipo “paga dez por cento da sua grana pra eu comprar um ar-condicionado pra minha casinha de cachorro”. Esse sacrifício... é seguro? Você conhece essas pessoas direito?

— Confio totalmente nelas...

— Mas — insistiu Corny.

Ela abriu um sorriso triste.

— Mas elas nunca me *contaram*. Sabiam o tempo todo, mas nada, nem uma dica. — Kaye olhou pensativa para as juntas dos dedos. Por que uma junta a mais os tornava tão horrendos? Mas tornava, e flexioná-los a incomodava.

Corny abriu as mãos e estalou os dedos, como um vilão.

— Me conte a história toda de novo, devagar e desde o começo.



Kaye acordou atordoada, sem saber onde estava. Ela se mexeu até sentir uma forma sólida que gemeu e a empurrou. Corny. Ela estreitou os olhos para ele e os esfregou. Estava escuro no quarto, os únicos raios de luz filtrados pela moldura das pesadas cortinas marrons. Ela ouviu vozes vindas de algum lugar do trailer, por trás do som de risadas gravadas de televisão.

Ela se virou de novo e tentou pegar no sono. A mesa de cabeceira estava em sua linha de visão. Um livro, *Vintage*, um frasco de ibuprofeno, um despertador com chamuscas no mostrador e um cavalo preto de plástico de xadrez.

— Corny — chamou ela, sacudindo o que ela achou que fosse o ombro do corpo. — Acorde. Eu sei o que fazer. Sei o que a gente pode fazer.

Ele afastou a coberta de cima da cabeça.

— Espero que seja coisa boa — gemeu ele embaixo do edredom.

— O kelpie. Eu sei chamar o kelpie.

Ele se descobriu e se sentou, desperto de repente.

— Isso mesmo. É isso mesmo. — Ele saiu da cama, coçou o saco por cima da cueca e se sentou na frente do computador. O protetor de tela sumiu quando ele balançou o mouse.

No corredor, Kaye ouviu a voz de Janet com nitidez, reclamando com a mãe que não ia tirar habilitação se Corny não emprestasse o carro.

— Que horas são? — perguntou Kaye.

Corny olhou para o relógio na tela.

— Passa das cinco.

— Posso usar seu telefone?

Ele assentiu.

— Anda logo. Não dá pra usar quando eu entro na internet. A gente só tem uma linha.

O telefone do quarto de Corny era uma cópia do batfone de emergência, vermelho debaixo de uma cúpula de plástico no tapete. Tinha até uma luzinha que ela achava que podia piscar quando recebia uma ligação. Kaye se sentou de pernas cruzadas no chão, ergueu a cúpula e ligou para casa.

— Alô — atendeu a avó de Kaye.

— Vovó? — Ela passou os dedos sobre os fios sintéticos do tapete em que estava sentada. Seus olhos pousaram nos dedos verdes e compridos dos pés, com esmalte vermelho descascado nas unhas irregulares, sem corte.

— Onde você está?

— Na Janet — respondeu Kaye, balançando os dedos dos pés, tentando se convencer de que pertenciam a ela. Era difícil falar com a avó agora. O único motivo para a mulher aguentar Kaye e Ellen era por serem da família, e todo mundo sempre cuidava das pessoas da família. — Eu só queria avisar onde estou.

— Onde você estava de manhã?

— Eu acordei cedo — disse Kaye. — Tinha que encontrar uns amigos antes de a aula começar. — Era verdade, de certa forma.

— Bom, quando você vem pra casa, então? Ah, e eu tenho dois recados pra você. Joe do Amoco ligou pra falar de um emprego, e espero que você não esteja pensando em trabalhar em um posto de gasolina, e um garoto chamado Kenny ligou duas vezes.

— Duas vezes? — Kaye não pôde evitar se sentir lisonjeada antes de se lembrar de sentir medo.

— É. Você vem jantar em casa?

— Não, vou comer aqui — avisou Kaye. — Tchau, vovó, eu te amo.

— Acho que a sua mãe ia gostar se você viesse comer em casa. Ela quer conversar com você sobre Nova York.

— Eu tenho que desligar. Tchau, vó.

Kaye bateu o telefone antes que a avó pudesse começar outra frase.

— Pode entrar na internet agora — disse ela.

Alguns minutos depois, Corny fez um ruído.

Ela ergueu o olhar.

— Seu plano tem um probleminha.

— E qual não tem? Não, me conta logo, qual é?

— Os kelpies basicamente gostam de afogar gente e então comer a maior parte, menos as vísceras. Você não pode montá-los, blá-blá-blá, eles são a personificação da maldade, blá-blá-blá, sem mencionar que mudam de forma. Ah, sim, dá pra domá-los se você conseguir botar um arreio neles. O que não rola.

— Ah.

— Você já se perguntou se alguns desses sites foram feitos por fadas? Fico pensando se conseguiria encontrar um grupo de discussão ou uma página central se procurasse.

— Então, se a gente não sentar nas costas de um kelpie, tudo bem?

— Hã? Ah... sei lá.

— Bom, existe alguma situação em que ele afoga gente que não montou em suas costas?

— Não, mas as coisas que estou encontrando não são tão abrangentes.

— Eu vou tentar. Vou falar com aquele kelpie.

Ele ergueu o rosto do computador.

— Você não vai sem mim.

— Tudo bem — concordou Kaye. — Só achei que poderia ser perigoso.

— Isso é pra valer — disse ele, a voz baixa —, e eu não quero perder nem um segundo. Nem pense em fugir.

Ela levantou as duas mãos num gesto expresso de rendição.

— Quero que você vá comigo. De verdade, tá?

— Eu não quero acordar em algum lugar com a memória ferrada e sem ninguém acreditar em mim. Entendeu? — O rosto de Corny estava corado.

— Vamos, Corny, sua mãe ou Janet vão acabar te ouvindo e entrar aqui. Eu não vou te deixar pra trás.

Kaye o viu se acalmar um pouco, pensando que devia parar de tentar adivinhar o que ia acontecer em seguida. Afinal, quando se está num lugar escorregadio no que diz respeito à realidade, não dá para supor que as coisas seriam diretas a partir dali.



O metal do carro a fez se sentir pesada e sonolenta e enjoada, assim como envenenamento por monóxido de carbono afetava as pessoas antes de matá-las. Kaye encostou a bochecha no vidro frio da janela. Sua garganta estava seca e a cabeça latejava. Tinha a ver com o ar do carro, que parecia queimar seus pulmões conforme ela respirava. Era um trajeto curto e Kaye ficou grata por isso e praticamente caiu pela porta quando Corny a abriu para ela.

À luz do dia, era mais fácil ver as fileiras de casas atrás das árvores, e Kaye se perguntou como pôde parecer uma floresta quando ela passou por ali na noite que encontrou Roiben. Quando chegaram ao riacho, estava cheio de lixo. Corny se inclinou e tirou terra de uma garrafa marrom que não parecia ser de cerveja.

Parecia do tipo que guardaria um tônico capilar de óleo de serpente de algum vendedor ou algo assim.

— Frasco de vaselina — explicou ele. — Algumas dessas coisas são muito velhas. Aposto que você poderia vender alguns desses. — Ele empurrou outro frasco com o pé. — Como a gente chama essa coisa?

Kaye pegou uma folha marrom.

— Você tem alguma coisa afiada?

Ele enfiou a mão no bolso de trás, tirou um canivete e o abriu com um movimento ágil do polegar.

— Só lembre o que o site dizia: nada de subir nas costas da criatura, de jeito nenhum, sob hipótese alguma.

— Eu vi a página, tá? Não precisa ficar me lembrando. Kelpie é igual a cavalo da água malvado que afoga gente por diversão. Eu entendi.

— Bom, só pra você ter certeza.

Ele deixou que ela pegasse o canivete. Ela enfiou a ponta no polegar. Um ponto vermelho de sangue surgiu e ela o espalhou na folha.

— E agora? — perguntou ele, parecendo mal ter fôlego para falar.

Ela jogou a folha no riacho com o lado do sangue para baixo, como tinha feito com Roiben.

— Eu sou Kaye — disse ela, tentando lembrar as palavras. — Não sou de corte alguma, mas preciso da sua ajuda. Por favor, me escute.

Houve um longo momento de silêncio depois disso. Ela viu Corny começar a se convencer de que nada iria acontecer e ficou dividida entre o desejo de sua ideia funcionar e o medo de que acontecesse.

Um momento depois, não houve mais dúvida quando um cavalo preto surgiu da água.

Com a nova visão de Kaye, a criatura parecia diferente. A cor não era tão preta, mas de um esmeralda-escuro. E os olhos nacarados brilhavam como pérolas. Ainda assim, quando olhou para Kaye, foi impossível não lembrar da pesquisa que Corny tinha feito. Era bem assustador.

O kelpie se dirigiu para a margem e balançou a grande crina, jogando gotículas brilhantes de água do pântano em Kaye e Corny. Ela levantou as mãos, mas não adiantou muito.

— O que você procura? — falou o cavalo, a voz suave, mas grave.

Kaye inspirou fundo e soltou o ar devagar.

— Eu preciso saber como usar um glamour em mim mesma e como controlar minha magia. Você pode me ensinar?

— O que me dará em troca, menina-criança?

— O que você quer?

— Talvez que aquele ali monte nas minhas costas. Eu te ensinaria se você o deixasse cavalgar comigo.

Corny olhou para ela com uma expressão significativa.

— Para você poder matá-lo? De jeito nenhum.

— Fico pensando na morte, eu que talvez nunca a conheça. Parece um êxtase, o jeito como eles abrem a boca quando se afogam, o jeito como os dedos afundam na sua pele. Os olhos ficam arregalados e surpresos, e eles se debatem em seu abraço como se tomados de paixão.

Kaye balançou a cabeça, horrorizada.

— Você não pode me culpar. É minha natureza. E já é assim há muito tempo — disse o cavalo.

— Não vou te ajudar a matar pessoas.

— Pode haver alguma outra coisa que seja tentadora para mim, mas não consigo pensar o quê. Vou te dar a oportunidade de sonhar com algo.

Kaye suspirou.

— Você sabe onde me encontrar.

Com isso, o kelpie mergulhou de volta na água.

Corny estava atordoado, sentado na margem.

— Isso foi apavorante.

Kaye assentiu.

— Você vai tentar encontrar alguma coisa que ele queira?

Kaye assentiu de novo.

— Vou.

— Não sei o que acho disso.

— Você leu o site. Sabia que ia ser assim. *Você me avisou.*

— É. Mas é diferente ver... ouvir.

— Quer ir embora?

— Porra, não.

— Alguma ideia de o que ele pode querer e que não ande com dois pés e sangue?

— Bom — respondeu ele, depois de pensar um momento —, na verdade, tem um monte de gente que eu não me importaria de dar para aquela coisa comer.

Ela riu.

— Não, sério — disse ele.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que tem um monte de gente que eu não me importaria de ver afogada. É, sério. Acho que devíamos fazer isso.

Kaye o encarou. Ele não parecia particularmente abalado pelo que tinha acabado de propor.

— De jeito nenhum — disse ela.

Corny deu de ombros.

— O namorado da Janet, por exemplo. Que babaca.

— O Kenny? — Kaye arquejou. — Pense em algo que não pessoas e que possamos oferecer.

— Aveia? — disse ele vagamente. — Uma caixa enorme de aveia instantânea? Assinatura do *Diário Equestre*? Feno, muito feno?

— A gente não vai mandar ninguém pra morte, então desiste, tá?

Kaye apostava que o nome de Roiben seria um preço justo. Afinal, essa coisa não devia fazer parte de nenhuma corte, por estar preso àquele riacho. Ela apostava que o nome poderia ser contado como um preço justo. E não mudaria o fato de que ela também sabia o nome.

Seria uma boa vingança por ele ter matado Gristle.

Mas ela imaginou que o kelpie apenas o mandaria levar pessoas para ele afogar. E, lógico, o cavaleiro fada obedeceria.

O que mais havia para barganhar, de que um kelpie gostaria?

Ela pensou nas bonecas no quarto, mas só conseguia visualizar uma garotinha seguindo a trilha de brinquedos até a margem do riacho. A mesma coisa com qualquer instrumento musical. Ela tinha

que pensar em alguma coisa que o kelpie pudesse apreciar sozinho... Roupas? Comida?

De repente, ela pensou em algo... Companhia. Alguma companhia que nunca se afogasse. Algo com que ele pudesse falar e que pudesse admirar. O cavalo do carrossel.

— Ah, Corny — disse Kaye. — Já sei a coisa perfeita.

Voltar para o carro era a última coisa que Kaye queria fazer, mas ela o fez, sentou no banco de trás e botou a camiseta sobre a boca como se o tecido pudesse filtrar o ferro do ar.

— Você sabe aonde vai, né? — perguntou ela, imaginando se ele conseguia entender as palavras abafadas pelo pano.

— Sei.

Ela deitou a cabeça no assento de plástico. Uma das asas tremeu no limite do seu campo de visão e a membrana fina refletiu arco-íris luminosos na perna de Kaye. Tudo se resumiu a esses arco-íris. Não havia Corny no banco da frente, nem música barulhenta no rádio, nem carros passando, nem casas, nem shoppings, nada real para a proteger dos desenhos cintilantes nas suas coxas cor de grama.

Não havia palavras para o que ela sentia, nem sons, nada. Não havia palavras para o que ela era, nenhuma explicação que afastasse a escuridão hipnótica e cega. Ela sentiu a tontura ameaçar tomar conta de si.

— Você pode abrir a janela, por favor? — pediu ela. — Não consigo respirar.

— O que tem de errado com a sua?

Ela se agachou na beira do assento e estendeu as mãos até a parte da frente, as palmas para cima, como se em súplica.

— Cada vez que eu toco na maçaneta, eu me queimo, olha. — Ela mostrou a mão para ele, para que visse a parte avermelhada. Seus dedos se moveram. — É da maçaneta da porta.

— Merda. — Corny inspirou fundo. E abriu a janela.

O sal no ar limpou sua garganta com cada lufada da janela aberta, mas não foi o suficiente para combater a náusea crescente.

— Tenho que sair deste carro.

— A gente está quase lá. — Corny parou num sinal vermelho.

Corny estacionou em frente ao prédio grande. O céu nublado deixava a parte externa da construção ainda mais dilapidada.

— Você está bem? — perguntou Corny e se virou para encará-la no banco de trás.

Kaye balançou a cabeça. Ela iria vomitar ali, em cima das latas vazias de refrigerante e das caixas de lanches amassadas. Ela botou a mão no bolso do moletom e abriu a porta.

— Kaye!

Ela meio caiu e meio rastejou pelo asfalto do estacionamento e foi até a beirada da grama antes de passar mal. Não tinha muita coisa no estômago, e a maioria do que ela botou para fora foi bile e saliva.

— Meu Deus! — Corny se agachou ao lado dela.

— Eu estou bem — disse Kaye, se levantando, tonta. — É que tem muito metal.

Ele assentiu, olhou para o carro e olhou em volta com ceticismo.

— Acho que a gente devia esquecer isso.

Kaye respirou fundo.

— Não. Venha.

Ela correu pela parte dos fundos e refez o caminho que tinha feito com Janet.

— Me dá a sua jaqueta — disse ela. — Tem vidro.

Tudo ficava diferente à luz do dia.

Eles subiram a escada e lá estava, mais maltratado agora, depois de uma boa olhada, mas ainda lindo. O creme dos flancos mais próximo do marrom, e as partes douradas pareciam quase todas descascadas. Os lábios estavam entalhados no que lembrava uma expressão de desprezo, e Kaye sorriu ao perceber.

Juntos, eles arrastaram o cavalo pelo piso até a escada. Corny foi primeiro, levando a maior parte do peso conforme descia um degrau atrás do outro. Quase não passou.

No andar de baixo, Kaye pulou a janela e Corny empurrou o cavalo do carrossel pela abertura.

Do lado de fora, Corny começou a entrar em pânico. Não tinha como aquilo caber no banco de trás do carro. Pior, o porta-malas estava cheio de caixas de livros usados e ferramentas.

— Alguém vai nos ver! — disse ele.

— Nós temos que encontrar um jeito de prender no teto.

— Porra! Porra! Porra! — Corny remexeu no porta-malas e encontrou uma única corda elástica, dois sacos plásticos e barbante.

— Esse barbante é fino demais — argumentou Kaye com ceticismo.

Corny o enrolou no pescoço da criatura de madeira e passou por dentro do carro.

— Pega o outro lado. Rápido.

Ele jogou o barbante, e ela o passou por cima do cavalo e atirou de volta para ele. Corny o amarrou.

— Tudo bem. Está bom. Vamos.

Corny embarcou pelo lado do motorista e Kaye contornou o carro e entrou, enrolando a jaqueta de Corny na mão para fechar a porta. Ele saiu dirigindo, o pé tão fundo no acelerador que chegou a cantar pneu.

Kaye tinha certeza de que a polícia apareceria atrás deles ou que o cavalo iria sair voando na rua e bater em outro carro. Mas eles chegaram sãos e salvos.

Eles estacionaram, levaram o cavalo de carrossel para a floresta e até o riacho.

— Espero que aquela coisa goste disso. Vou ter farpas na mão por uma semana — reclamou Corny.

— Ele vai gostar.

— E eu vou ter que desamassar o capô do carro no centro.

— Eu sei.

— Só estou falando. Espero que aquela coisa goste.

— Vai gostar — repetiu Kaye.

Eles apoiaram o cavalo sem pernas na margem lamacenta, de forma a ficar meio de pé sem que precisassem segurá-lo. Kaye procurou outra folha e Corny pegou o canivete no bolso sem ela ter de pedir.

— Tudo bem. Só vou tirar a casquinha.

Ele fez uma careta, mas não disse nada.

— Kelpie — disse Kaye, largando a folha na água. — Eu tenho uma coisa de que você pode gostar.

O cavalo emergiu das profundezas e olhou para o cavalo quebrado de carrossel com os olhos luminosos e nada humanos.

Relinchando, ele foi até a margem.

— Não tem pernas — constatou o kelpie.

— É lindo mesmo assim — argumentou Kaye.

O kelpie circulou o objeto de madeira e farejou com aprovação.

— Mais, eu acho. Coisas danificadas são sempre mais bonitas. É a falha que realça a beleza.

Kaye sorriu. Tinha conseguido. Tinha mesmo.

— Então você vai me ensinar?

A criatura olhou para Kaye e *mudou*, e onde estava o cavalo agora havia um jovem nu e ainda pingando, o cabelo cheio de plantas. Olhou de Kaye para Corny.

— A ela vou ensinar, mas você precisa fazer por merecer se quiser que eu também te ensine. Venha se sentar perto de mim.

— Nada vale isso — disse Kaye.

O homem-kelpie sorriu, mas seus olhos estavam em Corny enquanto ele passava o dedo no peito. A respiração de Corny ficou ofegante.

— Não — disse Corny, tão baixinho que foi difícil ouvir sua voz.

A criatura se transformou novamente, a energia sinuosa espiralando até Kaye estar olhando para si mesma.

— Está pronta para começar, então? — perguntou o kelpie com a voz de Kaye, com a boca de Kaye. E o sorriso, nem um pouco o de Kaye, se curvou maliciosamente. — Eu tenho muito pra te ensinar. E o garoto faria bem em ouvir. Magia não é jurisdição única das fadas.

— Pensei que você tivesse dito que ele tinha que fazer por merecer.

— O medo do rapaz vale alguma coisa, por enquanto. Eu posso tão pouco. — O kelpie a encarava com olhos pretos que eram os dela, e ela observou aqueles lábios, tão parecidos com os seus, sussurrarem: — Tem tanto tempo que não sei o que é caçar.

— Por quê? — perguntou Kaye, sem se conter.

— Nós, que não somos os governantes, devemos obedecer aos que são. Os mortais são um deleite para a nobreza, e não para gente como você e eu. A menos, é lógico, que eles queiram.

Kaye assentiu, refletindo sobre a questão.

— Você sabe como é construir energia mágica? — perguntou o kelpie. — É uma sensação de formigamento. Coloque a mão em concha e concentre-se em acumular a energia no interior. Qual é a sensação?

Kaye colocou a mão em concha e imaginou o ar ali dentro denso e brilhante com energia. Depois de um momento, ela ergueu o rosto, surpresa.

— É a sensação de quando a mão fica dormente e a gente a move. De formigamento, como você disse, como se houvesse pequenos choques de energia passando por ela. Dói um pouco.

— Mova a energia para a frente e para trás entre as mãos. Assim, você sente a magia em seu estado bruto, pronta para se tornar o que você quiser.

Kaye assentiu, aninhando a energia que parecia um punhado de urtigas, deixando um pouco escorrer pelos dedos abertos. Era uma sensação da qual ela lembrava, às vezes se enrolando em seu âmago ou formigando nos lábios, antes que alguma coisa estranha acontecesse.

— Agora, como você conseguiu aumentar a energia? O que você fez?

Kaye balançou rápido a cabeça.

— Não sei... Eu só a visualizei e olhei para a mão.

— Você visualizou. Esse é o mais fácil dos sentidos. Agora, você precisa aprender a ouvi-la, cheirá-la, prová-la. Só então sua magia se tornará real. E tenha cuidado; às vezes um simples glamour pode ser visto pelo canto do olho de outro alguém. — A criatura piscou.

Kaye concordou com a cabeça.

— Quando se faz magia, existem dois estágios: foco e entrega. A entrega é a parte que muitos não entendem.

“Para fazer magia, você deve se concentrar no que deseja fazer e, em seguida, liberar a energia e confiar que ela vá cumprir suas ordens.

“Feche os olhos. Agora, imagine a energia ao seu redor. Imagine, por exemplo, um anel em um dos seus dedos. Adicione detalhes a ele. Imagine o ouro do aro, depois imagine a pedra

preciosa, sua cor, sua nitidez, como vai refletir a luz... Isso mesmo. Exatamente assim.”

Os olhos dela se abriram quando Corny ofegou.

— Kaye! Tem mesmo um anel. Um anel real e imaginário. Estou vendo.

Kaye abriu os olhos e lá estava, no dedo indicador, exatamente como ela havia imaginado, a prata esculpida na forma de uma menina e a esmeralda cintilante na boca aberta. Ela o virou contra a luz, mas, mesmo sabendo que o havia criado por magia, o anel era sólido como uma pedra.

— E quanto a desfazer... as coisas? — perguntou Kaye.

O kelpie inclinou a cabeça para trás e riu, os dentes brancos brilhando mesmo na penumbra.

— O que você fez?

— Encantei uma pessoa pra... gostar de mim — disse Kaye em voz baixa. Corny olhou para ela, surpreso e um pouco irritado. Com certeza não estava feliz por haver outra parte da história que ela tinha deixado de fora.

O kelpie sorriu e estalou a língua.

— Você precisa remover o encantamento da mesma forma que tiraria um glamour. Sinta a teia da sua magia, alcance-a e rasgue-a. Pratique com o anel.

Kaye se concentrou, deixando a energia girar ao seu redor, sentindo-a correr pelo corpo. Parecia diminuir e aumentar a cada batida do coração.



Eles estavam voltando quando Kaye apontou para a colina.

— Olhe aquelas luzes. Queria saber quem está lá.

— Não vejo nada. — Ele olhou para ela atentamente pelo espelho retrovisor. — Você está vendo luzes mágicas?

Cemetery Hill era uma colina com um aclave acentuado na lateral com uma vista da rodovia. Aquele lado não tinha túmulos nem covas e, no inverno, as crianças andavam animadas de trenó, empilhando luvas e lenços sobressalentes nos monumentos. Um

mausoléu esquecido e não terminado ficava no outro canto. Com dois níveis, mas sem telhado, o topo estava coberto de pequenas árvores e vinhas. Havia dezenas e dezenas de monumentos, tumbas e lápides erguidas no entorno. Luzinhas brilhantes corriam pelo ar.

— Será que é onde fica a Corte Unseelie? — perguntou ela suavemente, pensando em como Lutie-loo havia descrito.

— Vamos dar uma olhada.

Ele entrou no cemitério.

Eles estacionaram ao lado do caminho de pedras quebradas. Ela olhou pelo para-brisa traseiro, para as luzes, enquanto esperava Corny dar a volta e abrir a porta dela.

— São fadas, definitivamente — disse Kaye.

— Não consigo ver nada. — Havia uma pontada de pânico na voz de Corny.

Kaye seguiu as luzes, viu-as piscar e ficarem, distantes apenas o suficiente para que ela não pudesse vê-las com nitidez. Ela acelerou o passo. Estavam tão perto que ela poderia simplesmente pegar uma no ar...

— Kaye! — chamou Corny, e ela se virou. — Não me deixa pra trás, porra.

— Não estou te deixando! Estou tentando pegar uma dessas coisas.

De repente, houve uma explosão inesperada de vaga-lumes, entrando e saindo das árvores. Devia ser bem mais de meia-noite e fora de época para os vaga-lumes, o frio do outono e a chuva recente endurecendo a grama sob os pés de Kaye e Corny com gelo. Mas os insetos voavam ao seu redor, cada um piscando por um longo momento, depois sumindo e piscando novamente. Kaye olhou para eles com atenção. Eram criaturinhas aladas, ainda menores do que aquelas que ela tentara pegar. Uma voou para perto e mostrou os dentes.

Kaye soltou um grito.

— O quê? — perguntou Corny.

— Não são insetos... são fadas minúsculas e horrendas.

Ele largou a mão de Kaye e tentou agarrar um às cegas. A criaturinha disparou para longe.

— Não consigo ver nada. Essas são as coisas... o que você viu da estrada?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Aquelas luzes eram maiores.

Ele se agachou, a respiração saindo dos lábios em baforadas de vapor branco.

— Você as vê agora?

Ela fez que não.

— Lutie disse qualquer coisa sobre a entrada para a Corte Unseelie ficar em um trecho de grama seca, mas praticamente toda a colina está coberta com grama marrom.

— Talvez o pedaço de grama esteja sem grama agora.

Kaye se ajoelhou ao lado de Corny e encostou a orelha no chão. Havia uma música fraca.

— Escute. Você consegue ouvir.

Ele se aproximou de Kaye e também encostou a orelha no chão.

— Música — disse ele. — Parecem flautas.

— É lindo — disse Kaye, um sorriso surgindo no rosto antes de lembrar que não era um bom lugar aquele onde tentavam entrar.

— Vamos dar uma volta ao redor da colina. Vamos os dois procurar um trecho que pareça estranho. — Corny se levantou e esperou que ela comesse a andar.

O cemitério parecia estranhamente silencioso. A Lua estava, no mínimo, mais cheia e mais gorda do que quando ela a vira pela última vez. Não parecia natural; parecia inchada no céu, e ela pensou novamente no Sol sangrando até a morte enquanto a Lua crescia tumescente com luz devorada.

As lápides de granito mais novas pareciam polidas até um brilho artificial de espelho que refletiu tanto ela quanto Corny ao passarem. As mais antigas eram de um mármore claro e leitoso, com manchas de grama e sujeira banhadas pelo luar. Pálidas como o cabelo de Roiben.

— Ei, o que é isso? — Corny apontou para um pedaço de grama que exibia um tom diferente de marrom.

Ajoelhando-se perto daquele trecho, Corny puxou um canto como se fosse um pedaço de lona. Ele se inclinou.

— Eu devia entrar sozinha.

— Você disse que não me deixaria para trás — lembrou Corny.

— Não deve ser seguro *nem* pra mim. Volto assim que puder. —

Kaye se esgueirou para a entrada. — Prometo.

A música parecia mais alta agora, flautas e risadas crescendo na noite tranquila. Kaye ouviu Corny dizer “Você disse que não me deixaria” enquanto seguia a música no interior.



Ouvindo o grilo aprisionado Agitar sua terrível música Dissimulada na colina de granito

— LOUISE BOGAN, "MEN LOVED WHOLLY BEYOND WISDOM"

la deslizou para dentro da colina oca.
E O próprio ar parecia carregado de doçura, e respirar era desorientador.
Havia mesas compridas e baixas, cheias de peras douradas, castanhas, tigelas de pão embebido em leite amanteigado, romãs rasgadas ao meio duas vezes, pétalas de violeta em travessas de cristal e todos os tipos de estranhas iguarias. Grandes cálices de prata pareciam sapos nas mesas, de pé e virados na mesma proporção. Fadas idosas vestidas de escarlate passavam por homens em trapos rasgados, e cortesãos dançavam com velhotas.

Os foliões saltitavam e cantavam, bebiam e desmaiavam. Os trajes eram variados e completamente diferentes de roupas medievais. Pareciam mais com uma bizarra alta-costura orgânica. Havia golas altas como grandes nadadeiras. Roupas compostas inteiramente de pétalas ou folhas. Bordas irregulares finalizavam vestidos lindos. Feios, estranhos ou adoráveis como a Lua, nenhum era simples.

— A Corte Unseelie — disse Kaye em voz alta. Ela esperava outra coisa, uma caverna, talvez, cheia de ossos humanos roídos e fadas aprisionadas. Algo simples. Ao olhar para a multidão de foliões, não soube o que pensar.

O salão em si era enorme, tão grande que ela não tinha certeza do que havia do outro lado. O que parecia ser um gigante estava curvado perto de uma plataforma. Cada passo parecia empurrá-la em uma nova direção, cheia de esplendores. Um violinista tocava um instrumento improvável, com vários braços e tantas cordas que ele movia o arco por eles freneticamente, como uma serra. Uma mulher de nariz comprido com sardas e orelhas como as de um chagal fazia malabarismo com pinhas. Três homens de cabelo ruivo e fileiras duplas de dentes de tubarão mergulharam os chapéus em uma pilha de carne crua, encharcando-os de sangue. Uma criatura enorme com asas de morcego e membros parecendo varas, sentado em uma mesa, lambia creme de uma amassada tigela de cobre. Ela sibilou quando Kaye passou.

Acima de todos, o teto abobadado tinha afrescos com raízes pendentes.

Kaye pegou um cálice de uma mesa. Era decorado e muito pesado, mas parecia limpo. Serviu ali um líquido ralo e avermelhado da jarra de prata no centro da mesa. Pequenas sementes flutuavam na superfície, mas a bebida tinha um cheiro agradável e não totalmente estranho, então ela tomou um gole. Era doce e amargo ao mesmo tempo e subiu à sua cabeça de tal forma que, por um momento, ela foi obrigada a se segurar na mesa para se equilibrar.

Ela pegou uma maçã prateada de uma pilha de frutas estranhas e espinhosas, virou-a na mão e a mordeu com cuidado. Era carmesim por dentro e tinha gosto de mel aguado. Era tão boa que ela comeu com miolo e tudo, chegando até a lamber a mão para

não desperdiçar o sumo. A que ela comeu em seguida estava marrom e com aparência podre quando ela a mordeu, mas a polpa, embora arenosa, tinha gosto de um licor doce e ardente.

Ela sentiu uma euforia contagiosa invadi-la. Ali, nada do que ela fizesse era estranho. Poderia girar e dançar e cantar.

De repente, ela percebeu o quanto tinha se embrenhado na multidão. Tinha sido virada tantas vezes que nem sabia mais em que direção ficava o caminho de volta.

Kaye tentou deliberadamente refazer seus passos. Três mulheres passaram por ela, os vestidos de prata com uma cauda como névoa fina. O decote baixo dos vestidos idênticos deixava à mostra as costas magras das mulheres. Ela olhou novamente, mas as costas côncavas eram lisas e vazias como tigelas. Ela se forçou a continuar andando. Um homem baixo (um anão?) com intrincados braceletes de prata e cachos pretos na altura dos ombros a encarou enquanto mordida um damasco.

Cada momento se tornava mais surreal.

Um menino alado saltitou até ela, sorrindo.

— Você tem cheiro de ferro — disse ele, e estendeu o dedo para cutucar a lateral do corpo dela.

Kaye fugiu do toque e ouviu um coro de risadas. Seus olhos focaram no verde-pálido gafanhoto das asas de inseto presas às costas do menino.

Ela abriu caminho na multidão, passando por dançarinos entrelaçados pulando em círculos complexos, passando por um punho com garras que se fechou em seu tornozelo por baixo do pesado tecido escarlata que cobria uma das mesas, passando pelo que parecia ser um depravado jogo de xadrez vivo.

Um sátiro com barba encaracolada e chifres de marfim estava curvado, rasgando cuidadosamente a asa de uma fadinha presa em sua mão grande. A coisa guinchou, batendo a outra asa com a rapidez de um beija-flor contra os dedos que a seguravam. Sangue verde-pálido pingou na mão do homem-bode. Kaye parou, atordoada e nauseada ao ver o sátiro jogar a criaturinha no ar. Ela voou em círculos desesperados e caiu em espiral no chão de terra.

Antes que Kaye pudesse se aproximar e pegá-la, o homem pisou no chão e esmagou a fada, que virou poeira.

Kaye recuou, empurrando fadas em sua pressa de fugir. Ziguezagueando pela multidão, ela pensou em como fora tola de ir até ali. Aquela era a Corte Unseelie. Era o pior do Reino das Fadas, com as criaturas que vieram com as piores das intenções.

Três homens de fraques verdes cintilantes, os braços e pernas longos e magros como cabos de vassouras, empurravam um garoto de olhos de corça com pernas de gafanhoto. Ele se agachou com cautela, como se fosse pular, mas, a cada vez, recebia um aperto ou empurrão para o qual não estava preparado.

— Deixem-no em paz — disse Kaye, aproximando-se. O garoto a lembrava demais Gristle, e ela não conseguia só observar.

Os homens se viraram para encará-la, todos idênticos. O garoto tentou sair do meio deles, mas um dos homens magros enganchou o braço em volta do pescoço do menino.

— O que é isso? — perguntou um homem magro.

— Troco alguma coisa por ele — disse Kaye impulsivamente.

Um dos homens deu uma risadinha e o outro puxou uma pequena faca com cabo de marfim e lâmina de metal que fedia a ferro puro. O terceiro enfiou a mão no cabelo do garoto, virando sua cabeça para trás.

— Não! — gritou Kaye quando a adaga de ferro atingiu o olho esquerdo do garoto. O globo ocular estourou como uma uva, e um líquido pálido e sangue escorreram pelo rosto enquanto ele gritava. A pele chiou onde o ferro a tocou.

— Muito melhor com plateia — disse um dos homens magros.

Kaye cambaleou para trás, esticou a mão para uma mesa próxima e só encontrou um cálice. Ela o ergueu como uma pequena clava.

Um homem magro passou a lâmina de ferro na pele da bochecha do garoto, descendo até o pescoço enquanto este tremia e gritava, o único olho bom se revirando fracamente em sua cabeça. O ferro deixou uma fina linha vermelha em seu encaço, a pele borbulhando em vergões brancos.

— Vai salvá-lo, boneca? — disse outro dos homens magros para Kaye.

As mãos de Kaye tremiam e o cálice parecia apenas uma coisa pesada que ela estava segurando; não era uma arma.

— Não vamos matá-lo — disse o homem que segurava o cabelo do menino.

— Estamos só o amaciando um pouco — acrescentou o com a faca em punho.

A fúria cresceu dentro dela. O cálice voou de sua mão e atingiu o ombro do homem com a faca, manchando seu casaco com gotas de vinho, antes de cair inutilmente no chão de terra, onde ficou rolando em círculos.

Um dos homens riu e outro avançou para ela. Kaye se abaixou no meio da multidão, empurrando para o lado uma mulher pequena a fim de passar furtivamente.

Ela parou subitamente. Meio escondido por três criaturas com pele de sapo curvadas sobre um jogo de dados estava Corny.

Estava sentado com as costas apoiadas em uma mesa virada, um cálice na mão. Ele se balançava para a frente e para trás, com os olhos fechados. Uma poça de vinho encharcava sua calça, mas ele não parecia se importar.

Os foliões se espremiavam ao seu redor, e ela se esgueirou por baixo da mesa.

— Corny? — disse Kaye, respirando com dificuldade.

Corny estava bem na frente dela, mas parecia não a ver.

Ela o sacudiu.

Ele percebeu e finalmente ergueu os olhos. Parecia bêbado, ou pior que bêbado. Como se estivesse bêbado havia anos.

— Eu te conheço — disse Corny com voz rouca.

— Sou eu, Kaye.

— Kaye?

— O que você está fazendo aqui?

— Disseram que não era pra mim.

— O que não era pra você?

A mão com o cálice se mexeu de leve.

— O vinho?

— Não era pra mim. Então eu bebi. Quero tudo que não é pra mim.

— O que aconteceu com você?

— Isso — respondeu ele, e torceu a boca em um arremedo de sorriso.

— Eu o vi.

Ela olhou rapidamente para a multidão.

— Quem?

Corny apontou para uma plataforma, onde fadas altas e pálidas conversavam e bebiam em taças de prata.

— Seu garoto. Robin do cabelo branco. Pelo menos, acho que era.

— O que ele estava fazendo?

Corny balançou a cabeça. Parecia pender de seu pescoço.

— Você vai vomitar? — perguntou ela.

Ele olhou para o rosto dela e sorriu.

— Eu estou enjoado.

Ele começou a cantar “King of Pain”, baixinho e desafinado. Seus olhos pareciam focados no nada, e ele sorria um pouco, uma das mãos brincando preguiçosamente com um botão da camisa. Parecia que tentava fechá-lo.

— Vou procurá-lo — disse Kaye.

Ela olhou para Corny, que estava murmurando e passando o dedo no interior do cálice para depois levá-lo aos lábios.

— Me espera aqui, tá? Não vá a lugar nenhum.

Corny não respondeu, mas ela duvidava que ele pudesse ficar de pé. Parecia bêbado demais.

Kaye voltou a se embrenhar na multidão, ziguezagueando na direção para onde Corny tinha apontado.

Uma mulher com grossas tranças de cabelo vermelho estava sentada em um trono alto de madeira, as beiradas em forma de picos e torres desgastadas. Estava todo perfurado por buracos de cupins, dando-lhe a aparência de uma treliça. A seus pés, goblins brincavam.

Roiben andou até o trono e se apoiou em um joelho.

Kaye precisava se aproximar. Ela não conseguia ver. Então percebeu que havia uma pequena reentrância na parede, onde poderia se esconder, perto o suficiente para observar o que iria acontecer. Ela assistiria a tudo e encontraria uma maneira de fazer com que ele se arrependesse do que fizera com Gristle.



Rath Roiben Rye atravessou a multidão, passando por uma mesa onde uma fadinha se contorcia no abraço de um ogro, talvez de prazer, talvez de pavor. Seu antigo eu teria parado, com certeza. Estava com a lâmina de prata no quadril, mas sua Senhora o esperava, e ele tinha aprendido a ser um bom servo e, por isso, passou direto.

Lady Nicnevin, Rainha da Corte Unseelie, estava com seus cortesãos reunidos em volta. O cabelo vinho esvoaçava ao redor de um rosto branco com olhos de safira, e ele se viu mais uma vez paralisado pela beleza fria. Quatro goblins brincavam à sua frente. Um lhe puxou a saia, como uma criança. Rath Roiben Rye caiu de joelhos e abaixou a cabeça, de modo que seu cabelo metálico se amontoasse no chão. Ele beijou a terra na frente da monarca.

Não queria estar ali naquela noite. Seu peito ainda doía, e ele não queria nada mais do que se deitar e fechar os olhos. Mas, quando os fechava, só via o rosto da garota humana, cheio de choque e horror quando ele a jogou no chão sujo de uma lanchonete.

— Pode se levantar — disse a Senhora. — Aproxime-se. Tenho uma tarefa para você.

— Sou todo seu — disse Rath Roiben Rye, limpando a terra dos lábios.

Ela abriu um sorrisinho.

— É mesmo? E você me serve tão bem quanto serviu a minha irmã?

Ele hesitou antes de responder:

— Melhor, talvez, pois você exige mais de mim.

O sorriso sumiu dos lábios da rainha.

— Você brinca comigo?

— Seu perdão, Senhora. Raramente é alegre o trabalho que me manda fazer.

Ela riu do comentário, uma risada fria e metálica que se ergueu da garganta como uma revoadada de corvos.

— Você não tem língua para bajulação, cavaleiro. Mesmo assim, ainda me agrada. Por que será?

— Por esporte, Senhora? — opinou ele.

Os olhos dela estavam duros e úmidos como cobalto, mas o sorriso era mais do que lindo.

— Certamente não por sabedoria. Levante-se. Soube que tenho uma garota mortal a quem agradecer sua presença aqui esta noite.

O rosto do cavaleiro estava sério quando ele se levantou; ele se certificou disso. Não seria bom deixar sua surpresa transparecer.

— Fui descuidado.

— Que bela garota ela deve ser. Conte-nos sobre ela. — Alguns dos nobres Unseelie assistiam àquele jogo tão ansiosamente como fariam com um duelo.

Ele tomou um grande cuidado para afastar a careta do rosto. Sua voz tinha que estar tranquila; suas palavras não podiam parecer cuidadosamente calculadas.

— Ela disse que era conhecida por fadas independentes. Tinha a Visão. Uma garota inteligente e gentil.

A Senhora sorriu com isso.

— Não foi uma fada independente que atirou em você, cavaleiro?

Ele assentiu e não conseguiu reprimir um leve sorriso.

— Suponho que eles não sejam todos tão unidos, minha Senhora. Como está implícito no que os chamamos.

Ah, ela não gostou da resposta. Ele percebeu.

— Eu tenho uma ideia, então — disse sua Senhora, levando um dedo delicado aos lábios sorridentes. — Pegue essa garota. Uma jovem com a segunda visão seria uma excelente candidata ao Tithe.

— Não — disse ele. Foi um ganido agudo, uma ordem, e as cabeças dos cortesãos se viraram com o som. Ele sentiu a bile subir pelo fundo da garganta. Não foi inteligente. Ele não estava sendo inteligente. — Eles não vão gostar, você escolher uma favorita deles.

O sorriso de Lady Nicnevin curvou seus lábios em triunfo.

— Devo salientar que, se eles a conhecerem, essa será a coisa certa para lembrá-los de não quebrarem meus brinquedos — disse a Senhora. Ela não mencionou o protesto de Rath.

Talvez ele devesse sentir algo por ser chamado de brinquedo, mas mal ouviu. Já estava assistindo à morte da garota. Aqueles lábios já o amaldiçoando com seu nome verdadeiro.

— Deixe-me encontrar outro para você. — Ele se ouviu dizer. Em outros tempos, sua Senhora poderia ter achado divertido ele lutar contra aquilo, encontrar um inocente para tomar o lugar de outro inocente.

— Acho que não. Traga-me a garota daqui a dois dias. Talvez, depois de vê-la, eu reconsidere. Nephamael acabou de chegar da corte da minha irmã com uma mensagem. Sirva-me bem e talvez eu permita que envie uma de volta por ele.

Seu olhar se voltou para o outro cavaleiro, que parecia conversar com uma poetisa com pés de bode e ignorando a conversa. Roiben ficou enjoado só de olhar para o círculo de ferro queimado na testa. Diziam que, mesmo quando ele o removeu, a cicatriz ardente continuou profunda e preta na pele. Ele usava uma capa forrada de espinhos. A pouca vingança que havia a ser tomada contra a Corte Seelie, Roiben a tinha na forma de Nephamael. Ele notara quantas vezes a Rainha Seelie enviava seu novo cavaleiro de volta à Corte Unseelie em alguma tarefa simples.

Roiben curvou-se o suficiente para que joelho e testa tocassem a terra, mas a atenção da rainha já estava em outro lugar.

Ele caminhou no meio da multidão, passando pela mesa onde vira o ogro. Nada restava do casal, exceto três gotas de sumo de cereja e o pó cintilante das asas da fadinha.

Seus juramentos o cortavam como um fio fino.



Kaye observou Roiben descer da plataforma, lutando contra os sentimentos que pareciam lhe arranhar a garganta. *Uma garota inteligente e gentil.* Essas palavras simples aceleraram seu coração de uma maneira da qual ela não gostou nem um pouco.

Ele notou que sua voz tinha suavizado quando falou dela?

Ele é tão imprevisível que nem mesmo sua Rainha pode confiar nele. Tanto pode ser gentil como um assassino.

Mas a lembrança dos lábios do cavaleiro na sua pele não desaparecia. Mesmo se ela esfregasse o local. Mesmo se ela o arranhasse.

Kaye se levantou quando outro cavaleiro se aproximou da Rainha e se curvou para pressionar os lábios na bainha do seu vestido.

— Levante-se, Nephamael — disse a Rainha. — Soube que você está aqui com uma mensagem para mim. — O corpo esguio se ergueu com a mesma formalidade graciosa e comedida de Roiben. Aquele cavaleiro estava usando uma faixa de metal na testa; a pele ao redor parecia escurecida, como se queimada. Havia algo em seus olhos amarelos que Kaye achava familiar.

— Esta é a mensagem que minha Senhora deseja que ouça. — Seu sorriso enfatizou a deslealdade implícita. — Minha Senhora disse que, embora tenha havido trégua em relação à guerra, ela se pergunta sobre a questão da influência mortal. Ela tem alguns favoritos que ultrapassam suas fronteiras e procura um meio de lhes garantir passagem segura pelas suas terras. Disseram-me para aguardar sua resposta. Ela não pareceu achar que eu precise voltar correndo. Devo confessar que é bom estar em casa a tempo do Tithe.

— Foi tudo o que ela disse?

— De fato, embora uma das cortesãs da rainha me implorasse para perguntar pelo irmão. Parece que ela não teve notícias desde que ele entrou para a sua corte. Uma coisa doce, aquela garota. Cabelo branco muito comprido; quase se poderia usá-lo de coleira, se quisesse. — Outro sorriso malicioso. — Ela queria saber por que você nunca usa Roiben como mensageiro.

A rainha sorriu também.

— É bom tê-lo em casa, Nephamael. Talvez você possa ajudar meu cavaleiro a obter nosso sacrifício.

— Seria uma honra.

Kaye foi pega repentinamente pelo braço e se virou. Ela deu um gritinho.

— Você não deveria estar aqui. — O tom de Roiben era gelado e a mão apertava seu braço.

Respirando fundo, ela o encarou.

— Eu só queria ouvir a rainha.

— Se um dos outros cavaleiros a tivesse notado espionando aqui, eles sem dúvida teriam gostado de pegar você como exemplo. Isso não é um jogo, pixie. Sua presença aqui é muito perigosa.

Pixie? Então ela lembrou. O cavaleiro via pele verde, olhos pretos, asas dobradas. Ele não a reconheceu ou, pelo menos, não sabia que a conhecia. Ela soltou o ar que nem percebeu que segurava.

— Não sou da sua conta — disse ela, se debatendo. Ele a soltaria, ela disse para si mesma, mas as palavras de Spike ecoaram em sua cabeça. Ela viu Roiben em um cavalo preto com olhos brancos brilhantes, o rosto salpicado de sangue e terra, pisoteando o pobre Gristle, que corria pelos arbustos.

— É mesmo? — Ele não a soltou e a puxou pelo meio da multidão. Daquele ponto de vista, era fácil ver que as pessoas não apenas abriam caminho para Roiben, elas praticamente tropeçavam para tanto. — Sou o cavaleiro juramentado de Nicnevin. Talvez deva se preocupar mais com o que vou fazer do que com o que posso fazer com você.

Ela estremeceu.

— Então, o que você vai fazer?

O cavaleiro suspirou.

— Nada. Desde que deixe o palácio imediatamente.

Nada? Ela não sabia bem o que esperava ler em sua expressão quando o encarou, mas não era o cansaço que viu ali. Nenhuma loucura brilhava nas profundezas daqueles olhos pálidos.

Mas ela não podia sair, e não podia dizer a ele que seu amigo muito humano estava dormindo do outro lado da colina. Tinha que dar um jeito.

— Não tenho permissão pra ficar? Não me parece haver uma lista de convidados.

Os olhos de Roiben escureceram quando ele ouviu sua resposta e a voz ficou muito baixa.

— A Corte Unseelie se deleita em receber espiões das fadas independentes. É raro termos voluntários para as nossas diversões.

Terreno perigoso. A tristeza tinha sumido e as feições do cavaleiro pareciam cuidadosamente vazias. Kaye sentiu um nó no

estômago. *Se deleita... nossas diversões.* A implicação da participação dele não passou despercebida.

— Saia por aqui — disse ele, mostrando a ela um túnel de terra que não era aquele por onde ela havia entrado. Estava escondido por uma cadeira e mais perto do gigante. — Mas você precisa se apressar. Agora. Antes que alguém me veja falando com você.

— Por quê? — perguntou Kaye.

— Porque podem presumir que gostei de você. E podem presumir que seria divertido ver a minha cara enquanto eu te machuco muito. — O tom de Roiben foi frio e seco. As palavras pareciam sair de seus lábios como se nada significassem, apenas palavras caindo na escuridão.

Suas mãos ficaram muito frias quando ela se lembrou da lanchonete. Como seria ser uma marionete? Como seria assistir às próprias mãos lhe desobedecerem?

A fúria cresceu dentro de si como uma nuvem sombria. Ela não queria entender como ele podia ter matado Gristle. Não queria perdoá-lo. E, acima de tudo, não queria querê-lo.

— Agora, pixie — insistiu ele —, vá!

Isso a deixou com raiva... não conseguir parar de pensar nos lábios dele. Talvez prová-los expurgasse o desejo do seu organismo. Afinal, se a curiosidade matou o gato, foi a satisfação que o trouxe de volta.

— Não sei se devo acreditar em você — disse ela. — Me dê um beijo.

— Não há tempo para suas travessuras de pixie — argumentou ele.

— Se você quer que eu saia rapidamente, é melhor ser rápido. — Ela ficou surpresa com as próprias palavras, impressionada com a ousadia delas.

Ela ficou mais surpresa quando os lábios dele roçaram os seus. Um súbito choque de sensações a atravessou antes que ele se afastasse.

— Vá — disse ele, mas em um sussurro, como se ela tivesse lhe roubado o fôlego. Seus olhos estavam escuros.

Kaye mergulhou pelo túnel antes de ser obrigada a pensar no que tinha feito. E antes de ter tempo de se perguntar o que isso

tinha a ver com vingança.

Lá fora estava frio e claro. Não parecia possível, mas a noite já havia acabado. Uma brisa fez as folhas remanescentes estremecerem nos galhos, e Kaye cruzou os braços para segurar o calor do corpo enquanto corria pela colina. Sabia onde ficava o pedaço de grama marrom. Era apenas uma questão de entrar novamente. Se ela ficasse junto à parede, pensou, talvez ninguém a notasse. Corny estaria lá e, dessa vez, ela prestaria mais atenção, marcaria a saída de alguma forma.

A grama parecia igualmente marrom em todos os lugares. Ela se lembrava bem da localização. Ao lado do olmo e junto a uma lápide em que se lia *adelaide*. Ela caiu de joelhos e cavou, agarrando freneticamente a camada superficial do solo, meio congelada. Era terra e mais terra, compactada, como se nunca tivesse existido uma passagem para um palácio subterrâneo.

— Corny — gritou ela, ciente de que ele não seria capaz de ouvi-la nas profundezas da terra. Mas isso não a impediu de fazer isso, repetidas vezes.



Pois o que é a beleza além de o começo do terror que por pouco suportamos, e a admiramos porque desdenha impassivelmente nos destruir.

— RAINER MARIA RILKE, “PRIMEIRA ELEGIA”, ELEGIAS DE DUINO

Corny acordou na colina ao som de sinos. Tremia de frio. Seus dentes estavam batendo, a cabeça parecia densa e pesada e só de mudar de posição o estômago já se embrulhava. Sua jaqueta tinha sumido.

Ele estava deitado sozinho em um cemitério e não tinha ideia de como fora parar ali. Viu seu carro, o pisca-alerta ainda piscando fracamente no lugar onde o garoto havia estacionado, perto da rua. Uma onda de vertigem tomou conta de si. Corny rolou debilmente para o lado e passou mal.

O gosto do vinho que vomitou trouxe de volta uma lembrança da boca de um homem na sua, das mãos de um homem o acariciando. Chocado, ele tentou se lembrar de um rosto para acompanhar a

boca e as mãos, mas sua cabeça doía demais para conseguir lembrar de algo mais.

Ele se levantou, tentando controlar o enjoo enquanto cambaleava colina abaixo até o carro. Apesar de as luzes terem ficado acesas a noite toda, quando ele girou a chave, o motor pegou e ganhou vida. Corny ligou o aquecedor a toda e ficou sentado ali, aproveitando o sopro de ar quente. Seu corpo tremeu de prazer.

Sabia que havia um frasco de aspirina embaixo de todas as embalagens de fast-food e livros. Mas não conseguia se mexer. Encostou a cabeça no banco e esperou que o calor que se espalhava por seus membros o relaxasse e afastasse a náusea. Nessa hora, ele se lembrou de Kaye no banco de trás, e o começo da noite voltou com intensidade perturbadora.

A pele de Kaye rachando e descascando, o primeiro tremor de asas úmidas, aquela pessoa estranha e nova deitada no carro, a música... depois, sozinho dentro da colina, lembranças emaranhadas se atropelando. Ele tinha lido histórias assim: homens e mulheres que entravam em uma colina que nunca mais se abria para eles. Com irritação, ele se perguntou se Kaye ainda estava lá, dançando ao som de flautas distantes, tendo esquecido que ele a acompanhara.

Seu estômago se contraiu quando ele pensou em outra explicação para estar sozinho na colina. Era uma lembrança, na verdade, de Kaye curvada sobre ele sussurrando: *Vou procurá-lo. Me espera aqui.*

Porque, quanto mais ele pensava, mais se lembrava das partes brutais. O grito distante que não conseguiu localizar, a visão de alguns foliões, dentes vermelhos de sangue, e o homem, o homem com a capa de espinhos que o encontrou sentado bêbado na terra e...

Ele balançou a cabeça. Era difícil se lembrar dos detalhes específicos, só daquela boca macia e do arranhão dos espinhos. Suas mãos foram até as mangas da camisa e as enrolaram. As feridas vermelhas fortes que subiam e desciam por seus braços eram prova definitiva de como ele tinha passado a noite.

Só de tocá-las o encheu de um desejo tão intenso que o deixou enjoado.



Kaye entrou cambaleando pela porta dos fundos. Uma olhada rápida para os números vermelhos no micro-ondas deixou certo que já era fim da manhã. Horas e horas antes de ela poder retornar à colina e tirar Corny de lá.

A exaustão tomou conta de Kaye quando ela se esforçou para sentir as idas e vindas de magia nos dedos. Ela se sentia um pedaço de barbante esticado demais, se esgarçando conforme puxado.

Os sentidos pareciam superapurados; o glamour leve que usava agora não era nada como o que ela projetara antes. Ela ainda sentia o leve movimento das asas nas costas, ainda sentia o cheiro do lixo embaixo da pia, até mesmo odores isolados: pó de café, casca de ovo, um pedaço de queijo mofado, detergente, um veneno doce e denso usado em armadilhas de baratas. O ar vibrava com uma energia que ela antes ignorava. Se ela se abrisse para recebê-la, talvez conseguisse deixar o cansaço para trás.

Mas ela não queria; só queria se agarrar à fachada de humanidade com as duas mãos.

— Kaye? É você? — A avó de Kaye veio de outro aposento. Ela estava de roupão e chinelos, o ralo cabelo grisalho preso em rolinhos. — Você chegou agora?

— Oi, vó — cumprimentou Kaye com um bocejo. Ela foi até a mesa da cozinha, afastou uma pilha de jornais e circulares e apoiou a cabeça nas mãos. Era quase um alívio deixar a avó gritar com ela, como se tudo pudesse voltar ao normal.

— Liguei para a escola hoje de manhã.

Kaye reprimiu um gemido.

— Você sabia que não pode largar a escola sem a permissão escrita da sua mãe ou do seu pai? De acordo com seus registros, você não vai à escola desde os catorze anos!

Kaye balançou a cabeça.

— O que isso quer dizer? Foi um não?

— Eu *sei* que não vou à escola — admitiu Kaye, repugnada com o tom infantil da própria voz.

— Que bom que você sabe, mocinha, mas *eu* quero saber o que você anda fazendo. Para onde sai escondida?

— Lugar nenhum — respondeu Kaye com voz baixa. — Eu só não queria que você soubesse. Eu sabia que você ia ficar com raiva.

— Bom, por que você não voltou para a escola então? Quer ser uma ninguém a vida toda?

— Eu vou fazer o supletivo — disse Kaye.

— Supletivo? Tipo uma traficante? Uma adolescente grávida? Você quer acabar sendo lixo que mora em trailer, igual a sua amiguinha?

— Cala a boca! — gritou Kaye, segurando a cabeça. — Você acha que sabe tudo sobre tudo, né? Acha que o mundo é tão fácil de entender. Você não me conhece nem um pouco, não sabe nada sobre mim! Como pode saber qualquer coisa sobre Janet se não sabe nada sobre mim?

— Não vou tolerar você gritando comigo na minha própria casa. Você e sua mãe são iguais. Acham que basta querer as coisas. Vocês acham que, se quiserem o suficiente, vão conseguir tudo como num passe de mágica.

Magia. Kaye sentiu seu rosto se contorcer com uma expressão entre careta e sorriso de deboche.

— Nada além do trabalho árduo leva uma pessoa a algum lugar. Mesmo assim, as pessoas não conseguem o que querem. As pessoas só sofrem, e ninguém sabe por que elas sofrem. Pessoas talentosas, como a sua mãe, por exemplo, não fazem sucesso, apesar do talento, e o que você vai fazer então? Você não pode contar com a sorte. Como você sabe se tem sorte?

Kaye ficou surpresa de ouvir que sua avó julgava a mãe talentosa.

— Eu não estou contando com a sorte — disse Kaye com voz entorpecida.

— Ah, é? O que você está fazendo então?

— Não sei — admitiu Kaye. Estava cansada e sentia um choramigo transparecendo na voz. Ela estava com medo de chorar, e, se começasse a chorar agora, não sabia se conseguiria parar. Pior, sabia que parecia petulante, chateada só por ter sido

flagrada. Não estava longe da verdade. — Precisávamos de dinheiro.

Sua avó olhou para ela, horrorizada.

— Que dinheiro?

— É isso que você pensa? Melhor parar de falar — retrucou Kaye, escondendo o rosto nos braços dobrados. Ela murmurou com a boca na própria pele: — Eu estava trabalhando numa porra de restaurante chinês, tá? Na cidade. Em tempo integral. Nós precisávamos do dinheiro.

Sua avó olhou para ela sem entender.

— Ainda não tenho emprego aqui — admitiu ela —, mas pensei em trabalhar no posto de gasolina onde o irmão da Janet trabalha. Eu me candidatei.

— Você vai para o ensino médio, mocinha, e, mesmo que não fosse, um posto de gasolina não é lugar para uma garota trabalhar.

— Que caretice — disse Kaye. — Olha, a minha mãe vai assinar qualquer formulário que eu precise para tirar meu diploma de ensino médio.

— Não vai, não! — disse a avó de Kaye. — Ellen!

— O quê? — O grito irritado veio do andar de cima.

— Desça aqui e escute a sua filha! Você sabe o que ela está planejando fazer? Sabe?

Dois minutos depois, a mãe de Kaye estava na cozinha, o cabeça preso com um lenço de couro vermelho. Vestia uma camiseta preta e uma calça de moletom.

— O que você estava fazendo?

— Eu não estava fazendo nada — respondeu Kaye. Ela devia saber que a briga iria acontecer, mas agora sentia-se distante da discussão, como se assistisse de longe. — Eu *não* estava indo pra escola e *não* estava contando pra vovó.

— Não seja insolente — disse a avó de Kaye.

Ellen se encostou na porta da cozinha.

— Olha, não importa o que ela anda fazendo, porque vamos estar em Nova York no começo da semana que vem. Vou cantar no Meow Factory.

Kaye e sua avó agradeceram Ellen com olhares quase idênticos de horror. Ellen deu de ombros e passou por elas para encher a

cafeteira de água.

— Eu ia contar ontem à noite, mas você não apareceu pra jantar.

— Eu não vou pra Nova York — disse Kaye, detestando o quanto soava como uma criança. Ela era a mesma garota que tinha insultado o cavaleiro favorito da rainha Unseelie? Que tinha convencido um kelpie?

— Ellen, você não pode estar falando sério, que não liga da sua única filha não ir à escola? — Os lábios da avó de Kaye estavam apertados em uma linha fina.

Ellen deu de ombros.

— Kaye é inteligente, mãe. Ela pode tomar decisões sozinha.

— Você é a mãe dela. É seu trabalho cuidar para que ela tome as decisões certas.

— Isso funcionou comigo? Você tentou tomar todas as minhas decisões por mim e veja onde viemos parar. Não vou cometer o mesmo erro com Kaye. E daí se ela não quer ir à escola? O ensino médio foi uma merda quando eu tinha que ir, e não consigo imaginar que esteja melhor agora. Kaye sabe ler e escrever, é mais do que muitos formandos podem dizer. Ela deve ter lido mais livros do que a maioria das garotas da idade dela.

— Ellen, não seja burra. O que ela vai fazer para sobreviver? O que há para ela no futuro? Você não quer coisa melhor para Kaye do que o que você tem?

— Eu quero que ela tenha o futuro que ela quiser.

Kaye saiu da cozinha. Elas ficariam discutindo por tanto tempo que nem notariam que ela tinha sumido. Ela só queria dormir.

O telefone tocou perto da sua cabeça, onde ela o tinha deixado. Kaye gemeu e apertou o botão.

— Alô — atendeu com voz grogue. Fora apenas capaz de cair em um sono agitado, virando de um lado para o outro. Os cobertores eram quentes demais, mas descobrir-se a fez se sentir insegura, exposta. Seus sonhos estavam cheios de coisas de olhos puxados, cutucando-a com dedos de garras.

— Porra. Você está aí. — Ela reconheceu a voz como sendo de Corny. Ele pareceu atônito e aliviado.

— Corny! Eu fui expulsa. Não consegui arrumar um jeito de voltar pra te buscar. — Ela olhou para o relógio. Era uma hora da tarde. — Achei que talvez a colina só se abrisse à noite.

— Estou indo aí.

Ela assentiu, mas, ao se dar conta de que ele não podia vê-la, falou em voz alta.

— Está bem. Certo. Venha. Você está bem?

O telefone foi desligado e ela passou a mão com inquietação pelo cabelo antes de deitar a cabeça no travesseiro de novo.



— O glamour está bom. — Essa foi a primeira coisa que Corny disse quando entrou no quarto. E olhou em volta. — Ei, você tem ratos.

Ela olhou para ele, piscando sem entender.

— Como você saiu? Eu fiquei maluca te procurando. Se a polícia tivesse me visto, teria achado que eu era uma ladra de túmulos maluca, tentando desenterrar corpos com as mãos.

Ele sorriu.

— Acordei na encosta da colina hoje de manhã. Achei que você tinha me abandonado e que eu ia bancar um Rip Van Winkle e descobrir que o ano era 2112 e ninguém nunca tinha ouvido falar de mim.

— Roiben me expulsou. Me desculpa. Eu não queria te deixar lá, mas fiquei com medo do que ele faria se descobrisse que havia um mortal na colina. Ele não me reconheceu.

Corny sorriu.

— Não?

Ela balançou a cabeça e estremeceu.

— O que você achou da Corte Unseelie?

Um sorriso lento e malicioso surgiu no rosto dele.

— Ah, Kaye — sussurrou ele. — Foi maravilhoso. Foi perfeito.

Ela estreitou os olhos.

— Eu estava brincando. Estavam matando coisas, Corny. Por diversão. Coisas como nós.

Ele não pareceu ouvi-la, o olhar perdido além, na direção da janela iluminada.

— Teve um cavaleiro, não o seu. Ele... — Corny tremeu e pareceu mudar abruptamente a direção da frase. — Ele tinha uma capa forrada de espinhos.

— Eu o vi falando com a rainha — disse Kaye.

Corny tirou a jaqueta. Havia arranhões compridos nos braços.

— O que aconteceu com você?

O sorriso de Corny se alargou, mas seu olhar estava agarrado a alguma lembrança. Ele voltou os olhos para ela.

— Bom, obviamente eu entrei na capa.

Ela riu com deboche.

— Que eufemismo. Ele te machucou?

— Não mais do que eu queria — confessou Corny.

Ela não gostou nem do que ele dizia nem da sua expressão quando falou do assunto.

— E você, Kaye? Você se vingou de Robin do Cabelo Branco?

Ela não conseguiu reprimir o rubor que surgiu em suas bochechas.

— O quê? — perguntou ele. E ela contou, o rubor aumentando enquanto falava. Pareceu ainda mais patético dizendo em voz alta.

— Então está falando que você conseguiu que ele te desse um beijo nos lábios e um na bunda.

Kaye fez cara feia para ele, mas não conseguiu reprimir uma risadinha.

— Não sei se devo considerar isso sagaz ou ficar assustado com o que você vai usar o nome dele no futuro. Você pode ficar dando ordens nele indefinidamente?

Kaye fingiu que ia lhe dar um chute.

— E você e o seu cavaleiro? Olha só para os seus braços. Isso é normal?

— Fico arrepiado toda vez que toco neles — disse Corny com reverência.

— Pelo menos estamos assustando um ao outro.

— É, bom, é melhor eu voltar pra casa. O que vem a seguir na agenda das fadas?

Kaye deu de ombros.

— Eu sou sacrificada, acho.

— Excelente. Quando vai ser isso?

Kaye balançou a cabeça.

— No Samhain, que é o Halloween, né? Provavelmente, à noite.

Corny olhou para ela incrédulo.

— O Halloween é daqui a dois dias.

— Eu sei — disse Kaye. — Mas eu nem preciso fazer nada. Só tenho que gritar e berrar e fingir ser humana por um tempo.

— E se eles ficarem putos porque foram enganados?

Kaye deu novamente de ombros.

— Não sei. Eu não sou responsável pelo plano. Só tenho que ser uma boa vítima.

— Sim, mas espero que não seja uma vítima boa demais.

— Spike e Lutie nunca me colocariam em perigo verdadeiro.

— Tá, tudo bem. Isso é bom.

— Você acha que eles o fariam?

— Eu acho que parece perigoso. Acho que não vimos muito até agora que faça parte do Reino das Fadas e não seja perigoso.

— Verdade — concordou Kaye.

— Ah — disse Corny. — Jimmy me viu quando eu estava indo pra casa. Ele disse que, se você quiser o emprego, pode começar hoje, às seis. É o turno antes do meu, então acho que não fui demitido, afinal.

Ela sorriu.

— Então acho que te vejo hoje à noite. Estou feliz que esteja bem.

— Eu estaria ainda melhor se ainda estivesse lá — disse Corny, e toda a preocupação de Kaye voltou com tudo.

— Corny...

Ele sorriu, o mesmo sorriso estranho e distante que estampara quando estava sob a colina, e ela teve vontade de sacudi-lo pelos ombros. Alguma coisa tinha que tirá-lo daquele estado.

— Vejo você hoje à noite — avisou ele, vestindo a jaqueta. Ele estremeceu quando o forro roçou nos braços, e, por mais cruel que fosse, ela desejou que fosse porque os arranhões doíam.

Quando Corny foi embora, ela olhou para os bilhetes adesivos cor-de-rosa grudados na parte de trás da porta. Eram os recados

que a mãe havia anotado para ela. Um era de Jimmy, provavelmente sobre o emprego, e os outros eram todos de Kenny.

Kaye se acomodou no colchão sobre o piso, pegou o telefone e ligou para o número do primeiro recado de Kenny. Ela poderia lhe deixar uma mensagem sobre onde trabalharia à noite. Era um lugar público. Se ele fosse visitá-la, ela poderia tirar o encantamento e tudo com Janet voltaria ao normal.

— Alô — respondeu uma voz masculina. Havia um zumbido e um rangido vagamente metálico ao fundo.

— Ah. Oi — gaguejou ela. — Achei que você estaria na escola.

— Você ligou para o meu celular — disse Kenny. — Estou na oficina.

— Aqui é Kaye. — Ela se sentiu idiota de novo, como se apenas algumas palavras do garoto já fossem algum tipo de bênção que ela não merecia.

— Eu sei. O professor está quase tendo uma hérnia, então temos que falar rápido. Eu quero te ver. Hoje.

— Eu tenho de trabalhar. Você poderia passar lá...

— Que horas? — perguntou ele, interrompendo-a. Ela se sentia estranha, hiperconsciente de cada palavra que dizia, esperando que ele comesse a provocá-la e absurdamente agradecida quando ele não o fez.

— Seis.

— Me encontra depois da escola. Perto do meu carro.

— Por que você não passa no meu trabalho? — Ela tentou recuperar o controle da conversa.

— Preciso te ver antes. Na entrada, então. A grande. Eu tenho que te ver.

Ela hesitou, mas não tinha nenhum motivo real para não encontrá-lo lá. Afinal, remover o encantamento só levaria um momento. O que aconteceria depois, bem, talvez fosse melhor se ela estivesse em algum lugar de onde pudesse ir embora.

— Tudo bem.

— Ótimo. — Com isso, o telefone ficou mudo, deixando-a com a sensação de ter bebido um café de dois dias com o estômago vazio. Seus nervos estavam à flor da pele. Quando ela ergueu a mão, não ficou surpresa ao descobrir que vibrava levemente, como uma corda

de violão. Ela fechou os olhos e respirou fundo, tirou as roupas de Corny e vestiu as suas. Desceram facilmente pela ilusão de costas lisas, mas seus sentidos duplos sentiam o algodão macio da camiseta nas asas.



Era estranho estar do lado de fora de uma escola que ela deveria frequentar. Alguns dos alunos eram familiares, pessoas que ela conhecia do fundamental I. Mas a maioria era de estranhos.

Humanos, sussurrou sua mente. *Eles são todos humanos, e você não.*

Ela balançou a cabeça. Não gostou da direção daqueles pensamentos. Já era bem estranho ela não frequentar a escola havia anos. Às vezes, como agora, ela sentia falta. Kaye odiou o fundamental. Ela e Janet eram amigas à revelia. As crianças zoavam Janet pelas roupas de segunda mão, e Kaye, pelas histórias. Mas na cidade grande ninguém conhecia Kaye e, além disso, havia muita gente estranha. Mas quando as coisas na escola melhoraram, elas se mudaram de novo.

— Oi — cumprimentou Kenny. Ele estava usando óculos escuros e uma camiseta cinza debaixo de uma camisa de flanela azul-marinho. Ele tirou os óculos quando se aproximou. Círculos escuros rodeavam seus olhos. — Por que você não me ligou ontem? Deixei um milhão de recados na sua casa. Sua mãe disse que você estava na casa da Janet, mas eu chequei. Você não estava lá.

— Desculpe — lamentou ela. — Eu saí. — Ele estava tão sério que, de repente, ela achou um pouco de graça. A magia veio facilmente agora, correndo para os dedos e pulando pela língua, mas ela não fez nenhum movimento para suspender o encantamento.

— Kaye, eu... — começou ele, mas pareceu pensar melhor sobre o que quer que fosse dizer. — Eu não consigo dormir. Não consigo comer. Eu só penso em você.

— Eu sei — disse ela docemente. As pessoas que passavam por eles lançavam olhares de esguelha para Kenny. De repente, ela entendeu por que o deixou beijá-la na lanchonete, por que o quis.

Ela queria controlá-lo.

Ele era todos os namorados arrogantes que trataram mal sua mãe. Ele era todos os garotos que diziam que ela era estranha demais, que riram dela ou apenas queriam que ela ficasse quieta e aceitasse ser beijada. Ele era mil vezes menos real do que Roiben.

O rosto de Kaye se abriu em um sorriso largo. Ela não tinha mais desejo de fingir, não precisava provar seu valor pela atenção de Kenny, não queria saber o quanto os lábios de um garoto de quem todo mundo gostava eram diferentes dos de qualquer outro.

— Por favor, Kaye — implorou ele, pegando o pulso dela, segurando-o com força, puxando-a para si.

Dessa vez, ela se afastou abruptamente, não o deixou abraçá-la, nem os lábios dele chegarem perto o suficiente para dar outro beijo. Ela girou a mão para se soltar e saltou para a borda de cimento dos degraus.

— Tem alguma coisa aqui que você queira? — provocou Kaye. As pessoas pararam para olhar.

— Você — respondeu Kenny, estendendo a mão para ela novamente, mas Kaye foi mais rápida. Saltou para longe do alcance dele e riu.

— Você não pode ter o que não consegue pegar — incitou ela, inclinando a cabeça para o lado. A loucura fez o sangue se agitar em suas veias. Como algum deles se atrevia a fazê-la se sentir esquisita? Como ousavam fazê-la medir suas palavras?

Ele tentou agarrar a mão dela, mas ela a puxou com facilidade, girando ao longo da parede de cimento.

— Kaye! — exclamou ele.

Ela se agachou, as pernas abertas, o queixo empinado na direção do garoto.

— Você me adora, Kenny?

— Sim — disse ele freneticamente.

— Você está obcecado por mim? Morreria pra me ter?

— Sim! — Os olhos de Kenny estavam escuros de desejo e fúria. Atrás dele, os alunos riam e cochichavam uns com os outros.

Kaye riu também. Ela não se importava nem um pouco.

— Diga-me novamente o que você faria para me conquistar.

— Qualquer coisa — disse ele sem hesitação. — Me dê uma chance. Me obrigue a fazer alguma coisa.

A risada morreu na garganta de Kaye. Ela tirou o feitiço dele, dispersando seus fios com um movimento da mão, como se estivesse espanando uma teia de aranha.

— Deixa pra lá — disse ela, com raiva, sem ter certeza do motivo. Com raiva e vergonha. Era ela quem estava sendo cruel.

Kenny olhou em volta, a escola aparentemente entrando em foco pela primeira vez. Ela viu o rubor subindo pelo pescoço tatuado. Ele a encarou com algo parecido com horror nos olhos.

— Que porra você fez?

— Fala pra Janet me ligar — disse ela, sem se importar que aquilo não fizesse sentido, sem se importar com nada, exceto que precisava sair dali, precisava fugir antes que perdesse totalmente o controle. Ela nem olhou para ele enquanto atravessava o estacionamento dos alunos a caminho de casa.



Jimmy a estava esperando no escritório do posto de gasolina. Ele entregou a ela uma jaqueta azul, com um logotipo da Amoco no canto, que Kaye nunca vira Corny usar. Ela a vestiu obedientemente enquanto ele explicava o que ela precisava fazer.

Alguns carros foram ao posto e ela manuseou a bomba com cuidado por causa do metal.

Sua cabeça girava por causa dos vapores tóxicos da gasolina e dos pensamentos terríveis do que ela havia feito. Foi tão bom, pareceu tão certo provocar Kenny como ela fizera. E agora, sabendo do que era capaz, seria possível desaprender ou seria apenas uma questão de tempo até ela usar a magia novamente?

Houve um farfalhar próximo e Kaye olhou para o bosque com cautela. Era a Noite das Travessuras e Jimmy já a havia avisado de que as crianças poderiam tentar jogar papel higiênico no posto.

Mas a figura que emergiu tinha o cabelo preto como petróleo e a capa em seus ombros balançava para trás, revelando espinhos no forro, dispostos como numa cama de pregos. Além da brancura da pele, a única coisa pálida que ele usava era uma pedra branca, pendurada em uma longa corrente.

— Você? — disse ela. — O cavaleiro da Corte Seelie. Eu deveria ter imaginado. — Ela o vira conversando com Nicnevin no baile. Ele pareceu leal a ela, não à rainha Seelie. Kaye esperava que Spike soubesse o que estava fazendo.

— Você está em boas mãos agora — disse Nephamael.

— Você deixou as marcas nos braços de Corny.

— Sim, deixei. Ele é uma delícia.

De perto, seus olhos eram amarelos. Olhando-o nos olhos, ela soube de repente por que pareciam familiares. Ela os vira no bar na noite em que Lloyd perdeu a cabeça.

— Você — disse Kaye. — Você fez algo com Lloyd, não fez?

— Nós precisávamos que você voltasse para casa, Kaye.

O cavaleiro tocou na pedra em volta do pescoço e Kaye sentiu a magia passar por ela, pousando em seu corpo com um peso opressor. Ela se sentiu sufocada por um momento, enquanto os cheiros se tornavam vagos, e a visão, embotada.

— Lembre-se, temos que fazer com que pareça real — disse ele enquanto ela sufocava.

— O que você está fazendo comigo? — Kaye conseguiu dizer. Tudo parecia entorpecido e estranho.

— Aquele glamour que estava usando não enganaria ninguém. Só estou restaurando o que você deveria estar usando.

— Mas o Halloween é apenas amanhã — protestou Kaye. Sentiu um formigamento estranho nos braços. Dessa vez, não parecia que vinha de dentro. Algo estava acontecendo. Seu coração disparou e ela sentiu... algo, uma estranheza. E, então, uma forma escura saiu das nuvens.

Algo rugiu sobre eles.

Kaye colocou os braços sobre o rosto. Ela tentou gritar, mas, quando abriu a boca, estava cheia de vento.

Mãos agarraram sua camisa, pernas e cabelo, levantando-a e transportando-a para uma confusão de criaturas. Ela chutou e

mordeu, arrancando longos cabelos louros e rasgando asas empoadas. Rostos pontudos e felinos sibilaram e dedos a beliscaram, mas eles continuaram voando em uma longa fila de monstros e ela estava com eles.



Você que eu não pude salvar Ouça-me.
— CZESLAW MILOSZ, "DEDICATION"

A garganta de Kaye estava doendo de tanto gritar. Garras afiadas afundavam em seus pulsos enquanto asas de morcegos, pássaros e insetos se moviam com menos ruído do que lençóis secando em um varal. Eles voaram pelas ruas de forma invisível. Ela gritou, mas parecia que eles se moviam entre aquele mundo e o próximo, porque ninguém olhou para cima e ninguém falou e ninguém fez mais do que estremecer, talvez, ou se mexer um pouco enquanto uma horda de monstros voava pelo céu acima. Kaye mordeu e arranhou e se contorceu e apertou, até que a penugem das asas de seus captores cintilou sobre ela. Nem uma vez eles afrouxaram o aperto. Pareciam um ser sinuoso do qual ela era apenas uma parte minúscula e relutante, e a única coisa que ela podia fazer era gritar.

Eles desceram, caindo pelo céu tão rápido que ela perdeu o fôlego. Cemetery Hill surgiu abaixo. O ar forçou seus gritos de volta pela garganta, e ela os engoliu.

Ela torceu o tornozelo quando caiu de quatro. Por um momento, não conseguiu respirar. Os monstros pousaram com facilidade ao seu redor, deslizando e pulando no chão. Cada corte e hematoma pareciam ganhar vida, latejando com vigor. Seus ossos pareciam soltos nas juntas.

Olhos, pretos e brilhantes como os dela, a encaravam a partir da dezena ou mais criaturas. Algo agarrou o cabelo de Kaye e puxou sua cabeça para trás, de modo que ela se viu encarando olhos de coruja salpicados de dourado.

— Que ratinho saboroso. — Os lábios grossos e escuros da criatura se moveram lentamente com as palavras. A voz era como folhas secas sendo esmagadas.

Outros se aglomeravam, os rostos próximos demais. Seu calor faminto a deixou tonta. Ela agitou as mãos para mantê-los afastados. Criaturinhas aladas voavam ao redor, mostrando os dentes.

— Pega-pega muito divertido — disse a mulher com olhos de coruja, puxando o cabelo de Kaye com tanta força que levou todo o corpo junto —, um petisco tão, tão gostoso. — A criatura a soltou e ela caiu sobre os joelhos já machucados.

— Deixe-a em paz — disse Nephamael, erguendo-a com um puxão.

Era como se algo houvesse serrado a colina na base e a erguido sobre pilares grossos. Cogumelos pálidos como um cadáver, cada um do tamanho do punho de Kaye, cercavam o terreno. Sob aquele teto de barro, fadas maravilhosas celebravam como se fosse uma tenda.

Os dedos de Nephamael pressionaram seu ombro, como se determinados a machucar. Os espinhos que cobriam cada dedo enluvado arranhavam sua pele a cada passo trôpego.

Ele a levou para a plataforma de terra elevada, e ela teve que respirar fundo várias vezes para conter o terror que ameaçava dominá-la. A rainha estava sentada no trono; meninos gêmeos com pés de bode ajoelhados de cada lado, um deles tocando uma flauta

distraidamente. Roiben se erguia a seu lado esquerdo, as roupas de um tecido prata-escuro que parecia pano e metal ao mesmo tempo. Pérolas irregulares de água doce bordavam colarinho e punhos, fazendo-a pensar em dentes. Ele estava magnífico, brilhante como a própria lua.

Também parecia distante como a lua, sem expressão, sinistro.

No lado direito da rainha havia mais dois cavaleiros, um vestido de um vermelho tão escuro que era quase marrom e o outro de azul-acinzentado. Mais para trás na plataforma, quase toda escondida pelo trono, havia uma criatura com cara de raposa, usando um gorro com forma estranha de crânio, uma garra segurando um pincel sobre uma comprida folha enrolada de casca de bétula branca, usada como pergaminho.

Kaye foi empurrada para ficar de joelhos. Sentiu Nephamael se ajoelhando às suas costas.

A Rainha da Corte Unseelie a encarou com os lábios curvados num sorriso. O cabelo vermelho-sangue estava preso em tranças grossas com pedras preciosas e o cinza do vestido deixava a pele mais pálida e macia em comparação. Ela era linda de um jeito não humano, mas seu sorriso não exibia ternura. Kaye ficou perturbada ao se flagrar sorrindo para aqueles olhos azuis cruéis mesmo assim, desejando que se iluminassem com aprovação.

O ar, denso com um pólen de aroma doce, fez Kaye se sentir tonta e desconcentrada. Era difícil respirar de verdade. Os olhos da rainha eram claros demais, azuis demais, pensou Kaye. Pareciam falsos. Nesse momento, a vertigem a atingiu.

— Kaye Fierch, a Corte Unseelie gostaria de lhe conceder uma grande honra. — As palavras da rainha penetraram na sua mente, cada uma ecoando separadamente, as palavras sem sentido ao serem colocadas juntas. — Você se submete a ela?

Kaye sabia que tinham lhe feito uma pergunta e que era muito importante que ela respondesse. Tentou organizar os pensamentos. Olhos azuis sustentavam os seus. Ela queria fechar os olhos. Queria parar o arrepio que crescia dentro de si, se espalhando do peito, a enchendo de um desejo terrível. O máximo que ela pôde fazer foi piscar lentamente.

— Talvez o silêncio da garota seja resposta suficiente. — Kaye ouviu a voz de Roiben como se vinda de uma grande distância. Houve algumas risadas depois que ele falou.

— Aproxime-se, pequena mortal.

A rainha se inclinou para a frente e esticou a mão branca como um lírio. Antes que Kaye tivesse tempo de pensar melhor, se viu se aproximando para tocá-la. A rainha passou os dedos pelo cabelo de Kaye, bagunçando-o e o ajeitando novamente.

— Você quer nos satisfazer, não quer, pequenina?

— Quero. — Ela queria. Jamais tinha desejado tanto outra coisa.

Nicnevin sorriu ao ouvir isso, um sorriso curado nas pontas.

— Na verdade, seu único desejo é nos satisfazer, não é?

— É. — Ela tremeu de prazer quando a mão da Rainha acariciou sua bochecha.

— Você vai nos dar um prazer enorme, criança, se for obediente e alegre e não questionar as coisas que achar estranhas. Entendeu?

— Entendi.

— Nós pedimos que você nos honre com a sua participação no Tithe. Você aceita o fardo dessa honra?

Algo naquela escolha de palavras lhe pareceu estranho, mas Kaye sabia que resposta dar.

— Aceito.

O sorriso da Rainha foi deslumbrante. Com o canto do olho, ela viu Roiben fechar a cara e ficou curiosa. Ele não estava feliz com a felicidade de sua senhora?

— Meu cavaleiro vai cuidar para que seja arrumada e vestida adequadamente. Você não deve se esforçar muito para agradá-lo. É uma tarefa inútil. — A rainha moveu a cabeça quase imperceptivelmente.

Roiben apareceu ao lado de Kaye e a puxou para ficar de pé. Ele cheirava a cravos queimados.



Parado do lado esquerdo de sua senhora, no lugar de honra, Rath Roiben Rye apertava tanto os punhos que sentia as marcas de meia-lua que as unhas deixavam nas palmas das mãos. A garota estava respondendo fatalmente com a voz macia como cinzas. Ela não fizera menção de dizer o nome dele, e agora era tarde demais para isso.

Ele forçou as mãos a relaxar. Não queria que sua rainha percebesse os riscos cada vez mais perigosos que ele corria. Deixar a garota perguntar seu nome, ter poder absoluto sobre ele, não foi intencional, mas também não foi um caso isolado de tolice. No começo, ele disse a si mesmo que estava se testando, mas seus motivos pareciam mais complexos. Ele fazia cada vez menos sentido para si mesmo; uma série de ações sustentadas por nada, sem sequência que pudesse entender.

Ele permitiu que seu olhar percorresse a multidão. Conhecia a Corte Unseelie, conhecia as facções e seus planos, suas brigas internas, seus desejos e hábitos. Ele as conhecia como um forasteiro podia conhecer, e sua senhora valorizava tal conhecimento. Um valor equilibrado com o quanto ela se divertia com sua dor.

Tudo é equilíbrio. Tudo é ritual. Tudo é dor.

As fadas independentes tinham se reunido com cautela nos arredores do palácio. Ele sabia que muitos dentre eles não tinham desejo de se ligar à Corte Unseelie, e, por um momento, se perguntou se eles poderiam recusar o sacrifício. Mas, de onde estava, via que estavam bebendo o tradicional vinho de urtiga. Foram aceitar sua servidão. De fato, a servidão lhes poderia oferecer uma proteção que a independência não podia.

Um som baixo levou seu olhar de volta a Kaye. Ele reparou nos hematomas e em marcas altas e leves que pareciam arranhões. Ela observava a rainha com uma adoração que o enojava. Era assim que ele olhava para a rainha Seelie quando se jurou a ela? Ele lembrava que quando sua Senhora Brilhante lançava um breve olhar para algum outro cavaleiro, era como se o sol brilhasse apenas para aquele cavaleiro. Seu juramento a ela foi tão fácil de proferir, todas as promessas que ele quis fazer envoltas naquelas frases formais. E ele ainda lhe fazia a vontade agora, não? Ele se perguntou de novo

enquanto estudava o rosto de Kaye, enquanto ela esperava com alegria que ele a levasse para as cavernas sem sol do palácio Unseelie e a arrumasse para o seu assassinato, o que compensava a dor daquilo.

— Venha — chamou ele.

Roiben saiu do palácio por corredores que cintilavam com mica, o teto cheio de raízes. As luzes eram fracas e infrequentes, velas pingavam cera pela lateral da parede dos nichos onde foram fixadas. Ele ouviu o baque seco das botas pesadas da garota ao segui-lo e queria olhar para trás, dar a ela o conforto de um sorriso, pelo menos, enquanto ela tentava acompanhar seu ritmo por aquelas passagens sinuosas, mas um sorriso seria uma mentira, e de que serviria?

Eles passaram por pomares de árvores, brancas como ossos e carregadas de frutas roxas. Passaram por cavernas de quartzo e opala. Passaram por fileiras de portas, cada uma com um rosto diferente entalhado. Acima de tudo, o teto cintilava com uma luz distante.

— Pode me perguntar o que quiser. As restrições da rainha não são minhas. — Roiben esperava que o encantamento que a rainha lançou não fosse irresistível.

— Eu queria pedir desculpas — disse ela baixinho. Seus olhos estavam vidrados pelo encanto, as pálpebras semicerradas. Uma das mãos percorria a parede de mica cintilante, acariciando-a como se fosse a barriga de um animal enorme.

— Desculpas? — repetiu ele mecanicamente.

— A lanchonete — disse ela, oscilando um pouco, a mão na parede a mantendo ereta. — Eu não sabia o que estava fazendo.

Ele fez uma careta. O poder da garota sobre ele era maior do que qualquer juramento, ele era literalmente seu, para comandar como quisesse. E ali estava ela, pedindo desculpas pela inteligência. Mas talvez fosse a magia também, forçando sua mente para longe da sobrevivência.

A mão de Kaye parou na parede e seus olhos estavam no chão. Ele respirou fundo.

— Foi um bom ardil. Talvez ainda encontre uma forma de fazer com que lhe seja útil. — Nem um pouco sábio aquele conselho. Ele

não entendia por que a fez passar pelo trabalho de tirar a flecha do seu peito quando, aparentemente, fazia questão de ser alvejado de novo.

Fada como alguém do próprio Povo Encantado, ela riu de repente.

— Nós vamos mesmo encontrar um vestido pra mim?

Ele assentiu.

— Tem uma costureira que pode tecer aranhas de volta da seda. Ela vai cuidar para que você tenha um vestido... — Ele engoliu o fim da frase, sem saber como terminar. Não era um vestido de baile, era uma mortalha. — Um vestido bonito — concluiu ele de forma péssima, mas estava dito.

Kaye sorriu de prazer, girou delicadamente sobre um dos pés, em uma dança improvisada, enquanto o seguia pelo corredor cintilante, repetindo as palavras dele.

— Aranhas de volta da seda...



Os aposentos de Skillywidden ficavam nas profundezas cavernosas do palácio, aonde Roiben raramente tinha motivo para ir. Rolos de cetim brilhante com tons quentes e dourados, sedas que facilmente passariam pelo buraco de uma agulha, brocados pesados enriquecidos com estranhos animais em movimento estavam espalhados pelo chão na sala escura. Uma mesa longa de madeira estava coberta de tigelas prateadas de tamanhos variados, com alfinetes, carreteis de linha e enfeites: peles de rato, gotas de orvalho cintilante, folhas que nunca perderiam a cor e outras coisas, menos agradáveis.

As coisas mais fantásticas no aposento eram as que pareciam mais comuns, Roiben sabia. O tear que tecia fadas em tapeçarias, prendendo-os ali até que esse ou aquele termo fosse cumprido, parecia um tear velho e muito usado, nada mais. O fuso era a mesma coisa, de madeira áspera e simples, mas ele sabia que o comprido fio preto enfiado na roca era cabelo humano.

A costureira era uma criaturinha com membros finos, longos e desajeitados. Estava vestida com tecido preto fino que lhe escondia metade do rosto e parecia tão curvada que os braços compridos quase tocavam o chão. Roiben fez uma reverência curta enquanto olhos pretos brilhantes o observavam. Skillywidden sibilou seus cumprimentos e foi levantar os braços magros de Kaye, medindo sua largura ao apertá-los entre o polegar e o indicador. Quando os olhos castanhos de Kaye se encontraram com os do cavaleiro, ele viu o brilho do medo, embora o corpo permanecesse inerte.

— Saborosa — disse Skillywidden com voz rouca em tom especulativo. — Pele macia. O que vou trocar por ela? Posso fazer uma túnica com o aroma de flores de maçã. Isso o lembraria de seu lar, não?

Kaye estremeceu.

— Eu vim por um vestido, não para trocar — disse Roiben, sufocando ele mesmo um tremor. — A rainha gostaria que ela estivesse mais bem-vestida para os festejos, considerando que ela — novamente, foi difícil encontrar as palavras certas para não alarmar a garota — é a convidada de honra.

Skillywidden riu e começou a remexer nos rolos de tecido. O estado drogado de Kaye parecia impedi-la de lembrar que a costureira a assustava, e ela agora acariciava um tecido que mudava de cor com o toque.

— Abra os braços — disse a costureira —, como um pássaro. Isso.

Kaye levantou os braços enquanto Skillywidden a cobria de tecidos e sussurrava de forma incoerente. A velha segurou o queixo de Kaye de repente e o empurrou para baixo, depois foi até as tigelas e remexeu no conteúdo. A única coisa que Roiben podia fazer era esperar.

Flores de maçã não lembravam mais Roiben de seu lar, embora a Corte Seelie emanasse esse aroma. Não, agora o perfume de flores de maçã o lembrava uma mulher-árvore, cujo rosto marrom estava tranquilo como terra, apesar da distância que a afastava de sua árvore. Ela era uma profetisa, mas não quis profetizar para a rainha Unseelie. Ele recebeu a ordem de persuadi-la.

No entanto, o que mais se lembrava era de suas últimas palavras, faladas enquanto dedos cheios de musgo lhe arranhavam a bochecha e seiva densa escorria dos muitos cortes no corpo da mulher-árvore.

— Não inveje quem está morrendo — dissera ela.

É possível quebrar uma coisa, mas nem sempre se consegue depois colocá-la na forma que você deseja.

— Cavaleiro? — disse Skillywidden, segurando um pedaço de seda branca fina. — Está adequado?

— Envie o vestido para os meus aposentos — disse Roiben, despertando de seus pensamentos. — A rainha a deseja arrumada e de volta ao palácio esta noite.

Skillywidden ergueu o rosto do que estava reunindo, piscou como uma coruja e grunhiu. Era resposta suficiente para o cavaleiro; ele não tinha necessidade de pedir mais rapidez da costureira. Kaye se beneficiaria de qualquer atraso, provavelmente.

— Venha — disse Roiben, e Kaye o seguiu docilmente. Ela parecia bêbada de magia.

Ele refez seus passos pelo Palácio dos Cupins e finalmente chegou a uma porta de madeira entalhada com um unicórnio. Ele a abriu com uma chave prateada e deixou Kaye entrar antes dele. Então a viu parar e olhar os livros que cobriam uma mesa baixa, passar as mãos em volumes finos em brochura de Yeats e Milton, demorando mais ao tocar um volume de couro com fechos de prata. Era um livro de canções antigas, mas não havia título na capa empoeirada, e ela não o abriu para folhear as páginas. Na parede havia uma tapeçaria, a que ele tinha cortado em tiras uma noite antes. Ele se perguntou se o quarto parecia uma cela aos olhos da garota. Não poderia ser o que ela esperava depois das coisas maravilhosas que vira em outros lugares.

Kaye estudava a tapeçaria, observando o que restava dela.

— Ela é bonita. Quem é?

— Minha rainha — respondeu ele. Quis se corrigir, mas não podia.

— Não a rainha Unseelie? A outra? — Kaye se sentou na colcha castanha da cama e inclinou a cabeça, ainda analisando a figura. Ele não precisava olhar para ver o retrato, cabelo preto

caindo como uma capa sobre as costas do vestido esmeralda; lindo, mas meros pontos. Um mortal os tinha bordado, um homem que, depois de ver a rainha Seelie, passou o restante da curta vida tecendo retratos dela. Ele morreu de fome, ferido, os dedos vermelhos manchando a última tapeçaria. Por muito tempo Roiben invejara uma devoção tão perfeita.

— A outra — concordou ele.

— Eu li aquele... — Kaye apontou para *Paraíso perdido*. — Bom, uma parte.

— “O horror e a dúvida confundem seus perturbados pensamentos que lhe acendem o Inferno dentro de si, o Inferno que ele traz em si, e em torno de si, não pode um passo dar fora do Inferno, porque, aonde quer que vá, leva-o junto” — citou ele.

— Foi em um daqueles livros enormes de antologias, mas nós não o estudamos na aula. Eu guardei o livro depois que larguei a escola. Você sabe o que é o ensino médio? — A voz soou sonolenta, ele achou, mas a conversa foi relativamente normal. Embora o encantamento persistisse, não parecia mais dominá-la. Ele se permitiu ver isso como sinal positivo.

— Nós sabemos sobre seu mundo, ao menos superficialmente. As fadas independentes sabem mais. São eles que ficam junto a janelas, assistindo à televisão pelas frestas. Já vi um batom trocado por valores absurdos entre dríades.

— Pena que não me deixaram trazer minha bolsa. Eu poderia ter usado suborno pra sair daqui. — Kaye riu, se acomodando na cama de Roiben.

Ela se encostou na cabeceira, a calça jeans preta desfiada nos tornozelos, onde tocavam as botas surradas. Só uma garota. Uma garota que não deveria ser corajosa assim. Em volta do pulso, um elástico envolvia a pele, marcas desbotadas de tinta azul ainda visíveis. Não havia anéis naqueles dedos. As unhas roídas até os sabugos. Detalhes. Coisas que ele deveria ter notado.

Ela parecia cansada, percebeu. Ele sabia pouco de como era a sua vida antes de ele ter bagunçado tudo. Com uma careta, lembrou-se da camisa rasgada que ela rasgou ainda mais para lhe cobrir a ferida.

— Pelo menos, nós achamos que sabemos sobre o seu mundo. Mas não sei tanto quanto deveria sobre você.

— Não sei muito sobre o mundo — disse Kaye. — Só sei sobre a cidade horrível onde cresci e a cidade mais horrível ainda onde morei depois disso. Nunca saí do país. Minha mãe quer ser cantora, mas na maior parte do tempo só fica bêbada, gritando que as outras vocalistas são péssimas. Meu Deus, isso parece tão deprimente.

Roiben pensou no que aconteceria se o sacrifício não fosse feito, se por astúcia ou sorte ou alguma outra coisa, Kaye escapasse. As fadas independentes ficariam livres por sete anos. Ele imaginou o caos que viria em seguida.

Quase o agradava.

— Acho que eu mesmo nunca fui alegre, bela Kaye.

Ela suspirou, sorriu e inclinou a cabeça para trás, o cabelo louro picotado se espalhando em uma auréola nos travesseiros. Ele pensou distraidamente que gostaria de trançar aquele cabelo da mesma forma que já trançara o da irmã.

— Cursei o ensino médio por um tempo — continuou ela—, mas eu perdi o hábito. As pessoas costumam achar que sou esquisita, o que é engraçado agora. Talvez esquisita seja a palavra errada.

Ele se sentou na beira da cama, só ouvindo.

— Eu achava que esquisitice era uma coisa boa. E não falo na defensiva. Achava que era algo a ser cultivado. Eu passei muito tempo em bares, montando equipamentos, desmontando, carregando vans, tirando a cabeça da minha mãe de privadas, coisas que outros adolescentes não faziam. E às vezes as coisas aconteciam, coisas mágicas que eu não podia controlar. Mas, mesmo assim, isso tudo, você, é tão difícil aceitar que você é real. — Ela disse a última parte com uma reverência baixa, nem um pouco merecida.

Ainda assim, ela falava de um jeito tão normal. Extrovertida. Ela até parecia normal, ainda que um pouco à vontade demais na cama de um estranho.

— Você ainda quer me agradar?

O sorriso da garota foi surpreso e meio perplexo.

— Lógico que quero.

— Seria melhor que não quisesse — disse ele, hesitante, tentando encontrar um jeito de despertá-la do encantamento. Ele não poderia fazer nada por ela se continuasse assim na hora da cerimônia. — Seria melhor que você agisse de acordo com os próprios desejos.

Ela se sentou empertigada e olhou para ele atentamente.

— Você quer? Você não quer ir pra casa?

— Para a Corte Seelie? — Ele se permitiu falar. Por um longo momento, considerou o que ela perguntou e balançou a cabeça. — Houve uma época em que eu não quis outra coisa. Agora, acho que eu não seria bem-vindo entre eles e, mesmo que fosse, é improvável que nos adequássemos.

— Você não é como todo mundo diz que é — argumentou Kaye, olhando para ele com tanta ferocidade que ele não conseguiu encará-la. — Eu sei que não é.

— Você não sabe nada de mim — disse ele. Ele queria puni-la pela confiança que via naquele rosto, arrancá-la agora, para poder ser poupado da visão de quando essa confiança fosse traída.

Ele queria lhe dizer que a achava incrivelmente atraente, estando meio encantada, com o corpo machucado e arranhado e totalmente alheia ao fato de que não viveria além do amanhecer. Ele se perguntou o que ela diria se ele confessasse isso.

Mas ele apenas deu uma risadinha forçada.

— Deixe-me explicar de novo. Das hordas da Corte Unseelie, há muitos que não se preocupam com sangue e morte, exceto como diversão. Mas a horda é mais do que um incômodo. Nicnevin governa sobre segredos antigos, enterrados nas entranhas de prados e pântanos. O crepúsculo detém tantas verdades quanto o amanhecer, talvez mais, pois eles são percebidos com menos facilidade. Não, eu não acho que seria bem recebido de volta, como agora vejo.

— Mas eles... — disse Kaye, e ele levantou a mão para interromper o protesto.

— Facções menores de seres, dos quais o Reino das Fadas faz parte, precisam de inimigos para lhes dar propósito. Pense nos anjos de Milton. Seu Deus não foi sábio em lhes dar um diabo com que lutar?

Kaye ficou quieta por um momento.

— Certo, você está dizendo que a Corte Seelie precisa odiar a Corte Unseelie. Mas isso quer dizer que você acha que não são todos ruins?

— Não consigo pensar em nenhum insulto forte demais para a rainha Unseelie, mas já vi gentileza em alguns da sua corte. Mais gentileza e sabedoria do que teria permissão de esperar.

— E qual adversário a Corte Unseelie tem?

— Novamente, os paralelos com os seus diabos são excelentes. Eles lutam contra o próprio tédio. É uma luta que muitas vezes requer diversões cada vez mais cruéis.

Kaye estremeceu.

— E você?

Roiben deu de ombros. Ele tinha quase esquecido como era ficar sentado, conversando com alguém.

— Sou alguma outra coisa, não de nenhuma corte, não verdadeiramente independente. Há possuidores demais da minha alma.

Ela ficou de joelhos e esticou as mãos para segurar as dele.

— Só pra você saber, confio em você.

— Mas não devia — disse ele automaticamente. Ainda assim, viu-se não querendo mais puni-la pela fé que depositava nele. Na verdade, ele se viu querendo ser digno dela. Queria ser o cavaleiro que já tinha sido. Só por um momento.

Ele a viu respirar fundo, se preparando talvez para o próximo momento da conversa. E percebeu que não conseguiria suportar.

Roiben se inclinou para a frente antes que pudesse mudar de ideia e lhe deu um beijo nos lábios ressecados. A boca de Kaye se abriu com um sopro quente e seus braços subiram pelos ombros do cavaleiro, pousando com leveza e quase hesitação na nuca.

A língua dele explorou sua boca, procurando uma fuga do frio dentro de si. Era tão bom que ele sentiu os dentes doerem.

Do inferno ele não pode fugir nem um passo a mais do que de si mesmo. Encantada. Ele estava beijando uma garota enfeitiçada. Ela parecia meio atordoada e passou a língua pelo seu lábio inferior, mas não disse nada.

Ele se perguntou o que exatamente ela iria pensar quando sua mente estivesse mais bem preparada para avaliar aquele tipo de coisa. Se bem que, a própria mente sussurrou, o amanhã não chegaria para ela, chegaria? Só havia o agora e, se ele quisesse beijá-la, era só um beijo.

Kaye se afastou um pouco e encolheu os joelhos na frente do peito.

— Isso a deixaria irritada? — Novamente, ele não precisou perguntar a quem ela se referia.

— Não — respondeu ele, passando a mão no roto e dando uma risadinha. — Dificilmente. Sem dúvida a divertiria.

— E a outra... a outra senhora?

Ele fechou os olhos por reflexo, como se tivessem lhe jogado alguma coisa. Ele se perguntou por que estava enamorado de uma garota que conseguia dissecá-lo com comentários aleatórios, tirar seu equilíbrio com perguntas frívolas e sinceras.

— Pode me beijar, se quiser — disse ela baixinho, com voz rouca, antes que ele encontrasse resposta. Parecia que a magia tinha se esvaído, porque seus olhos estavam tão límpidos quanto brilhantes. Ele não sabia se o feitiço da rainha a dominava nem quais compulsões lhe provocava. — Eu só devia parar de fazer perguntas idiotas.

Ele se inclinou para a frente, mas houve uma batida na porta, baixa e insistente. Por um momento, ele não se mexeu. Queria dizer alguma coisa sobre os olhos da garota, talvez fazer uma pergunta melhor sobre o encantamento ou, pelo menos, uma que pudesse oferecer uma resposta melhor. Dizer que ela podia perguntar o que quisesse. E ele queria beijá-la, queria tanto que mal conseguiu se levantar, ir até a porta e abri-la.

Skillywidden tinha conseguido um barrete vermelho para fazer a entrega. Ele estava parado na porta, fedendo a sangue seco e podridão. Dentes pontudos apareceram quando ele sorriu e olhou para trás do cavaleiro, para a garota na cama.

Roiben pegou o tecido branco de suas mãos.

— É melhor que isto esteja limpo.

— A senhora quer saber se você já acabou com ela. — O olhar malicioso no rosto do barrete vermelho deixou óbvio como ele

interpretou aquelas palavras.

A fúria cresceu em Roiben, sufocou-o de forma tão inesperada que ele temeu estar tremendo por isso. Ele respirou fundo, e de novo. Acreditava que o mensageiro não repararia. Barretes vermelhos não eram muito observadores.

— Pode dizer a ela que ainda não terminei — avisou ele, sustentando o olhar com o que esperava ser um sorrisinho e uma inclinação de cabeça ao fechar a porta —, mas espero terminar em breve.

Quando ele se virou para ela, o rosto de Kaye estava inexpressivo.

Ele reprimiu a emoção que sentiu sem nem se dar ao trabalho de identificá-la.

— Vista isso — disse ele com rispidez, sem nem tentar esconder a raiva da voz, deixando que ela pensasse que era direcionada a ela. Ele jogou o vestido para Kaye, viu-a estremecer quando a seda escorregadia deslizou pela beira da cama, então se inclinar sem falar nada para pegar o vestido de volta.

Ela não confiava nele, afinal. Ótimo.

— Está na hora — disse ele.



Uma palavra morre Quando é dita Dizem alguns. Eu digo que só Começa a viver Nesse dia.

— EMILY DICKINSON, "VI. UMA PALAVRA"

Corny afundou na água quente e cheia de limo quando Nephamael entrou no aposento. As mulheres fadas que tinham cortado o seu cabelo e passado óleo na pele terminaram e saíram sem precisar receber ordem para tanto.

— Elas o deixaram adorável — disse Nephamael, a luz tremeluzente da vela refletida nos olhos amarelos.

Corny se mexeu, envergonhado. O óleo provocava uma sensação estranha na pele, mesmo debaixo da água. Seu pescoço coçava onde fios de cabelo cortado haviam grudado.

— Me fazer ficar adorável é tão provável quanto fazer chumbo virar ouro — murmurou ele, torcendo para parecer espirituoso.

— Está com fome? — perguntou Nephamael com voz macia. Corny queria perguntar sobre Kaye, mas era difícil com o cavaleiro andando em sua direção com passos lentos e regulares.

Corny assentiu. Não confiava na própria voz. Ainda mal conseguia acreditar que Nephamael o tinha tirado de sua vida pobre e ridícula para aquilo.

— Neste país há frutas com gosto melhor do que toda a carne da sua terra. — Seus lábios largos se abriram em um sorriso.

— E eu posso prová-las?

— Bem provável, bem provável. — Nephamael indicou uma pilha de roupas. — Vista-se e lhe mostrarei.

Corny ficou agradecido e decepcionado quando Nephamael o deixou para se aprontar sozinho. Vestiu apressadamente a túnica e a calça apertada de veludo azul e ignorou a umidade da pele.

Nephamael estava esperando no corredor. Ele passou os dedos pelo cabelo de Corny, ajeitando-o.

— Um elogio cairia mal, tenho certeza.

Com o toque daquelas mãos, ele nem conseguia responder.

— Venha — disse Nephamael, e Corny foi atrás.

A cera pingava pelas paredes numa imitação de estalactites. Corny ouvia música e risadas ao longe. Eles passaram por portas abertas de hera prateada e entraram em um jardim onde maçãs prateadas pendiam dos galhos das árvores, puxando-os quase até o chão. Um caminho estreito de pedras brancas contornava as árvores e voltava, passando pelo jardim. Acima do pomar, o teto curvado brilhava como se fosse dia e não continuassem dentro de uma colina. Corny sentia cheiro de terra revirada e fruta podre.

— Vá em frente — disse Nephamael, indicando as árvores. — Coma o que desejar.

Corny não sabia mais se estava com fome. Ainda assim, para não desagradar o cavaleiro, foi até lá e colheu uma maçã de uma das árvores. Caiu facilmente em sua mão. A casca prateada era quente ao toque, como se sangue corresse sob a superfície.

Corny olhou para Nephamael, que parecia observar um pássaro branco empoleirado em uma das árvores. Corny mordeu a fruta com cautela.

Tinha gosto de plenitude, de anseio e sonho e desejo, de forma que uma dentada o deixou vazio. Nephamael deu um sorrisinho enquanto via Corny lambe a fruta mordida, devorar a polpa, cair de joelhos, sugar o miolo pálido.

Vários outros da horda se reuniram para vê-lo se empanturrar, rostos lindos com feições angulosas e olhos em formato de lágrima virados para ele como flores. Eles estavam rindo. Corny só conseguia comer. Nem reparou em Nephamael gargalhando. Uma mulher com chifres finos e curvos jogou para ele uma ameixa amassada. Explodiu na terra, e ele correu para lambe o chão, com terra e tudo. Ele lambeu a terra depois que a fruta tinha acabado, na esperança de encontrar alguma gota.

Formigas pretas andavam pelas frutas caídas e grudentas, e ele comeu essas também, procurando cegamente qualquer pedacinho.

Depois de um tempo, Nephamael se adiantou e enfiou um biscoito nos lábios de Corny. Ele aceitou o alimento na boca sem pensar. Tinha gosto de serragem, mas o engoliu mesmo assim.

Caiu sólido no estômago, e a fome avassaladora passou. Deixou-o agachado embaixo de uma das árvores, desperto e ciente. Ele olhou para as mãos imundas, para a roupa manchada, para as fadas gargalhando e se engasgou para não chorar como uma criança que não sabia o que mais fazer.

— Calma, calma — disse Nephamael, dando tapinhas no ombro de Corny.

Corny se levantou, os punhos cerrados.

— Pobre Cornelius. Você parece tão frágil, tenho medo que seu coração se parta. — Havia diversão no tom do cavaleiro.

Corny se viu reagindo àquela voz rouca e suave, sentindo a vergonha e o constrangimento sumindo até parecerem de pouca importância.

— Venha aqui, meu bichinho. Você se sujou todo. — Nephamael levantou a mão e fez sinal para ele se aproximar.

Um olhar daqueles olhos amarelos e ele se derreteu. Corny entrou no círculo dos braços de Nephamael, apreciando a sensação dos espinhos.



Naquela noite, os foliões estavam mais tranquilos. Não havia duelo de violinistas nem danças barulhentas em grupo. Não havia pilhas de frutas nem de bolos de mel. Havia sussurros e risadas abafadas. A única luz vinha de braseiros por todo o ambiente e das fadinhas que voavam sobre o grupo.

Era difícil pensar. Os pés de Kaye estavam gelados ao atravessar o chão de terra. A névoa da magia tinha se dissipado lentamente, mas, quanto menos encantada, mais aterrorizada ela se sentia.

Ela iria morrer. Não fazia diferença se seus pés estavam gelados.

Roiben estava de costas para ela, o cabelo cor de estanho deslizando como mercúrio pelos ombros do casaco enquanto ele a guiava pela multidão.

Ela não iria morrer, ela lembrou a si mesma. Era um jogo. Só um jogo. Seus amigos a salvariam.

Um dedo subiu inconscientemente para tocar a boca, que parecia estranhamente macia e inchada. Ela se lembrava bem da pressão dos lábios do cavaleiro, da maciez, e se lembrava da expressão naquele rosto quando ele se afastou: de horror, talvez, ou de repulsa. Ela balançou a cabeça para espairar, mas não ajudou em nada.

Alguns dos olhos pelos quais ela passou cintilavam com afeição, e ela se perguntou como as fadas independentes planejavam dividir o que sobrasse dela.

Kaye respirou fundo o ar frio de outono, então de novo. Não tinha graça.

Roiben fechou a mão no seu braço e a guiou por seres lindos e grotescos. A terra estava úmida sob seus pés descalços, e ela se concentrou na sensação para se firmar.

A rainha estava parada no centro do que parecia uma pista de dança grande e prateada. Era composta de várias partes, cada uma entalhada com representações de humanos e fadas amarradas, que se encaixavam como um quebra-cabeça. No centro, Kaye podia

facilmente discernir algemas decoradas presas a correntes curtas e pesadas. Ao contrário da base, as algemas e as correntes eram de ferro. Ela sentia o cheiro.

As camadas diáfanas das vestes pretas de Nicnevin voavam na brisa. A camada mais comprida, a da cauda, era sustentada em três pontos por assistentes goblins. A gola rígida subia como uma barbatana preta translúcida atrás do pescoço. Kaye olhou para a gola, permitiu que o olhar fosse até a coroa de tranças ruivas enrolada na cabeça da Rainha, deixou o olhar pousar em qualquer lugar, menos naqueles olhos azuis mortais.

Roiben se apoiou em um joelho, e ela não precisou de estímulo para fazer o mesmo.

— Levantem-se — disse a Rainha. Kaye e Roiben se levantaram.

A rainha fez um gesto de dispensa para Roiben, um aceno impaciente da mão. Ele hesitou por um momento e se aproximou da rainha, apoiando-se novamente em um joelho.

— Eu daria qualquer coisa pela libertação dela — afirmou Roiben em uma voz tão baixa que Kaye teve certeza de que apenas os muito próximos ouviram. Ele olhava para baixo, mas Kaye não sabia dizer se para o chão de terra ou para os pés da rainha.

A sinceridade na voz do cavaleiro a assustou. Não era seguro, aquele jeito de falar. Ele achava que tinha que fazer aquilo para pagar alguma dívida que julgava ter com ela? Ele achava que tinha que fazer aquilo porque a beijara?

Nicnevin passou a mão pelo alto da cabeça de Roiben. A voz soou tão baixa quanto a dele, mas seus olhos faiscavam de prazer feral. Ela olhava para trás dele, para a escuridão além do palácio.

— Você já não é meu servo em todas as coisas? Tem alguma coisa sua que eu não já não possua?

Ele levantou a cabeça nesse momento e encarou os olhos azuis da rainha Unseelie, e Kaye quis gritar um aviso, alguma coisa, mas o momento pareceu congelar e ela não se mexeu.

— Talvez eu possa oferecer meu entusiasmo — argumentou ele. — Você já reclamou de tal ausência.

Os lábios da rainha se curvaram nos cantos, um quase sorriso, mas ela não parecia achar graça.

— Acho que não. Gosto de sua teimosia.

— Deve haver algo — insistiu Roiben.

Nicnevin encostou o dedo indicador nos lábios carmesim e bateu de leve. Quando falou, a voz soou alta o bastante para se espalhar pelo anfiteatro natural da colina oca.

— A tragédia é tão atraente. Fico comovida a ponto de oferecer fazer um jogo com você. Você gostaria?

— Fico agradecido, minha senhora — respondeu Roiben, a cabeça ainda baixa.

Ela voltou o olhar para Kaye.

— Bem, criança, parece que você agradou meu cavaleiro, afinal. Responda uma charada e a Corte Unseelie te dará de presente para ele.

Um murmúrio atravessou a multidão.

Kaye assentiu, sem saber o que era apropriado numa corte de fadas.

Havia diversão real na voz da rainha quando ela falou:

— Se me cortam, choro lágrimas vermelhas como a minha pele, mas meu coração é feito de pedra. Suplico, garota mortal, que me diga o que sou.

Você é você. Kaye mordeu o lábio para segurar a gargalhada histérica que ameaçou subir pela garganta novamente. Tudo bem: pele vermelha, centro de pedra. O que batia com a descrição? Ela achava que se lembrava de uma história antiga sobre alguém cujo coração fora transformado em pedra e restaurado por lágrimas, mas ela não sabia de onde vinha a lembrança. Não, charadas costumavam ter respostas simples, de conhecimento geral, uma palavra só. Sempre pareciam óbvias depois que se sabia a resposta.

Pele. Talvez algum tipo de fruta? E a pedra podia ser um caroço? Ah. *Cereja*.

Kaye mordeu o lábio. Se respondesse a charada corretamente, ela poderia sair dali, algo que desejava desesperadamente. Ela desviou o olhar para os dois lados da rainha, procurando Spike ou Lutie, mas, se eles estavam na multidão, seus olhares furtivos não os encontraram. Sair dali não fazia parte do plano. No momento, ela

não tinha tanta certeza se ligava para o que fazia ou não parte do plano.

Ela mordeu o lábio com mais força quando percebeu como Roiben se arriscara por ela. Teriam Lutie e Spike percebido que ela talvez precisasse de proteção enquanto fosse prisioneira da Corte Unseelie? Se os vários comentários que ela havia ouvido naquela noite fossem algum indicativo, um cavaleiro da horda podia fazer o que quisesse com uma prisioneira humana. Agora, sabendo disso, se Spike achava Roiben tão cretino, por que convencê-la de seguir um plano que a deixava nas mãos do cavaleiro pela maior parte da noite?

Não, ela responderia à pergunta antes que as coisas fugissem ao controle. Ela responderia à pergunta, contaria tudo a Roiben, principalmente o quanto lamentava, e torceria para ele entender. Depois, encontraria Spike e obteria respostas verdadeiras.

— Uma cereja — disse Kaye com toda firmeza que conseguiu.

Roiben soltou um chiado agudo, apesar de permanecer de joelhos. Ela se perguntou por quanto tempo havia prendido o fôlego.

— A minha senhora não pode... — começou a dizer o escriba de cara de raposa, mas a rainha Unseelie o interrompeu com um gesto da mão.

— Levante-se, meu cavaleiro. Você escolheu bem. Ela é sua.

Roiben se levantou e se virou ligeiramente na direção de Kaye, uma expressão de alívio evidente no rosto. Kaye esticou a mão para ele. Ela explicaria tudo assim que fossem dispensados. Ela o faria entender.

— Agora, ordeno que você ofereça seu prêmio para ser sacrificado no Tithe — disse a Rainha.

Houve risadas na plateia.

Ela viu fúria e vergonha se transformarem em uma coisa horrível. Viu a mão de Roiben descer e tremer sobre o cabo da espada.

Mas ele pareceu recuperar o controle e se curvou para a rainha com um sorriso. Virou-se para Kaye, encostou os lábios em seu pescoço, botou a mão em seu quadril e falou contra a pele de forma que só ela pudesse ouvir:

— O que lhe pertence, mas os outros usam mais que você?

A boca se movendo sobre a pele do pescoço fez Kaye estremecer. Ela abriu a boca para responder, mas ele balançou a cabeça e levantou a mão para acariciar o contorno da sua mandíbula com o polegar.

— Pense.

Ele a soltou e se juntou aos outros cavaleiros.

Três figuras de trajes brancos prenderam Kaye, as mãos com luvas pesadas, tomando cuidado para mexer no ferro. Primeiro, prenderam seus tornozelos e depois os pulsos. As algemas de ferro ardiam de leve na pele.

Quatro cavaleiros da Corte Unseelie foram para os pontos norte, sul, leste e oeste. Roiben se postou ao sul, abaixo dos seus pés. Os olhos não encontraram os dela.

O que lhe pertence, mas os outros usam mais que você?

Quatro homens baixos e atarracados carregaram braseiros ardendo com fogo verde para os quatro pontos em volta do círculo, onde estavam os cavaleiros. Os homenzinhos ficaram de joelhos, equilibrando os braseiros nas costas, como se fossem bancos vivos.

O escriba com cara de raposa da rainha levantou as duas mãos, e o salão ficou em silêncio. Kaye procurou algum rosto familiar na multidão. Por um momento, pensou ter visto Spike, mas não conseguiu ter certeza. Havia tantas criaturas.

Mais chamas verdes arderam em volta do salão, projetando sombras estranhas.

Em algum lugar fora do círculo, um único tambor começou a bater.

A rainha Unseelie começou a falar, a voz ecoando no quase silêncio:

— Nós nos reunimos nesta noite sagrada para cumprir nossa dívida sagrada. Esta noite, nós que governamos temos que nos ajoelhar.

Como um único ser, a Corte Unseelie ficou de joelhos. Só as fadas independentes continuaram de pé. Até a rainha se ajoelhou, o vestido em dobras em torno do corpo.

— Nós, a Corte Unseelie, guardiões dos segredos da terra, governantes de sangue e osso, oferecemos um sacrifício voluntário em troca de obediência voluntária dos que vivem em nossas terras.

Obviamente, não incomodou ninguém que o sacrifício voluntário estivesse acorrentado, pensou Kaye. A batida lenta do tambor era enlouquecedora. Um contraste calmo com seu coração, que batia até a morte no peito.

A rainha Unseelie continuou:

— Qual é o sacrifício que oferecemos?

A corte respondeu em uníssono.

— Sangue mortal. Espírito mortal. Paixão mortal.

Deslocando-se para um dos lados da rainha, o olhar de Kaye pousou por fim em Corny, com expressão vazia perto de Nephamael. O cabelo castanho-claro fora cortado bem mais curto e penteado para a frente. Isso e a ausência dos óculos deixavam seu rosto fino e vulnerável. Ele estava todo vestido de veludo azul, arrumado como se o esperado fosse que ele interpretasse um drama jacobita depois que o sacrifício acabasse. Kaye ficou horrorizada de vê-lo ali, e ainda mais horrorizada pela falta de expressão.

Nephamael a estudava com seus olhos amarelos implacáveis. Ela torcia para que ele não demorasse a fazer alguma coisa.

Timidamente, ela projetou a própria magia para cutucar o glamour que a cobria. Não se moveu, continuou agarrado como um lençol molhado. Ela nem sentia as asas.

— O que pedimos em troca? — A voz da rainha Unseelie soou alta, linda e terrível.

Novamente, a horda respondeu:

— Obediência. Controle. Submissão.

O olhar de Kaye se desviou e ela encarou Roiben. De joelhos, falando as palavras do ritual, seus olhos ardiam enquanto ele tentava se comunicar com ela pelo canal improvável da expressão facial.

O que lhe pertence, mas os outros usam mais que você?

Era outra charada, obviamente. O que lhe pertence? No mundo das charadas, é o básico: corpo, cérebro, espírito. Ela tinha quase certeza de que usava tudo aquilo mais do que permitia a outra pessoa usar.

— Nós perguntamos: vocês entendem o acordo que oferecemos?

Dessa vez, foram as fadas independentes que falaram, as vozes não tão sincronizadas, criando o efeito de ecos.

— Nós entendemos.

Ela estava examinando a questão ao contrário, concluiu ela. Ele queria que ela fizesse alguma coisa. A charada era sobre alguma coisa que ela já sabia.

Ela olhou para o rosto de Roiben e entendeu tão completamente que chegou a perder o fôlego.

O que lhe pertence, mas os outros usam mais que você?

Seu nome.

A voz da rainha Unseelie quebrou sua concentração. Ela parecia estar falando em sincronia com o tambor distante.

— Vocês aceitam essa mortal como seu sacrifício?

— Aceitamos.

Kaye olhou ao redor, em pânico agora. *Para o que* ele queria que ela usasse o nome dele? O salão era enorme e estava cheio. Ele achava mesmo que tinha como tirá-la dali?

— Vocês se vinculam a nós?

As fadas independentes falaram como um só.

— Nós nos vinculamos.

Kaye não conseguiu evitar um puxão frenético na corrente. O pânico se espalhava por ela, deixava seu sangue gelado.

— Qual é o termo do seu serviço?

A aurora se aproximava. Kaye viu o brilho vermelho além das chamas verdes.

— Sete anos é o tempo do nosso vínculo.

A rainha levantou a adaga.

— Que o acordo seja selado com sangue.

Ninguém a salvaria. Kaye puxou as correntes com força, jogou todo o seu peso contra elas, mas estavam apertadas, e a base da palma da sua mão não passava pelas algemas. Arderam ainda mais quando ela se mexeu. A rainha Unseelie parecia surpresa. De modo vago, Kaye se deu conta de que sua calma e seu silêncio deviam ter feito com que ela parecesse ainda estar enfeitiçada.

Ela lutou para sufocar o pânico por tempo suficiente para pensar.

Tinha que usar o nome de Roiben. Mas não fazia ideia do que o mandar fazer.

Uma ordem específica... me salve... impeça isso... me tire daqui?

Roiben a olhava de cara fechada.

Como ele podia querer que ela fizesse aquilo? Não fazia sentido, mas não havia mais tempo para pensar.

— Rath Roiben Rye. — A voz soou baixa, as palavras atropeladas pelo pânico. Ela percebeu o que fazia e a garganta quase se fechou. — Rompa minhas correntes.

Roiben puxou a espada fina como um dedo, e a Corte Unseelie ferveu, barulhenta. Um momento de hesitação e ele sorriu. Foi um sorriso sombrio, horrível, a expressão mais terrível que ela já vira.

Três cavaleiros o alcançaram mesmo antes de ele entrar no círculo. A espada pesada do cavaleiro verde se chocou contra a de Roiben no mesmo momento que um cavaleiro de vermelho o atacou por trás. Ele se virou, mais veloz do que ela teria acreditado, e sua lâmina cortou o cavaleiro vermelho no rosto. O ser encantado levou as mãos aos olhos, cambaleante, e a espada caiu no círculo.

Roiben tentou defender um golpe do terceiro cavaleiro, uma mulher com um machado, mas demorou demais. A lâmina afundou no ombro esquerdo com tanta força que devia ter chegado ao osso.

Roiben cambaleou para trás, ofegante de dor, a espada pendendo da mão direita, a ponta arrastando no círculo de metal. Subiu bem a tempo de perfurar o peito do cavaleiro verde quando ele se adiantou. O cavaleiro caiu de lado, completamente imóvel. Havia só um buraquinho na armadura, mas já se enchia de sangue.

Roiben e a cavaleira se encaravam, trocando golpes hesitantes. Suas armas não eram boas para aquele tipo de combate, a espada dele pequena demais e o machado dela lento demais, mas os dois combatentes eram perigosos o suficiente para compensar. Ela avançou, balançando o machado na direção do braço de Roiben em vez do tronco, torcendo para pegá-lo desprevenido. Ele deu um pulo para o lado e se desviou do ataque, mas a errou com um golpe amplo da própria espada.

Outras tropas Unseelie se adiantaram, muitas e variadas demais para Kaye contar: trolls e duendes e barretes vermelhos. A rainha

estava imóvel, os lábios, apertados numa linha fina.

Kaye puxou as correntes e arqueou o corpo com força. Nada cedia.

O sangue tinha escurecido o tecido no ombro de Roiben com uma perturbadora mancha ampla. Enquanto ela o via rasgar o flanco da cavaleira com força suficiente para botar a mulher de joelhos, mais dez oponentes o cercaram. Houve vários golpes e movimentos, o corpo da fada girando para cortar um punho com garras, para estripar uma barriga exposta.

E, ainda assim, outros surgiram.

Kaye virou a cabeça o máximo que conseguiu e cuspiu nas mãos, tentando em vão lubrificá-las o suficiente para puxá-las pelas algemas, murmurando:

— Não, não, não.

A rainha estava gritando agora, mas Kaye não identificou as palavras em meio ao som de lâminas e gritos dos curiosos.

Uma pequena forma surgiu ao lado de Kaye no metal. Spike estava cutucando as algemas dos pulsos da amiga com uma faquinha.

— Deu muito errado — disse o homenzinho. — Ah, Kaye, tudo ficou péssimo.

— Ele vai morrer! — gritou ela. De repente, ocorreu-lhe o que podia fazer. O mais alto que conseguiu, ela gritou: — Rath Roiben Rye, fuja!

A rainha Unseelie se virou ao ouvi-la, o rosto selvagem, e foi para cima de Kaye. Seus lábios articulavam as palavras, mas Kaye não conseguia ouvi-las.

Roiben atacou outro oponente e ficou de costas para Kaye. Ela não sabia nem se ele havia ouvido a ordem. Talvez ele tivesse fugido para o mais longe que conseguiu.

— Anda logo, Spike — disse Kaye, lutando para não deixar o corpo se comportar como um animal selvagem preso e se debatendo, que impediria Spike de ter qualquer chance de abrir a tranca.

As sobrelhas do homenzinho estavam franzidas em concentração intensa, os dedos queimando onde tocavam o ferro. De repente, ele foi jogado de lado como se por mãos invisíveis.

— Embora você tenha sido uma boa distração, acho isso tudo cansativo. — A Rainha da Corte Unseelie colocou o pé no pescoço de Kaye. A garota ofegou, a pressão cortando o ar e ameaçando quebrar o seu pescoço.

Mas a pressão sumiu e a rainha caiu. Gotículas de sangue atingiram a bochecha de Kaye antes do corpo cair sobre ela. Houve um chiado nauseante quando a rainha bateu no ferro. Ela estava morta.

Roiben a encarou, mas os olhos pareciam desfocados e enlouquecidos. Havia uma mancha de sangue em sua boca, mas ela achava que não era o dele. Ele levantou a espada, e ela só teve um momento para gritar quando a lâmina atingiu as correntes que prendiam seus tornozelos, acertando o metal com tanta força que ecoou.

Spike estava engatinhando ali perto de novo, cutucando o corpo imóvel da rainha Unseelie e murmurando sozinho. Um silêncio tinha se espalhado pela corte.

Houve uma ondulação repentina no ar em volta de Kaye. Ela sentiu a magia girando sobre ela, fazendo as algemas de ferro que ainda seguravam seus pulsos e tornozelos queimarem de forma insuportável. A pele ficou de repente apertada demais, quente demais, começou a descascar como havia acontecido no gramado de casa, mas dessa vez não de forma gentil. Suas asas se soltaram da pele fina que as segurava na hora que Roiben bateu com a espada na corrente que prendia sua mão direita.

Ele arregalou os olhos e cambaleou para trás. Estava tão perplexo que errou na hora de se defender quando outro barrete vermelho o atacou. Ele se virou quase tarde demais, e a pequena espada curva do barrete vermelho cortou sua coxa.

Sem a proteção do glamour estranho e forte, o ferro queimou os punhos e tornozelos de Kaye como se estivessem em brasa. Ela uivou de dor, lutando para tirar aquelas coisas, lutando para sair de baixo do peso do corpo da rainha.

Spike pareceu se recuperar o suficiente para voltar a trabalhar nas algemas e dessa vez conseguiu abrir a tranca da única algaema ainda presa à corrente. A pele de Kaye estava com bolhas no local onde o ferro tinha tocado.

— Nós temos que ir! Venha! — Spike lhe puxava a mão, o rosto pálido de medo.

A corte tinha explodido em caos ao redor. Kaye procurou Corny, mas não o viu na multidão. Ele parecia ter sumido com Nephamael. Ela não sabia qual das criaturas lutando ou correndo ou se escondendo era inimiga e nem se havia algum amigo ali, além do duende que tentava colocá-la de pé. E Roiben, cuja espada girava em arco, batendo na lança que uma criatura com pintas e brilhantes olhos dourados segurava.

Ele tinha sangue correndo pela mão direita; sangue encharcando a perna esquerda da calça. Ela percebeu que os seus movimentos pareciam enrijecidos.

Kaye tentou não se concentrar na dor do ferro, tentou se concentrar em se levantar.

— Não podemos deixá-lo aqui.

Uma saraivada de pinhas voou em volta deles e pegou fogo onde caiu.

— Ah, podemos, sim — disse Spike, puxando-a com determinação renovada. — É melhor ele não pegar você depois que usou seu nome daquele jeito.

— Não, você não entende — argumentou, mas sabia que tinha sido ela quem não tinha entendido. Ela, que tinha tentado fingir. Roiben sabia o tempo todo que estava oferecendo a vida a ela.

Sua *idiotia*, ela teve vontade de gritar.

— Rath Roiben Rye, eu te ordeno a sair daqui comigo e com Spike, agora mesmo, porra! — Ela gritou o mais alto que conseguiu, segura de que ele estava próximo o suficiente para ouvi-la dessa vez.

Roiben se virou, os olhos ardendo em fúria. Ele pareceu canalizar a raiva para a espada, porque o golpe seguinte cortou a garganta do ser de olhos dourados.

Kaye oscilou, tentando não cair de joelhos, tentando não resvalar para a escuridão. Seus tornozelos e pulsos doíam, e ela só conseguia sentir gosto e cheiro de ferro.

Mas Roiben a puxou pela multidão com a mão encharcada de sangue. Ele a puxou para que corresse, e Spike os acompanhou, correndo também.

Quando eles saíram do salão, uma figura entrou na frente do trio, mas foi golpeada antes de Kaye ter mais que um vislumbre de uma coisa absurdamente alta e cinza-pálida.

Então estavam no cemitério, correndo pelo caminho inclinado de quartzo, passando por marcadores de túmulos de flores de plástico e latas de refrigerante esmagadas, pisando em guimbas de cigarro, e todas aquelas coisas humanas pareciam talismãs que poderiam manter os monstros longe.

Até ela se dar conta de que era um dos monstros.



"Mas, exceto se fores meu inimigo, Devo inquirir." "Ah não, meu bem, deixa tudo como está; O que importa, desde que haja fogo Em ti e em mim?"

— YEATS, "A MÁSCARA"

Kaye correu pela entrada da garagem, o carro da mãe parecendo ao mesmo tempo familiar e estranho, como se fosse parte de um quadro que pudesse, de repente, ser virado de lado para se revelar plano. A porta da varanda dos fundos lembrava um portal entre mundos e, mesmo tão perto, a garota não sabia se poderia entrar para a cozinha.

Mais do que cansada, ela se sentia entorpecida.

Roiben se encostou no olmo e fechou os olhos, a espada segura na mão inerte. Seu corpo tremia de leve e, perto de coisas que eram familiares para ela, o sangue encharcando o braço e a coxa parecia pavoroso.

Naquele momento, Lutie desceu de uma das árvores, circulou Kaye duas vezes, pousou no seu ombro e deu um beijo na pele úmida do pescoço. Kaye foi pega de surpresa e estremeceu com o toque repentino.

— Medo, medo bobo, medo, medo, medo — cantarolou Lutie junto ao seu pescoço.

— Eu também — disse Kaye, encostando a mão na vibração do corpinho.

— Vai haver um montão de músicas sobre você até a noite — disse Spike, os olhos brilhando de orgulho.

— Teria havido o dobro se eu tivesse morrido como vocês planejavam, não é?

Spike arregalou os olhos.

— Nós nunca...

Kaye mordeu o lábio e se forçou a reprimir a histeria que ameaçava subir pela garganta.

— Se Nephamael pretendia tirar o glamour de mim, seria do meu cadáver.

— Me dispense, pixie — disse Roiben. Seus olhos exibiam uma expressão vazia que lhe embrulhou o estômago. — Eu fui descuidado. Não vou guardar ressentimentos contra você ou os seus, mas essa tolice termina *agora*.

— Eu não planejei isso... seu nome. Não pretendia usá-lo para nada. — Kaye esticou a mão para tocar na beira da manga do cavaleiro.

O efeito foi instantâneo. Ele lhe agarrou o pulso e o girou com força. Lutie gritou e pulou do ombro de Kaye no ar.

Não havia raiva na voz, nem sarcasmo, nem calor. Estava estranhamente vazia, assim como os olhos.

— Se quer que eu aguente seu toque, você precisa me ordenar que o faça.

Ele largou a mão de Kaye tão rapidamente que era como se ela fosse feita de ferro. A garota tremia, assustada demais para chorar, infeliz demais para falar.

Spike a encarou com olhos arregalados, como se estivesse argumentando com uma lunática.

— Então, Kaye, diga a ele que pode ir. Ele promete que não vai guardar ressentimentos. É uma proposta generosa.

— Não — disse ela, mais alto do que pretendia. Todos olharam para ela com surpresa, embora o olhar de Roiben tenha ficado escuro.

Ela precisava explicar. Então se virou para ele, tomando o cuidado de não o tocar.

— Entre. Você pode limpar os cortes lá dentro. Eu só quero explicar. Você pode ir embora esta noite.

Os olhos dele não estavam mais baços; ardiam de fúria. Por um momento, ela achou que Roiben a mataria antes que pudesse gaguejar seu nome. Em seguida, ela achou que ele simplesmente iria embora e a desafiaria a impedi-lo. Mas ele não fez nenhuma dessas coisas.

— Como ordenar, minha mestra. — As palavras saíram da boca do cavaleiro e cortaram mais fundo do que ela imaginava que palavras pudessem cortar. — Eu preferiria que mais ninguém soubesse como me chamar.

Spike piscou para o cavaleiro Unseelie, aparentemente sem conseguir controlar um tremor. Lutie os observava de um galho do olmo.

— A Bruxa do Cardo vai precisar saber o que aconteceu hoje — avisou Spike, devagar.

— Vá em frente — disse ela. — Podemos conversar sobre isso depois. — Ela pegou a chave extra embaixo de um frasco empoeirado de água sanitária e abriu a porta o mais discretamente que conseguiu. A casa estava em silêncio.

Roiben seguiu Kaye até a cozinha, e a visão do cavaleiro fechando com cuidado a porta dos fundos e enchendo um copo que devia estar sujo com água da torneira foi tão incongruente que ela precisou parar e olhar. Ele bebeu, inclinando a cabeça para trás, e a coluna do pescoço se alinhou. Ele devia ter visto que ela o estava observando; quando terminou a água, ele olhou na direção dela.

— Perdão — pediu ele.

— Não, continue. Eu só vou fazer café. Hã, o banheiro fica ali. — Ela apontou.

— Tem sal? — perguntou ele.

— Sal?

— Pra minha perna. Não sei bem o que pode ser feito no braço.

— Ah. — Ela remexeu na gaveta de temperos da avó e pegou uma lata de sal Morton. — Iodo não seria melhor?

Ele só balançou a cabeça sombriamente e andou na direção do banheiro.

Alguns minutos depois, voltou com o glamour mais humano. Como antes, o cabelo parecia mais branco que prateado, os ossos da face ligeiramente menos angulosos e as orelhas menos proeminentes. Ele tinha tirado a camisa, e ela ficou desconcertada ao ver as cicatrizes que ele trazia no peito. Ele devia ter encontrado gaze; uma das coxas exibía uma atadura embaixo da perna da calça.

Ela serviu café em duas canecas, alarmada de ver que as mãos estavam trêmulas. Depois de colocar açúcar em uma das canecas, ela olhou para Roiben. Ele assentiu e repetiu o gesto quando ela ofereceu leite.

— Quando te conheci, eu não sabia que era fada — explicou ela.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Suponho que soubesse que não era humana quando me chantageou por um beijo, pois você estava tão verde quanto agora.

Kaye sentiu o rosto se encher de calor. Ela só assentiu.

— A pergunta, lógico, é se você me ajudou na floresta pela recompensa do meu nome.

Ela gaguejou, a sensação de enjoo na boca do estômago se intensificando. Se era o que ele achava, não era surpresa estar furioso.

— Não tinha como eu saber o que você iria me oferecer. Eu só queria te irritar na lanchonete... e... eu sabia que fadas não gostam de dizer o nome real.

— Um dia, alguém vai cortar fora essa sua língua inteligente — disse ele.

Ela mordeu o lábio inferior, pressionando-o com os dentes enquanto ele falava. O que ela esperava? Uma declaração de amor por causa de um beijo sem graça?

Kaye olhou para a caneca fumegante na sua frente. Ela tinha certeza de que, se tomasse um gole daquele café, vomitaria.

Ela precisava de um cigarro. A jaqueta de Ellen estava no encosto da cadeira, e ela remexeu nos bolsos em busca de cigarro e isqueiro. Apesar da expressão de surpresa de Roiben, ela o acendeu e deu uma tragada funda.

A fumaça queimou seus pulmões como fogo. Ela se viu de joelhos no piso de linóleo, engasgada, o cigarro queimando o piso de plástico onde tinha caído.

Roiben apagou o cigarro com um movimento da bota e se inclinou para a frente.

— O que você estava fazendo?

— Eu fumo — respondeu ela, sentada no chão. Os olhos já úmidos da tosse não conseguiam mais segurar as lágrimas. Parecia idiotice que aquilo a abalasse, mas ela soluçou, uma sensação mais parecida com vomitar sem nada no estômago do que qualquer choro anterior.

— É veneno! — exclamou ele, incrédulo. — Até o Povo de Ferro morre disso.

— Eu sei. — Ela encostou o rosto nos joelhos e limpou as bochechas no vestido de fada, desejando ter deixado que ele fosse embora quando quis.

— Você está cansada — disse ele com um suspiro longo que podia ser irritação. — Onde você dorme? Talvez seja bom considerar um glamour. — A expressão impassível, sem emoção.

Ela limpou as lágrimas das bochechas e assentiu.

— Você está cansado?

— Exausto. — Ele não exatamente sorriu, mas o rosto relaxou um pouco.

Eles subiram a escada em silêncio. Seus novos sentidos a distraíam. Ela ouvia o ronco assobiado da mãe e a respiração mais leve e abafada da avó. Ao subir os degraus, ela sentiu o cheiro das lascas de madeira e dos excrementos dos ratos, dos sabonetes químicos e sprays no banheiro, até da camada pesada de poeira oleosa que cobria a maioria das superfícies. De alguma forma, cada odor era mais vívido e distinto do que ela lembrava.

Ignore, ela disse para si mesma. Acontecera o mesmo na última vez que o glamour pesado foi removido. Uma pequena vantagem para compensar o fato de que ela não podia tocar em metade das coisas de metal da casa e de que uma tragada no cigarro podia fazê-la quase desmaiar.

Eles entraram no quarto e ela girou a chave antiquada para trancar a porta. Impossível ela conseguir explicar Roiben para a avó, com ou sem glamour.

— Bom, eu vi o seu quarto — disse ela. — Agora, você vai ver o meu.

Ele andou pela bagunça e foi se sentar no colchão no piso. Ela revirou nos sacos de lixo e encontrou um edredom verde cheio de buracos de cigarro. O rosa que ela costumava usar para dormir já estava no colchão, e ela esperava que não cheirasse demais a suor.

Roiben tirou as botas e olhou ao redor. Ela viu os olhos dele pousarem na gaiola dos ratos e nas pilhas de roupas, livros e revistas no chão.

— Um pouco caído, eu acho. — Ela se sentou na base da cama boxe, ainda encaixada na moldura da cama branca.

Ela o observou se deitar no colchão, fascinada pela forma como os músculos compactos se moviam sob a pele. Ele parecia perigoso mesmo cansado e com curativos e enrolado no edredom rosa.

— O que você fez com ela? — Por entre cílios prateados semicerrados e pesados, ele ergueu o olhar.

— O quê?

— A garota que é realmente dona deste quarto. O que você fez com ela?

— Vai se foder — disse ela, com tanta raiva que por um minuto não se importou de que deveria estar convencendo-o do próprio arrependimento.

— Você achou que eu acreditaria nas lágrimas de uma pixie? — perguntou ele, virando-se e escondendo o rosto.

Insultos sufocados cobriram a língua de Kaye como cardos, fazendo sua garganta doer pelo esforço de reprimi-los. Os dois estavam cansados. Ela tinha sorte; ele ainda estava falando com ela.

Por mais cansada que estivesse, ela não conseguiu dormir. Ficou olhando para ele, observando-o se virar na cama, se enrolar nas cobertas. Ela viu o rosto da fada relaxar na exaustão, uma das mãos segurando com força a ponta do travesseiro.

Ele nunca lhe pareceu tão real quanto naquele momento, o cabelo solto e desgrenhado, um pé descalço para fora do colchão, apoiado num livro de biblioteca que ela pretendia devolver.

Mas ela não queria pensar nele como real. Não queria pensar nele.



De repente, ela estava sendo sacudida para acordar. Ela piscou na escuridão incomum da janela fechada. Roiben estava sentado ao lado dela na base dura da cama, as mãos segurando seus ombros com tanta força que ela teve certeza de que ficaria roxa.

— Diga o que você pretendia me contar, Kaye — disse ele, os olhos brilhando.

Ela se esforçou para despertar. Nada naquela cena fazia sentido, principalmente a angústia evidente no rosto do cavaleiro.

— Você ia me contar que era uma fada — insistiu ele. — Não deu tempo.

Ela assentiu, ainda atordoada pelo sono. Ele parecia enorme; o quarto todo foi engolido por aquela presença, de forma que era impossível olhar para qualquer outro lugar que não fosse os olhos de Roiben.

— Me conte — disse ele, soltando os ombros dela, as mãos lhe afastando o cabelo do rosto em uma carícia desajeitada. — Diga.

— Eu não pretendia... Eu queria — gaguejou ela, sonolenta, com dificuldade de encontrar as palavras.

As mãos dele pararam. A voz soou baixa dessa vez.

— Me faça acreditar.

— Não posso — disse ela. Ela tinha que se concentrar, precisava encontrar a resposta que faria tudo se ajustar. — Você sabe que eu não posso.

— Volte a dormir, Kaye — aconselhou ele baixinho, sem tocá-la agora, as mãos cerradas nos joelhos.

Ela se apoiou nos cotovelos, dando-se conta, atordoada, de que tinha que o impedir, antes que ele se levantasse da cama.

— Me deixa te mostrar — disse ela, se inclinando para a frente para pressionar os lábios nos dele. Os do cavaleiro se abriram sem resistência nenhuma e deixaram que ela o beijasse como se ele pudesse sentir o gosto da verdade na sua língua.

Depois de um momento, ele se afastou delicadamente.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse ele com um sorrisinho pesaroso.

Ela se deitou de volta, as bochechas ficando vermelhas, desperta agora e perplexa consigo mesma.

Roiben deslizou da cama para o chão. Ele olhava para longe dela, para o raio de luz que aparecia embaixo da janela de plástico fechada e suja.

Ela virou de lado e olhou para o que conseguia ver do rosto dele. Seus dedos cutucavam com nervosismo uma gota de cera no edredom.

— Eu respondi à charada. Achei que ela ia me deixar ir e respondi mesmo assim.

Ele olhou para ela abruptamente, impressionado.

— Você fez isso. Por quê?

Kaye queria explicar da melhor forma que pudesse. Ele estava ouvindo, pelo menos naquele momento. Ela teve o cuidado de manter a voz firme, sincera.

— Porque não era para ser daquele jeito. Nunca pensei em te usar daquele jeito... Você não deveria...

— Fique feliz por eu ter feito o que fiz — disse ele, mas falou de forma gentil. Ele levantou a mão e passou três dedos pela lateral do maxilar dela. — É estranho te ver assim.

Ela tremeu.

— Assim como?

— Verde — respondeu ele, os olhos como névoa, como fumaça, como todas as coisas insubstanciais.

Ela perdeu a coragem ao olhar naqueles olhos. Ele era lindo demais. Ele era um feitiço que ela teria que quebrar por mero

acidente.

A voz soou suave quando ele falou de novo.

— Eu tenho vivenciado um excesso de morte, Kaye.

E se isso era dito como uma oração pelo passado ou uma súplica pelo futuro, ela não sabia dizer.

Dessa vez, quando ele se deitou no colchão e puxou o edredom por cima dos ombros, ela viu as teias balançarem a cada lufada de ar que entrava pelas frestas das janelas velhas. Palavras ecoavam à margem dos seus pensamentos, frases que ela tinha ouvido, mas não tinha. Ela havia visto as cicatrizes no peito do cavaleiro, dezenas de marcas, listras brancas pálidas de pele com borda rosa.

Ela imaginou a Corte Unseelie da forma que a viu na noite em que entrou escondida com Corny, só que agora eles estavam todos olhando para o brinquedo novo, um cavaleiro seelie com cabelo prateado e olhos tão lindos.

— Roiben? — sussurrou ela no quarto silencioso. — Ainda está acordado?

Mas, se estava, ele não respondeu.



Quando ela acordou de novo, foi porque alguém batia à porta.

— Kaye, hora de levantar. — A voz da mãe parecia tensa.

Kaye gemeu. Saiu da posição desconfortável com os membros rígidos, sentindo a marca de cada mola de metal nas costas.

As batidas não pararam.

— Sua avó vai me matar se eu deixar você perder mais um dia de aula. Abra a porta.

Kaye saiu da cama, tropeçou em Roiben e girou a chave na fechadura.

Roiben se sentou, os olhos pequenos de sono.

— Glamour — disse ele com voz rouca.

— Merda. — Ela quase tinha aberto a porta com asas enormes presas nas costas e a pele verde.

Ela se concentrou por um momento, puxando energia pelas mãos, sentindo-a vibrar nos dedos. Ela se concentrou nas feições,

nos olhos, na pele, no cabelo, nas asas. Seus pulsos e tornozelos ainda estavam doloridos, e ela teve o cuidado de usar glamour para compensar a descoloração na pele, onde tinha sido queimada pelo ferro.

Então abriu a porta.

Ellen olhou para ela e olhou para Roiben, atrás.

— Kaye...

— É Halloween, mãe — disse Kaye, com um tom queixoso na voz.

— Quem é ele?

— Robin. Ficamos bêbados demais pra dirigir. Não me olha assim, a gente nem dormiu na mesma cama.

— É um prazer conhecê-la — disse Roiben, com voz rouca. Naquele contexto, a formalidade soou como embriaguez, e Kaye sentiu uma vontade gigantesca de rir.

Ellen ergueu as sobrancelhas.

— Tudo bem, podem dormir. Mas não faça disso um hábito — disse ela por fim. — E se algum dos dois vomitar, vocês vão limpar.

— Tudo bem. — Kaye bocejou e fechou a porta. Considerando o volume de vômito que tinha limpado ao longo dos últimos dezesseis anos, a maioria da mãe, ela achava que era um comentário bem injusto, mas estava cansada demais para argumentar.

Alguns momentos depois, Kaye estava encolhida na base da cama boxe de novo, pegando rápido no sono.



Na terceira vez que Kaye acordou, estava escuro lá fora. Ela se espreguiçou devagar e o estômago se embrulhou. Então esticou a mão para a lâmpada na mesa de cabeceira e a ligou, banhando o quarto numa pálida luz amarela.

Roiben tinha sumido.

O edredom rosa estava enrolado no pé do colchão, os dois travesseiros ao lado; o lençol que cobria o colchão, solto numa

ponta, como se o cavaleiro tivesse tido um sono agitado. Nada que sugerisse para onde ele tinha ido; nada que fosse uma despedida.

Ela só pediu para ele ficar durante o dia. Quando a escuridão chegou, Roiben ficou livre para ir embora.

Afobada, ela tirou o vestido de fada pela cabeça e o jogou no chão com o restante da roupa suja, para depois vestir a primeira coisa que encontrou: uma camiseta branca lisa e uma calça xadrez com zíperes nas laterais. Destrançou o cabelo e o penteou com os dedos. Tinha que encontrá-lo... Ela o encontraria...

Kaye parou com uma das mãos ainda no cabelo. Ele não queria que ela o seguisse. Se quisesse algo com ela, teria pelo menos se despedido. Ela havia pedido desculpas e ele tinha ouvido. Ele até a tinha perdoado, mais ou menos. E pronto. Não havia motivo para ir atrás dele, a não ser que levasse em consideração o toque estranho e macio da mão dele na sua bochecha e a aceitação gentil de mais um beijo. E o que aquelas coisas significavam? Menos do que nada.

Mas, quando ela desceu a escada, Roiben estava ali, *bem ali*, sentado no sofá florido da avó, com Ellen ao lado. A mãe de Kaye usava um vestido vermelho e tinha dois chifres de lantejoulas saindo do cabelo.

Kaye parou na escada, atordoada com a improbabilidade da cena que se chocava com a total normalidade. A televisão estava ligada e a luz azul tremeluzente acentuava as feições de Roiben, e ela não sabia se ele ainda trajava o glamour.

Ele estava mergulhando pedaços de pão branco direto no pote de mel, encharcando-os em líquido âmbar denso, que deixava pingar na boca e comia.

— Estou agradecido — disse ele. — Está muito bom.

A mãe de Kaye riu daquela educação.

— Não sei como você pode comer isso. Ugh. — Ellen fez uma careta. — É doce demais.

— É perfeito. — Ele sorriu e lambeu os dedos. O sorriso foi tão honesto e vulnerável que pareceu deslocado no rosto. Ela se perguntou se era assim que ele era antes de ir para a Corte Unseelie.

— Você é um jovem danadinho — disse Ellen, e isso apenas o fez sorrir mais.

Kaye desceu alguns degraus e Ellen ergueu o olhar. Roiben também se virou para ela, mas ela não conseguiu ler nada naqueles olhos cinzentos.

— Bom dia — cumprimentou Roiben, e a voz soou calorosa e arrastada como o mel que ele estava comendo.

— Você continua com a cara péssima, garota — disse sua mãe.
— Tome mais água e uma aspirina. A bebida desidrata.

Kaye assentiu e desceu o restante dos degraus.

Na televisão, um Batman de desenho animado perseguia o Coringa por um armazém velho assustador. Lembrou a ela o antigo prédio do carrossel.

— Vocês estão vendo desenho? — perguntou Kaye.

— O noticiário começa em dez minutos. Eu quero ver a previsão do tempo. Vou pra Nova York assistir ao desfile. Ah, querida, quando encontrei Liz outro dia, contei como você estava e tudo. Ela disse que tinha uma coisa pra você.

— Você viu Liz? Achei que estivesse com raiva dela.

— Que nada. Águas passadas. — Ellen sempre ficava mais feliz quando entrava numa banda.

— Ela me mandou um álbum?

— Não. É um saco de roupas. Ela ia doar. Não cabe mais nada nela. Está na sala de jantar. A bolsa cinza.

Kaye foi abrir a sacola de plástico. Estava cheia de tecidos brilhantes, couro e vinil. E, sim, ali estava, tão cintilante e roxo quando nas suas lembranças, o macacão. Ela o tirou com reverência.

— Por que você não me contou o verdadeiro motivo para não querer se mudar pra Nova York? — Ellen olhou na direção de Roiben.

O rosto da fada estava cuidadosamente inexpressivo.

Kaye parecia não conseguir organizar os pensamentos para responder.

— Vocês querem café ou alguma outra coisa?

Sua mãe deu de ombros.

— Tem café na cozinha. Acho que sobrou da manhã. Eu posso fazer mais.

— Não, eu pego — disse Kaye.

Ela foi para a cozinha e serviu a bebida escura numa xícara. Botar leite só deixou o café de um tom cinza doentio. Ela acrescentou várias colheres generosas de açúcar e tomou como se fosse penitência.

Roiben não parecia nada irritado; ao contrário, parecia bem à vontade, sentado no sofá. Ela deveria estar se sentindo melhor, mas tinha a impressão de que os nós no estômago haviam se apertado.

Já era noite e em pouco tempo ele iria embora. Ela o queria, queria que ele a quisesse mais do que ela tinha direito e motivos de esperar, e essa certeza era amarga como o café velho.

— Kaye? — Era Roiben, um pote quase vazio de mel em uma das mãos, encostado na moldura da porta.

— Ah, oi — disse ela estupidamente, segurando a xícara. — Isto está horrível. Vou fazer mais.

— Eu estava... Eu queria agradecer.

— Pelo quê?

— Por explicar o que aconteceu. Por me fazer ficar aqui ontem à noite.

Ela jogou o café velho na pia e escondeu o sorriso constrangido que queria surgir nos lábios. Encheu a panela de água quente e girou algumas vezes antes de jogar fora.

A voz estava muito baixa quando ele voltou a falar:

— Por não ter medo de mim.

Ela riu com ironia.

— Você só pode estar brincando. Morro de medo de você.

Ele sorriu para Kaye, um daqueles sorrisos arrebatadores, deslumbrante e breve.

— Obrigado por disfarçar, então. Foi bem realista.

Ela sorriu para ele.

— Tudo bem. Se eu soubesse que você ia gostar tanto assim e tal...

Ele revirou os olhos, e foi tão bom ficar ali sorrindo timidamente um para o outro. Todas as palavras bobas que ela queria lhe dizer de repente começaram a subir pela garganta, desesperadas para saírem.

— Eu só estou feliz que acabou — disse ela, rompendo o feitiço enquanto virava para colocar pó de café num filtro.

Ele olhou para ela, incrédulo.

— Acabou?

Ela parou no meio do gesto.

— É, acabou. Nós estamos aqui em segurança e acabou.

— Não quero te perturbar — disse ele —, mas eu duvido muito...

— Kaye! — gritou Ellen da sala. — Venha ver isso. Tem um urso solto.

— Só um instante, mãe — respondeu Kaye. Ela se virou para Roiben: — O que você quer dizer com não acabou?

— Kaye, o Reino das Fadas é um lugar governado por costumes severos e irrevogáveis. O que você fez tem consequências.

— Tudo tem consequências — argumentou ela —, e a consequência disso é que as fadas independentes estão livres de novo, você está livre e a rainha má morreu. Parece bem acabado pra mim.

— Kaye, vai ter terminado quando você chegar aqui — avisou Ellen.

Kaye respirou fundo e foi para a sala.

Ellen estava apontando para a tela.

— Olha só isso.

Na tela, um repórter, parado no meio do Parque Estadual Allaire, anunciava que um homem tinha sido morto e devorado parcialmente. O repórter disse que, a julgar pelas marcas de garras, as autoridades imaginavam se tratar de um urso.

— Agora eu estou com fome — disse Kaye.

O repórter continuou, o cabelo grisalho penteado para trás colado à cabeça, a voz exageradamente dramática:

— O cachorro do homem foi encontrado preso ao corpo por uma coleira e, aparentemente, não estava ferido. O cachorro foi acolhido pela filial de West Long Branch da Sociedade Protetora do Animais e está à espera de que parentes da vítima vão buscá-lo.

— Que raça de cachorro será? — perguntou Kaye quando Roiben voltou para a sala.

Ellen fez uma careta.

— Vou terminar minha maquiagem. Você pode descobrir pra mim se vai chover? A previsão do tempo deve começar daqui a pouco.

— Tudo bem — disse Kaye e se sentou no sofá.

Na televisão, o mesmo repórter voltou com outro aviso sobre o animal e afirmou que havia vários registros não confirmados de crianças desaparecidas. Em alguns dos relatos mais improváveis, as crianças foram roubadas das camas, de carrinhos, de balanços em parques. Mas ninguém tinha visto nada, nem mesmo um urso.

Um representante do Popcorn Park Zoo participava de uma coletiva de imprensa. O homem de cabelo branco polia os óculos metodicamente, quase chorando enquanto explicava como era difícil saber qual animal tinha fugido, considerando que de manhã todos foram encontrados nas jaulas erradas. Os tigres comeram várias lhamas antes que conseguissem separá-los. Os cervos estavam num viveiro de pássaros, em pânico no espaço apertado. Ele desconfiava da Proteção e Defesa dos Animais. Não entendia como isso podia ter acontecido em um zoológico tão organizado e bem gerenciado.

— Outra notícia é que uma garota quando voltava das aulas na Universidade Monmouth foi sequestrada hoje de manhã por um agressor não identificado. Ela foi libertada à noite, depois de um dia difícil em que foi obrigada a responder charadas para evitar ser torturada. Ela está no Centro Médico Monmouth em condição estável.

Kaye se empertigou.

— Charadas?!

Roiben olhou para Kaye na sala escura.

— O que você acha do primeiro dia dos próximos sete anos?

Kaye balançou a cabeça, sem entender.

A tela mostrava homens e mulheres sendo amarrados em macas no Parque Thompson. As pessoas tinham sido encontradas nuas, dançando em círculos, e tiveram que ser contidas à força pela polícia a fim de que parassem. As roupas foram encontradas por perto e as identidades não demonstravam ligação entre elas. Todos estavam sendo tratados de desidratação e bolhas nos pés.

Atrás das câmeras, Kaye via os cogumelos gordos crescendo em um círculo apertado.

Kaye passou a mão no rosto.

— Mas por quê? Não entendo.

Roiben respondeu enquanto andava pela sala:

— Tudo sempre fica mais fácil quando é visto como bem e mal, não é? Afinal, seus amigos são bons e sábios, então todos as fadas independentes devem ser bons e sábios. Seus amigos têm respeito e medo e conhecimento dos humanos, então todas as fadas seguirão esse exemplo.

O telefone tocou e a sobressaltou. Ela se levantou e atendeu.

— Alô.

Era Janet. Ela parecia desanimada.

— Oi, Kaye.

— Hum, oi. — Janet era a última pessoa que ela esperava que ligasse.

— Eu queria saber se você quer sair.

— O quê? — disse Kaye.

— Não, sério. A galera vai em uma rave hoje. Quer ir?

— Você viu o noticiário?

— Não, por quê?

Kaye tentou encontrar uma explicação.

— Dizem que tem um urso solto por aí.

— Nós vamos ao Píer. Não começa com esquisitice. Você vem?

— Ninguém deveria ir. Janet, não é seguro.

— Então, não vai — disse Janet. — Aliás, você viu o meu irmão?

O estômago de Kaye afundou de repente.

— Corny sumiu?

— Sumiu — respondeu Janet. — Desde ontem.

Kaye não devia ter presumido que Nephamael fosse ficar com ele só durante a noite, como acontecera da última vez. Corny ainda estava dentro da maldita colina. Ela sabia. Olhou com desespero para Roiben, mas ele a encarava sem entender. Ele não estava ouvindo Janet. E também não conhecia Corny.

— A gente se vê, tá? — disse Kaye.

— Certo, tudo bem. Tchau.

Ela desligou.

— Quem era? — perguntou Roiben.

— O irmão da Janet ainda está debaixo da colina... com Nephamael.

O nome de Nephamael fez Roiben ficar imóvel.

— Mais segredos?

Ela fez uma careta.

— Corny, ele estava comigo naquela noite... quando eu era uma pixie.

— Você é uma pixie.

— Ele estava lá naquela noite, quando você não sabia que eu era eu, e quando eu fui embora ele... conheceu... Nephamael.

Roiben ergueu as sobrancelhas.

— Corny estava completamente fora de si. Nephamael o machucou e ele... gostou. Ele queria voltar.

— Você deixou um amigo, um mortal, debaixo da colina... sozinho? — Ele parecia incrédulo. — Você não tem coração? Você viu em que o estava deixando.

— Você me obrigou a ir embora! Eu não consegui voltar. Eu tentei. E ele saiu sozinho daquela vez.

— Achei que seríamos sinceros um com o outro. Que tipo de sinceridade é essa?

Ela se sentiu totalmente infeliz.

— Você sabe quem é Nephamael?

Ela balançou a cabeça, o medo subindo pelo corpo, fazendo com que se sentisse pesada, fazendo-a querer afundar no chão.

— Ele... foi ele quem botou o encantamento em mim e depois o tirou.

— Ele já foi o melhor cavaleiro da Corte Unseelie, quero dizer... antes de ser enviado para a Corte Seelie como parte do preço de uma trégua. Ele foi enviado para lá, e eu fui enviado para Nicnevin.

Kaye ficou parada, atordoada, pensando na conversa que ouvira entre Nicnevin e Nephamael. Por que não tinha deduzido isso? Que outro significado poderia ter havido?

— Então Nephamael ainda serve Nicnevin?

— Talvez. Parece mais provável que ele sirva apenas a si mesmo. Kaye, você sabe quem elaborou o plano para sabotar o

Tithe?

— Você acha que foi Nephamael?

— Não sei. Diga, como seus amigos ficaram cientes de que você era pixie se nem a Rainha da Corte Unseelie conseguia ver por trás do seu glamour?

— A Bruxa do Cardo disse que se lembrava de quando fui trocada. Ela estava na Corte Seelie na época.

— Como eles conhecem Nephamael?

— Não sei.

— Está faltando informação, Kaye.

— Por que Nephamael ia querer causar problemas para Nicnevin?

— Talvez ele quisesse vingança por ter sido mandado embora. Duvido que ele tenha achado a Corte Seelie do seu gosto.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Eu preciso buscar Corny.

— Kaye, se o que você diz é verdade, sabe que existe chance de ele não estar mais vivo.

Ela inspirou intensamente.

— Ele está bem — disse ela.



E para as máscaras que continuam Para se banquetear à noite no mar puro!
— ARTHUR RIMBAUD, “DOES SHE DANCE”

Ela só havia levado apenas uma outra pessoa ao Pântano de Vidro. No verão em que completara 9 anos e Janet vivia enchendo o seu saco por causa dos amigos imaginários, Kaye decidiu que ia provar que eles eram reais de uma vez por todas. Janet pisou em um caco de vidro que cortou seu tênis e entrou no pé ainda no caminho. Elas nem chegaram a descer a crista.

Não tinha lhe passado pela cabeça até aquele momento desconfiar de que Lutie ou Spike ou até o pobre e morto Gristle tivessem alguma coisa a ver com aquilo.

Luzes agitadas eram visíveis da rua e os gritos se espalhavam pelo ar parado. Ela não conseguia ouvir as vozes bem o suficiente a

ponto de discernir se estavam prestes a dar de cara com um grupo de adolescentes tomando cerveja ou outra coisa.

Roiben estava todo de preto: calça jeans, camiseta e casaco comprido que deviam ter sido conjurados de raios de luar e teias de aranha, porque Kaye tinha certeza de que não tinham vindo de nenhum dos armários na casa da sua avó. Ele havia prendido a parte de cima do cabelo, mas o contraste do branco o fazia parecer ainda menos humano quando ele vestia roupas modernas.

Ela se perguntou se não parecia humana, como ele. Havia alguma coisa em si que afastava as pessoas? Kaye sempre supôs que era só esquisita, sem nenhuma outra explicação necessária. Ao olhar para Roiben, ela se questionou.

Ele olhou para ela sem virar a cabeça e ergueu as sobrancelhas numa pergunta silenciosa.

— Só estou te olhando — disse ela.

— Me olhando?

— Eu... eu queria saber como você fez isso. As roupas.

— Ah. — Ele olhou para baixo como se só então se desse conta do que vestia. — É glamour.

— O que você está usando de verdade? — As palavras saíram de sua boca antes que pudesse pensar. Ela fez uma careta.

Ele não pareceu se importar. Na verdade, abriu um de seus breves sorrisos.

— E se eu disser que nada?

— Então eu diria que, às vezes, quando a gente olha pra uma coisa com o canto do olho, é possível ver através do glamour — retorquiu ela.

Isso lhe arrancou uma risada surpresa.

— Que alívio para nós dois que eu esteja usando exatamente a roupa com que me viu hoje à tarde. Mas devo ressaltar que, com essa roupa aí, sua última preocupação devia ser a minha modéstia.

— Você não gostou? — Ela olhou para o macacão roxo de vinil. Não havia motivo para ela não o usar. Afinal, ainda era Halloween.

— Esse é o tipo de pergunta que eu começo a esperar de você. Uma pergunta para a qual não existe uma boa resposta.

Kaye sorriu e percebeu que o sorriso provavelmente ficaria em seu rosto por muito tempo. Eles podiam fazer aquilo. Podiam

resolver as coisas. Tudo ficaria bem.

— Ali embaixo? — perguntou ele, e ela assentiu.

— Indiscreto. — Isso foi tudo que ele disse antes de enfiar as botas na beira lamacenta e começar a descer o barranco.

Kaye foi atrás, tropeçando mais ou menos no próprio ritmo.

Mulheres e homens verdes estavam parcialmente imersos na parte mais funda do riacho, formas andróginas com casca de árvore e luzes cintilantes.

Algumas das criaturas viram Roiben e deslizaram para a água ou subiram a margem. Houve alguns sussurros.

— Kaye — chamou uma voz, e ela se virou.

Era a Bruxa do Cardo, sentada em um tronco. Ela bateu no lugar ao seu lado.

— As coisas não foram bem embaixo da colina.

— Não — disse Kaye, sentando-se. Ela queria imprimir mais raiva na voz, mas não conseguiu. — Eu quase morri.

— O cavaleiro de Nicnevin te salvou, não foi?

Kaye assentiu e olhou para ele, meio nas sombras, as mãos nos bolsos do casaco, de cara amarrada. Ela teve vontade de sorrir para ele, embora tivesse medo de ele sorrir de volta e isso destruir a postura furiosa dele.

— Por que o trouxe para perto de nós?

— Se não fosse por ele, eu estaria morta.

A Bruxa do Cardo olhou na direção do cavaleiro e para Kaye de novo.

— Você sabe as coisas que ele fez?

— Você não entende? Ela o obrigou a fazer!

— Não tenho desejo de ser bem-vindo entre vocês, velha mãe — disse Roiben, apoiando um joelho na terra macia. — Eu só queria saber se você estava ciente do preço da sua liberdade. Há trolls e coisa pior felizes da vida por estarem sem mestre além dos próprios desejos.

— E se há, e daí? — perguntou Spike, aparecendo atrás deles. — Que os mortais sofram como nós sofremos.

Kaye ficou perplexa. Ela pensou no desdém de Lutie por garotas mortais. Se ela fosse a mortal que ela achava que era, eles nunca teriam sido seus amigos. Seus dedos roçaram no plástico

roxo que cobria as pernas, e as unhas fizeram linhas no vinil. Ela queria que eles fossem melhores do que pessoas, mas eles não eram, e ela não sabia mais o que eram. Ela havia oscilado entre muitas emoções nos dias anteriores, estava com ressaca de adrenalina, estava preocupada com Corny e com Janet.

— Então somos nós contra eles agora? Não estou falando da Corte Unseelie aqui. Desde quando os mortais são inimigos das fadas independentes? — perguntou Kaye, a raiva se infiltrando na voz, deixando-a rouca. Ela olhou para Roiben de novo, tirando confiança daquela proximidade, o que a preocupou também. Como ele tinha passado de alguém que ela quase que desprezava para a única pessoa com quem contava, e no espaço de poucas horas?

Roiben tocou seu ombro de leve, um gesto reconfortante. Ela achou graça de como os olhos de Spike se arregalaram.

— Você pensa como uma mortal — disse Spike.

— Bom, caramba, eu passei todas as semanas da minha vida, menos a última, achando que era uma.

Spike franziu as sobrancelhas grossas e inclinou a cabeça para o lado, os olhos pretos faiscando.

— Você não sabe nada sobre o Reino das Fadas. Não sabe a quem deve sua lealdade.

— Se não entendo, é porque vocês não me disseram. Vocês me deixaram no escuro e me usaram.

— Você aceitou nos ajudar. Viu a importância do que estávamos fazendo.

— Temos que contar às fadas independentes que Nicnevin era inocente quanto ao sacrifício. Isso tem que parar, Spike.

— Não vou voltar a ser vinculado. Não por nenhum mortal. Não por nada.

— Mas a rainha Unseelie está morta.

— Não importa. Sempre existe outra, pior que a anterior. Não ouse tentar desfazer isso. Não ouse sair por aí, contando histórias.

— Senão você vai fazer o quê? — perguntou Roiben suavemente.

— Não cabe a ela — protestou Spike, girando os pelos compridos de uma sobrancelha com nervosismo entre os dedos.

— O Tithe não foi completado. O motivo não importa. O resultado é o mesmo. Por sete anos, as fadas independentes nas terras de Nicnevin estão livres.

— A não ser que entrem em um novo pacto.

— Por que fariam isso? — perguntou Spike. — Dizem que a rainha Seelie está vindo do norte, trazendo praticamente a corte toda, pelo que ouvi.

Roiben ficou paralisado.

— Por que ela está vindo? — sussurrou ele.

Spike deu de ombros.

— Provavelmente pra ver o que pode reivindicar antes que a Corte Unseelie se recupere. É uma hora ruim pra fazer acordos com qualquer lado.

— Você acha que Nephamael vai levar Corny para a Corte Seelie? — perguntou Kaye a Roiben.

Ele assentiu uma vez.

— Ele vai ter que o fazer, se quiser ficar com ele. — A suposição de que, se Nephamael não quisesse ficar com Corny, ele já estaria morto ficou no ar.

— Você sabe onde eles vão montar acampamento? — perguntou Kaye a Spike.

— É um pomar — respondeu Spike. — Um lugar onde as pessoas colhem as próprias maçãs. Eles devem estar lá amanhã, ao amanhecer.

Kaye sabia onde era. Tinha ido lá em um passeio da escola e duas vezes com a avó. Pomar Delicioso.

— Espere, eu quero ir com você — disse Lutie, voando para o ombro de Kaye. Ela sentiu um puxão no cabelo quando Lutie se segurou. — Posso ajudar — disse a fadinha, arrependida.

— Roiben, esta é Lutie-loo. Lutie-loo, Roiben.

Kaye amava quando ele sorria. De verdade.

— É meu grande prazer conhecê-la — disse Roiben, tocando na mãozinha com dois dedos.



Kaye andou pelo calçadão, como tinha feito menos de uma semana antes. Naquela noite, a lua estava minguante, distorcida, e a maresia se agarrava à pele e ao cabelo em uma névoa fina. Pontinhos prateados cintilavam no vinil roxo do macacão conforme ela se movia.

A impotência por não saber do paradeiro de Corny a deixava inquieta. Ela queria ir para todo, para qualquer lugar aonde Nephamael pudesse tê-lo levado, mas ela não sabia que lugares podiam ser esses. Por fim, ela decidiu ir à rave afinal. Se não podia ajudar Corny imediatamente, talvez pudesse ajudar Janet. Kaye sentia que precisava *fazer* alguma coisa, por mais que não precisasse.

A batida da música dentro do prédio abandonado estava tão alta que ela sentia a vibração do baixo pelas tábuas da passarela do calçadão. Já chamado de Galaxia, o clube ficava meio na rua e meio no que restava do píer. Vários anos antes, parte do passeio de tábuas tinha pegado fogo, o que destruiu as barracas de jogos, um escorrega de água e uma casa mal-assombrada. A casca preta remanescente era usada só para o show anual de fogos de artifício da cidade. O Galaxia já tinha sido um bar e boate típico de Jersey Shore; a placa pintada com spray continuava pendurada acima da porta, embora estivesse cinza, as beiradas corroídas pela areia jogada pelo vento.

Naquela noite, ela podia ver, através da janela, pulseiras néon e roupas coloridas pulsando a cada piscada da luz estroboscópica. Kaye não sabia se o lugar tinha sido alugado ou apenas invadido. Uma multidão estava reunida na porta, algumas pessoas fantasiadas para o Halloween, com máscaras e pintura no rosto, outras usando as calças jeans largas de sempre e camisetas. Uma garota com o cabelo em centenas de trancinhas coloridas pulava no lugar, um ursinho preso no passador de cinto com um fio amarelo fluorescente.

Antes de se aproximarem, Roiben pegou duas folhas na sarjeta. Nas mãos do cavaleiro, elas se tornaram notas novas que ele dobrou rapidamente e enfiou nos bolsos do casaco. Lutie botou a cabeça para fora e se escondeu de novo.

— Tenho que trabalhar essa coisa de glamour, né? — disse Kaye, mas ele só sorriu.

Na entrada, uma garota com uma peruca colmeia azul, batom azul e piercing azul no lábio deu o troco a ele.

— Bela roupa — disse a garota para Kaye, o olhar percorrendo o macacão com inveja. Kaye sorriu em agradecimento, então eles entraram.

Havia corpos encostados uns nos outros, oscilando como uma grande onda, dançarinos com espaço apenas para pular no mesmo lugar. Um palhaço estava dançando no balcão do bar, a maquiagem feita com tinta néon que brilhava na luz negra. Duas garotas vestidas de gato, as duas em collants brancos com rabos presos, dançavam ao seu lado. A música soava tão alta que Kaye nem tentou falar com Roiben; só segurou a mão na dele e o puxou pela multidão. Ele a deixou levá-lo na direção dos fundos, onde uma porta dupla se abria para a plataforma escura usada como pista de dança improvisada para os que não cabiam dentro do local.

Estava tão lotada quanto o interior, os corpos tão espremidos que até quem se sentou junto ao muro estava encostado.

— Está vendo alguma coisa? — gritou ela.

Ele balançou a cabeça.

Duas metades de um cavalo passaram por eles, segurando garrafas de água. Ela pensou ter visto Doughboy na multidão, sem fantasia nenhuma, mas não tinha certeza.

— Kaye — gritou Roiben ao seu ouvido. — Ali. Olha.

Ela seguiu o movimento rápido da mão dele com o olhar, mas não viu nada. Ela deu de ombros, sabendo que o gesto seria mais fácil de entender do que se ela falasse.

— Procure seus amigos — gritou ele. Ela assentiu quando ele saiu na direção de uma mulher alta com lábios carnudos e cabelo castanho. A mulher parou de dançar e começou a gritar com ele, balançando os braços freneticamente quando Roiben chegou perto. Em seguida, a mulher se virou, como se fosse correr, e ele segurou seu braço.

Kaye os deixou discutindo e entrou na multidão. Se havia uma única fada e Roiben já a encontrara, talvez não tivesse motivo para ficar tensa ali. No meio das pessoas dançando, parecia impossível

que houvesse qualquer coisa perigosa ou de outro mundo. Kaye começou a relaxar.

Kenny estava no píer, dançando com Fatima e Janet. Fatima vestia três camadas de saias longas e um lenço na cabeça e argolas grandes nas orelhas, parecendo uma pirata. Janet estava toda de preto, com bigodes desenhados no rosto com lápis de olho. Os bigodes lembraram Kaye mais um rato que um gato.

Kaye respirou fundo.

— Oi.

Fatima ergueu as sobrancelhas, e Kenny a encarou como se ela não estivesse com o glamour.

— Oi — cumprimentou Janet. Não pela primeira vez, Kaye se perguntou por que Janet a convidara. Kenny havia passado a mensagem? Janet tinha ouvido o que aconteceu na escola? Era para dar uma lição em Kenny? Pela forma como ele ficou pálido quando ela se aproximou, Kaye decidiu que estava dando certo.

Kaye saltitou com a música. Não havia muito espaço para balançar os braços, a não ser que fosse para o alto.

— Vou pegar água — gritou Kenny.

Ele foi andando na direção do interior da construção.

— Você vai atrás dele? — perguntou Janet.

Kaye olhou para ela, surpresa. E balançou a cabeça.

— Eu vim te ver. Devia ter deixado as coisas mais certas, acho, mas não tem nada entre mim e Kenny. Nunca houve. Nunca vai haver.

Janet fez uma expressão cética.

— Então por que ele ficava te agarrando e depois com cara de cachorrinho abandonado quando você não estava por perto?

— Ele não fica mais assim — disse Kaye. — E, olha só, eu sou esquisita. O que ele ia querer comigo?

Janet abriu um sorriso relutante.

— Você não é tão esquisita.

Kaye ergueu as sobrancelhas de forma exagerada e recebeu um sorriso genuíno.

— Me paga uma bebida e ficamos quites — disse Janet. — Não, duas.

— Com prazer — disse Kaye, e foi agradecida até o bar.

Ela encontrou Kenny na fila do banheiro masculino.

— Desculpe.

Ele semicerrou os olhos, mas não respondeu.

Kaye respirou fundo. Sua mente girava de preocupação, e ela descobriu que não tinha mais nada a dizer e nada que precisasse ouvir do garoto. Já bastava ela saber que ele estava bem, os olhos límpidos e livres de encantamento.

— Te vejo lá atrás. — Kaye se sentiu idiota por ter tentado falar com ele. Ela começou a dançar na direção do bar.

De repente, a música mudou.

Continuava o mesmo som etéreo e desconexo de música trance, mas havia instrumentos incomuns ao fundo, sons estranhos e agudos e sussurros. *Dance*. O corpo de Kaye obedeceu sem pensar, girando para o meio dos corpos.

Todo mundo estava dançando. As pessoas balançavam umas contra as outras, os braços balançando no ar, as cabeças se mexendo com a música. Ninguém ficou sentado perto da parede. Ninguém ficou parado na fila ou fumando um cigarro perto da água. Todos foram dançar, corpos suados espremidos, embriagados com o som.

No começo, foi uma compulsão suave que se infiltrou na mente de Kaye com facilidade. Mas ela começou a reparar nas fadas.

Uma fada com sardas e cabelo ruivo que subia em um giro no estilo Dr. Seuss foi o primeiro que ela viu. Ele dançava como os outros, mas, quando percebeu que Kaye o encarava, piscou. Ao olhar em volta rapidamente, ela reparou em outros, fadinhas aladas com aros prateados perfurando as pontas das orelhas, goblins do tamanho de cachorros tomando água mineral em cima do balcão do bar, um garoto pixie de pele verde com uma pulseira de néon azul acesa dentro da boca. E outros seres, sombras turvas nas extremidades da boate, brilhos de escamas cintilantes, seduzindo as pessoas que dançavam para os banheiros vazios ou até o píer.

Ao lado de Janet, dançava um garoto perturbadoramente familiar de pele cinzenta. Kaye abriu caminho com força pela multidão, derrubando pessoas com os cotovelos bem a tempo de ver Janet sorrir para o kelpie e deixar que ele a levasse para a beirada do píer.

— Janet! — gritou Kaye, forçando caminho até a água.

Mas, quando chegou lá, só havia cachos vermelhos afundando nas ondas. Ela olhou por um momento, até que o desespero cresceu e ela pulou. A água gelada se fechou sobre sua cabeça.

Seus músculos se contraíram com o choque quando ela afundou uma vez, então voltou à superfície, os dentes batendo, cuspidando água salgada. As mãos agitadas encostaram em cabelo e ela puxou, cruel e desesperadamente. Suas pernas batiam automaticamente, deslocando água.

Ela puxou a mão, vazia exceto por um chumaço de cabelo ruivo.

— Janet! — gritou Kaye quando uma onda quebrou quase em cima dela, empurrando-a para a parte de baixo do píer. Ela respirou fundo, mergulhou e abriu os olhos, com uma esperança desesperada, esticando as mãos como garras.

Ela subiu para a superfície novamente, sem fôlego e tossindo. Estava escuro demais para enxergar e seus braços não encontraram nada.

— Janet! — gritou Kaye, uma das mãos batendo na superfície da água, levantando uma chuva de borrifos ao seu redor. Ela nadava com violência, furiosa com Janet, consigo mesma e principalmente com o mar gelado, escuro e insensato que tinha engolido Janet.

Subindo acima das ondas, como uma estátua magnífica, estava o kelpie, as narinas dilatadas e nuvens de ar quente erguendo-se delas.

— Onde está Janet? — gritou Kaye.

— Ah, não, você agora está no meu território. Sem exigências.

— Um acordo, então. Solte-a. — Era difícil falar com dentes batendo. O corpo estava se ajustando lentamente, entorpecido com a temperatura do mar.

Kaye olhou nos suaves olhos brilhantes, a brancura refletindo o mar escuro como luas distantes.

— Por favor.

— Não preciso de acordos e barganhas. Já acabei. Pode ficar com os restos se quiser.

Um corpo surgiu na superfície ao lado do cavalo preto, o cabelo ruivo emaranhado com algas, o rosto para baixo, os braços

flutuando abaixo da superfície.

Kaye nadou até ela e puxou a cabeça pelo cabelo. Viu olhos cegos, manchas dos bigodes ainda desenhados nas bochechas, lábios azuis e a boca aberta, cheia de água até os dentes.

— Ela se debateu lindamente — disse o kelpie.

— Não, não, não, não. — Kaye abraçou o corpo, tentando, aflita, inclinar a cabeça de Janet para cima. Água verteu da boca como se fosse um decantador.

— Por que você está tão triste? Ela iria morrer mesmo.

— Não hoje! — gritou Kaye, engolindo uma boa parte da onda sobre a qual tentava flutuar. — Ela não teria morrido hoje.

— Um dia é igual a qualquer outro.

— Diga isso a Nicnevin. Um dia, você vai saber como Janet se sentiu. Tudo morre, kelpie, e isso inclui você e eu, fadas ou não.

O kelpie parecia estranhamente subjugado. Soltou uma baforada de ar quente. E afundou, deixando-a sozinha no mar, flutuando na água, abraçando Janet. Outra onda veio e empurrou o corpo na direção da praia. Kaye segurou uma das mãos da amiga, tão fria quanto a sua, mas assustadoramente inerte, e bateu as pernas na direção da margem. Quando ela chegou mais perto, as ondas ficaram maiores e mais violentas e quebraram sobre ela. O corpo de Janet foi arrancado da sua mão e jogado na praia.

Ela viu Roiben correndo para a areia. Ele se inclinou para olhar Janet enquanto Kaye tentava se levantar na água rasa, as ondas puxando-a com tanta força que quase a derrubaram. Ela tossiu e cuspiu uma mistura de saliva e areia.

— Você procura o perigo? Era de se pensar que anos como mortal teriam te deixado ciente da mortalidade. — Ele estava gritando.

E isso ecoava demais a sua conversa anterior.

Ele abriu o casaco e o fechou em volta de Kaye, alheio às roupas molhadas que molharam as dele. Sirenes tocaram e ela viu luzes piscando.

— Não. — Ele botou a mão na sua nuca antes que ela pudesse se virar. — Não olhe. Nós temos que ir.

Kaye se soltou.

— Preciso vê-la. Me despedir.

Dez passos pela areia molhada e ela se ajoelhou ao lado do corpo, ignorando a proximidade das ondas, que sugavam a areia em volta de seus joelhos. Janet foi levada para a praia como se fosse lixo e seus membros estavam em ângulos estranhos. Kaye os ajeitou para Janet ficar deitada de barriga para cima, os braços nas laterais do corpo.

Kaye acariciou o cabelo ruivo e tocou o rosto frio de Janet com dedos frios. E, naquele momento, lhe pareceu que o mundo todo ficou gelado e que ela jamais voltaria a se aquecer.



Pois jurei ser autêntico, e acreditei-te iluminada, Tu, que és sombria como o inferno e escura como a noite.

— WILLIAM SHAKESPEARE, SONETO 147

Kaye acordou no colchão do quarto, enrolada nas cobertas, só de calcinha e a camiseta que Roiben tinha usado no dia anterior. Sua cabeça estava aninhada no peito nu do cavaleiro, e, por um momento, ela não conseguiu lembrar por que seu cabelo estava duro e os cílios estavam grudados com uma camada fina de sal. Quando lembrou, ela se levantou da cama com um gemido.

Janet estava morta, afogada. Pulmões cheios de água. *Morta*. A palavra ecoava na sua cabeça, como se a repetição pudesse ajudar a apagá-la.

Lembranças vagas da noite anterior, de Roiben levando-a para casa, dele enfeitiçando sua avó para ela parar de gritar enquanto ele

a levava escada acima. Ela gritou com ele por ter feito isso, gritou e chorou e acabou pegando no sono.

Kaye foi até o espelho. Estava péssima. A cabeça estava pesada de tanto chorar, e os olhos, inchados de sono. Havia manchas escuras da cor de hematomas embaixo dos olhos e até os lábios estavam pálidos e rachados. Ela os lambeu. Tinham gosto de sal.

Janet estava morta. Era culpa de Kaye. Se ao menos Kaye não tivesse ido ao bar. Se ao menos tivesse contado mais para Janet. Se ao menos tivesse *feito* com que ela acreditasse em seres encantados, a amiga saberia que não devia sair com um kelpie.

E Corny continuava sumido.

Ela fechou os olhos, arrancou o glamour que estava usando e deixou que se dispersasse no ar. O que viu foi pior. Seu cabelo ainda estava duro por causa do sal, os lábios, ainda rachados e, para piorar, as feições de fada severas exageravam a expressão de cansaço.

No espelho, ela viu o reflexo da camiseta que vestia e lembrou com sonolência de ter sido despida a alguns quarteirões do calçadão, quando ficar encolhida dentro do casaco de Roiben não fez seus dentes pararem de bater. O macacão não funcionou como uma segunda pele e reteve a água. Ele a ajudou a tirar a roupa e a cobriu com a própria camiseta e o casaco.

Conjurando magia nos dedos, ela tentou diminuir a escuridão em volta dos olhos e ajeitar o cabelo em cachos dignos de revista. Foi simples, e um sorriso fácil e impressionado dançou no canto da boca quando ela passou delineador com um movimento da unha e deixou os olhos azuis. Ela os tocou de novo e eles ficaram de um violeta profundo.

Baixando o olhar, ela usou glamour para evocar um vestido de baile, e ele apareceu, seda rubi e crinolina ampla, a coisa toda coberta de pedras. Era estranhamente familiar, e ela se deu conta de onde tinha vindo a ideia: era de uma ilustração de *O príncipe sapo*, de um antigo livro de fábulas que possuía. Com um movimento de mão, ela passou a usar um sobretudo esmeralda de época, com meias arrastão verdes, uma versão modificada do príncipe da mesma história.

Roiben se mexeu no colchão e olhou para ela. Estava sem glamour, o cabelo brilhando tal qual uma moeda em que a luz batia. Lutie estava deitada no mesmo travesseiro, enrolada em uma trança prateada como se fosse uma coberta.

— Eu não posso descer — avisou Kaye. Ela não podia encarar a avó, não depois da noite anterior, e duvidava muito de que a mãe já tivesse chegado em casa. As lembranças de Kaye da última vez que fora ao desfile de Halloween em Nova York eram um pandemônio de penas e purpurina e homens de perna de pau. Naquela ocasião, Ellen tinha bebido tanto champanhe de três dólares que acabou esquecendo completamente como chegar ao local onde estavam hospedadas, e elas acabaram passando a noite no metrô.

— Podemos sair pela janela — disse Roiben tranquilamente, e ela se perguntou se ele a estava provocando ou se havia mesmo aceitado aquela restrição estranha com tanta facilidade. Ela não conseguia se lembrar direito do que tinha dito na noite anterior; talvez tivessem sido coisas tão horríveis e irracionais que mais do mesmo não o surpreendia.

— Como vamos chegar ao pomar? Fica em Colt's Neck.

Ele passou os dedos pelo cabelo para ajeitá-lo e se virou para Lutie:

— Você deu nós no meu cabelo.

Lutie riu de um jeito que soou um pouco tenso.

Suspirando, ele olhou para Kaye:

— Há jeitos — diz ele —, mas você não gostaria da maioria.

Ela não duvidava disso.

— Vamos no carro de Corny — decidiu ela.

Roiben ergueu as duas sobrancelhas.

— Eu sei onde está e sei onde fica a chave.

Roiben se levantou do colchão e se sentou na base da cama boxe como se fosse o sofá que ela já quis que fosse.

— Carros são feitos todos de aço. Caso tenha esquecido.

Kaye ficou parada por um momento e começou a remexer nos sacos de lixo. Depois de um tempo procurando, ela exibiu um par de luvas laranja com orgulho, ignorando a expressão de descrença do cavaleiro.

— Tem aço nas minhas botas — disse ela, calçando-as enquanto falava —, mas o couro impede que encoste em mim... Eu nem sinto direito.

— Quer um cigarro pra acompanhar? — perguntou Roiben secamente.

— Acho que eu gostava mais de você antes de você adquirir senso de humor.

A voz dele soou na defensiva:

— E eu achava que você simplesmente não gostava de mim.

Kaye tirou do rosto o cabelo agora sedoso e massageou as têmporas. Ela devia dizer alguma coisa, mas tinha certeza de que, se parasse para organizar os pensamentos confusos na cabeça, acabaria desmoronando. Tinha a ver com a noite anterior? Ela mal conseguia lembrar o que tinha gritado para ele; tudo era uma mistura de dor e raiva.

Ela esticou a mão, tocou-o logo abaixo da clavícula, abriu a boca para falar... mas voltou a fechá-la. Balançou a cabeça, torcendo para que ele entendesse que ela lamentava, que estava agradecida, que gostava dele até demais.

Ela balançou a cabeça de novo, com mais força, e deu um passo para trás.

Corny primeiro. Todas as outras coisas depois.

Eles saíram pela janela, Roiben descendo com facilidade pela árvore, Lutie voando e Kaye misturando um desajeitado pular e escorregar. Ela tropeçou quando chegou ao chão.

— Voando! — disse Lutie.

Kaye olhou para ela de cara feia e calçou as luvas. Ao olhar para baixo, ela percebeu que ainda estava com o glamour do sobretudo verde. Roiben estava todo de preto, da cabeça aos pés, quase todo de couro. As asas de Lutie cintilavam arco-íris iridescentes sobre os dois enquanto ela voava pelo ar como uma libélula desatinada.

— Por aqui. — Kaye foi na direção dos trailers. A porta do carro estava trancada, e ela não hesitou em bater a mão enluvada no vidro, que rachou. Bateu repetidamente até os nós dos dedos sangrarem.

— Pare — disse Roiben, segurando sua mão quando ela se preparou para dar outro soco.

Ela parou, atordoada, e olhou para a janela.

Roiben tirou uma faca da bota. Esteve sempre lá ou ele conjurou sua existência?

— Use o cabo — disse ele. A voz soou bem cansada. — Ou use uma pedra.

Ela conseguiu abrir o vidro o suficiente para enfiar a mão dentro do carro e abrir a tranca. Ao olhar ao redor, ela ficou surpresa de ninguém ter aparecido para protestar por estar arrombando um carro em plena luz do dia.

Ajeitando a luva, ela abriu a porta e entrou, fazendo uma careta quando sentiu o cheiro do ar parado e metálico. Ela se inclinou, então abriu a tranca do outro lado e abaixou a janela antes de pegar a chave presa no quebra-sol. Roiben foi para o lado do passageiro com cautela e Lutie voou para dentro com ele, franzindo o nariz para Kaye enquanto sobrevoava o banco de trás e, por fim, pousava no painel empoeirado.

Kaye botou a chave na ignição e a girou, sentindo o calor do ferro mesmo através das luvas. Não foi desagradável, não exatamente, mas sentiu um zumbido na cabeça que soube que pioraria.

Ela enfiou o pé no acelerador. O motor zumbiu, mas o carro não se moveu. Xingando baixinho, ela puxou o freio de mão, botou o câmbio na posição de dirigir e enfiou o pé no acelerador. O carro se deslocou tão rápido que ela precisou pisar no freio para parar. Lutie caiu no colo de Kaye.

Roiben olhou para ela, apoiado no painel.

— Quantas vezes você já dirigiu?

— Nenhuma — respondeu Kaye.

— Nenhuma?

— Ainda não tenho idade. — Ela riu da resposta, mas o que saiu foi um som agudo, quase histérico. Ela botou o pé no acelerador com mais gentileza e o carro reagiu melhor. Uma girada no volante e ela começou a seguir na direção da rua.

Lutie soltou um gritinho e subiu pelo sobretudo de Kaye.

O cheiro de ferro era sufocante.

Kaye pegou a rampa para a rodovia, aliviada por não haver mais curvas, nem cruzamentos nem placas de pare. Só precisava ficar em uma pista até quase chegarem ao destino. Ela lembrou a si mesma que eles tinham que fazê-lo antes que acontecesse alguma coisa com Corny. Ela enfiou o pé mais fundo no acelerador, torcendo para o carro ficar no meio da pista enquanto disparava pela rodovia.

Kaye sentiu a visão embaçar conforme o ferro fazia sua cabeça girar. Nem o sopro de ar entrando pela janela parecia suficiente. Ela balançou a cabeça para tentar afastar a sensação de peso que caía como uma faixa apertada em volta das têmporas.

— Kaye! — gritou Lutie bem a tempo de Kaye virar violentamente para a direita, e se desviar do carro contra o qual quase tinha se chocado. O carro beliscou o gramado do lado direito da rodovia, mas ela o controlou de novo. O gritinho de Lutie foi como o trinado de um pardal. Roiben não tinha emitido som algum, mas ela não queria tirar os olhos da estrada para ver a expressão no seu rosto.

Finalmente, surgiu a saída e Kaye foi na direção da rampa, fazendo a curva em velocidade perigosa. Ela manteve o carro no acostamento porque não conseguiu encontrar um jeito de entrar graciosamente nas pistas comuns. Só havia dois sinais de trânsito, e ela conseguiu parar no pomar e estacionar o carro, a lateral bem em cima da linha amarela da vaga. Ela girou a chave com um suspiro e o motor morreu.

Roiben saltou pouco antes de o carro ter parado por completo. Lutie estava agarrada ao casaco de Kaye, ainda trêmula.

— Corny pode dirigir na volta — disse Kaye com voz baixa.

— Eu tenho um entusiasmo renovado pela nossa missão — falou Roiben com grande sinceridade.

O pomar tinha hectares cheios de árvores frutíferas e uma lojinha que vendia geleia e leite e sidra de canela da qual ela se lembrava do passeio da escola. Naquele dia, havia pilhas de abóboras de todos os tipos, com descontos consideráveis, algumas meio amassadas.

O estacionamento estava cheio de minivans com crianças saindo pelo ladrão, as mães correndo atrás e tentando guiá-las.

Kaye seguia Roiben pelo meio da multidão, contornando um monumento enorme de feno e abóboras. Uma das mães puxou o filho abruptamente para o lado, para fora do caminho deles. Kaye verificou seu glamour na mesma hora, levantou a mão para inspecioná-la e a girou na luz para ter certeza de que ainda estava rosada. Mas olhou para Roiben e se deu conta de que eles pareciam esquisitos demais para aquilo ser uma reação normal de mãe.

O ar mudou quando eles entraram no bosque, e o som dos motores de carros e das risadas sumiu. Ela não sentia mais cheiro de ferro e respirou fundo, expirando toda a fumaça de escapamento. Como quando entrou na colina, ela sentiu o estranho frisson que passara a associar com a entrada no Reino das Fadas.

Cavalos brancos pastavam na campina, os sinos prateados nos pescoços tilintando quando erguiam a cabeça. As macieiras cheias de nós estavam carregadas com a colheita do fim de outono; o ar quente e doce carregado com a promessa de primavera e novas plantas. Dezenas de integrantes da Corte Seelie se espalhavam pelo campo, com cobertores prateados esticados e fadas sentadas ou deitadas sobre eles. Quando Kaye atravessou a grama, sentiu cheiro de alfazema e urze.

Os seres encantados eram tão variados quanto na Corte Unseelie, embora estivessem vestidos com cores chamativas. Eles passaram por um homem com cara de raposa e casaco esfarrapado de muitos tecidos com fitas penduradas. Outra fada usava um vestido dourado reto, brilhante como o sol. Ela sussurrou no ouvido de um garoto também de vestido, o dele todo azul. Um grupo de fadas estava agachado em volta do que parecia ser um jogo, um deles atirava pedras brilhantes no centro de um círculo feito na terra. Ela não conseguiu entender qual era o objetivo, mas o grupo suspirava ou comemorava, dependendo da posição em que as pedras caíam.

Ali perto, à margem da reunião, uma mulher-árvore com pele de casca e dedos que viravam folhas nas unhas sussurrava para uma macieira muda, de vez em quando virando a cabeça de leve para encarar sete homenzinhos empilhados uns nos ombros dos outros. Eles formavam uma escada de seres encantados que se trançava

da base até o alto, onde um homenzinho tentava desesperadamente pegar uma maçã gorda.

Uma garota alada passou correndo com um garotinho muito pequeno atrás, o cabelo trançado com flores. Um garoto humano. Kaye estremeceu.

Ela olhou ao redor de novo, e reparou em mais crianças humanas, todas com no máximo seis anos. Elas estavam sendo escovadas e acarinhadas, os olhos pesados e sonhadores. Uma estava com uma mulher de pele azul, a cabeça nos joelhos da fada. Um grupo de três crianças, todas com coroas de margaridas, dançava desajeitado com três homenzinhos em chapéus de cogumelo. Damas e cavalheiros fada batiam palmas.

Kaye acelerou o passo, querendo parar Roiben e perguntar sobre as crianças. Mas ela viu para onde ele estava olhando e esqueceu todas as perguntas.

Ao lado das árvores carregadas com flores de primavera mesmo no outono havia uma fada de cabelo castanho-avermelhado usando um casaco verde-esmeralda que ondulava como um vestido. Kaye parou de andar quando viu a mulher; mal conseguia se lembrar de respirar. Ela era a coisa mais linda que Kaye já havia visto. A pele era impecável, o cabelo brilhava como cobre ao sol debaixo de um aro trançado de flores de hera e corniso, os olhos brilhando tanto quanto as maçãs verdes que pendiam ali perto. Kaye não conseguia só olhar de relance para a fada; seus olhos foram atraídos até a fada ocupar a totalidade da sua visão, deixando todo o restante sem graça, meio morto.

Roiben não precisou dizer que aquela era a Rainha da Corte Seelie.

Suas damas usavam vestidos de tecidos leves em cinza tempestuoso e rosa matinal. Quando eles se aproximaram, uma delas inspirou tão fundo que foi quase um grito e cobriu a boca com a mão. Roiben virou a cabeça para encará-la e sorriu.

Kaye ficou tensa. O sorriso pareceu incongruente nos lábios dele, mais um tremor da boca do que uma expressão de prazer.

Um cavaleiro de repente se colocou entre eles e a rainha. Estava vestido com uma armadura verde articulada e o cabeça era de um dourado pálido e fino de cabelo de milho. Ele segurava uma

lança interessante, tão decorada que Kaye se perguntou se tinha utilidade.

— Talathain — disse Roiben, inclinando a cabeça em um aceno breve.

— Você não é bem-vindo aqui — disse o cavaleiro.

Lutie saiu do bolso do quadril de Kaye e espiou o cavaleiro novo com descarada fascinação.

— Me anuncie para a rainha — disse Roiben. — Se ela não quiser me ver, vou embora do bosque imediatamente.

Kaye começou a protestar, mas Roiben botou a mão no seu braço.

— Minhas acompanhantes terão liberdade de ficar ou ir se quiserem, lógico — continuou ele.

O olhar de Talathain se desviou para a rainha e voltou até Roiben com algo parecido com ciúme na expressão. Um movimento da mão coberta por uma manopla sinalizou vários outros cavaleiros. Um pajem se aproximou, ouviu Talathain e correu para falar com a rainha.

Depois de se curvar graciosamente para ouvir o pequeno pajem, a rainha se afastou das suas damas e andou pela grama na direção deles. Ela não olhou para Kaye. Seu olhar ficou fixado em Roiben.

Kaye viu o rosto de Roiben mudar enquanto ele encarava sua senhora. Havia ali um anseio que sufocou Kaye. Era o olhar firme de um cachorro que ficou selvagem, mas que ainda espera o toque gentil da mão do dono.

Ela pensou na tapeçaria na parede do cavaleiro e em todas as coisas que ele dissera e não dissera. E soube então por que ele tinha recuado dos seus beijos; ele devia ter guardado aquele amor o tempo todo, esperando uma oportunidade de rever a rainha. Kaye não quisera ver, fora dominada pelos próprios desejos para enxergar o que devia ser óbvio.

Kaye ficou grata quando Roiben se ajoelhou, para que ela pudesse também se ajoelhar e esconder a dor no rosto sob a cabeça curvada.

— Tão formal, meu cavaleiro — disse a rainha. Kaye teve um vislumbre dos olhos da soberana. Eram suaves e úmidos e verdes

como pedras preciosas. Kaye suspirou. Ela sentiu um cansaço súbito, bem evidente. Queria que Roiben perguntasse logo sobre Corny, para que ela pudesse ir para casa.

— Não mais seu — disse ele, como se estivesse arrependido.

— Se não meu, de quem? — A conversa possuía nuances demais para Kaye ter certeza de que a acompanhava. Eles haviam sido amantes?

— De ninguém, Silarial — disse ele com deferência, um sorrisinho no rosto e admiração no olhar. Ele falou como alguém com medo de falar alto demais, sob pena de que uma coisa frágil, querida demais para ele, se estilhaçasse. — Talvez de mim mesmo, finalmente.

O sorriso da rainha não sumiu nem mudou. Era um sorriso perfeito, uma curva perfeita do lábio, um equilíbrio perfeito entre alegria e afeto, tão perfeito que Kaye não pôde evitar se perder ali, perder o fio da conversa a ponto de ficar atônica quando Silarial falou de novo.

— E por que você vem para o meio de nós, então, se não é para voltar para casa?

— Eu estou procurando Nephamael. Tem um jovem com ele que minha companheira quer levar de volta ao Reino de Ferro.

Silarial balançou a cabeça.

— Ele não está mais entre o meu povo. Quando a rainha Unseelie morreu e as fadas independentes ficaram livres... — Ela fez uma pausa e olhou para Roiben. Algo naquele rosto parecia incomodado. — Ele tomou o trono e se fez rei.

Kaye ergueu o pescoço. Com os olhos arregalados, sem pensar, ela falou:

— Nephamael, Rei da Corte Unseelie? — Ela mordeu o lábio, mas a rainha voltou o olhar para ela com indulgência.

— Quem você trouxe até nós?

— O nome dela é Kaye. Ela é uma changeling, uma criança trocada. — Ele parecia distraído.

As sobancelhas cor de cobre da rainha se arquearam.

— Você a está ajudando na recuperação do garoto mortal que Nephamael levou?

— Estou — respondeu Roiben.

— E qual é o preço do seu serviço, Roiben que pertence a si mesmo? — A mão dela subiu e brincou com um amuleto que trazia no pescoço.

Kaye não conseguiu suportar olhar para a perfeição daquele rosto. Em vez disso, olhou para o colar da rainha. A pedra era pálida e leitosa e ficava pendurada numa corrente comprida. Parecia bem familiar.

Uma mancha rosada surgiu nas bochechas de Roiben. Ele estaria mesmo corando?

— Amizade.

Kaye se *lembrava* do colar: Nephamael usava um igual. Estava no pescoço do cavaleiro na noite em que ele foi buscá-la para o Tithe.

A rainha se inclinou para a frente de forma quase conspiratória, como se Kaye tivesse sido esquecida.

— Você me disse uma vez que faria qualquer coisa para provar seu amor por mim. Isso continua verdade?

O rubor de Roiben aumentou, mas, quando ele falou, a voz estava firme.

— Não.

O que isso queria dizer, se perguntou Kaye. Significava alguma coisa, lógico, algo que não tinha nada a ver com amor e tudo a ver com a rainha morta. Era esse o assunto da conversa, ela se deu conta. A própria rainha o tratara como um brinquedo do qual ficou cansada e por isso o trocara, sem ligar se a nova dona seria descuidada, sem nem ligar se a nova dona o quebraria. Evidentemente, ela tinha planos que incluíam precisar do brinquedo de volta.

— E se eu te dissesse que você já tinha provado seu amor de forma satisfatória? Venha, passe um tempo conosco. Tem vinho de mel e maçãs vermelhas e crocantes. Sente-se ao meu lado novamente.

Kaye mordeu o lábio com força. A dor a ajudou a aceitar que ele não lhe pertencia, jamais lhe pertenceria. E, se era tarde demais para fingir que isso não doía, ela podia pelo menos sufocar o sentimento tão dentro de si que ele jamais saberia.

Roiben olhou para Silarial com uma mistura de anseio e escárnio.

— Você precisa me perdoar — disse Roiben —, mas o cheiro de maçã me dá ânsia de vômito. E eu tenho muito a fazer.

A rainha pareceu primeiro chocada e então furiosa. Roiben observava essas emoções passarem pelo rosto dela de modo impassível.

— Então é melhor você se apressar — avisou a rainha.

Roiben assentiu e se curvou. Kaye quase se esqueceu de fazer o mesmo.

Quando eles estavam a poucos passos dali, a mulher de cabelo branco segurou o braço de Roiben, virou-o para ela e riu.

— Roiben! — Era a mulher que tinha ofegado antes. O cabelo ia até os joelhos, com uma parte presa em tranças pesadas na cabeça. Ela usava os trajes de uma das aias da rainha.

— Eu estava preocupada com você — disse ela de novo, o sorriso vacilando no rosto. — As coisas que ouvi...

— Tudo verdade, sem dúvida — disse Roiben com uma certa leveza. Ele passou os dedos pelas tranças da garota, e Kaye tremeu com solidariedade, por saber a sensação daqueles dedos. — Seu cabelo está tão comprido.

— Eu não corto desde que você foi embora. — A mulher se virou para Kaye: — Vi que meu irmão mal te apresentou para a rainha. Minha pergunta é: Roiben está tentando nos proteger de você ou proteger você de nós?

Kaye riu, surpresa.

— Ethine — disse Roiben, indicando uma e depois a outra. — Kaye.

A gargalhada melodiosa da mulher era como vidro estilhaçado.

— Você deixou de lado seus modos da corte.

— Já me disseram — disse Roiben.

Ethine esticou a mão para os galhos da macieira e pegou uma flor.

— A única coisa que importa é que você está em casa agora — disse ela, prendendo a flor atrás da orelha do cavaleiro. Kaye reparou que ele fez uma careta leve quando Ethine o tocou, e se perguntou se a reação a magoou.

— Aqui não é mais minha casa — argumentou Roiben.

— Lógico que é. Para onde mais você iria? — O olhar dela se desviou para Kaye, questionador pela primeira vez. — Ela te machucou, eu sei, mas você vai perdoá-la com o tempo. Você sempre a perdoa.

— Não desta vez — disse ele.

— O que fizeram com você? — Ethine parecia horrorizada.

— O que seja que tenha sido feito comigo, o que seja que eu tenha feito... tão certo quanto minhas mãos estão sujas de sangue, e estão, a mancha alcança a barra do vestido da Rainha de Elfland.

— Não fale assim. Você já a amou.

— Eu ainda a amo, infelizmente.

Kaye se virou. Não queria ouvir mais. Não tinha nada a ver com ela.

Ela foi na direção do carro. Uma das crianças humanas estava nas pontas dos pés, tentando pegar uma maçã alta demais. Ele vestia uma túnica verde, amarrada nos quadris com um fio de seda.

— Oi — disse Kaye.

— Oi. — O garoto sorriu para ela com expressão de súplica, e ela pegou a fruta. Soltou-se do galho com um estalo.

— Cadê sua mãe? — perguntou Kaye, polindo a maçã no casaco.

Ele fez cara feia para ela, uma mecha de cabelo castanho-escuro cobrindo o olho.

— Me dá.

— Você sempre viveu com as fadas?

— Aham — respondeu ele, os olhos na maçã.

— Há quanto tempo?

Ele esticou a mão e ela lhe entregou a maçã. Ele deu uma mordida na mesma hora. Ela o esperou mastigar, mas assim que engoliu um pedaço, ele já mordeu outro. E aí, como se tivesse acabado de se lembrar dela, ele a encarou, culpado. Deu de ombros e murmurou com a boca cheia:

— Sempre.

— Obrigada. — Kaye fez carinho no cabelo castanho. Não adiantava perguntar nada. Ele sabia tanto quanto ela. Mas ela acabou se virando para ele de novo:

— Ei, você conhece uma garotinha chamada Kaye?

Ele franziu o rosto em uma exagerada expressão pensativa e apontou na direção de um dos cobertores.

— Aham. Acho que está ali.

Ela ficou tonta, como se estivesse pendurada de cabeça para baixo. Seus dedos pareciam gelo.

Kaye deixou o garoto com a maçã e andou no meio dos cobertores, parando cada garotinha por quem passava, fosse qual fosse a aparência.

— Seu nome é Kaye, querida?

Mas quando se viu, ela soube. Kaye só conseguiu observar a garota — que era nova demais para ser Kaye num mundo racional — pegar um pedaço de grama, enrolar o caule com cuidado e jogar na direção de uma fada bonita, que riu.

Todas as perguntas que Kaye queria fazer entalaram na garganta. Ela se virou, andou até Roiben e Ethine e segurou o braço do cavaleiro.

— A gente tem que ir *agora* — gritou ela, furiosa e trêmula. — Corny pode estar *morto*.

Ethine arregalou os olhos quando Roiben reprimiu o que ele poderia ter dito e assentiu. Kaye se virou e andou até o carro, abandonando Roiben para que a seguisse.



*Nas colinas carvalhos gigantes Caem de joelhos Dá para tocar nas partes Que
você não tem direito...*

— KAY RYAN, "CROWN"

Ela não chegou ao carro.
— Kaye, para. Só para. — A voz de Roiben soou logo atrás dela.

Ela parou e olhou através das árvores, para as minivans e para a rodovia. Qualquer coisa para não encarar a Corte Seelie e as crianças sem idade e Roiben.

— Você está tremendo.

— Estou com raiva. Você está brincando por aí quando temos coisas pra fazer. — A calma dele só a deixava com mais raiva.

— Bom, isso acabou. — Ele não parecia arrependido, a voz beirava o sarcasmo.

O rosto de Kaye ficou quente.

— Por que você está aqui?

Houve uma pausa.

— Ao que parece, para ser repreendido por todo mundo.

— Não... por que você ainda está aqui? Comigo?

A voz dele soou baixa. Ela só enxergaria seu rosto caso se virasse, mas ela não queria se virar.

— Devo ir, então?

Os olhos dela ardiam com lágrimas não derramadas. Ela se sentia sufocada.

— Tudo o que eu faço... — disse ela, mas a voz falhou. — Merda, a gente não tem tempo pra isso.

— Kaye...

— Não. — Ela começou a andar de um lado para o outro. — A gente tem que ir. Agora.

— Se você não se acalmar, não vai poder ajudar Cornelius.

Ela parou de andar e levantou as mãos, os dedos abertos.

— Eu sou o motivo da irmã dele estar morta.

Ele a parou, colocando a mão no seu ombro. Ela se recusou a encará-lo e ele a puxou para a frente abruptamente, colando-se ao corpo de Kaye. Os músculos da pixie enrijeceram, mas ele continuou a abraçando, sem falar nada. Depois de um momento, ela relaxou, a respiração saindo em um suspiro longo e trêmulo. Dedos compridos acariciaram seu cabelo. Ele cheirava a mel e suor e ao detergente que a avó dela usava.

Ela passou a bochecha no peito dele e fechou os olhos para se proteger dos pensamentos que lhe atormentavam a cabeça, pedindo atenção.

— Eu estou aqui porque você é gentil e adorável e terrivelmente, terrivelmente corajosa — disse ele, a voz baixa. — E porque eu quero estar.

Ela olhou para ele com os olhos semicerrados. Ele sorriu e apoiou o queixo no alto da cabeça de Kaye enquanto passava a mão pelas suas costas.

— Quer?

Ele riu.

— Muito. Você duvida?

— Ah — disse ela, a mente não conseguia acompanhar a alegria absurda que ela sentiu. Alegria que foi, naquele momento, suficiente para afastar as outras tristezas. Porque era verdade que ele estava com ela, e não com a rainha Seelie. Ele a estava ajudando, apesar de seu estado caótico e de ter provocado um caos maior ainda. — Ah.

As mãos dele fizeram carícias demoradas, da base das asas nas clavículas até a lombar.

— E isso te agrada?

— O quê? — Ela inclinou a cabeça para cima, olhando feio. — Lógico que sim. Você está falando sério?

Ele recuou para encará-la por um momento, observando seu rosto.

— Que bom — disse ele, suspirando e encostando a cabeça de Kaye em seu peito, e lhe acariciando o cabelo enquanto fechava os olhos. — Que bom.

Eles ficaram assim por um longo momento. Mas ele acabou se soltando do abraço.

— Felizmente, nós não precisamos do carro para entrar na Corte Unseelie. Venha comigo — disse ele.



A árvore era retorcida e enorme, o tronco cheio de nós e sujo, dando a impressão de curvado com o próprio peso. A casca parecia fina e lascada, se soltando como pele seca. Na base, havia um buraco de onde as raízes se abriam.

Lutie saiu voando do buraco.

— Não tem guardas — disse ela, acomodando o corpinho no cabelo de Kaye.

— E isso leva aonde? — Kaye tentava controlar o tremor, tentava não demonstrar como não se sentia pronta para aquilo.

— Pelas cozinhas — respondeu Roiben, enfiando o corpo pelos pés no vão da árvore. A cabeça acabou desaparecendo na escuridão, os fios prateados prendendo na casca rachada. Kaye ouviu um ruído quando ele caiu no chão.

Ela acertou a entrada com as botas e sentiu a madeira ceder. Soltou lascas quando deslizou mais e enfiou as pernas até os joelhos. De costas, se contorcendo como uma cobra, ela passou. Foi uma queda longa e ela reprimiu um grito quando aterrisou.

O túnel estava quente e cheio de vapor. Gotas de umidade cobriam o rosto de Roiben, e o cabelo parecia úmido e pesado quando ele o ajeitou para trás com a mão. Ele inclinou a cabeça para a esquerda, e ela passou à sua frente em meio ao vapor.

A cozinha era um salão enorme com uma fogueira no meio do chão e nenhum sistema de ventilação visível. Fadas andavam pela fumaça com panelas grandes, pilhas de ratos esfolados, bolinhos, cestas de maçãs prateadas e rolando barris de vinho. O fedor de sangue a tomou de assalto. Manchava as paredes e o chão, fervia em panelas e escorria dos pratos de carne crua. Roiben a seguiu, a mão na lombar de Kaye, empurrando quando queria que se movesse e segurando-a para sinalizar que parasse.

Eles entraram no salão e ficaram perto da parede. Havia um homem fada velho e enrugado sentado em um banco próximo, as pernas magrelas penduradas na lateral, a língua para fora da boca em concentração enquanto ele pintava maçãs pretas de um vermelho brilhante e nacarado. O cabelo branco se projetava em tufo desgrenhados e ele ajustava periodicamente os pequenos óculos quando escorregavam pelo nariz.

Ao lado do pintor de maçãs, um enorme homem verde com pequenos chifres na cabeça careca e presas projetadas sobre o carnudo lábio superior segurava um cutelo sobre uma coleção de cadáveres de animais de formatos estranhos, deixando-os em pedaços adequados para um ensopado. Havia tatuagens de rosas e espinhos nos braços fortes do homem.

Kaye seguiu tão silenciosamente como fazia quando chegava tarde em casa, como fazia quando saía de uma loja com bolsos cheios. Ela se concentrou nos pés, curvando um pouco a cabeça e atravessando lenta e silenciosamente a porta.

Em pouco tempo, o corredor esquerdo desceu e se abriu em uma passagem maior, coberta de mármore acinzentado e com enormes pilares entalhados. O teto estava cheio de estalactites.

Kaye ouvia pessoas à frente, os sapatos estalando como besouros no piso de pedra.

Roiben a puxou para trás de um pilar. Desembainhou a espada e a segurou contra o peito. Ela encontrou a adaga que ele lhe dera mais cedo e apertou com força o cabo.

Mas os passos entraram em outro corredor.

Eles seguiram até chegarem a uma porta dupla preta.

— O que tem aí dentro? — perguntou Kaye.

— Vinho e seu envelhecimento — sussurrou ele.

O salão era todo de pedra, com fedor de fermentação, barris cobrindo as paredes e garrafas de vidro cheias de infusões de várias flores. Havia pétalas de rosas, pétalas de violetas, cabeças de calêndula inteiras, urtigas flutuando como naves espaciais orgânicas e outras ervas que ela não conseguiu identificar.

— O que é aquilo? — sussurrou ela. Não havia ninguém ali.

— Absinto, milefólio, prímula, cravo, agrimônia, funcho...

— Aposto que vocês bebem muito chá — disse ela.

Ele não sorriu quando a direcionou para a menor das duas portas na sala. Ela se perguntou se ele entendeu que era piada.

— Lavanderia — explicou ele.

A sala ao lado estava mais tomada de vapor do que a cozinha. Subia pela ventilação no teto. No cômodo havia várias tinas cheias de água com sabão. Uma mulher pálida com olhos escuros torcia um pano branco enquanto outra mexia no conteúdo de uma tina com uma vara torta. Um homem com braços longos e costas corcundas estava acrescentando uns grânulos na mistura, que faziam a água chiar.

O espaço era pequeno e Kaye olhou para Roiben. Não havia como eles passarem por lá sem ninguém os ver.

— Maigret — disse Roiben, sorrindo e abrindo bem os braços.

Uma das lavadeiras olhou para ele, o sorriso deixando evidente que lhe faltava um dente.

— Nosso cavaleiro! — Ela mancou até ele e lhe deu um abraço bem comum. Do outro lado da sala, o homem e a mulher desviaram o olhar do que faziam e sorriram também. — Você era um que eu tinha certeza que nunca mais veria.

— Procuro um menino — disse Roiben. — Humano. Com seu novo rei.

A mulher emitiu um som repugnado.

— Aquele lá... Rei, de fato! Sim, tem um garoto, mas não sei dizer mais do que isso. Já aprendi que não devo chamar atenção dos nobres.

Roiben abriu um sorriso irônico.

— Eu também.

— Estão te procurando, sabia?

Ele assentiu.

— Dei um final meio espetacular ao meu serviço aqui.

A velha lavadeira riu e se despediu dos dois. Roiben abriu uma portinha e eles saíram num corredor de mica cintilante.

— Como você sabe que eles não vão contar pra ninguém que nos viram?

— Maigret acha que tem uma dívida comigo. — Ele deu de ombros.

— Ela tem algum problema nos pés?

— Ela decepcionou um nobre Unseelie. Ele mandou esquentar sapatos de ferro até ficarem vermelhos e a fez dançar com eles.

Kaye estremeceu.

— Isso tem alguma coisa a ver com a dívida que ela acha que tem com você?

— Talvez — admitiu ele.

— E por aqui?

— Tem uma biblioteca, a sala de música, a estufa e a sala de xadrez.

— Sala de xadrez?

— Sim, o xadrez era uma paixão da rainha. Eles jogam com apostas, como os mortais fazem com cartas. Ela usou o jogo uma vez para ganhar um consorte, pelo que me lembro.

— Corny ama xadrez. Ele era do time de xadrez da escola.

— Nós precisamos passar pela biblioteca a fim de chegar lá. — Ele hesitou.

— Qual é o problema?

— Nós não vimos guardas. Nem na entrada nem mesmo aqui.

— E se isso só significar que nós estamos indo muito, muito bem?

— Com certeza significa alguma coisa.

A porta da biblioteca era enorme e elegante, bem diferente das portas mais simples nos aposentos inferiores. Era de madeira escura com bordas de cobre, entalhada com um idioma que ela não conseguia ler. Roiben empurrou a porta, que se abriu.

Havia estantes organizadas num labirinto, tão altas que era impossível ver se havia saída do outro lado. As prateleiras em si eram entalhadas com intrincados rostos de gárgulas e outras criaturas estranhas, e havia um cheiro sufocante de terra revirada. Sempre que Kaye olhava numa direção, parecia vislumbrar algo se mexer em sua visão periférica. Os livros eram de tamanhos tão variados que ela se perguntou quem os lia. Enquanto andavam, ela tentou olhar os títulos, mas eram todos em línguas estranhas.

Quando eles dobraram uma esquina, ela viu uma forma deslizar entre as sombras. Era magra e vagamente humana.

— Roiben — sussurrou ela.

— Os guardiões dos segredos — disse ele, sem olhar para trás.

— Eles não vão contar a ninguém sobre nossa passagem.

Kaye estremeceu. Ela se perguntou o que estava escrito nos tomos que cobriam as prateleiras da biblioteca, se a ideia era guardar segredos. As formas eram curadores, guardiões ou escribas?

Quando eles chegaram a um cruzamento de estantes, ela viu outra forma escura, essa com cabelo comprido e pálido, que começava alto demais na testa, e olhos pretos, grandes e brilhantes. Esgueirou-se nas sombras com tanta facilidade e silêncio quanto a primeira.

Kaye ficou muito feliz quando eles chegaram a uma porta pequena e oval que se abriu facilmente com o toque de Roiben.

Havia cortinas pesadas na parede da sala de xadrez. O piso era de ladrilhos pretos e brancos, e peças de 1,5 metro ocupavam as extremidades da sala. Corny dormia no chão, o corpo ocupando dois quadrados de xadrez.

— Cornelius? — Roiben se ajoelhou e sacudiu Corny pelos ombros.

Ele ergueu o olhar. Seus olhos estavam vagos e desfocados, e ele parecia estar coberto por hematomas, mas pior ainda foi o sorriso saciado que ele abriu para os dois. O rosto estava de algum modo envelhecido e havia um tufo branco no cabelo.

— Oi — disse ele, a voz arrastada. — Você é o Robin da Kaye.

Kaye ficou de joelhos.

— Você está bem agora — disse ela, mais para si mesma do que para ele, afastando com cuidado os fios úmidos de cabelo da testa. — Você vai ficar bem.

— Kaye — disse Roiben, tenso.

Ela se virou. Nephamael estava entrando na sala, saindo de trás das cortinas na parede mais distante. Sua mão acariciava a crina de mármore do cavalo preto.

— Saudações — disse Nephamael. — Perdoe minha irritação se eu disser que você tem sido uma pedra no meu sapato para mim.

— Eu acho que você me deve uma — disse Roiben. — Fui eu quem lhe conseguiu a coroa.

— Por esse ponto de vista, é uma pena que a vida seja injusta com tanta frequência, Rath Roiben Rye.

— Não! — Kaye ofegou. Não podia ser. Roiben estava tão longe dos outros quando ela usou o nome dele. Ela mesma mal tinha conseguido ouvir. Ele matou todos os cavaleiros próximos, todos os que podiam ter ouvido.

— Mais ninguém sabe — disse Nephamael, como se lendo os pensamentos de Kaye. — Matei o duende depois que arranquei a informação.

— Spike — sussurrou Kaye. Não era uma pergunta.

— Rath Roiben Rye, pelo poder do seu verdadeiro nome, eu ordeno que nunca me faça mal e que me obedeça tanto imediata quanto implicitamente.

Roiben inspirou fundo como se fosse gritar, mas ficou em silêncio.

Nephamael jogou a cabeça para trás e riu, a mão ainda acariciando a peça de xadrez.

— Também ordeno que não faça nenhum mal a si mesmo a não ser que eu peça especificamente. E agora, meu novo cavaleiro, pegue a pixie.

Roiben se virou para Kaye conforme Lutie gritava em seu bolso. Kaye correu para a porta, mas ele foi rápido demais; segurou seu cabelo, puxou a cabeça para trás, mas a soltou de repente. Depois de um momento de surpresa, Kaye disparou pela porta.

— Você pode ser bem versado em seguir ordens, mas é novato em dá-las. — Ela ouviu Roiben dizer quando voltava correndo para o labirinto da biblioteca.

Antes, ela apenas seguira Roiben pelas estantes sinuosas; agora, não tinha ideia de para onde ia. Ela virou e virou e virou de novo, aliviada de não ver nenhum dos estranhos guardiões de segredos. Ao passar por um pódio com uma pequena pilha de livros em cima, ela chegou a um beco sem saída.

Lutie saiu do bolso e ficou zumbindo em volta de Kaye.

— O que fazer, Kaye? O que fazer?

— Shh — disse Kaye. — Tente escutar.

Kaye ouvia a própria respiração, ouvia páginas sendo viradas em algum lugar na sala, ouvia o que parecia pano arrastado pelo chão. Nenhum som de passos. Nenhum som de perseguição.

Ela tentou conjurar um glamour, camuflar a pele da cor da parede. Sentiu a magia se espalhar pelo corpo e olhou para a mão da cor de madeira.

O que elas iriam fazer? A culpa e a infelicidade ameaçaram sufocá-la. Ela botou a cabeça entre as pernas e respirou fundo algumas vezes.

Ela tinha que encontrar uma saída.

E isso era absurdo. Ela era só uma garota pixie. Mal sabia usar o glamour, mal sabia usar as próprias asas.

Inteligente. A palavra a provocava, a soma de todas as coisas que ela devia ser, e não era.

Pense, Kaye. Pense.

Ela respirou fundo. Já tinha solucionado charadas. Tinha tirado Roiben da corte. Tinha até mais ou menos descoberto como usar o glamour. Ela conseguiria.

— Vamos. Por favor, vamos — insistiu Lutie, pousando no joelho de Kaye.

Kaye balançou a cabeça.

— Lutie, deve haver alguma coisa. Se eu pensar.

Eles eram todos seres encantados. Tudo bem, ela precisava pensar como garota humana, então. Tinha que considerar as coisas que sabia fazer. Truques leves. Furto. E ela precisava pensar nas coisas de que as fadas não gostavam.

Ferro.

Kaye olhou para Lutie.

— O que aconteceria se eu engolissem ferro?

Lutie deu de ombros.

— Você queimaria a boca. Talvez morresse.

— E se eu *envenenasse* alguém com ferro?

Lutie se mexeu com desconforto no joelho de Kaye, a expressão incrédula.

— Mas não tem ferro aqui!

Kaye respirou fundo e soltou o ar devagar. A mente estava disparada demais, ela tinha que ir mais devagar, se acalmar. Poderia haver ferro na Corte Unseelie, parte de armas, certamente, embora ela não tivesse ideia de onde poderia ficar guardado. Estava em toda parte lá fora.

Ela olhou para o próprio corpo. O que ela tinha que era do Reino de Ferro? A camiseta, a calcinha, as botas... o sobretudo verde era só glamour, afinal.

Kaye desamarrou as botas rapidamente. Havia ferro nelas, protegido de tocar diretamente na sua pele, mas presente mesmo assim. Ela as tirou dos pés e examinou. Havia ferro nos ilhoses do cadarço, ela sentia o calor, mas embaixo de cobertura de plástico. Havia placas de aço no bico das botas, mas seriam grandes demais para uso a não ser que ela conseguisse lixá-las. Kaye pegou a faca que Roiben tinha lhe dado no bolso do sobretudo e começou a soltar as solas das botas. Quando as solas foram arrancadas, ficaram expostos os prendedores, pregos de aço brilhante tão pequenos que podiam ser engolidos sem ninguém perceber.

Kaye pegou a faca com uma das mãos, a bota com a outra, e começou a arrancá-los.



Corny estava tomado de novas sensações. Ele estava sentado no chão de terra de um lugar gigantesco embaixo da terra. Cortesãos tocavam instrumentos, e Nephamael lhe dava esferas gordas de uvas escuras. Em volta de Corny, havia criaturas pequenas e grandes, saciando a sede, jogando com charadas e uma brincadeira que envolvia arremessar pedras meio arredondadas.

O mundo se resumiu naquelas uvas. Nada era melhor do que roçar a boca naqueles dedos, nada era mais doce do que a explosão de cada pedra preciosa preta na boca.

— Acho que você tem dignidade demais. Ordeno que você dance — disse Nephamael para seu novo prisioneiro.

Abaixo da plataforma, um grupo se afastou das atividades regulares para ver Roiben dançar.

O corpo do cavaleiro era uma corda de arco afrouxada. O cabelo prateado balançava como uma flâmula, mas os olhos pareciam separados do corpo, movendo-se como os de um animal disposto a arrancar a própria perna para se livrar de uma armadilha. Ele não hesitava, mas os movimentos eram repentinos, os rodopios, desesperados. Corny não queria sentir pena e afastou o olhar. Uma uva caiu da mão do rei, mas Corny não estava mais sendo cuidadoso.

O cavaleiro dançou enquanto a Corte Unseelie ria e zombava.

— Fácil demais. Vai demorar demais pra cansá-lo. Chicoteiem-no enquanto ele dança.

Três goblins se adiantaram para fazer o que ele pediu. Linhas vermelhas se abriram no peito e nas costas do cavaleiro.

Corny ficou muito feliz de Kaye não estar presente.

— Que tarefa devo mandá-lo fazer para que se redima na minha corte? Eu quero ficar com ele. É meu talismã da sorte até agora.

— Mande que ele encontre um pássaro sem asas que ainda consiga voar.

— Que encontre uma cabra com tetas cheias de vinho em vez de leite.

— Sim, que ele traga uma cabra doce assim.

— Chato, chato, chato — disse Nephamael e se encostou no trono. Ao olhar para Corny, ele abriu um sorriso que era como enfiar os dentes em um bolo.

— Você deixou algumas caírem — disse ele em tom provocativo. — Pegue... com a língua.

Corny afastou o olhar de Roiben, sem ter percebido que seus olhos tinham ido até ele. E obedeceu à ordem.



Nem era bem um plano, na verdade. Kaye tinha usado glamour para parecer Skillywidden, a única pessoa da Corte Unseelie de quem se lembrava e que achava que não estaria ao lado do trono. Ela fez imitações da bruxa em silêncio no corredor, mas Lutie não ajudou, ficou rindo tanto que mal conseguiu controlar o voo.

Com os preguinhos de ferro ardendo na palma da mão fechada, ela foi em busca do salão principal. Não foi difícil de encontrar. Depois de passar pela sala de xadrez, havia outras portas, mas só uma escada levava para cima.

O salão da Corte Unseelie continuava como ela lembrava, e quase tão cheio quanto na sua última visita. Mas agora, ao entrar vinda do centro do palácio, ela acabou diretamente atrás da plataforma. Roiben dançava ali, com vergões vermelho-vivo nas costas. Nephamael estava sentado no trono decorado de madeira, um aro de metal em volta da testa. Ela o viu abaixar a mão para acariciar o cabelo de Corny.

Ela respirou fundo, subiu na plataforma e andou direto até o barrete vermelho que servia como criado, com um jarro de prata e pele de lagarto cheio de vinho pronto para encher o cálice do Rei.

— O quê, costureira? — perguntou o homem, abrindo um sorriso que exibiu dentes afiados, amarelados e sobrepostos.

Lutie fez exatamente o que tinha que fazer, passou voando na cara do homem para ele tentar pegá-la e não reparar em Kaye colocando os pregos no vinho. Furto às avessas. Fácil. Bem mais fácil do que colocar ratos nos bolsos.

— Skillywidden. — Kaye se virou e viu que Nephamael se dirigia a ela. — Venha cá, costureira.

Kaye olhou ao redor; Lutie tinha conseguido escapar, mas Kaye não a via. Apesar de Kaye saber que era melhor, mais seguro, ela

não conseguiu evitar a preocupação. Já havia tanta gente ferida por sua causa. Kaye respirou fundo, andou até Nephamael e fez uma reverência que esperava ser algo próximo ao que a costureira faria.

— Ah — disse ele, apontando para Roiben. — Meu novo brinquedo. Forte, como você pode ver. Lindo, até. Preciso de um traje para ele. Acho que gostaria de algo verde. Talvez o libré de um pajem Seelie? Acho que eu gostaria disso.

Kaye assentiu e, quando ele olhou na direção de Roiben de novo, começou a recuar.

— Mais um momento — disse Nephamael. O coração dela disparou no peito. — Chegue mais perto.

Ela deu um passo à frente, obediente.

Com um sorriso malicioso, Nephamael pulou da cadeira e a segurou pelo ombro magrelo. A expressão era tão próxima da euforia que o estômago de Kaye se contraiu de medo. Ela foi envolvida por magia, atacando o glamour. Ela sentiu como se estivesse sendo desfeita a golpes de garras. Ela sabia que estava gritando, mas não podia evitar, não pôde fazer nada enquanto seu glamour era dilacerado. Ela caiu de joelhos, agora com a camiseta e a calcinha com as quais tinha acordado, o cabelo ainda rígido de maresia.

Houve arquejos altos e gritos.

— Amordacem-na — disse ele. — Depois, amarrem as mãos às costas e me deem a coleira. — Um dos seus homens se adiantou para obedecer.

Acomodando-se no trono, ele fez sinal, pedindo mais vinho. Kaye prendeu o ar, mas ele só pegou o cálice e não bebeu.

— Isso é um prêmio inesperado. Um acessório para os meus joguinhos. Venha aqui, Roiben.

Roiben fez uma pausa, o corpo trêmulo com as consequências do cansaço e da violência. As marcas vermelhas no peito e nas costas, algumas ainda sangrando, eram horríveis de ver. Ele se adiantou e parou na frente de Nephamael.

— Ajoelhe-se.

Roiben se ajoelhou com um pequeno suspiro de dor.

Nephamael enfiou a mão nas dobras da capa e pegou uma adaga. Tinha lâmina dourada, o cabo feito de chifre. Ele a jogou na

frente de Roiben, onde caiu com um estalo.

— Minha ordem é a seguinte: quando eu disser “comece”, pegue a faca e corte a pixie até ela morrer. O jogo é se você vai matá-la aos poucos, fazendo-a sofrer lindamente para a minha diversão enquanto você tenta ganhar tempo... ou se vai lhe cortar a garganta num movimento fácil. Seria a coisa ponderada a fazer. Ah — disse ele com um suspiro dramático, levantando o cálice bem acima da cabeça —, se ao menos você pudesse parar de ter esperanças.

O rosto de Roiben ficou pálido de choque.

Ela estremeceu. Era difícil respirar com a mordança na boca, e não havia como falar.

— Comece — disse Nephamael, fazendo uma saudação com o cálice.

Roiben se virou, os olhos úmidos, a mandíbula tremendo. Ele respirou fundo, olhou para a faca que tinha nas mãos e para Kaye. Fechou os olhos, e ela o viu fazendo as pazes terríveis consigo mesmo, chegando a uma decisão terrível.

Ela queria fechar os olhos, mas não conseguiu. Só tentou encará-lo, tentou suplicar com a expressão, mas ele não olhou para ela.

Enquanto ela esperava que a faca decidisse o ângulo a percorrer, ela viu Nephamael levar o cálice à boca e virá-lo para dar um grande gole. Por um momento, não houve reação; ele apenas limpou o canto dos lábios com dois dedos. Mas logo tossiu, fez uma expressão sobressaltada, olhou freneticamente ao redor. Seu olhar se encontrou com o dela. Nephamael caiu de joelhos com as mãos apertando a garganta. Ele abriu a boca, talvez para falar, talvez para gritar, mas não houve som.

A visão de Kaye foi bloqueada por Roiben, que tomava fôlego, trêmulo, a faca de ouro ainda na mão. Ela se lembrou de que nenhuma contraordem fora dada. Roiben ainda tinha que obedecer ao comando.

Ela se debateu.

E sentiu dedinhos trabalhando no nó da mordança.

O rosto de Roiben era uma máscara de choque e horror enquanto ele via a própria mão levar a lâmina dourada na direção

da pele da pixie.

Kaye respirou fundo algumas vezes, se preparando. Quando sentiu a mordaca afrouxar, ela cuspiu o pano e entrou na frente da faca, sussurrando:

— Rath Roiben Rye, pare... eu ordeno que você pare... eu ordeno que... — Ela sentiu a faca no braço enquanto falava, ouviu o soluço do cavaleiro, antes de o objeto cair da mão dele.

Ela saltou, batendo as asas com força. Ela subiu facilmente na direção do teto abobadado e pairou por um momento. Lutie subiu ao seu lado, mexendo na corda que amarrava as mãos de Kaye.

Então, de uma das entradas, houve o barulho de cavaleiros, o som de armadura e de sinos. A Corte Seelie tinha chegado.



Melhor reinar no Inferno do que servir no Paraíso.
— JOHN MILTON, PARAÍSO PERDIDO (LIVRO I)

Os cavaleiros entraram no salão primeiro, todos vestidos com armadura verde-escura que parecia a carapaça de um inseto. Em seguida, vieram doze damas, cada uma com um vestido de cor diferente. Kaye reparou que Ethine estava de dourado suave. Depois das cortesãs foi a vez da rainha, resplandecente em um vestido pálido de luar, bem parecido com o da tapeçaria de Roiben. Por cima, ela usava uma capa azul-pavão, que arrastava pelo chão conforme ela andava calmamente na direção da plataforma.

— Roiben — disse a rainha. Um silvo soou na Corte Unseelie. Uma criatura grande cambaleou para a frente, mas foi subjugada pelo olhar férreo de um dos cavaleiros.

Nephamael ainda se contorcia, os dedos se movendo no pescoço e no peito. Ele parecia completamente alheio à chegada de sua senhora.

Roiben encarou a rainha Seelie e fechou os olhos com uma expiração tão evocativa de alívio que Kaye ficou morrendo de medo. Havia algo de errado naquilo.

No pescoço da rainha Seelie havia um pingente branco pendurado numa corrente de prata. Kaye o estudou como se pudesse hipnotizá-la. Os olhos da rainha estavam na plataforma, vendo o rei autodeclarado da Corte Unseelie se debater.

— Nephamael estava servindo você! — A revelação foi tão chocante que ela falou em voz alta antes de pensar duas vezes. Ela desceu e se pôs ao lado de Roiben.

Tudo pareceu parar com aquelas palavras. Até a rainha hesitou.

Kaye continuou, olhando para Roiben, querendo que ele acreditasse:

— Roiben, você tinha que servir a Nicnevin, e Nephamael tinha que servir à rainha Seelie. Você tinha que. Ele não podia desobedecer, assim como você não podia.

A rainha abriu um sorriso gentil.

— A pixie está correta, de certa forma. Se eu tivesse ordenado que ele ficasse ao meu lado por todo o tempo, ele não poderia ter saído. Mas eu não dei essa ordem. Quando foi embora, ele não podia mais ouvir minhas ordens e, assim, não lhes obedeceu. Eu venho aqui hoje consertar as coisas.

As palavras pareceram tão sensatas faladas por aqueles lábios. Kaye queria estar enganada, mas o amuleto continuava pendurado no pescoço da rainha.

— Mas eu vi o amuleto. Nephamael o estava segurando quando fez o glamour para que eu parecesse humana. Ele parecia estar tirando poder da joia.

— Você está enganada, pixie, e vai ficar quieta. Há questões mais importantes a serem resolvidas. — A voz da rainha Seelie soou firme, e vários cavaleiros se moveram na direção de Kaye.

— Kaye... — disse Roiben, balançando a cabeça. — O amuleto é dela. Sempre foi.

Kaye se virou para ele, os olhos faiscando.

— Eu não estou enganada!

As pessoas murmuraram ao ouvir isso. Kaye não tinha tanta certeza de com que resultado a Corte Unseelie ficaria mais satisfeita; provavelmente o que resultasse em mais derramamento de sangue. Ela não duvidava de que eles pelo menos se sentiam felizes de alguém estar insultando a rainha Seelie.

Roiben levantou a mão.

— Eu quero ouvi-la. — O pronunciamento espalhou um certo silêncio na corte. Kaye ficou maravilhada com isso. Ele estava apoiado no trono, com sangue manchando as roupas, desarmado, mas conseguia impor respeito suficiente para a multidão ficar quieta.

Ele assentiu para Kaye.

— Fale.

Ela respirou fundo e, quando falou, tomou o cuidado para o fazer alto o suficiente para todos ouvirem.

— Acho que está óbvio agora que sou uma pixie, mas estou disfarçada de humana há... bem... há dezesseis anos. Eu consegui encontrar a humana com quem fui trocada. Ela ainda estava na corte de Silarial.

Roiben olhou para Kaye intensamente, mas ela continuou:

— Isso quer dizer que alguém na Corte Seelie me trocou, apesar de eu estar vivendo em território Unseelie, bem próxima da corte de Nicnevin. Quando eu era pequena, tinha três fadas cuidando de mim. Eles também eram da Corte Seelie.

“Eu me mudei para a Filadélfia, onde morei por dois anos até ele — Kaye apontou para Nephamael — aparecer em um dos shows da minha mãe. Ele chamou o cara com quem a gente morava de lado e, dois minutos depois, o cara tentou matar a minha mãe. No dia seguinte, nós voltamos para cá. Dois dias depois disso, meus antigos amiguinhos encantados fizeram contato comigo e disseram que eu precisava participar do seu plano.

“Mas eles não eram poderosos o suficiente para sugerir a Nicnevin minha participação no Tithe. Nephamael, sim. Era ele quem estava no comando. Então, como Nephamael foi parar no meio de um plano Seelie? Porque ela mandou. É a única coisa que faz sentido. O único motivo para ele ter se beneficiado foi porque Roiben se intrometeu. Se Nicnevin não tivesse morrido, Nephamael

não teria se beneficiado, apenas Silarial. Mesmo com as coisas como estavam com ele sendo rei, ela teria governado a Corte Unseelie através de Nephamael.”

— Não quero mais ouvir! — anunciou a rainha Seelie.

— Mas vai — disse Roiben, a voz se erguendo com impaciência e baixando novamente. — Você é atemporal, Silarial, então nos ofereça um pouco de tempo. Você vai ouvir o resto da história.

Kaye falou rapidamente, as palavras em disparada enquanto ela tentava dizer tudo.

— O amuleto no pescoço de Silarial. Foi o que me fez perceber o que estava acontecendo. Nephamael o usava na noite em que me trouxe para ser sacrificada. Ele o usou para lançar um pesado glamour em mim. Foi o colar da rainha, o seu glamour. Eles me deixariam ser sacrificada, revelariam o truque e culpariam Nicnevin. E hoje, quando chegamos aqui, Nephamael estava nos esperando, mas ninguém sabia que vínhamos buscar Corny, só Silarial e a sua corte. — Ao mencionar o nome de Corny, Kaye não pôde deixar de olhar na direção do amigo. O que ela viu a fez parar de falar.

Ele havia engatinhado para onde estava o corpo de Nephamael se contorcendo. Uma mecha de cabelo tinha caído no seu rosto. Havia um hematoma na bochecha da cor da boca manchada de uva. Que lembrava demais os lábios frios de Janet.

Como se pudesse sentir a força do olhar de Kaye, Corny olhou. Sua expressão era de angústia.

— Corny — disse Kaye, dando um passo à frente.

Ainda olhando para ela, Corny pegou a faca de ouro que Roiben tinha deixado cair. Um sorriso foi se abrindo nos seus lábios quando ele a ergueu.

— Não! — gritou Kaye, e correu na direção de Corny, frenética para impedi-lo de esfaquear a si mesmo.

A lâmina afundou no peito de Nephamael. Repetidamente, Corny esfaqueou o cavaleiro fada, a faca emitindo um horrível som líquido a cada golpe. A calça de Corny ficou ensopada de sangue. Um som de lamento subiu do fundo da sua garganta.

Os cortesãos, tanto Seelie quanto Unseelie, observavam, fascinados. Ninguém se moveu para ajudar quando Kaye segurou os pulsos de Corny e tentou afastá-lo do corpo.

Ele estava trêmulo, mas, quando Kaye o puxou para abraçá-lo, ela se deu conta de que era porque gargalhava.

— Olha o que você fez — disse a rainha Seelie. Kaye demorou um momento para se dar conta de que ela estava falando com Corny, e não sobre ele.

Um cavaleiro Seelie deu um passo à frente e enfiou a mão dentro da capa. Horrorizada, Kaye o viu pegar um galho comprido e o ajeitar numa flecha terrivelmente familiar. Estava apontada para ela.

— Roiben, acabe com isso ou eu mesma vou acabar — disse a rainha Seelie. — Eu já fui bem paciente. Já passa da hora de você voltar para casa.

A voz de Roiben não soou alta, mas se espalhou pelo salão quando ele andou até Kaye.

— Estou em casa, senhora. Agora mande seu homem abaixar a arma, e vou permitir que você saia da Corte Unseelie ilesa.

Um silêncio se espalhou entre os nobres.

Kaye caiu num silêncio perplexo. Nicnevin tinha usado Roiben bem, talvez bem melhor do que tivesse se dado conta. Ela o manteve próximo. Ela o usou contra o restante da Corte Unseelie. Kaye se lembrou de como eles tinham se afastado quando ele a acompanhou pela multidão. Ele não era um deles, era verdade, mas parecia tão inalcançável quanto um rei.

Ninguém o desafiou.

As sobancelhas finas e perfeitas da rainha se ergueram.

— Você ousa?

A irmã de Roiben deu um passo à frente, mas não disse nada. Seus olhos estavam suplicantes.

Ele olhou ao redor e Kaye o viu respirar fundo. E ele falou:

— Me escutem e entendam o acordo que ofereço. As fadas independentes ganharam sete anos de liberdade, mas sete anos vão passar num piscar de olhos. Vinculem-se a mim agora, tanto Unseelie quanto solitários, e eu lhes darei todo o Samhain. Liberdade do crepúsculo ao amanhecer para todo o sempre.

Kaye viu várias criaturas Unseelie subirem na plataforma. Elas não avançaram para o grupo Seelie, mas seus sorrisos cheios de dentes eram pura malícia.

A rainha ficou tensa.

— Acho, meu cavaleiro, que você vai descobrir que tomar um reino para si é mais fácil do que mantê-lo. — Com isso, ela se virou, a capa comprida de pavão fazendo um desenho circular na terra do chão. Seus cavaleiros e cortesãos também se viraram. Só Ethine hesitou.

Roiben balançou a cabeça.

Silarial olhou para trás, viu Ethine e abriu a capa. A irmã de Roiben se permitiu ser abraçada e levada com o restante da Corte Seelie. Ela não viu o sorriso cruel brincando nos lábios da rainha Seelie, nem o jeito como o olhar se encontrou com o de Roiben sobre a cabeça curvada da irmã.

Quando o último Seelie saiu do salão, Roiben, autodeclarado Rei da Corte Unseelie, quase desabou no trono. Kaye tentou sorrir para ele, mas o cavaleiro não a encarou. Ele estava olhando para o salão com os olhos da cor de cinzas caídas.

Corny não tinha parado de rir.



A funerária era pequena e vitoriana; os móveis, de madeira escura decorada. Até o papel de parede parecia sóbrio, com flores de lis marrons em veludo. Havia gente da escola, gente de quem Kaye se lembrava vagamente. Kenny, Doughboy, Marcus e Fatima estavam reunidos, sussurrando sem parar, mesmo quando o pastor estava falando.

Corny segurou a mão de Kaye durante todo o culto funerário, os dedos gelados e suados, apertando tanto os dela a ponto de doer. Ele não chorou, nem quando ela chorou, mas estava pálido e abatido com o terno preto que vestia. Cada vez que ela via o hematoma azulado na bochecha, parecia mais obscuro.

A mãe de Kaye ficara apavorada, achando que Kaye tinha morrido também... tão apavorada que decidiu ir à cidade quando necessário em vez de se mudar. Até a avó de Kaye estava sendo legal. Ellen deixou Kaye na funerária naquela noite e prometeu

buscá-la quando ela ligasse. Era estranho e meio legal todo mundo se dando bem, mas Kaye não queria se acostumar.

Janet estava deitada como uma pintura, os cachos ruivos e com lábios vermelhos. Estava linda, Ofélia cercada de buques de flores que só Roiben sabia os nomes. Mas Kaye sentia o cheiro dos produtos químicos que tinham injetado na amiga, sentia o cheiro dos restos mortais apodrecendo, e quase teve ânsia de vômito quando eles se aproximaram. Mas ela não conseguiu se impedir de botar a mão na pele fria e estranhamente firme do braço de Janet. Kaye largou o presente que tinha levado, um vidro de esmalte azul cintilante, dentro do caixão.

Corny continuou apertando a mão da amiga enquanto olhava o corpo da irmã.

Depois, Kaye e Corny ficaram do lado de fora esperando a mãe do rapaz terminar de se despedir dos parentes.

— Ah, eu quase esqueci — disse Corny, a voz bem baixa —, minha mãe parou na loja antes de virmos pra cá. Eu tinha que comprar cigarro. — Ele enfiou a mão no bolso interno da jaqueta de couro e tirou vários canudos de cores diferentes em volta do próprio pacote. — Um buquê de Pixy Stix.

Kaye sorriu.

— Eu é que devia estar tentando te animar.

— Você já fez a sua parte — disse ele. — Dá uma olhada... é só abrir isso aqui pra ter pó de pixie genuíno. Tem gosto de açúcar azedinho.

Ela riu e ele também, um som estranho e desesperado subindo para o céu da noite.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Kaye.

— Não sei. Merda, ainda tenho que pensar no que já fiz.

— Sei o que quer dizer... mas você sabe que nada disso é culpa sua, né?

— Menos a parte com a faca no final.

— Até essa parte. Talvez especialmente essa parte.

— Na próxima vez... — disse Corny, os olhos brilhando de um jeito que acalmou Kaye até ela ouvir as palavras baixas que vieram em seguida. — Kaye, eu nunca mais vou ficar impotente. Custe o que custar. O que custar.

— O que você quer dizer?

Ele só apertou mais a mão da amiga. Depois de alguns momentos, falou:

— E você?

Ela deu de ombros.

— Já mencionei que sei transformar folhas em dinheiro?

— Ah, é? — disse ele, as sobranceiras erguidas. A mãe dele se aproximou com alguns parentes e Corny finalmente soltou Kaye para entrar no carro. A mão dela estava úmida e quente, e, quando a brisa bateu, ela se sentiu virada pelo avesso.

As últimas pessoas tinham ido embora da funerária e já estavam fechando tudo, então Kaye atravessou a rua para usar o telefone público na frente do supermercado. Ela ligou para a mãe e se sentou no meio-fio em frente a um cavalo de plástico que se balançava com moedas. As luzes fluorescentes e o cheiro orgânico de vegetais podres e as sacolas de plástico rolando pelo estacionamento eram tão normais que ela se sentiu desconectada dos eventos de dois dias antes.

Ela não havia visto Roiben. Não era que alguma coisa ruim tivesse acontecido entre eles, ela apenas precisou levar Corny para casa e ele precisou ficar, fazer o que quer que novos monarcas fizessem. Ela nem se sentiu mal por não o ter visto. Era mais a sensação de alívio que se tem quando se sabe que uma coisa dolorosa vai acontecer, mas é possível evitar por enquanto. Se ela o visse, teria que ouvir o que ele realmente achava de os dois ficarem juntos agora que era rei.

Ela olhou para o cavalo de plástico e conjurou sua magia. Um momento depois, ele sacudiu a crina e pulou da base de metal onde ficava. Enquanto ela olhava, ele saiu galopando pela noite, os cascos plásticos batendo no asfalto.

— Tem uma coisa sua que eu gostaria de devolver. — A voz de Roiben a fez se sobressaltar. Como ele conseguiu chegar tão perto sem ela ouvir? Ainda assim, ela não pôde deixar de ter esperanças, tanto quanto não pôde evitar de repreender a si mesma por isso.

— O quê?

Ele se inclinou e capturou os lábios dela com os seus. Os olhos da garota se fecharam e os lábios se abriram com facilidade quando

ela sentiu o beijo ardendo por seus nervos, transformando os pensamentos em fumaça.

— Hum... — Kaye deu um passo para trás, um pouco desequilibrada. — Por que isso me pertence?

— Foi o beijo que roubei de você quando estava enfeitiçada — explicou ele pacientemente.

— Ah... bom, e se eu não quisesse?

— Você não quer?

— Não — respondeu ela, deixando um sorriso se abrir no rosto, torcendo para sua mãe demorar para chegar. — Quero que você pegue de volta, por favor.

— Sou seu criado — disse o Rei da Corte Unseelie, os lábios a um momento dos dela. — Considere feito.

Sobre a autora

Holly Black é a autora best-seller do *New York Times* de mais de trinta livros de fantasia para jovens adultos e crianças. Ela foi finalista dos prêmios Eisner e Lodestar, assim como vencedora dos prêmios Mythopoeic, Nebula e da medalha Newbery. Seus livros já foram traduzidos para 32 idiomas e adaptados para o cinema. Holly vive em Massachusetts com o marido e o filho em uma casa com uma biblioteca secreta. Seu site é blackholly.com.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A.

Tithe

Wikipédia da autora:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Holly_Black

Site da autora:

<https://blackholly.com/>

Instagram da autora:

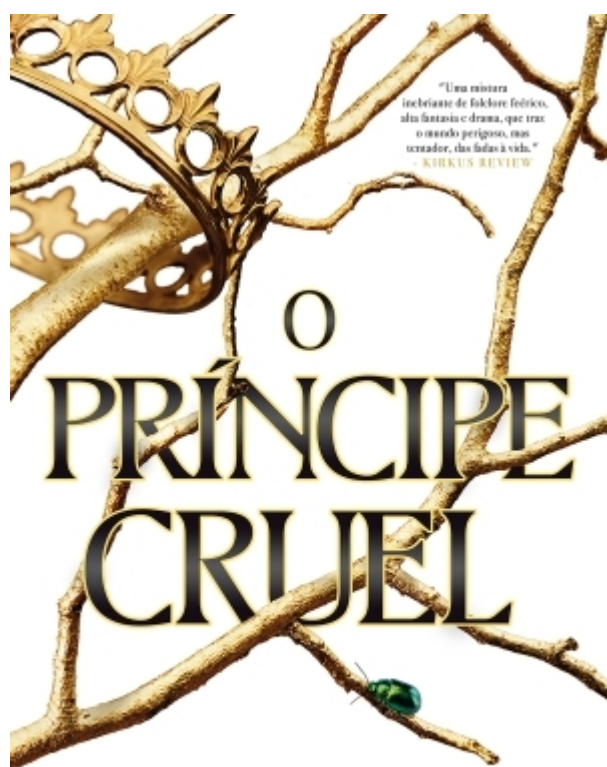
<https://www.instagram.com/blackholly/>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/25422.Holly_Black

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/350-holly-black>



HOLLY BLACK



O príncipe cruel (Vol. 1 O povo do ar)

Black, Holly

9788501101952

322 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro livro da mais nova série de Holly Black. Conheça a impressionante história de uma garota mortal que se vê presa em uma teia de intrigas reais. Jude tinha 7 anos quando seus pais foram assassinados e foi forçada a viver no Reino das Fadas. Dez anos depois, tudo o que ela quer é ser como eles – lindos e imortais – e realmente pertencer ao Reino das Fadas, apesar de sua mortalidade. Mas muitos do povo das Fadas desprezam os humanos. Especialmente o Príncipe Cardan, o filho mais jovem, mais bonito e mais cruel do Grande Rei. Para ganhar um lugar na Alta Corte, ela deve desafiá-lo... e enfrentar as consequências. Envolvida em intrigas e traições do palácio, Jude descobre sua própria capacidade para truques e derramamento de sangue. Mas, com a ameaça de uma guerra civil e o Reino das Fadas por um fio, Jude precisará arriscar sua vida em uma perigosa aliança para salvar suas irmãs, e o próprio Reino. Com personagens únicos, reviravoltas inesperadas, e uma traição de tirar o fôlego, este livro vai deixar o leitor pedindo bis – querendo mergulhar de cabeça na continuação deste universo.

[Compre agora e leia](#)



Casa de céu e sopro (Cidade da Lua Crescente #2)

Maas, Sarah J.

9786559811137

826 páginas

[Compre agora e leia](#)

***Casa de céu e sopro* é a sequência poderosa de *Casa de terra e sangue*, da série *new adult* Cidade da Lua Crescente. Uma narrativa potente de Sarah J. Maas, a autora best-seller #1 do New York Times, repleto de fantasia, mistério, batalhas e, principalmente, romances inebriantes.**

A pré-venda, com brindes limitados, acompanha marcador, pôster, flâmula e três contos extras reunidos exclusivamente na primeira edição brasileira.

O poder mais mortal. A paixão mais feroz. O destino mais cruel.

Bryce Quinlan e Hunt Athalar fizeram um pacto. Enquanto processam os eventos da última primavera, eles irão manter as coisas... platônicas... até o solstício. Eles salvaram a Cidade da Lua Crescente, mas com tanto frenesi acontecendo ultimamente, eles desejam, mais do que qualquer coisa, uma oportunidade de relaxar. Desacelerar. E descobrir o que o futuro lhes reserva. Mas quando a tensão suspensa entre os dois alcançar um nível insustentável, prestes a incendiar a Cidade da Lua Crescente, eles serão capazes de resistir?

Enquanto isso, para os dois, a iminência do perigo não está ainda fora de questão. Arrastados para um movimento rebelde do qual

não querem tomar partido, Bryce, Hunt e seus amigos veem a si mesmos contra os sinistros asteri – de quem, custe o que custar, precisam evitar ser percebidos.

No entanto, quanto mais conhecem as causas desse movimento revolucionário, mais se aproximam de uma inevitável escolha: permanecer quietos enquanto outros são oprimidos... ou lutar.

E eles nunca foram muito bons em manter silêncio.

Nessa sequência sexy e cheia de ação do best-seller *Casa de terra e sangue*, Sarah J. Maas constrói uma história cativante sobre um universo prestes a explodir – e sobre os que não medirão esforços para protegê-la.

"Temperado com uma trama coesa e construção atmosférica do mundo... uma delícia cada virar de página." — *The Guardian*

"Sarah J. Maas não decepciona em sua primeira série para adultos... Um livro para ser saboreado." — *Daily Mail*

[Compre agora e leia](#)



Rotina criativa e hábitos que mudam

Rodrigues, Larissa

9786559811182

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Organize sua rotina e mude seus hábitos para melhor com a criadora da maior comunidade de rotina criativa, planejamento e mudança de hábitos do Brasil, a Hábitos que Mudam. A pré-venda, com brindes limitados, acompanha marcador, cartela de adesivos, cards e bloco de checklist.

Quando se fala em rotina, a primeira coisa que muitas pessoas imaginam é uma sequência de tarefas realizadas em horários fixos todos os dias da semana. Um cronograma engessado, chato e cansativo.

Mas Larissa Rodrigues acredita que é possível ter uma vida planejada e, ainda assim, com uma rotina criativa que ajude você a realizar tarefas com propósito e a tirar projetos e metas do papel. Desde 2018, a comunidade criada por Larissa, Hábitos que Mudam, ajuda mais de 295 mil pessoas a melhorar a rotina e a produtividade com conteúdos gratuitos, descomplicados, leves e coloridos, assim como é a proposta do livro.

Ricamente ilustrado por Gabriella Gouveia, Rotina criativa e hábitos que mudam revela estratégias que farão os leitores entender como criar bons hábitos, organizar seus afazeres e implementar pequenas mudanças de comportamento que podem melhorar a qualidade de

vida.

Mas não espere encontrar um manual do que fazer ou não fazer.

Em Rotina criativa e hábitos que mudam, as técnicas e ferramentas são apresentadas para fazer você descobrir o que funciona melhor na sua vida, o que cabe na sua rotina e o que faz sentido para suas prioridades.

Se você já usa planners ou outras ferramentas de gerenciamento de tempo, mas não consegue usar com constância. Se quer sentir sob controle do seu dia a dia e não que está apenas no piloto automático. Se possui uma rotina atarefada, mas gostaria de incluir atividades novas e prazerosas ao seu cotidiano. Esse livro é para você.

Afinal, a liberdade e criatividade devem fazer parte da vida de todos!

Todos os dias você pode começar qualquer coisa. Tentar correr a meia maratona, encontrar um novo emprego, decidir mudar o rumo de algo e confiar que vai dar certo.

Você pode porque todo lugar é AQUI e todo momento é AGORA.

[Compre agora e leia](#)

SARAH J. MAAS

Autora de Trono de vidro

CORTE DE ESPINHOS E ROSAS

Ela roubou uma vida.
Agora deve pagar com o coração.



Corte de espinhos e rosas - Corte de espinhos e rosas - vol. 1

J. Maas, Sarah

9788501107114

434 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ela roubou uma vida. Agora deve pagar com o coração.

Nesse misto de A Bela e A Fera e Game of Thrones, Sarah J. Maas cria um universo repleto de ação, intrigas e romance. Depois de anos sendo escravizados pelas fadas, os humanos conseguiram se libertar e coexistem com os seres místicos. Cerca de cinco séculos após a guerra que definiu o futuro das espécies, Feyre, filha de um casal de mercadores, é forçada a se tornar uma caçadora para ajudar a família. Após matar uma fada zoomórfica transformada em lobo, uma criatura bestial surge exigindo uma reparação. Arrastada para uma terra mágica e traiçoeira — que ela só conhecia através de lendas —, a jovem descobre que seu captor não é um animal, mas Tamlin, senhor da Corte Feérica da Primavera. À medida que ela descobre mais sobre este mundo onde a magia impera, seus sentimentos por Tamlin passam da mais pura hostilidade até uma paixão avassaladora. Enquanto isso, uma sinistra e antiga sombra avança sobre o mundo das fadas e Feyre deve provar seu amor para detê-la... ou Tamlin e seu povo estarão condenados.

[Compre agora e leia](#)



Os reinos partidos (Vol. 2 Trilogia Legado)

Jemisin, N. K.

9786559811175

378 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tudo o que Oree Shoth sonhava era encontrar a liberdade. Em vez disso, terá de enfrentar a vontade e a fúria dos deuses. Os reinos partidos, sequência de Os cem mil reinos, é o segundo volume da Trilogia Legado, da aclamada N. K. Jemisin, best-seller do New York Times.

Na cidade de Sombra, logo abaixo da Árvore do Mundo, os becos brilham com magia dos deuses que vivem — e se escondem — entre os mortais. É lá que Oree Shoth, uma artista de rua cega, encontra um sem-teto, que brilha como o próprio sol em sua estranha visão, jogado ao lixo. Em um ato de bondade ela oferece um lar ao homem silencioso. E em troca, é envolvida em uma conspiração contra os seres mais poderosos do universo.

Alguém, de alguma forma, está matando deuses e deixando os corpos profanados por toda a cidade. Oree e seu hóspede peculiar se tornam os principais suspeitos. Mas um crime desses jamais ficaria impune, e atrai o interesse especial da soberana família Arameri e do deus mais perigoso de todos, Nahadoth, também conhecido como Senhor da Noite.

Enquanto tenta provar sua inocência, Oree se dá conta de que nos

reinos partidos nada será como antes e que ninguém é o que parece.

"Autores novatos costumam escorregar na sequência de uma estreia notável, mas Jemisin provou-se mais do que à altura do desafio... Oree é muito diferente da protagonista do livro anterior, a herdeira ao trono Yeine, mas ela prova ser igualmente irresistível enquanto investiga um assassinato e o seu próprio legado. Os fãs da série irão adorar, mas o livro também pode – e vale a pena – ser lido como único." — Publishers Weekly (resenha estrelada)

"Sim, os mesmos elementos que impulsionaram o primeiro livro são a base de Os reinos partidos: construção de mundo excepcional e desenvolvimento de caráter; uma infinidade de temas filosóficos e provocativos (a capacidade de mudar, ou não; a hipocrisia do fanatismo religioso; o que significa ser humano; etc.); e uma heroína envolvente e cativante. Mas é a relação intensa e às vezes brutal entre Oree e seu misterioso hóspede que torna esta uma leitura verdadeiramente íntima." — Paul Goat Allen, The Barnes & Noble Book Club

[Compre agora e leia](#)